

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Ângelo Accorsi

Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta

Doutorado em Psicologia Clínica

São Paulo
2019

Ângelo Accorsi

Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do ontoterapeuta

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica, sob orientação da Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani.

Doutorado em Psicologia Clínica

São Paulo

2019

Banca Examinadora:

O presente trabalho foi realizado com apoio do
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ – Brasil.

Dedico este estudo ao Acadêmico Professor Antonio Meneghetti (Itália, 1936 – Brasil – 2013), pela generosidade, humildade e amor pelo humano; e por ter aberto novos horizontes de ser, saber e fazer à tantas pessoas.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani, pela acolhida, compreensão e incentivo na realização desta pesquisa. Agradeço pelo exemplo de docência e pesquisadora, pelo amor ao conhecimento.

Ao Professor Alécio Vidor, pela infinita generosidade e paciência em compartilhar seus saberes e pelo exemplo de coerência.

Aos meus colegas da Antonio Meneghetti Faculdade e do Recanto Maestro, pelas trocas de conhecimento, reflexões e aprendizagem.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pela compreensão neste importante momento da minha trajetória.

Ao meu sócio, Glauber Carvalho, pela parceria e compreensão.

Aos colegas e amigos da Pós-Graduação da PUC-SP, com quem pude compartilhar da convivência e dos múltiplos saberes.

Agradeço aos professores doutores componentes da banca avaliadora deste trabalho pelas fundamentais contribuições e pelo incentivo na sua realização.

À Ana Marzzari, pelo apoio na elaboração das imagens presentes no trabalho.

Por fim, um agradecimento especial aos participantes desta pesquisa. Agradeço imensamente pela generosidade, pela abertura e pelo profundo interesse em contribuir com este estudo.

ACCORSI, A. **Psicoterapia Ontopsicológica: a formação do Ontoterapeuta**. 2019. 223 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani

RESUMO

A contemporaneidade tem colocado todos frente ao desafio de rever e reinventar a forma como vivemos e convivemos neste planeta. O olhar neste estudo se dedica especialmente a pensar sobre a formação em psicoterapia. Aborda especificamente a formação de ontoterapeutas. O objetivo geral é caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti. Para tanto, foi sistematizado como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas na Itália e no Brasil; foi realizado um levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade no Brasil e evidenciados caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil. A relevância de estudos que se dediquem a discutir e refletir sobre a formação do psicoterapeuta na contemporaneidade encontra-se em vários aspectos. Dentre eles, está a novidade da perspectiva em estudo, bem como a inexistência de escolas para a formação de novos ontoterapeutas no mundo hoje ou de um percurso formativo institucionalmente delineado. A presente pesquisa é um estudo de abordagem qualitativa e interpretativa. Quanto aos participantes, foi realizado levantamento dos ontoterapeutas em atuação no Brasil e no exterior. Participaram do estudo nove ontoterapeutas, dos quais seis brasileiros e três italianos. A investigação junto aos participantes foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada. Para cumprir os objetivos do estudo, foi realizada também uma pesquisa documental e bibliográfica relacionada às atividades empreendidas por Antonio Meneghetti, relativa à formação de ontoterapeutas. A análise das informações permitiu evidenciar resultados que caracterizam o percurso formativo em Ontoterapia. A sistematização da formação realizada por Meneghetti no Brasil e na Itália, demonstrou um consistente percurso formativo estruturado e documentalmente registrado, que contempla a realização de estudos teóricos, psicoterapia individual, e supervisão. Constatou-se que Meneghetti, para a formação dos ontoterapeutas, contemplava também a realização de *residences*, congressos e eventos internacionais. A análise do levantamento histórico biográfico dos ontoterapeutas brasileiros em atividade, apontou para a relevância dos elementos: encontro e a formação inicial com Alécio Vidor e posteriormente com o professor Meneghetti e a atuação institucional. Foram também evidenciados caminhos da formação de novos ontoterapeutas, cujos resultados destacaram os princípios teóricos e técnicos para a formação; as competências essenciais e a relevância do estilo de vida, do contínuo amadurecimento pessoal e da formação continuada. O estudo ao caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia, evidenciou a complexidade dessa formação; a importância dela para a continuidade da proposta ontopsicológica e os desafios inerentes ao fato de não existirem escolas para a formação específica em Ontoterapia. A pesquisa recobre-se de relevância social, com vistas à formação de novas gerações de ontoterapeutas e à continuidade dessa prática clínica. (O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq)

Palavras-chave: Ontoterapia. Psicoterapia Ontopsicológica. Ontopsicologia. Formação de Psicoterapeutas.

ACCORSI, A. **Ontopsychological psychotherapy: the formation of the ontotherapist**. 2019. 223 p. Thesis (Doctorate in Clinical Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2019.

Advisor: Dr. Marlise Aparecida Bassani

ABSTRACT

The contemporaneity has put everyone in face of the challenge of reviewing and reinventing the way we live and live on this planet. The focus of this study is thinking about psychotherapy formation. Specifically addresses the formation of ontotherapists. Thus, the general objective is to characterize the formation journey in Ontotherapy based on the analysis of the historical formative process of ontotherapists and the formation proposal by Meneghetti. In this way, it was systematized how Meneghetti developed the formation of ontotherapists in Italy and Brazil; a historical biographical survey was conducted about the formation of the active onotherapists in Brazil and also it was evidenced pathways of the formation of new ontotherapists for the exercise of the activity in Brazil. The relevance of studies that are dedicated to discussing and reflecting on the formation of psychotherapist in the contemporary world is in several aspects. Among them is the novelty of the study perspective, as well as the lack of schools for the formation of new ontotherapists nowadays or an institutionally delineated formative course. The present study has a qualitative and interpretative approach. Regarding the participants, a survey was conducted about ontherapists working in Brazil and abroad. Nine ontherapists participated in the study, out of which six are Brazilian and three are Italian data on acting national and international ontotherapists was collected. The research with the participants was performed through a semi-structured interview. In order to fulfill the objectives of the study, it was also carried out a documentary and bibliographical research related to the activities undertaken by Antonio Meneghetti on the formation of ontotherapists. The analysis of the information allowed to obtain results that characterize the formation journey in Ontoterapia. The systematization of the training completed by Meneghetti in Brazil and Italy have demonstrated a consistent structured and documented formation journey that includes theoretical studies, individual psychotherapy, and supervision. It was found that Meneghetti for the formation of ontotherapists also contemplated the realization of residences, congresses, and international events. The analysis of the historical biographical survey of active Brazilian ontherapists indicated to the relevance of the elements: meeting and initial formation with Alécio Vidor and later with Professor Meneghetti and the institutional practice. Pathways of the formation were also evidenced new ontotherapists, whose results highlighted the theoretical and technical principles for the formation; the essential competences and the relevance of the lifestyle, the continuous personal growth, and the continuous formation. The study characterizing the training course in Ontotherapy, evidenced the complexity of this formation; the importance of it for the continuity of the ontopsychoological proposal and the inherent challenges related to the fact that there are no schools for the specific training in Ontotherapy. The research recovers of social relevance, focusing on the formation of new generations of ontotherapists and to the continuity of this clinical practice. (The present study was conducted with the support of the National Council of Scientific and Technological Development – CNPq)

Keywords: Ontotherapy. Ontopsychologic Psychotherapy. Onthopsychology. Formation of Psychotherapists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ideografia da Estrutura Científica da Ontopsicologia.....	40
Figura 2 – A estrutura do homem.....	50
Figura 3 – Elementos históricos que formalizam uma clínica	115
Figura 4 – Currículo Formativo.....	126
Figura 5 – Percurso Formativo do Ontoterapeuta	150
Figura 6 – Caminhos para a Formação do Ontoterapeuta	151
Figura 7 – Princípios para Formação.....	170
Figura 8 – Eu odeio o <i>transfert</i>	184
Figura 9 – Competências para o Ontoterapeuta	185
Figura 10 – Estilo de Vida e Formação	198
Figura 11 – Identidade formativa em Ontoterapia.....	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Centros de formação de psicoterapeutas na Itália entre 1971 e 1975.....	27
Quadro 2 – Critérios para Seleção dos Participantes.....	103
Quadro 3 – Participantes da Pesquisa.....	104
Quadro 4 – Percurso de Estruturação Metodológica	111
Quadro 5 – Centro de Terapia Ontopsicológica: programa de curso bienal de psicoterapia .	124
Quadro 6 – Centro de Terapia Ontopsicológica: programas de cursos de psicoterapia - anual, bienal e trienal	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 OBJETIVOS	17
2 DE MENEGHETTI À ONTOPSICOLOGIA.....	20
2.1 As três descobertas da Ontopsicologia	29
2.1.1 O Em Si ôntico	29
2.1.2 O Monitor de Deflexão.....	33
2.1.3 Campo Semântico.....	35
2.2 Estrutura científica da Ontopsicologia.....	38
2.3 Exatidão do pesquisador para o exercício científico	47
3 ONTOTERAPIA: CONCEITO, FUNDAMENTOS E PROCESSO.....	49
3.1 Esquema da hipótese Ontopsicológica sobre a personalidade	49
3.2 Aspectos da dinâmica da personalidade.....	52
3.3 Considerações conceituais e metodológicas da Ontoterapia	58
3.4 Imagem e sonho em Ontoterapia	63
3.5 A relação psicoterapêutica segundo a escola ontopsicológica	69
3.6 O processo ontoterapêutico.....	70
3.7 Resistência e <i>transfert</i> em Ontoterapia	78
3.8 Enquadre técnico no processo ontoterapêutico	85
4 DO ONTOTERAPEUTA: COMPETÊNCIAS, FORMAÇÃO E ESTILO DE VIDA .	88
4.1 Considerações sobre o estilo de vida do ontoterapeuta.....	94
4.2 Diretivas sobre critérios externos de evolução e capacidade técnica ao ontoterapeuta	98
5 MÉTODO	101
5.1 Considerações metodológicas	101
5.2 Participantes	102
5.3 Procedimentos para produção de dados.....	106
5.3.1 Pesquisa Documental e Bibliográfica.....	106
5.3.2 Pesquisa Empírica	107
5.4 Procedimentos e cuidados éticos	108
5.5 Procedimentos para análise e interpretação da pesquisa empírica	109
6 RESULTADOS E ANÁLISES	113
6.1 Proposta formativa de Meneghetti.....	113

6.1.1 Elementos históricos que formalizam uma clínica ontoterapêutica	114
6.1.2 Elementos teóricos, técnicos e metodológicos da formação de ontoterapeutas	121
6.2 A formação dos ontoterapeutas no Brasil	131
6.2.1 O encontro com Alécio Vidor	132
6.2.2 Encontro com Professor Meneghetti	135
6.2.3 Atuação Institucional como estratégia de formação e formalização de um pensamento e de uma práxis clínica	146
6.3 Caminhos da formação de novos ontoterapeutas no Brasil.....	150
6.3.1 Princípios para formação	151
6.3.2 Competências para o ontoterapeuta	170
6.3.3 Estilo de vida e formação	185
6.4 Caracterização de uma identidade formativa em Ontoterapia.....	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
REFERÊNCIAS	209
APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	217
APÊNDICE B - CORRESPONDÊNCIA ELETRÔNICA DE CONVITE - E-MAIL....	219
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	220
ANEXO A - CENTRO DE TERAPIA ONTOPSICOLÓGICA: PROGRAMA DO CURSO BIENAL DE PSICOTERAPIA	222
ANEXO B - CENTRO DE TERAPIA ONTOPSICOLÓGICA: PROGRAMA DE CURSOS DE PSICOTERAPIA - ANUAL, BIENAL E TRIENAL	223

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem colocado o humano frente ao desafio de rever e reinventar a forma como vive e convive neste magnífico planeta. Mudanças e inovações tecnológicas impactam e determinam fortemente como se é demandado a organizar a cotidianidade. Uma nova percepção de tempo e espaço, um ritmo de mudanças cada vez mais acelerado, uma tecnização e especialização cada vez maiores convidam à urgência da reflexão sobre a sustentabilidade e a qualidade do estilo de vida moderno (GIDDENS, 1991).

Essa condição do contemporâneo atravessa a todos. Inevitavelmente se é produto e produtor do tempo em que se vive. E são tempos que clamam repensar os diversos campos da ação humana. Neste contexto, o contexto deste estudo se dedica especialmente a pensar sobre a formação do psicoterapeuta. Mais especificamente, a temática a ser afrontada é a formação do psicoterapeuta de orientação Ontopsicológica ou ontoterapeuta: suas demandas e desafios pessoais e profissionais.

A relevância de estudos que se dediquem a discutir e refletir sobre a clínica psicológica e a formação do terapeuta na contemporaneidade encontra-se em vários aspectos. Em uma primeira instância, pode-se afirmar que este estudo se recobre de um profundo interesse pessoal, na medida que o autor é psicoterapeuta há mais de dez anos, vivendo, assim, os desafios dessa profissão. A pesquisa acadêmica e a produção científica, em nível doutoral, nessa temática, inscreve-se, a um só tempo, como oportuna responsabilidade de revisar a prática, aprofundar o estudo, ampliar e compartilhar saberes.

O presente estudo, ainda no que se refere ao interesse pessoal do autor, encontra especial justificativa uma vez que este, psicólogo de formação, estuda o pensamento ontopsicológico e a Ontoterapia há mais de quinze anos, tendo feito formação diretamente com o acadêmico Antonio Meneghetti, fundador da Ontopsicologia, além de formações complementares nesta abordagem realizadas em diferentes centros formativos na Europa, Rússia e Leste Europeu. Deste percurso formativo realizado pelo autor, destaca-se, também, uma pós-graduação *lato sensu* em Ontopsicologia cursada na Universidade Estatal de São Petersburgo entre 2008 e 2011.

O exercício da clínica psicológica requer constante estudo e revisão das práticas e modos de pensar do próprio profissional. Solicita, portanto, uma contínua atualização de si e da própria técnica, confrontando sempre a prática com o percurso de relação com os clientes.

Dutra (2013) sublinha que a formação do psicoterapeuta, ainda que não deva prescindir do aprendizado da técnica e da teoria, transcende tais elementos, uma vez que compreende

também o desenvolvimento de uma atitude que envolve um modo de ser, de ver e de estar no mundo.

Quayle (2010) assevera, quanto aos desafios que recobrem o longo percurso de estudo, prática e aperfeiçoamento pessoal associados à formação do psicoterapeuta e acresce seriedade e dedicação como elementos fundamentais. O desenvolvimento de um “olhar clínico” ou “atitude clínica”, a necessidade de contínuo estudo e supervisão e a relevância de um consistente *background* teórico são elementos mencionados pela autora.

Macedo (2018) esclarece que a formação clínica do psicoterapeuta envolve uma postura profissional paulatinamente construída. Postura que se evidencia em uma atitude frente ao objeto de estudo, que não pode prescindir da valorização da subjetividade do profissional e do objeto de estudo. A autora destaca ainda elementos como o autoconhecimento e o autoescrutínio, como fundamentais para o percurso formativo do terapeuta.

Meneghetti (2005a) também sustenta que a formação do psicoterapeuta é longa e continuada, indicando que se atinge uma maturidade profissional nesse campo, geralmente, após quinze ou vinte anos de exercício profissional.

A formação do psicoterapeuta, por certo, encontra suas especificidades na complexidade que é própria desse campo profissional e nas características inerentes a cada abordagem psicoterápica. Entretanto, a relevância de um tripé formativo composto pelo estudo teórico, pelo aperfeiçoamento da técnica por meio da supervisão e pelo autoconhecimento realizado no âmbito do processo psicoterápico encontra guarida em diferentes abordagens (DE FILIPPO, 2008). Exemplificativo disto é a discussão feita por Ferraz (2014) acerca da relevância deste tripé na formação do psicanalista.

Verifica-se que muitos são os desafios que recobrem o longo percurso de estudo, prática e aperfeiçoamento pessoal associados à formação do psicoterapeuta, somados à seriedade e à dedicação. O desenvolvimento de um “olhar clínico”, o autoconhecimento, a necessidade de contínuo estudo e supervisão e um consistente *background* teórico são conquistas paulatinas e fundamentais nesse campo de atuação.

O presente estudo tem por objetivo caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti. Para tanto, sistematizar a formação de ontoterapeutas desenvolvida por Meneghetti na Itália e no Brasil e realizar um levantamento de elementos históricos biográficos de ontoterapeutas em atividade, especialmente no Brasil, torna-se relevante. É escopo deste estudo, ainda, evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil.

Estudar a formação de psicoterapeutas na perspectiva ontopsicológica em uma produção acadêmica adiciona um elemento de particular relevância por se tratar de uma nova abordagem epistemológica e metodológica à clínica psicológica. Essa abordagem nasce do trabalho clínico de Antonio Meneghetti há mais de 40 anos, em Roma, Itália, posicionando-se como uma alternativa integradora a modelos vigentes (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008)¹. Assim, com o presente estudo, busca-se também a inovação e a contribuição científica, acadêmica e social no âmbito da clínica; em particular, devido ao fato de que ainda são poucas as publicações abordando especificamente a clínica ontopsicológica e a formação do ontoterapeuta. Essa afirmação pode ser corroborada com recente estudo de Perin (2018). Nessa perspectiva, investigar o processo de formação do psicoterapeuta, segundo a Ontopsicologia, possibilita oferecer um panorama amplo sobre a concepção de psicoterapia norteadora da abordagem; o critério de intervenção dessa prática clínica; seu processo e os fatores que se relacionam à pessoa do profissional para o exercício nesse campo específico e desafiador. As competências necessárias ao exercício profissional a serem apreendidas na formação do psicoterapeuta e a organização de seu estilo de vida e do seu ambiente de trabalho também são aspectos segundo os quais se entende que o presente estudo possa contribuir significativamente.

No âmbito das correntes modernas da Psicologia, a Ontopsicologia inscreve-se no campo da psicologia humanista-existencial e posiciona-se como novidade científica pelas suas descobertas – Em Si ôntico², campo semântico³ e monitor de deflexão⁴ – e específica abordagem metodológica (MENEGETTI, 2010).

A Ontopsicologia, como novidade de abordagem, propõe um método de acesso à interioridade do homem para provocar um processo de revisão crítica da consciência alienada do “mundo-da-vida” (ACCORSI; BASSANI, 2016). Esse processo foi denominado em Ontopsicologia de “autenticação”. Autenticação, nessa perspectiva, significa “colocar-se igual à ação que se é”, ou ainda, “capacidade de desenvolver-se segundo a própria intrínseca

¹ Antonio Meneghetti, nasce em 1936, em Avezzano, Itália, vindo a falecer no Brasil em 20 de maio de 2013 em Faxinal do Soturno (RS).

² Em Si ôntico: “Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica. Princípio ôntico existencial no homem. O Em Si ôntico é o núcleo energético pensante, o princípio formal que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo humano” (MENEGETTI, 2012a, p. 84-85).

³ O campo semântico é a “comunicação-base que a natureza usa entre as suas individuações. [...] Permite conhecer em primeira atualidade a dinâmica que uma realidade está operando” (MENEGETTI, 2010, p. 135).

⁴ Monitor de deflexão é uma das descobertas da ciência ontopsicológica e vem definido como “engenho psicodélico deformador das projeções do real. É uma grelha-filtro posta entre o processo proprioceptivo e o egoceptivo; o monitor de deflexão deforma as projeções do real à consciência e reinforma o organismo segundo dados não próprios do organismico na situação” (MENEGETTI, 2012a, p. 167).

virtualidade de inteligência” (MENEGETTI, 2012a, p. 32). Para tanto, estabelece a necessidade do desenvolvimento de uma psicoterapia de autenticação.

Para a realização deste trabalho, a pesquisa tem como roteiro teórico o resgate do percurso de Meneghetti, no que se refere à elaboração de sua abordagem psicoterápica, à estruturação da ciência ontopsicológica e à formação dos primeiros ontoterapeutas; posteriormente, serão apresentados elementos da clínica ontopsicológica, finalizando por afrontar os elementos relacionados às competências e aos desafios para o exercício dessa proposta de psicoterapia e, em especial, para a formação do ontoterapeuta.

Por fim, cabe dizer que a possibilidade de fazer pesquisa nesse campo, produzir conhecimento, confrontar e refletir sobre práticas relacionadas à formação de ontoterapeutas recobre-se, também, de importante relevância social com vistas à formação de novas gerações de psicoterapeutas, a continuidade e o desenvolvimento dessa prática clínica; bem como tendo em vista que a formação em Ontopsicologia existente hoje, a qual, na sua interdisciplinaridade, confere a abertura para atuação em diversas áreas, carece de uma formação específica voltada ao desenvolvimento de competências relacionadas à área clínica, ao exercício da psicoterapia ontopsicológica – ou Ontoterapia.

1 OBJETIVOS

A temática geral do presente estudo, conforme assinalado, é a formação de ontoterapeutas. Entretanto, para avançarmos na construção aqui proposta acreditamos necessário contextualizar os diferentes elementos postos em discussão, para, a partir deles, posicionar o objetivo geral desse estudo, bem como aqueles específicos. É isto que passamos a fazer aqui.

Inicialmente, cabe destacar que o contexto de formação de psicoterapeutas em estudo, se refere aquele de uma abordagem ainda recente no campo das ciências. A Ontopsicologia nasce do trabalho de Antonio Meneghetti no início dos anos de 1970, na Itália. Atividade docente, pesquisa e clínica se fundem numa inovadora proposta de entendimento e desenvolvimento humano. A psicoterapia Ontopsicológica, ou Ontoterapia, passará a ser o instrumento de intervenção primário e fundamental para o desenvolvimento do humano autêntico e criativo proposto por Meneghetti.

No percurso de desenvolvimento da Ontopsicologia, desde sua alvorada, Meneghetti dedicou-se à experimentação e, contemporânea a ela, à formação de novos profissionais que pudessem dar continuidade ao novo horizonte que se iniciava. Formalmente, em seu Centro de Terapia Ontopsicológica, fundado em 1972, propôs cursos especificamente dedicados à formação de psicoterapeutas. Realizou ainda *residences*, colóquios, conferências, criou instituições e centros de formação em diferentes partes do mundo⁵, tendo formado um grande número de ontoterapeutas. Dedicou-se, prioritariamente, a desenvolver seu pensamento e formar profissionais na própria Itália, no Brasil e na Rússia, tendo também atuação em outros países como os do Leste Europeu – principalmente Letônia e Ucrânia – e China.

A formação dos ontoterapeutas, inicialmente, era realizada diretamente por Meneghetti ou sob sua supervisão junto ao Centro de Terapia em Roma e posteriormente através das Instituições por ele fundadas. Em 1972, Meneghetti criou a Escola Ontopsicológica, embrião da Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO), formalmente constituída em 1978. A AIO posiciona-se como uma associação cultural e científica de caráter apolítico e sem fins lucrativos, cujo foco de atividade volta-se à realização de percursos formativos, eventos de formação, pesquisa e atualização científico-cultural. Fundamental destacar que a AIO irá incorporar no seu Estatuto constitutivo, entre os seus propósitos culturais, as finalidades da precedente Escola de Formação em Terapia Ontopsicológica. A AIO é uma organização não

⁵ Antonio Meneghetti criou Centros Ecobiológicos de Formação no Brasil (Recanto Maestro/RS); na Rússia (Bernia, Niotan, Diostan); na Ucrânia (Vitolga); na Letônia (Lizari); na Itália (Lizori e Marudo).

governamental com *status* consultivo especial junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas. Neste mesmo ano, criou a Ontopsicologica Editrice, hoje Ontopsicologia Editrice, no intuito de difundir o conhecimento ontopsicológico. Foram criadas ainda: a Associação Europeia de Ontopsicologia, para o continente europeu; a Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO), em 1985, para Brasil e América Latina; a Associação Eslava de Ontopsicologia em 1996, para Rússia. Nos anos de 1990, foi criada também a Escola Latino Americana de Ontopsicologia, voltada ao estudo da ciência e à formação de profissionais, em especial futuros docentes, para a América Latina⁶. Tais entidades desenvolviam cursos, seminários, convênios com outras Instituições de Ensino, dentre outras atividades. Neste contexto, temos um momento inicial em que os ontoterapeutas eram formados no Centro de Terapia coordenado por Meneghetti e, posteriormente, através de atividades e cursos de curto período promovidos pelas instituições. Especificamente a ABO, no seu primeiro decênio de atividades no Brasil, deu maior ênfase para a Psicoterapia Ontopsicológica, com o escopo de formar profissionais que posteriormente pudessem atuar em diferentes estados do território nacional. Nesse contexto, no que se refere à formação de ontoterapeutas no Brasil, Alécio Vidor, então presidente da entidade conduz em 1987, no Recanto Maestro, por iniciativa da ABO, o I curso de Ontopsicologia Clínica, desenvolvido entre os dias 29 de janeiro e 1º de fevereiro (ABO, 2015).

Em âmbito internacional, destaca-se neste contexto a Cátedra de Ontopsicologia, junto à Universidade Estatal de São Petersburgo (UESP), Rússia, inaugurada em 2004. Através dela, a formação em Ontopsicologia é inserida na matriz curricular do curso de Psicologia, bem como ela terá papel muito importante na formação de ontopsicólogos de diversas partes do mundo, incluso brasileiros. O próprio autor, como assinalado, obteve título de especialista em Ontopsicologia por essa instituição. Muitos dos profissionais que cursaram essa especialização já vinham de um percurso de formação em Ontopsicologia, e alguns deles atuavam ou passaram a atuar como ontoterapeutas. Embora não tivesse o escopo específico de formar terapeutas, essa especialização passou a compor as atividades formativas institucionalmente reconhecidas pelas entidades representantes do pensamento ontopsicológico em diferentes partes do mundo. As atividades da Cátedra de Ontopsicologia tiveram seu encerramento em 2016, devido a institucionais daquela faculdade.

⁶ Posteriormente, em 2007, é fundada em Lugano, Suíça, a Fundação de Pesquisa Científica Humanista Antonio Meneghetti, neste mesmo ano, em Moscou a Fundação Científica Antonio Meneghetti e, em 2010, no distrito Recanto Maestro/RS, Brasil, a Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica e Humanista Educacional e Cultural.

No Brasil, a principal referência formativa atual é a Antonio Meneghetti Faculdade (AMF). A AMF teve sua abertura autorizada pelo Ministério da Educação (MEC) em dezembro de 2007 com o curso de Administração e, desde sua fundação, realiza cursos de aperfeiçoamento e especialização tendo como referencial epistemológico e metodológico a Ontopsicologia. Em setembro de 2014, o MEC autorizou o curso de Bacharelado em Ontopsicologia junto à Antonio Meneghetti Faculdade. Entretanto, esse curso não possui o escopo específico da formação de psicoterapeutas.

Cabe salientar, ainda, considerando o escopo da presente pesquisa, que os profissionais que atuam hoje como ontoterapeutas tiveram seu percurso formativo realizado junto ao fundador da Ontopsicologia. Nessa perspectiva, pode-se dizer que, para além dos registros em áudio, vídeo e nos livros deixados por Meneghetti, esses profissionais e suas experiências vividas são os verdadeiros portadores da *expertise* da Ontoterapia. Tais profissionais estão principalmente na Itália, Brasil, Rússia e Leste Europeu, regiões onde Meneghetti mais atuou e criou centros de estudos.

Atualmente, não identificamos curso de formação de ontoterapeutas no mundo. Este fato, além de sublinhar a relevância do presente estudo, destaca a importância do percurso formativo dos ontoterapeutas ora em atividade, uma vez serem eles os portadores do legado de Meneghetti. Assim, para atender ao objetivo da presente pesquisa, foi fundamental realizar um levantamento histórico biográfico de ontoterapeutas em atividade. Para a realização deste levantamento, foram utilizadas também elementos da experiência do próprio pesquisador, bem como registros de ontopsicólogos formados pela UESP e por outras Instituições reconhecidas nesse contexto, buscando identificar os profissionais que atuam como ontoterapeutas.

Dessa maneira, o objetivo geral da presente pesquisa é: **caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti**. Para a realização do referido objetivo geral, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- sistematizar como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas na Itália e no Brasil;
- realizar um levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade no Brasil;
- evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil.

2 DE MENEGHETTI À ONTOPSICOLOGIA

Estamos no encelar dos anos de 1960. Local, Roma, Itália. Mais precisamente na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (PUST), também nominada *Angelicum*⁷. Além de referência no pensamento teológico e filosófico de então, essa universidade encontra-se no epicentro dos debates intelectuais da Europa por conta do Concílio Vaticano II, tido como o maior evento da Igreja Católica do século XX. Quando o Papa Francisco, ao assumir seu pontificado em 2013 anuncia “quero uma Igreja pobre para os pobres”, não faz outro que retomar a fala de João XXIII no longínquo 1962, justamente por ocasião do referido Concílio, vindo a assinalar que ainda estão abertas as fronteiras propostas pelo referido concílio (DOMEZI, 2014). São tempos de profundas transformações e Meneghetti participa ativamente deste contexto.

Meneghetti tinha se formado na Igreja. Nos seus anos de experiência no interior da Igreja Católica, como frade franciscano, foi sacerdote, confessor, diretor espiritual. Em textos posteriores, fará referência ao quanto essa experiência foi importante na sua formação como psicoterapeuta e no próprio desenvolvimento da Ontopsicologia (BERNABEI; ZAPPOLATO, 2008). Especificamente sobre a importância da atividade como diretor espiritual, sublinhará a relevância ao dizer que “seu trabalho está em colher a orientação que existe em cada alma. Isto é, em cada pessoa. Segundo a mística católica, cristã, existe um especial convite oriundo da sua interioridade” (MENEGHETTI, 2015a, p. 97). Em 1969, ingressa como professor convidado na PUST, onde irá ministrar “Fundamentos de Psicologia Pastoral”; posteriormente “Ontopsicologia do Homem”, vindo também a desenvolver seminários intitulados “A Psicoterapia de Rogers”. Nessa universidade, também funda o primeiro curso de Psicanálise, campo, até então, com pouca expressão no contexto universitário de Roma. Padre Abelardo Lobato, decano reeleito por várias vezes da Faculdade de Filosofia, referindo-se ao ingresso de Meneghetti na Instituição, nos informa: “Ele chegou à faculdade estimulado pela curiosidade. Conhecendo sua preparação e os seus dotes, o convidei a oferecer cursos opcionais de Psicologia” (LOBATO, 2008, p. 5).

Assim, a Ontopsicologia tem seu nascimento nesse contexto de intensa atividade acadêmica e de estudos de Meneghetti. De suas lições ministradas entre 1970 e 1973 nasce o

⁷ A Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino é também nominada de *Ateneo Angelicum*: Instituto de instrução superior da antiga Roma. O nome deriva de Atenas, deusa grega da ciência. (Disponível em: <http://www.pust.it/index.php?lang=it>. Acesso em: 15 ago. 2017).

texto que forneceu a sua primeira formalização teórica: “Ontopsicologia do Homem”⁸ (MENEGETTI, 2010). Sobre essa origem, Lobato (2008, p. 4) faz a seguinte referência:

Dessa faculdade, nasceu a “Ontopsicologia”. Mas não nasceu como Minerva, da cabeça de Zeus, vestida e armada; nasceu de uma pequena semente caída no sulco e nutrida pela terra propícia e pelo trabalho do homem [...]. Houve uma amizade e uma colaboração muito bela, e o Prof. Meneghetti fez um ótimo serviço para o *Angelicum*, por isso agradecemos. Por sua vez, o *Angelicum* fez muito bem a ele, para levar adiante a Ontopsicologia.

Lobato faz referência à preparação de Meneghetti, e esse é um aspecto de particular importância, considerando nosso interesse em compreender a formação de ontoterapeutas. Petry (2013) relata que, paralelo à sua extensa formação acadêmica⁹, Meneghetti empreendeu um longo percurso de busca e compreensão de diferentes abordagens às problemáticas humanas. Esteve em centros de referência para o pensamento psicológico e psicoterápico de seu tempo: em Paris, Viena, Friburgo, Londres, Selva Negra. Conheceu pessoalmente importantes personalidades do campo psicoterapêutico, como Carl Rogers, Rollo May, Victor Frankl.

Em 1972, Meneghetti inaugura, em Roma, o Centro de Terapia Ontopsicológica e, em 1973, deixa o ensino universitário. Seu objetivo: dedicar-se exclusivamente à Psicoterapia. Nesse mesmo ano, Meneghetti também deixa a Igreja. Sobre o afastamento da Igreja, Padre Lobato irá dizer: “quando ele começou seriamente a abandonar a Igreja, assim o fez porque tinha diante de si um campo criativo sobre o qual prosseguir: a Ontopsicologia” (MENEGETTI, 2005a, p. 7).

É o início de mais de um período de intensa atividade de experimentação clínica e formativa. “A este ponto decidi que deveria exercitar-me [...]. Dez anos de árduo e amoroso trabalho de Psicoterapeuta. Se verdadeiramente conhecia o homem, devia demonstrá-lo” (MENEGETTI, 2010, p. 121). Nesse período, o que iremos verificar, pela sua produção intelectual, pelas convenções, pelos congressos realizados e pelo empenho na formação de

⁸ Impresso pela primeira vez em 1971, como coletânea de apostilas para uso dos estudantes universitários, é editado e publicado pela primeira vez em 1989.

⁹ A formação acadêmica de Meneghetti compreende uma Láurea em Biblioteconomia pela Biblioteca Apostólica do Vaticano e em Filosofia com abordagem em Psicologia pela Universidade Católica Sacro Cuore, Milão; quatro Doutorados: Teologia, pela Pontifícia Universidade Lateranense, Vaticano (1970); Filosofia e Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (1970 e 1971, respectivamente); e o título *Doktor Nauk* em Ciências Psicológicas, concedido pela Suprema Comissão de Avaliação Interacadêmica da Federação Russa (1998). Recebeu, também, Diploma de Láurea em Filosofia com abordagem em Psicologia pela Universidade Católica do Sacro Cuore, em Milão (1971) (Disponível em: <http://www.antoniomeneghetti.org.br/biografia/15/cientista/16/ano/0>. Acesso em: 15 ago. 2017).

novos psicoterapeutas é que, se a Ontopsicologia nasce na PUST, ela se forja na prática clínica realizada principalmente no Centro de Terapia em Roma.

A Ontopsicologia nasce de uma evidência interna à obra clínica bem-sucedida. No exercício da Psicoterapia, vendo o resultado positivo, comecei a analisar aquilo que fazia e teorizei a experiência clínica que o fato me evidenciava. (MENEGETTI, 2010, p. 112, grifo do autor)

Considerando nosso propósito de caracterizar o processo de formação do ontoterapeuta, importante destacar, nesse excursus histórico, o fato de que Meneghetti, tão logo inaugurado seu Centro de Terapia, inicia, também, um consistente trabalho de formação de terapeutas. Organiza um curso bienal específico de Psicoterapia Ontopsicológica, aberto a graduados e formandos. Bernabei e Zappolato (2008) informam que os cursos promovidos eram divididos em três tipos: curso anual, para orientação prática e pessoal em psicologia; bienal, voltado a um conhecimento especialista em campo psicológico e psicoterapêutico; e um trienal, destinado àqueles que pretendiam inserir-se no trabalho profissional como psicoterapeutas.

O conteúdo programático desses cursos assinala a orientação humanista-existencial de sua abordagem, uma vez que são trabalhadas temáticas como: a psicoterapia de Carl Rogers, de Maslow; a logoterapia de Victor Frankl; a terapia psicanalítica (de Freud e Adler). O programa incorpora, também, a terapia de Jung e os estudos relacionados à fisionômica, à cinésica e à proxêmica; além de abordar a psicologia do diálogo, dentre outros elementos. Se, na abordagem psicoterápica, as influências são de fundo humanista-existencial e psicodinâmicas, os fundamentos epistemológicos são influenciados por pensadores como Duns Scotus¹⁰, que valoriza a experiência e fala da *ecceidade*; Heisenberg¹¹, com o princípio da indeterminação;

¹⁰ Duns Scotus (1266-1308): Valoriza a experiência e distancia a preocupação exclusivista da Filosofia com as essências universais e transcendentais. Dotado de uma inteligência brilhante e levada à especulação, recebeu o título de *Doctor Subtilis*, “Doutor Sutil”. Desenvolve o conceito de “*haecceità*” (it. *Ecceità*), termo criado a partir do adjetivo *haec*, com que se indica uma coisa particular, se designa individualidade. Esta consiste na “realidade última do ente”, que determina e contrai a natureza comum (composta de matéria e forma) numa coisa particular, *ad esse hanc rem*. Esse princípio é invocado para explicar de que maneira a coisa individual se origina da “natureza comum”, que é indiferente tanto à universalidade quanto à individualidade. A *ecceitas* corresponde ao “eis-me aqui” e, para Scotus, este é o dado de onde vou partir para depois pensar, raciocinar, etc. O dado primordial é a presença (ABBAGNANO, 2000).

¹¹ Werner Heisenberg (1901-1976), Nobel de Física em 1932. Enquanto a Física buscava certezas, estimando que a estrutura da matéria poderia ser decifrada em até vinte anos, Heisenberg coloca a incerteza no centro dos debates científicos. O Princípio da Incerteza ou da Indeterminação é considerado um marco para a Física Quântica, uma vez que evidenciou o fato que a matéria, apresentando em nível subatômico contemporaneamente características corpusculares e ondulatórias, pode ser influenciada pela ação do homem. Sob o ponto de vista que particularmente nos interessa aqui, resta a evidência empírica da impossibilidade de uma neutralidade (LOPES, 2005).

Brentano¹², com o conceito de intencionalidade; Husserl¹³ com a fenomenologia e, em especial, com sua crítica às ciências europeias, formulada ao final de sua vida.

O pensamento husserliano exerce forte influência na construção do edifício teórico de Meneghetti. Segundo ele, Husserl evidencia os limites da visão positivista de departamentalização e excessiva especialização do conhecimento e assinala para o fato de que a ciência, ao tornar-se *tecne*, tinha perdido o interesse pelo conhecimento real do mundo mesmo, da própria natureza (MENEGETTI, 2010). Husserl, na robustez de seu pensamento e capacidade crítica, funda seu método fenomenológico como busca pela raiz do conhecimento. Seu intento é de descrever o modo como o mundo aparece para a consciência, em antecipação a pressupostos. Ou seja, propõe uma Filosofia como ciência de rigor, superando a oposição entre objetivismo e subjetivismo e posicionando esta como ciência dos fundamentos.

A Filosofia, porém, é por essência uma ciência dos inícios verdadeiros, das origens, dos *rizómata pánton*. A ciência do radical tem que proceder também radicalmente, e sob todos os respeitos. Sobretudo ela não deve descansar antes de ter chegado aos seus inícios, isto é, aos seus problemas absolutamente claros, aos métodos delineados no próprio sentido desses problemas, e ao campo ínfimo da elaboração das coisas de apresentação absolutamente clara. (HUSSERL, 1961, p. 72)

A busca dos fundamentos em última instância, como veremos, será o reencontro do “mundo da ciência” com o “mundo-da-vida”¹⁴ e, para essa incursão, o filósofo ou pensador deve orientar-se para o mundo interior ou transcendental. Sua busca, portanto, orienta-se à evidência apodítica na subjetividade transcendental através da descrição dos fenômenos puros. O escopo da fenomenologia husserliana, nessa perspectiva, não seria outro que estudar “o ser tal como e enquanto se apresenta à consciência como fenômeno” (ZILLES, 2016, p. 36). Husserl, que tinha estudado com Brentano, toma deste a perspectiva da intencionalidade, para afirmar que a consciência é sempre consciência de algo. Portanto, é intencionalidade. Esse algo,

¹² Frantz Brentano (1838-1917): Intencionalidade é um antigo conceito filosófico escolástico recuperado por Brentano. No texto “Psicologia do ponto de vista empírico”, o autor formula a sua noção de intencionalidade no contexto da distinção entre os fenômenos ou atos físicos e mentais, presentes à consciência. A intencionalidade, nessa perspectiva, é a característica fundamental e intrínseca dos atos psíquicos (MACIEL, 2003). O termo intencionalidade foi mais tarde usado por Edmund Husserl que defendeu ser a consciência sempre intencional. Meneghetti, posteriormente, irá retomar a etimologia do conceito segundo qual intencionalidade, do latim *id quod et quo intendit, intus actionis*: significa o que faz e pelo que se faz o dentro da ação. Aquele dentro onde o ser age. É a estrutura formal que vincula a modalidade da ação. A direção na qual a ação se homologa e se configura *de per si* no interior de um contexto (MENEGETTI, 2010).

¹³ Edmund Husserl (1859-1938): Na última fase de seu pensamento, especificamente nas Conferências de Praga em 1935, assinala a crise das ciências europeias e indaga o porquê do fracasso das ciências, perguntando pela origem dessa crise e reescrevendo a trajetória da razão ocidental. Constata que, pela matematização, as ciências se afastaram do mundo-da-vida e da teleologia que fundamenta a cultura ocidental (ZILLES, 2002).

¹⁴ “O mundo-da-vida é o princípio que dá origem a todo o conhecimento. O Eu é o ator do mundo da vida. O mundo da vida é a causalidade vital primeira de toda a realidade universal” (VIDOR, 2013, p. 13).

que não deve ser confundido com a consciência mesma, o autor chama de fenômeno. A “volta às coisas mesmas”, proposta por Husserl, significa chegar às “essências dadas, as quais são o objeto inteligível do fenômeno, captado numa visão imediata da intuição” (ZILLES, 2016, p. 38).

Segundo Husserl (2002, p. 88), “Na intuição originária, o mundo-da-vida é uno, é pré e extracientífico, visto que abraça em si toda a vida atual e também a científica e a nutre enquanto fonte das suas elaboradas formações de sentido”. Entretanto, como acessar o intencionante, a intuição originária, a evidência apodítica¹⁵? Husserl propõe como via metodológica a *epoché*¹⁶ ou redução fenomenológica realizada através da suspensão do juízo sobre todas as coisas. O escopo de tal redução é colocar entre parênteses convicções para recomeçar a observar as coisas sem qualquer preconceito, de modo a consentir que os fenômenos que chegam a consciência sejam considerados como se fossem observados pela primeira vez, centrando, assim, aquilo que se dá na consciência. Procura-se, então, atingir a evidência direta e imediata como fundamento da verdade (HOLANDA, 2014).

Para Husserl (2002), a passagem resolutiva da crise das ciências estava diretamente ligada à refundação da Psicologia. Mas qual Psicologia? Sustentava ele que a única Psicologia capaz de retraçar o critério de exatidão, de verdade, de realidade, seria aquela capaz de superar os ligames da cultura, da opinião, para acessar a “subjetividade pura”, o íntimo do homem, aquele íntimo que responde às leis eternas do universo. Uma Psicologia capaz de encontrar uma estrada que levasse dentro do mundo-da-vida. Uma Psicologia Ontológica, uma ciência da psique que fosse “ontologia do mundo-da-vida”. Husserl acenava para uma Psicologia capaz de transcender aos múltiplos modos de constituir-se histórico do homem para chegar ao princípio, ao momento ôntico (MENEGETTI, 2010).

O retorno à *unidade do ser* deve partir da psicologia por ser a primeira a ter que esclarecer o mundo da vida e aquilo que deve ser propriamente a psicologia autêntica. Reencontrando a subjetividade transcendental, poderemos ver novamente a relação entre o sujeito e o ser. Por esse caminho, teremos o acesso à solução da ruptura entre o objetivismo e o subjetivismo. A filosofia, então, reassumirá a tarefa de tornar-se o ponto de união de todas as ciências por reaver o critério que fundamenta o saber verdadeiro e, por consequência, poderá indicar à humanidade o que ela deve ser. (VIDOR, 2013, p. 14, *grifo do autor*)

¹⁵ Husserl estabelece três condições para fundar uma “filosofia como ciência de rigor”, fundamental à resolução do problema crítico do conhecimento e da crise das ciências. São elas: 1) ausência de pressupostos (*epoché* filosófica); 2) caráter *a priori* da fenomenologia (intuição eidética como dar-se do *eidos* ou essência); 3) evidência apodítica. Apodítico significa indiscutível, o que não pode ser refutado ou contestado, o que exprime uma evidência de natureza mental lógica (VIDOR, 2013).

¹⁶ A *epoché* é retomada por Husserl da Filosofia Grega, em particular do pensamento cético. Sexto Empírico, eminente filósofo da época, a definia como “um estado mental de repouso no qual não afirmamos nem negamos nada”. Escopo da *epoché* era levar ao estado de imperturbabilidade, ataraxia (HADOT, 1999).

Vidor (2013, p. 72) indica que a Ontopsicologia é uma “proposta de psicologia baseada nos processos da intencionalidade. Na intencionalidade, se busca ver onde o impulso da ação em si está se finalizando, onde está andando ou tende”. Por sua vez, para Husserl (2002, p. 89), o mundo-da-vida “é o terreno em base ao qual tudo tem origem e se move. Meneghetti designa-o como o ser, enquanto entendido como geral ou universal, por ser o genérico de todo pensável como real”.

É a partir desses referenciais que Meneghetti empreende seu trabalho de experimentação clínica, o qual culminará na formulação da Ontopsicologia. Assim, não apenas tais elementos teóricos são importantes na investigação que empreendemos aqui, mas como o posterior percurso clínico realizado por Meneghetti, pois a abordagem metodológica e a impostação terapêutica que caracterizará a Ontoterapia serão fortemente marcadas por esse período de experimentação¹⁷.

O decênio de exercício clínico, como já referimos, caminha em paralelo com a formação de terapeutas interessados na abordagem que Meneghetti começava a formalizar, alguns destes seus ex-alunos, oriundos da PUST. Juntamente com a formação teórica dos novos profissionais através dos cursos oferecidos, eram realizadas atividades clínicas que tinham o escopo de colocar o estudante em contato com as problemáticas patológicas e verificar como *in vivo* a impostação ontoterápica. Meneghetti, devido a seu histórico de vida e formação, buscava propor uma abordagem de fundo humanista em um contexto onde a atenção ao doente mental, na Itália, era ainda inspirada por teorias que reconheciam esses sujeitos como perigosos, dos quais a sociedade deveria se defender através de sua reclusão.

Importante sublinhar que a assistência aos doentes mentais na Itália no início dos anos de 1970, institucionalmente, permanecia praticamente imune às correntes que estavam se difundindo no restante do mundo, como a Psicanálise, a Psicopatologia Fenomenológica e as teorias de interação social de Fromm, Laing, Sullivan, dentre outros. Bernabei e Zappolato (2008, p. 13) sublinham esse o contexto histórico:

Na Itália, a assistência ao doente mental é regulada por uma lei de 1904. Trata-se de uma lei que deriva de uma outra lei francesa de 1838 que considerava o doente mental “perigoso para si e para os outros”, por isso deveria ser mantido nas instituições manicomiais, para que a segurança fosse mantida.

¹⁷ Relevante destacar que, em seus textos, Meneghetti utiliza, indistintamente, os termos “psicoterapia ontopsicológica”, “psicoterapia de autenticação” e “ontoterapia”. O autor utiliza ainda, por vezes, a expressão “consultoria de autenticação”.

As práticas de atenção ao doente mental privilegiavam o isolamento e a segregação, a uma assistência em sentido psicológico. A legislação facilitava a internação, tornando complexa a liberação do doente. As estratégias clínicas recorrentes eram a convulsoterapia, em especial através do eletrochoque¹⁸, desenvolvido em 1938; e psicofármacos, dentro de uma perspectiva organicista e voltados a tornar o doente inofensivo. As condições desumanas verificadas nos manicômios alimentaram um forte debate acerca dos serviços de saúde mental, e o movimento da Antipsiquiatria, que promulga a reinserção do paciente psiquiátrico na sociedade, colocará a questão da doença mental no foco dos interesses da época¹⁹.

A Psicoterapia, no início de 1970, período em que Meneghetti estabelece seu Centro de Terapia, era muito incipiente na Itália e as faculdades de Psicologia começavam a ser constituídas a partir das faculdades de Magistério²⁰. Os acenos de Psicoterapia, naquele período, eram fortemente influenciados e tutelados pela Psiquiatria e pela Medicina. A iniciativa de Meneghetti é evidenciada em artigo de Adami Rook, Ciofi e Giannini (1998), que discute a História da Psicoterapia na Itália, publicado no clássico de Freedheim, editado pela Associação Americana de Psicologia (APA)²¹. Os autores recolhem os primeiros Centros de Psicoterapia da Itália criados entre 1966 e 1975, dividindo em dois períodos: 1966 a 1970 e 1971 a 1975. Considerando o escopo deste estudo, destaca-se a seguir o levantamento referente ao segundo período.

¹⁸ O eletrochoque, ou a eletroconvulsoterapia, utilizado ainda hoje, foi inventado justamente na Itália, em 1938, pelos psiquiatras Ugo Cerletti e Lucio Bini.

¹⁹ Fundamental sublinhar que, na Itália, entre 1975 e 1978, abre-se um grande debate nos meios de comunicação sobre as péssimas condições da assistência ao doente mental que irá culminar na Lei nº 180 sobre a assistência psiquiátrica, promulgada pelo Parlamento Italiano que determinou o fechamento dos manicômios naquele país; seguida ainda no mesmo 78, da Lei nº 833, que estabelece uma reforma sanitária instituindo o Serviço Sanitário Nacional (SSN). O nascimento do SSN, uma vez que previa o emprego de psicólogos em seus quadros funcionais, representou um avanço nas faculdades de Psicologia e nos centros de formação em Psicoterapia na Itália. Dentre os aspectos relevantes na Lei nº 180, tornou indispensável aos serviços de Psiquiatria um trabalho “centrado no território”, o que, em um primeiro momento, promoveu o desenvolvimento da Psicoterapia Familiar e, no decênio seguinte, permitiu a afirmação do Psicodrama, da Gestalt, do Cognitivismo e de outras abordagens psicoterápicas (ROOK; CIOFI; GIANNINI, 1998).

²⁰ As duas primeiras láureas em Psicologia na Itália foram criadas em 1971 na *Università degli Studi di Roma “La Sapienza”* e na *Università degli Studi di Padova*. A esse respeito, é importante contextualizar que a profissão de psicólogo é estabelecida na Itália apenas em 1989 pela Lei nº 56, do Parlamento Italiano, que institui a Ordem Profissional dos Psicólogos (ALBO): “ente público, não econômico, sob a supervisão do Ministério da Saúde” (<http://www.psy.it/>). O artigo 3º dessa mesma lei regula o serviço de Psicoterapia.

²¹ O artigo discute em profundidade as principais abordagens psicoterápicas, seus representantes e periódicos que fundaram a Clínica Psicológica na Itália. Apresenta também um elenco dos primeiros Centros de Psicoterapia Italianos, seus fundadores, orientações ou abordagem e o ano de fundação, fazendo um recorte entre os anos de 1966 e 1970 e, posteriormente, entre os anos de 1971 e 1975. Os primeiros centros (1966-1970) são de forte acento psicodinâmico e dependência ao saber médico e psiquiátrico, estando, na sua maioria, sob coordenação de psiquiatras. O período posterior (1971-1975) indicará o início de uma maior autonomia dos centros de formação em Psicoterapia, pautado por um ecletismo e pela presença de outras abordagens que vinham se destacando no mundo científico. Dentre os 18 centros de formação elencados nesse período, na Itália, está o então nominado “*Centro di terapia Ontopsicologica di indirizzo onto-psicoanalitico*”, de Meneghetti, de orientação ontopsicológica (ROOK; CIOFI; GIANNINI, 1998).

Quadro 1 – Centros de formação de psicoterapeutas na Itália entre 1971 e 1975

TAB. 5 LE SCUOLE FRA IL 1971 ED IL 1975, I LORO FONDATORI E L'ANNO DI FONDAZIONE			
Centro di terapia Ontopsicologica di indirizzo onto-psicoanalitico	A. Meneghetti	Ontopsicologia	1971
CISSPAT - Centro Italiano per lo Studio e lo Sviluppo della Psicoterapia e dell'Autogenes Training	L. Peresson	Psicoterapia autogena	1971
CRCEA - Centro Ricerche Comunicazione Età dell'Acquario	L. Marletta	Psicoterapia integrata	1971
CSU - Centro Studi Umanologia	M. Festa	Terapia primale	1972
SITC - Società Italiana di terapia del comportamento		Comportamentismo	1972
Scuola Europea di Orgonoterapia	P. Navarro	Orgonoterapia	1972
Centro Studi di Terapia Familiare e Relazionale	L. Cancrini	Terapia Familiare	1972
Centro Persona Coppia Gruppi	T. Formenti	Psicodramma Moreniano	1972
Associazione Italiana Psicologia Umanistica e Transpersonale		Psicologia Umanistica	1973
Istituto Skinner per lo Studio del Comportamento -	A. Tamburello	Comportamentismo	1974
AMAG - Associazione milanese analisi di Gruppo		Psicoanalisi di gruppo	1974
Centro Studi e Ricerca per la Psicoterapia della Coppia e della Famiglia	C. Loredio	Terapia Familiare	1974
Scuola Psicoanalitica Maya Liebl	Maya Liebl	Psicoanalisi	1974
SIPAI - Società Italiana di Psicoterapia Analitica Immaginativa		Analisi Immaginativa	1975
SCAP - Studio di Consulenza e Analisi Psicologica	E. Giusti	Psicoterapia della Gestalt	1975

Fonte: Rook, Ciofi e Giannini (1998, p. 1042).

Nesse contexto, Meneghetti acolhe, em seu centro, pacientes com quadros diagnósticos dos mais graves. Um de seus alunos à época registra: “Trabalhávamos sempre em tandem com colegas assistentes, também brasileiros e espanhóis. Os casos eram quase todos muito pesados e alguns eram considerados incuráveis pela psiquiatria corrente” (BRUOGNOLO, 2005, p. 27). E ampliando sobre como se dava o processo terapêutico e formativo, elucida dizendo que:

[...] o Prof. Meneghetti fazia-nos acompanhar essas pessoas no seu consultório e, às vezes, tínhamos que viver com eles 24 horas sobre 24 horas, levá-los também conosco, nas nossas casas, para acompanhá-los constantemente por um período. (BRUOGNOLO, 2005, p. 27).

Encontramos semelhança a essa experiência terapêutica, e contemporaneamente formativa, em práticas realizadas por Laing²², aproximadamente dez anos antes de Meneghetti. No contexto da metodologia ontopsicológica, posteriormente, esta irá se configurar como um instrumento de intervenção denominado “*Residence*”²³, o qual terá expressiva relevância para o trabalho do ontoterapeuta²⁴.

A representação brasileira na gênese da Ontopsicologia, referida pelo italiano Marcello Bruognolo, dá-se na pessoa de Alécio Vidor, orientando de Meneghetti na Universidade São Tomás Aquino (UENO *et al.*, 1996). Essa passagem histórica, esse encontro entre Meneghetti e Vidor é de fundamental relevância para a inserção do pensamento ontopsicológico no Brasil e, por decorrência, para a formação de uma geração de psicoterapeutas nesse país. “Num primeiro momento encontrei o Professor Antonio Meneghetti como seu aluno, em sala de aula. [...] ele apresentava conhecimentos que depois formalizou no livro ‘Psicologia do Homem’” (VIDOR, 2015²⁵). Vidor fará parte do primeiro grupo de psicoterapeutas a realizarem formação com Meneghetti e será o responsável por iniciar a divulgação científica da Ontopsicologia no Brasil e a formação de psicoterapeutas²⁶. Alécio Vidor, ainda como estudante na PUST, será também protagonista ao aguçar a crise acadêmico-científica de Meneghetti quando, ainda em sala de aula, assinala que aquilo que ensinava não era mais Rogers, mas uma outra coisa.

²² Em 1965, logo após ter deixado o Instituto Tavistock, Ronald Laing cria um projeto de comunidade psiquiátrica em Kingsley Hall, onde pacientes e terapeutas viviam juntos. Essa experiência será um marco nos estudos psiquiátricos.

²³ No livro “Esquizofrenia na ótica ontopsicológica”, encontramos a referência de que historicamente o primeiro *residence* terapêutico foi realizado em um apartamento adjacente ao consultório de Meneghetti em Roma. Posteriormente, foi utilizado o apartamento de um de seus assistentes que vivia sozinho, sendo, em um segundo momento, alugado um apartamento-*residence*, de onde deriva o termo *residence* (BRUOGNOLO, 2005). Nesta mesma obra, em seu quarto capítulo encontramos detalhada a metodologia deste tipo de *residence* terapêutico.

²⁴ Meneghetti (2010) sublinha que a Psicoterapia e o *residence* de autenticação são os instrumentos de intervenção fundamentais para a reorganização da racionalidade do cliente e para impostar a eficiência de seu Eu lógico-histórico no realizar a própria existência.

²⁵ Comunicação Pessoal: **A Psicoterapia**. Aula ministrada em março de 2005, em Bombinhas/SC.

²⁶ Alécio Vidor realizou seu Mestrado e Doutorado na Pontifícia Universidade Católica Santo Tomás de Aquino, em Roma, sob orientação de Meneghetti. Tendo feito formação também junto ao Centro de Terapia Ontopsicológica, em 1978 recebe autorização para atuar profissionalmente como Ontoterapeuta. Assim no final da década de 1970 e início de 1980, Vidor começa a fomentar o primeiro grupo de estudos em Ontopsicologia em solo brasileiro. Em 1982, juntamente com seus primeiros alunos, organiza na cidade de Passo Fundo (RS), a I Jornada Brasileira de Ontopsicologia, tendo como temática “O cinema e o inconsciente”. Em poucos meses, ainda no mesmo ano, realizam a II Jornada, cujo tema foi “Teoria e as experiências em Ontopsicologia”. No ano seguinte, agora em Santo Ângelo (RS), é realizada a III Jornada Brasileira de Ontopsicologia, que discutiu a “Psicossomática sob a ótica Ontopsicológica” (ABO, 2015). Vidor será também responsável por acompanhar a primeira vinda de Meneghetti ao Brasil em 1979.

Meneghetti já iniciava a posicionar um novo pensamento; a Ontopsicologia (BERNABEI; ZAPPOLATO, 2008).

A experimentação empírica de Meneghetti, inicialmente por meio da Psicoterapia, avança na direção da busca da compreensão do humano e da promoção de sua saúde. Esse percurso culminará nas três descobertas científicas que caracterizam a novidade científica da Ontopsicologia (ABO, 2015), na formação de inúmeros profissionais pelo mundo e na produção de mais de 40 obras²⁷.

Conforme assinalado, a perspectiva ontoterápica emerge de uma forte influência da cultura filosófica ontológica, da fenomenologia husserliana e das abordagens da Psicoterapia humanista. Assim, o pressuposto de um dado metafísico do qual o homem podia alcançar consciência se inseria como pano de fundo no trabalho psicoterápico de Meneghetti. A definição de pessoa humana como um “metafísico originário em impacto essencial com o matérico-social, que pode ser individuado como Eu histórico” (MENEGETTI, 2006a, p. 67), formaliza essa visão. Ou seja, na visão ontopsicológica, o homem nasce, em parte, de um projeto metafísico e, em parte, da construção realizada no seu processo histórico de adaptação ambiental. Todo o empenho da ciência ontopsicológica – portanto também do processo ontoterápico – é o de restabelecer o nexos entre o Eu e esse projeto metafísico ou Em Si ôntico.

2.1 As três descobertas da Ontopsicologia

2.1.1 O Em Si ôntico

Na atividade psicoterápica, Meneghetti (2010) assinala que buscava um critério a partir do qual auxiliar o cliente na retomada de seu bem-estar²⁸. A pesquisa levou à individuação de uma fonte de informação constante nos indivíduos. No interior do conjunto das informações emitidas inconscientemente pelo cliente e percebidas no contexto clínico por meio da leitura do campo semântico, verificava uma que assinalava com linguagem biológica. Sempre que se

²⁷ A produção bibliográfica de Meneghetti é extensa e compreende diferentes áreas do conhecimento humano. Segundo o próprio autor as obras de Ontopsicologia mais importantes são: O monitor de deflexão na psique humana, o Prontuário ôntico, ‘Os campos semânticos’ (Em Ontopsicologia Clínica), Imagem alfabeto da energia, A psicologia do líder e o Manual de Ontopsicologia. Meneghetti sublinha ainda que a obra “O Em Si do homem”, é o texto-base da Ontopsicologia. “Uma obra que abre o fundamento ontológico e positivo a psicologia contemporânea” (MENEGETTI, 2013a, p. 49).

²⁸ Em consonância à abordagem humanística rogeriana, a Ontopsicologia dá preferência ao termo cliente, ao invés de paciente, por entender que se coaduna melhor com uma visão de homem que o vê como protagonista responsável. Especificamente em Ontoterapia, entende-se que o termo cliente posiciona o fato de que cabe a ele a responsabilidade pela condução e pelo sucesso do processo.

seguiram as fenomenologias desse primeiro formal intencionante, o cliente experimentava bem-estar e o conseqüente desaparecimento do sintoma. Seguindo essa informação, o sujeito recuperava sua saúde. A esse primeiro princípio, a essa informação que constitui o orgânico funcional do humano, Meneghetti (2006a) nominou “Em Si ôntico”.

O Em Si ôntico é considerado a descoberta fundamental para a Ontopsicologia, é o princípio ôntico existencial no homem. Esse princípio ou projeto-base de natureza constitui o ser humano e é o critério da identidade do indivíduo – quer como pessoa, quer como relação.

O Em Si ôntico é definido como “princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (MENEGETTI, 2004, p. 255). A primeira parte da definição posiciona o âmbito metafísico do Em Si. É um “princípio”: já tem consigo uma ordem, já é. É um formalizador que também formaliza. É um princípio semovente que faz a mediação intrínseca da vida. Este princípio é “formal”, ou seja, possui um *design*, um modo, é um especificado para determinada função. Por fim, é “inteligente”²⁹, tem a capacidade de evidenciar o íntimo das coisas. Do próprio íntimo é capaz de colher o real circunstante. Entretanto, esse princípio se faz fenômeno, essa passagem é o “que faz”, no conceito. Ou seja, a definição “que faz autóctise histórica” implica o aspecto do devir existencial. Este Em Si, tem a capacidade de fazer a si mesmo, de autopor-se. Autóctise histórica, portanto, é o “processo histórico de escolhas existenciais que fazem a resultante da evolução e da situação pessoal” (MENEGETTI, 2012a, p. 34)³⁰.

A busca da compreensão de um elemento imaterial constituinte do homem é presente desde a Antiguidade Clássica, em particular com o conceito de alma. Abbagnano (2000) sublinha que a palavra “alma” é a tradução latina da palavra grega *anemos*, cujo significado era sopro, vento, espírito. A antiga poesia de Homero, em seus dois grandes clássicos ou mesmo todo o legado dos pré-socráticos, por exemplo, é repleto dessa acepção. Aristóteles, por sua vez, descreve a alma como ato primeiro de um corpo natural, o qual possui a vida em potência. Ato primeiro ou substância como forma é *enteléqueia*. Assim, descreve a alma como *enteléqueia* do corpo. Quando os primeiros filósofos e estudiosos do humano buscavam entender o elemento anímico do homem, entendiam a presença de um *a priori* constituinte. A Ontopsicologia, “pressupõe o homem como um Eu *a priori* já dado ou apelado pelo Ser

²⁹ Inteligente, deriva do latim *intus legere actionem*: ler dentro da ação, compreender dentro. Faculdade psíquica de compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou do fato. “Compreensão das coisas de dentro de qualquer fenomenologia” (MENEGETTI, 2012a, 143).

³⁰ O termo autóctise deriva das palavras gregas *αὐτό* e *κτιζο*. A primeira refere-se a “si mesmo”; a segunda, *ktizo*, significa construir, fundar. Autóctise, portanto, significa posição ou constituição de si. Em Ontopsicologia, o termo é utilizado em dois modos: 1) o fato em si (autopôr-se); 2) o processo de fazer-se (autoconstrução), ou seja, a autóctise histórica como processo psicológico. “O momento da autóctise histórica é a passagem criativa, é o momento alotrópico do Ser, o Em Si se faz ‘allos’”, o *noumenon* faz fenomenologia (MENEGETTI, 2012a, p. 34, *grifo do autor*).

supremo. Esse Eu *a priori* ou consciência ôntica é a estrutura originária que no devir da existência deve ser verificada e merecida na escolha” (MENEGETTI, 2003, p. 22).

Meneghetti (2010, p. 122) referindo-se ao Em Si ôntico sublinha: “[...] descobri que esse critério – o qual era observável, legível – tornava-se extrínseco, e que, seguindo as suas indicações, levava sempre a resultados precisos: saúde, bem-estar, realização”. Entretanto, qual foi a novidade, a inovação introduzida pela concepção ontopsicológica desse elemento *a priori*? Esse critério foi individuado (foi reconhecido), isolado (foi distinguido de todos os outros critérios que a vida tem em si mesma) e especificado (o que é, o que faz, como age, porque age).

Esse critério, ou projeto-base originário de natureza, denominado Em Si ôntico, ao fazer-se existência, apresenta-se através de adaptações categóricas. Essa é a primeira fenomenologia da identidade ôntica. Meneghetti (2004; 2010) descreve quinze características do Em Si ôntico que, verificadas em presença constante, são promotoras de saúde, maturidade e evolução existencial. Depois de anos de experimentação clínica, em 1981 Meneghetti começa a descrição sistemática do Em Si ôntico, explicando, em detalhes, todas as fases da construção teórica (CAROTENUTO, 2014a).

Inicialmente, verifica-se que o Em Si é dotado de autonomia autogenética. Ou seja, enquanto se investe, metaboliza outras coisas seguindo sempre sua identidade (MENEGETTI, 2004, p. 258-265): “Ele é *inseico*: usa sempre o critério de si mesmo, jamais sai de si, é sempre *intus* ao próprio uno”. É *holístico-dinâmico*: seu proceder é de contínuo autorreforço, move-se em centripetação expansiva. “Mesmo sendo completo, é expansivo: suas propagações intensificam-se em núcleo, daqui se alargam focalizando-se em reforço nucleico”. Age todo reunido com expansão centrípeta e é sem partes. É *utilitarista-funcional*: “seu critério ou ética é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional”. Uma coisa é boa, inerente a uma individuação, se a identifica, se exalta a sua função específica, se é tal à sua ação em identidade. O Em Si não quer o que é do outro, quer o que é seu, o que o identifica. O Em Si é *virtual*. “Virtualidade pressupõe não um programa fixo, mas a disponibilidade à amplitude de um projeto que, no início, é somente essencial e sua realização depende de outras causas (ambiente, histórica, tempo, etc.)”. Essas causas não alteram ou variam o Em Si, mas reforçam sua metabolização. É um projeto que tem capacidade formal, caso se atue³¹. É *econômico*-

³¹ Pierre Lévy faz uma relevante discussão acerca do conceito de virtual, fazendo recordar sua presença desde a Filosofia Antiga. Para o autor, não existe uma contraposição entre virtual e real, esta existe com o conceito de atual. Retoma a etimologia do termo, indicando que a palavra “virtual” deriva do latim medieval *virtualis*, o qual decorre de *virtus*, cujo significado é força, potência – força majorativa de si mesmo. Nessa perspectiva, é virtual o que existe em potência, não em ato. Exemplifica indicando que a árvore está virtualmente presente na semente

hierárquico: “intenciona com proporção qualquer impacto e intenção, assimilando o devir segundo a prioridade das próprias exigências”. É *vencedor*: “não impacta um novo real ou *gestalt* se já não lhe é próprio”. É *alegre*: “age por exercício de inteligência e move-se se garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação. O Em Si age contínua autóctise”. Uma vez que é alegre e vencedor, as dinâmicas do medo e da angústia não correspondem a uma informação ôntica. A *criatividade* é uma de suas características, na medida que, “cumprida uma *gestalt*, é sempre motivado a uma sucessiva, proporcionada, mas superior a precedente”. O Em Si ôntico é um projeto aberto no fazer a si mesmo ao infinito. “É *espiritual* ou *transcendente*, na medida que evade das categorias de espaço e tempo. É coparticipe da ordem de natureza, sendo assim um *agente no interior de um universo semântico*”. Esse princípio-base de natureza é também “*mediânico entre o ser e a existência histórica*”³². É *histórico*: “estrutura psicossomaticamente a própria virtualidade no devir existencial”. É *estético*: “a técnica específica de cada ação sua é para o prazer e a perfeição. No seu devir, o Em Si correlaciona suas partes para revelar uma proporção, que, além de ser funcional, é, sobretudo, metafísica”. “É *volitivo-intencional*: a sua unidade de ação é tensão à própria realização histórica”. Sua última característica é *santo*³³: “é sempre com e em direção ao Ser. É volição de identidade no mais ser”.

Segundo Meneghetti (2010, p. 166), “toda a práxis ontopsicológica consiste na individuação e na aplicação do Em Si”. O escopo fundamental é aquele de restabelecer o nexo entre o Eu e o Em Si ôntico (VIDOR, 2013). Assim, o ontoterapeuta tem como desafio dar novamente função à unidade de ação homem, partindo de sua radicalidade ôntica. Dessa forma, a psicoterapia de abordagem Ontopsicológica visa reencontrar a identidade original e presente no Em Si ôntico, propondo o exercício da metanoia³⁴ para a reorganização dos comportamentos do Eu.

(LÉVY, 1996). O conceito de virtualidade adquire destacada relevância no pensamento ontopsicológico e é especificado por Meneghetti (2012a, p. 216) como “forma específica que se pode extrair ou realizar de um contexto ou coisa. Capacidade de uma forma de psicossomatizar-se em diversos modos, sem variar a identidade de forma essencial”. O autor diferencia do conceito de potencial, enquanto a virtualidade implica uma potencialidade específica.

³² “Em Ontopsicologia, distinguem-se três modos de ser: *metafísico* ou Ser transcendente, ou Ser como Deus; *comum*, ou ser como participação universal de todas as coisas; *individual*, ou ser como participação de mim existente aqui e agora. O Em Si ôntico é o mediador dessas três realidades: com base no Ser transcendente, o Em Si ôntico tem a relação com o primeiro princípio; com base no ser comum, o Em Si ôntico tem a relação com o cosmo, com o universo, com a vida; com base no ser individual, o Em Si ôntico tem a relação com o homem como *ecceidade* histórica, pela qual assinala a própria não repetibilidade” (MENEGETTI, 2012a, p. 248).

³³ “Santo” nessa acepção deve ser entendido a partir da etimologia, cuja origem latina é “*se actum cum essere*”: fazer ou ser a si com o ser.

³⁴ Metanoia: μετανοέω. “Variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais” (MENEGETTI,

O processo de metanoia é fundamental para a relativização dos estereótipos da consciência e para o acesso à dinâmica do Em Si ôntico. Esse é o verdadeiro nó górdio em Ontopsicologia, uma vez que não se pode invadir a liberdade de escolha e impor uma mudança a alguém. Sem a mudança do piloto Eu, não se entende. Particularmente no que se refere ao ontoterapeuta, ele primeiro deve ter escolhido humildemente realizar esse processo de mudança. Para Meneghetti (2016b, p. 231) “quem decidir ser grande na arte da psicoterapia deve fazer uma drástica metanoia”.

2.1.2 O Monitor de Deflexão

A investigação ontopsicológica desenvolvida por Meneghetti constatou, também, a presença no humano de uma informação além daquela do Em Si ôntico, a qual subtrai a consciência desse princípio de natureza: “As condutas mentais e volitivas do homem, por tudo o que concerne à fenomenologia consciente, são fundadas e dirigidas por um feixe de estereótipos, cuja raiz última é o *monitor de deflexão*” (MENEGETTI, 2010, p. 20). No interior desse feixe de estereótipos, o homem torna-se incapaz de objetivar o sentido ou mundo-da-vida (cuja raiz individual é o Em Si ôntico). Esse monitor age interferindo nos processos perceptivos no córtex cerebral. As projeções do real na consciência são deformadas, e o organismo é reinformado segundo dados não próprios do organísmico³⁵ da situação. A consciência, privada da totalidade organísmica, executa o alieno à unidade de ação homem. Para compreendermos a ação desse monitor, é fundamental abordarmos dois elementos: a consciência e o processo perceptivo-cognitivo humano (MENEGETTI, 2005c).

A consciência é um monitor de reflexão. É um espelho através do qual os módulos da percepção se projetam holograficamente, instaurando o processo das imagens. Colhemos a ação por especularidade. Todo o processo de conhecimento humano dá-se por imagens, e a ação externa é determinada pela reflexão operada no nível da consciência. “Eu chamei a consciência de ‘monitor de reflexão’, porque dá a imagem correta. Em vez disso, defino ‘de deflexão’ aquele monitor que distorce a imagem do real” (MENEGETTI, 2006a, p. 64).

O processo perceptivo de conhecimento humano se dá em um contínuo de três tempos ou estágios: *exteroceptivo*, *proprioceptivo* e *egoceptivo*. Processualmente, no primeiro tempo,

2012a, p. 176). A ciência ontopsicológica, como pensamento humanista, resgata e posiciona, à luz de suas descobertas, essa concepção presente, no pensamento da humanidade desde os filósofos gregos.

³⁵ Por organísmico, entende-se: “Conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação”, o qual compreende o “contexto psicobiológico e espiritual” (MENEGETTI, 2005a, p. 202).

tem-se o conhecimento exteroceptivo, que se efetua através de tudo aquilo que é da esfera sensorial. Ou seja, é o mundo das percepções externas que tocam o corpo e funda-se na base dos cinco sentidos. Envolve tudo aquilo que é a aprendizagem do ambiente. Esse nível perceptivo “diz respeito a todas as formas de sensibilidade cutânea (tátil, térmica, dolorosa), orgânica (visão, audição, olfato, paladar) e visceral ou neurovegetativa. Refere-se a qualquer estimulação externa ou interna na primeira fase de contato e enquanto ainda permanece setorial” (MENEGETTI, 2010, p. 176).

O conhecimento *proprioceptivo* dá-se em um segundo estágio. Esse é o resultado de todos os impactos externo-sensoriais. É a percepção ou unificação específica, particular do ambiente em função da individuação. No estágio exteroceptivo, temos o conhecimento superficial distribuído nos diversos órgãos sensoriais; na proprioceptiva, esse conhecimento se centrípeta, se unifica; portanto, inicia, no nível de organismo, a responsabilização. O primeiro conhecimento é orgânico, o segundo é organísmico. As percepções exteroceptiva e proprioceptivas chegam exatas ao próprio organísmico (MENEGETTI, 2005d; 2006a; 2010).

A terceira fase é da percepção egoica ou conhecimento *egoceptivo*. A egocepção ocorre quando a informação investe o Eu; o quanto selecionado pelos dois estágios precedentes vem referido ao Eu consciente voluntário e operativo. É o ponto da tomada de decisão; decidir ou não decidir; fazer ou não fazer. A inserção da informação aliena, que não consente reversibilidade com o real, dá-se antes dessa fase. O monitor de deflexão se insere defletindo a informação em antecipação ao plano racional, ou seja, entre as duas primeiras fases de conhecimento e a egoceptividade.

Meneghetti (2012a, p. 180) conceitua que:

O monitor de deflexão é um programa acumulado no interior das células cerebrais que age com interferência especular, antecipando e defletindo a percepção egoceptiva sobre a base de uma imagem dominante impressa durante o momento de aprendizagem da vida: a infância. Sucessivamente, o monitor renova continuamente estas imagens, por meio dos sonhos, dos estereótipos, das instituições, da cultura selecionada.

A incapacidade de percepção global do próprio existir humano não consente a tomada de consciência em ato do próprio devir como projeto de inteligência da vida. De fato, a subtração da consciência do próprio Em Si é o primeiro efeito da inserção do monitor de deflexão no humano. Para isolar a ação do monitor de deflexão, é preciso, então, recuperar a exatidão da percepção organísmica (MENEGETTI, 2010; 2012a).

Meneghetti (2012a, p. 181-182) indica três efeitos da inserção do monitor de deflexão na psique humana. O primeiro efeito: “é a subtração de consciência do Em Si, pelo qual o homem devém inconsciente em si; mesmo”. O segundo “é a ocupação dos primeiros categóricos ou postulados do comportamento ético”. Com base nisso, “o homem hipostatiza os primeiros princípios sobre absolutos indemonstrados e, por consequência, fideísticos, portanto, o homem sofre a rejeição ao símbolo e a subtração do real noumênico”. Já o terceiro efeito “é a experiência do medo e da angústia”.

2.1.3 Campo Semântico

A evidência da existência de um mecanismo deformador das projeções do real na imagem, bem como a fundamental descoberta do Em Si ôntico foram possíveis devido a um achado científico preliminar de Meneghetti: o campo semântico. Segundo Vidor (2013, p. 51), Meneghetti constatou que:

[...] a cada nova pessoa que atendia, seu organismo registrava variações de novidades diversificadas. Intuitivamente, percebeu que o cliente transferia informações sutis e fugazes com sua presença. As informações eram similares a um vento que passa e provoca o aparecimento de algumas imagens ou ideia como vestígio, mas que se dissolvia imediatamente. Verificando tal fenômeno experimental, percebeu que a vida de uma pessoa transaciona informações à outra e que isso acontece de íntimo a íntimo.

Na medida que Meneghetti descrevia ao cliente a mensagem que ele, terapeuta, colhia, o cliente encontrava evidência que aquele verbalizado correspondia a uma realidade interna sua. Esse fato pode ser amplamente evidenciado quer seja por aqueles que com o autor tiveram a oportunidade de estar na condição de clientes, ou ainda nos inúmeros colóquios científicos conduzidos pelo cientista onde eram realizadas entrevistas abertas³⁶.

Como assinalado, Meneghetti buscava, no plano da psicologia, a verificação clínica que fornecesse a evidência do resultado empírico: era preciso definir a metodologia clínica e, paralelamente, formalizar os aspectos teóricos. A experimentação clínica conduzida por alguém com o *background* de Meneghetti (2015c) foi terreno fértil para isso. A descoberta do campo

³⁶ Uma das características do trabalho de Meneghetti era o cunho pedagógico experimental. Quer seja nos eventos científicos como Congressos e Summer, quer naqueles de escopo formativo como os Residences, ele contemporaneamente evidenciava o dado clínico, posicionava o mesmo no construto científico ontopsicológico, apontava a diretividade resolutória e descrevia o percurso da intervenção, a fim de que a audiência compreendesse analiticamente. Nesse contexto, as entrevistas abertas eram uma estratégia metodológica fundamental e constantemente utilizada. Geralmente, a partir de participantes voluntários, Meneghetti fazia a intervenção *in vivo*.

semântico – primeira em ordem cronológica, ainda que o Em Si ôntico seja referido como a principal – nasce justamente no contexto da relação terapêutica.

Definido como a “comunicação base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2012a, p. 41), o campo semântico é a informação que pode ser evidenciada tão logo se determinem duas realidades próximas entre si. Isso acontece independente da vontade consciente, porque é a própria natureza que formula a reciprocidade de relação. Entende-se como um conhecimento imediato, que procede por inteiro e por introspecção orgânica de uma ação formal ou gestáltica à outra: é autoevidente e subjetivo. Sucessivamente, é redutível ao estado reflexo, ou seja, é documentável de modo objetivo em sentido racional ou científico.

As discussões sobre a existência de uma energia ou informação presente no universo e influenciadora das formas de vida está fortemente presente no campo das ciências, em especial da Física. Na contemporaneidade, podemos destacar nomes como Sheldrake com o conceito de campo morfogenético e Bearden com a definição de hipercampo virtual. Em Biologia, Lipton traz essa discussão ao abordar a consciência celular. Anterior a tais definições, Willian Crookes fala em “força psíquica”, Reich faz referência à energia orgônica.

O conceito de campo semântico, em Ontopsicologia, não deve ser confundido com a acepção usada para campo semântico em contexto linguístico ou semiótico. Para a Ontopsicologia:

é a informação base que acontece antes de todos os sentidos, antes de todas as emoções, antes da consciência, em antecipação a qualquer símbolo. Campo é um contexto hipotético, definido por três coordenadas: espaço, tempo e individuação (ou específica unidade de ação). É uma especificação de zona onde se dá uma interação entre duas ou mais pessoas. Este se modifica ao variar da relação. Semântico = signo da ação naquele lugar; o signo enquanto se constitui. Significa: significância. Faz signo, especifica ação e se presencia. A energia se move segundo uma direção exata: escopo ao intrínseco objeto. Por semântico, entendemos a virtualidade, a capacidade de pôr em ato efeitos segundo a informação exclusiva da intencionante vetorial, isto é, ato com efeito segundo o primeiro significante. (MENEGETTI, 2012a, p. 43)

Toda direção de movimento é um campo semântico. Trata-se então de uma variável da atividade psíquica e configura-se como o projeto momentâneo da energia em si. Ele transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente. Ou seja, não se refere a uma transferência de energia, posto que é o receptor que investe energeticamente segundo a informação recebida; ele é um transdutor informático. Essa energia se formalizará em imagens. Ao falarmos em campo semântico, devemos ter sempre em mente, ao menos, um agente informante e um receptor.

Existem diversas modalidades de campos semânticos; entretanto, a pesquisa ontopsicológica sublinha três modos: 1) biológico, ou emocional; 2) psicológico, ou informativo; e 3) intelectual. Carotenuto (2014b) esclarece que o primeiro é a forma elementar de conhecimento e diz respeito a todo o arco reflexo. O segundo refere-se às intencionalidades típicas da mente. O campo semântico intelectual é a capacidade de conhecimento sem variação emotiva e que atua a qualquer distância. O primeiro modo pode ser exemplificado com a “água na boca” experimentada pela presença de um alimento particular; o segundo, pelo espectro das nossas imagens mentais em pensamento, sonhos, memórias. O intelectual compreende o campo das nossas percepções extra-sensoriais.

A leitura dos campos semânticos é possível com a recuperação da própria percepção organísmica, ou seja, de tudo aquilo que é propriocepção. Dessa forma, implica um longo processo formativo por parte do ontoterapeuta.

Para entender o campo semântico, é necessário que o homem seja exato, isto é, autêntico, uma vez que, se quisermos revelar ciência exata, é preciso verificar que os instrumentos estejam exatos³⁷. Esse é o motivo pelo qual, segundo a Escola Ontopsicológica, não se pode compreender a alta psicologia se antes o pesquisador, o cientista, não é autêntico, ou seja, não fez consultoria de autenticação. (MENEGETTI, 2016a, p. 54)

A recuperação da integridade da percepção organísmica é critério fundamental ao ser ou não ser ontoterapeuta. Falar de autoconhecimento do próprio técnico significa, também, a recuperação da integralidade dos processos perceptivos, uma vez que é a partir desta que o terapeuta poderá distinguir as diversas intencionalidades presentes no cliente e discriminar aquela do Em Si, daquela do monitor de deflexão e da estrutura do complexo que determina a constante de erro do sujeito frente aos confrontos de sua vida. Essa “recuperação” implica no próprio processo de autenticação do terapeuta operado, principalmente pelo seu percurso de revisão da própria consciência realizado por meio da psicoterapia e da supervisão.

Os tipos de campos semânticos assinalados pelo conhecimento ontopsicológico são:

³⁷ Meneghetti discute amplamente em seus textos a questão da exatidão do pesquisador e qual é o entendimento e relevância que a Ontopsicologia confere a esse construto. Ou seja, discute a subjetividade como instrumento de indagação e de conhecimento. O autor sugere a leitura dos textos: *La psicoterapia come scienza* (In: MENEGETTI, Antonio. *Io odio il transfert*. Roma: Ontopsicologica Editrice, 1982); *O valor intrínseco da moral* (In: MENEGETTI, Antonio. *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004); *Exatidão do pesquisador para o exercício científico* (In: MENEGETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010).

- 1) *Campo semântico direto*: O campo semântico conhecimento sensório-visceral. É uma informação que se estrutura no corpo como mediadora de uma intenção real. Para compreender a realidade dos campos semânticos devemos ter em mente sempre a presença de um emitente informante e de um (ou mais) receptor executor. No campo semântico direto verifica-se uma informação que se constitui no interior do receptor como motivação dominante, momentânea ou constante. No receptor executor, a ação-impulso sofrida, oriunda do emitente informante, é percebida e executada como motivação própria ou egoica. O receptor executa o outro. Ou seja, o passivo identifica, psicorganicamente, motivações precisas de um outro (emitente informante).
- 2) *Campo semântico em terceiro*: Pode-se ter um campo semântico com a mediação de um terceiro. Neste caso, o emitente informante, insere no receptor mediador um sinal, cujo destino é um receptor executor. Quando o mediador entrar em contato com o receptor executor, este último executará segundo o emitente informante. Se o mediador não encontrar o receptor executor, manterá o sinal do emitente dentro de si, mas não fará nada.
- 3) *Campo semântico em efeito trigger*: Entende-se uma informação com efeito póstumo. “O efeito de um campo semântico pode revelar-se imediatamente, segundo os comportamentos do arco reflexo nervoso, ou revelar-se sucessivamente após horas, dias ou meses: efeito *trigger*” (MENEGETTI, 2010, p. 198).
- 4) *Campo semântico em efeito-rede*: estabelece-se um circuito dinâmico de programação em cadeia, por meio de indivíduos que são um momento dessa rede segundo a própria seleção temática complexual (matriz reflexa e estereótipos).

O efeito de um campo-rede tem programações universais: de um pequeno núcleo como uma família pode estender-se às instituições, aos partidos políticos, aos Estados, e invadir coletividades inteiras (guerras civis, massacres raciais, distúrbios sociais). (MENEGETTI, 2010, p. 200)

2.2 Estrutura científica da Ontopsicologia

Tendo como pano de fundo essas três descobertas, o percurso teórico e prático de Meneghetti consente a formulação de bases sólidas para o estabelecimento de uma nova abordagem ao estudo do homem, a Ontopsicologia. Irá conceituá-la como o “estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser; estudar

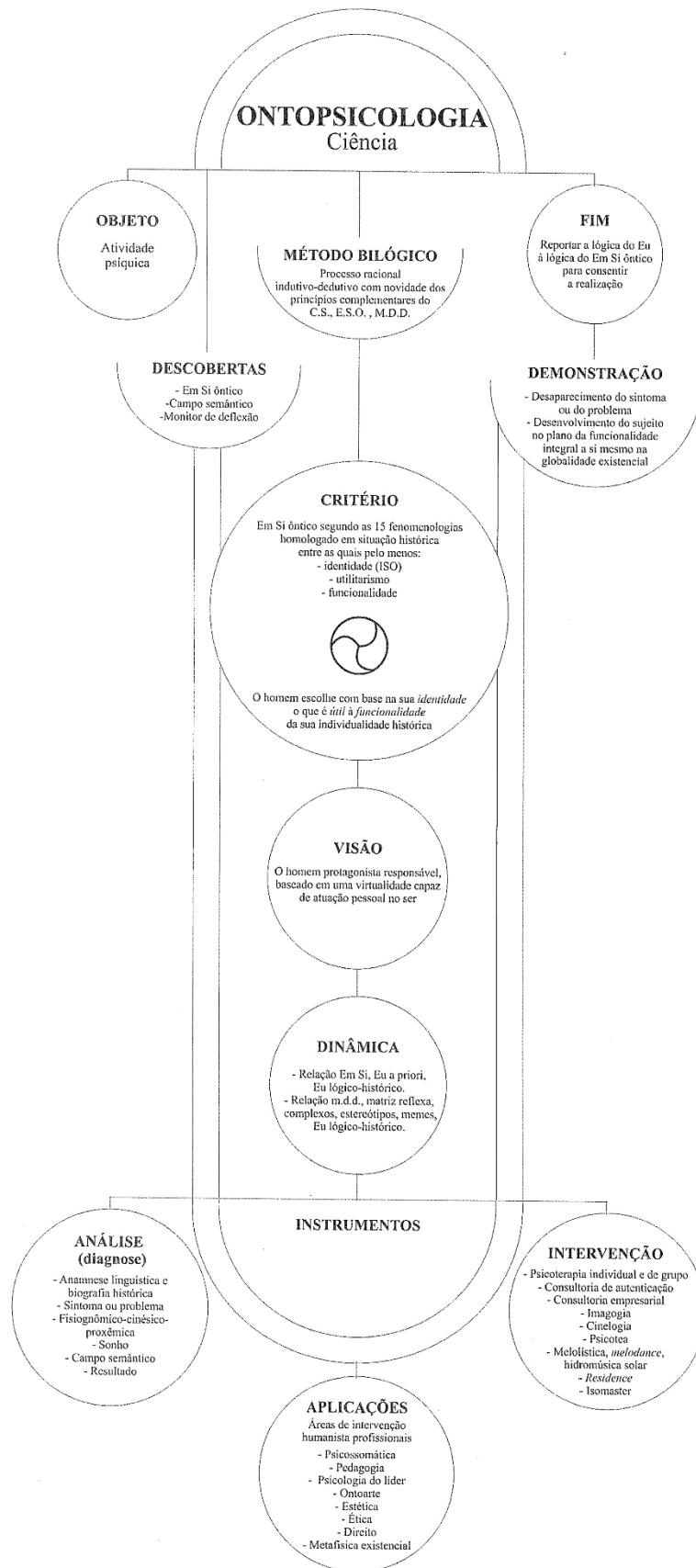
Psicologia segundo coordenadas do real, ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser” (MENEGETTI, 2012a, p. 197). O longo período de experimentação inicialmente clínica e posteriormente pelos diversos campos de atuação do humano – Filosofia, Arte, Economia, Direito, Pedagogia, Política, dentre outros – permitiu a criação de um novo *thesaurus*, como assinalou Krylov (2001), capaz de integrar os conhecimentos psicológicos, bem como integrar o saber psicológico aos conhecimentos de outras ciências.

Meneghetti (2010, p. 130), aproximadamente 30 anos após o seu início de experimentação científica, ao posicionar a Ontopsicologia como uma “abertura de um modelo alternativo ao proceder científico que hoje está presente no mundo”, propõe uma estrutura científica para esta. Essa estrutura, como se pode verificar a seguir, consente sintetizar ideograficamente o amplo espectro conceitual e interventivo ontopsicológico.

Particularmente, o ontoterapeuta deve ter claro essa *forma mentis* ontopsicológica formulada na estrutura científica, mesmo que na sua atuação profissional não venha a trabalhar com todos os elementos presentes nesta. Poder-se-á verificar a seguir a complexidade da estrutura científica Ontopsicológica. Esta estrutura foi apresentada em 2002 na XV Summer University of Ontopsychology. Para explicar a proposta de uma estrutura científica, Meneghetti faz uma analogia com a ideografia da autoevolução de uma semente como um projeto organizado, com uma identidade natural própria, que se fenomeniza de acordo com o ecossistema circunstante. A mesma identidade se expõe de um modo no subsolo e de outro fora dele. Mas são sempre fenomenologias de uma mesma identidade. Da mesma forma, a Ontopsicologia, a partir de uma identidade cujo fulcro é o Em Si ôntico, adaptou-se segundo os parâmetros científicos e culturais disponíveis no conhecimento humano.

Na sua formação e atuação profissional, o psicoterapeuta de orientação ontopsicológica, justamente pela amplitude de aplicações deste conhecimento explicitada na sua estrutura científica, gradualmente deve dedicar-se àquela parte que mais encontra identificação e nela se qualificar, sob pena de não encontrar a própria excelência. A esse respeito, pode-se fazer analogia com o que sublinha Buonanno (2008, p. 29) em texto intitulado “A fabricação da Ontopsicologia”. Nele, o autor inaugura sua reflexão da seguinte forma: “Um autêntico professor de Ontopsicologia deveria limitar-se a ensinar aquela parte da ciência ontopsicológica que ‘fabricou’ com caminho e experiência pessoal, e que já reconhece como evidente”. Entende-se, aqui, que a mesma consideração feita ao professor vale para o ontoterapeuta.

Figura 1 – Ideografia da Estrutura Científica da Ontopsicologia



Fonte: Meneghetti (2010, p. 29).

Inicialmente, a referida estrutura apresenta a visão, o objeto, o método e o fim da Ontopsicologia. A Ontopsicologia tem, antes de tudo, uma visão de homem, na qual esse é “*protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser*” (MENEGETTI, 2010, p. 130, *grifo do autor*). Responsabilidade é a capacidade de responder. Essa visão posiciona o homem como protagonista. Depois, o homem é dotado de uma virtualidade, um potencial em prospectiva, dotado de elementos físicos e ônticos para fazer-se pessoa no ser.

Seu objeto é a atividade psíquica inerente à fenomenologia humana. Ou seja, estuda a experiência psicológica humana. A atividade psíquica é como a “ação base das modalidades do pensamento e da motivação do existir homem, até a exteriorização somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido)”. A atividade psíquica, pelo quanto possa fenomenizar-se em múltiplos aspectos, é sempre um intencionante invisível cuja radicalidade é o Em Si ôntico. Nessa perspectiva, ela é “o primeiro e fundamental mover-se do homem que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência”. A atividade psíquica revela-se nos seus efeitos uma vez que é transcendente e invisível³⁸ (MENEGETTI, 2012a, p. 29).

A atividade psíquica como intencionalidade é uma potência formalizante. Ou seja, projeta a si mesma por meio de imagens. Esse elemento é fundamental no construto ontopsicológico e para o trabalho do ontoterapeuta. Ou seja, para aquele que deseja buscar formar-se como ontoterapeuta, deve desenvolver uma racionalidade sobre o processo imagógico humano. Deve ter claro que o proceder humano dá-se, prioritariamente, por meio de um elaborado de imagens. Como assinala Meneghetti (2010, p. 131), “A imagem é prioritária a partir do momento em que se dá a existência”. Afrontar a atividade psíquica com objeto de estudo implica a atenção a um informal que forma cada sucessivo.

O método proposto pela Ontopsicologia possui um proceder bilógico, definido “processo racional indutivo-dedutivo, com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 132). Para além da lógica indutiva e dedutiva utilizada pelo percurso racional humano desde sempre como observado por Aristóteles, o percurso ontopsicológico propõe a integração das três descobertas

³⁸ Para a compreensão deste intencionante invisível e transcendente, Meneghetti propõe uma analogia com o vento, uma das forças da natureza que agem ainda que não sejam vistas. O vento – que pode ser uma leve brisa ou uma devastadora tempestade – constatamos apenas na sua efetualidade. Ele intenciona sempre em uma direção, mas nem sempre conseguimos entender para onde vai.

fundamentais desta abordagem. Tais novidades científicas são epistemes complementares que consentem a ampliação da capacidade consciente humana.

O termo bilógico possui dois significados no método ontopsicológico (MENEGHETTI, 2010):

- a) *Método indutivo-dedutivo*: na indução, a partir de premissas particulares chega-se a uma lei ou generalização, na medida em que amplia o conteúdo das premissas – enquanto generalizante – é gerador de conhecimento; portanto, é capacidade de inteligência. A indução também pode valer-se de premissas intuitivas. No método dedutivo, corresponde às leis do silogismo: parte-se de premissas demonstradas e, caso se encontre um fenômeno igual àqueles precedentemente estudados, deduz-se que ele responda às mesmas leis. A dedução move-se do universal ao particular;
- b) *Lógica “científica” e lógica “paranormal”*: a lógica científica compreende tudo aquilo que é o manancial de conhecimento construído e acreditado institucionalmente por uma academia, universidade, cultura, etc. Por sua vez, a lógica “paranormal” refere-se àqueles conhecimentos que a ciência tradicional não reconhece, mas que possuem valor como produção da consciência humana.

Meneghetti (2010, p. 132), sublinha que: “a Ontopsicologia parte do princípio que para compreender o homem é preciso usar todo o homem. O método ontopsicológico é constante indução bilógica com verificação da funcionalidade subjetiva”.

O técnico, no seu percurso de análise, parte da intuição conduzida por meio das seis linguagens diagnósticas propostas pela Ontopsicologia³⁹. Através delas faz a diagnose. Na medida que tem a intuição da situação do cliente, procede um percurso indutivo, fazendo algumas verificações. O terceiro movimento metodológico é dedutivo, quando demonstra fenomenicamente as causas ao sujeito.

A efetiva compreensão e adequada utilização dessa metódica, segundo Meneghetti (2010, p 134), implica a presença de três aspectos no operador:

- a) bagagem de conhecimentos sobre a teoria ontopsicológica; b) autenticidade da pessoa (o operador deve ser exato, portanto, deve fazer metanoia, e isso significa distanciar-se da fixidez dos estereótipos sociais, não ser mais ator do sistema); c) conhecimento do campo semântico.

³⁹ Anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, fisionômica-cinésico-proxêmica, sonho, campo semântico, resultado.

Nessa perspectiva, a finalidade da Ontopsicologia é “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização” (MENEGETTI, 2010, p. 135). É uma metodologia para autenticar e desenvolver o homem criativo a partir de seu princípio fundante: o Em Si ôntico. Retorna o escopo de estabelecer o nexos entre o eu lógico-histórico e o Em Si ôntico.

Necessário sublinhar que todos os instrumentos e aplicações da Ontopsicologia, nos diferentes contextos e com as devidas especificidades, devem orientar-se e convergir para esses quatro elementos. Ou seja, atentarem-se para esse objeto, pesquisarem por meio deste método⁴⁰, buscarem este fim, norteados pela visão.

A estrutura científica da Ontopsicologia segue apresentando as *descobertas*; o *critério* científico que norteia a abordagem e as *demonstrações*. A inovação da abordagem Ontopsicológica, sem dúvida, é garantida pelas suas três descobertas⁴¹: Em Si ôntico, Monitor de Deflexão e Campo Semântico. A Ontopsicologia funda nestas suas práxis e teoria. Tais descobertas, já apresentadas e discutidas neste trabalho, consentem um novo *episteme* de compreensão do humano. Assim, não se restringem apenas a ferramentas conceituais aplicadas a um conhecimento específico como, por exemplo, o psicológico. Quando em seus textos Meneghetti posiciona a Ontopsicologia como conhecimento epistêmico, entende que, com essas descobertas, pode-se proceder em qualquer setor da pesquisa e do conhecimento humano. Em síntese: o Em Si ôntico (essência virtual e formal) é a radicalidade da atividade psíquica, o projeto de natureza que constitui o ser humano; o Monitor de Deflexão (distorção) é o mecanismo que interfere na exatidão dos processos cognoscitivos e voluntários, determinando toda a fenomenologia regressiva humana; o Campo Semântico (transferência) é a comunicação-base dos comportamentos energéticos das individuações (MENEGETTI, 2006a).

O critério é o Em Si ôntico, segundo as suas 15 fenomenologias ou características verificadas em situação histórica. A Ontopsicologia assume a tarefa de “elucidar as intencionalidades imprópria da atividade psíquica original e corrigir os desvios da consciência” (VIDOR, 2018, p. 15). A base para identificar tais informações é a percepção dos campos semânticos. Dessa forma, é fundamental ao ontoterapeuta, no seu percurso formativo, aprender a colher com exatidão essa informação base da vida. A verificação feita por meio do processo de diagnose, que tem por instrumento, dentre outros, o campo semântico, o qual se baseia no

⁴⁰ O termo “método”, etimologicamente, deriva de: μετά (*metá*) = para além, ir além, ir em busca de uma meta. Faz-se necessário estabelecer a meta a ser atingida, o esclarecimento a ser dado. E ὁδός (*odós*) = o caminho. Qual é o caminho que o pesquisador vai usar, que meios empregar para conseguir atingir a meta, o objetivo desejado (VIDOR, 2013).

⁴¹ Interessante é a assertiva que sustenta a descoberta científica como ἀλήθεια (*Alétheia*); não oculto; desvelamento em contraposição a δόξα (*Doxa*); opinião, senso comum. Uma “descoberta” então não seria outra coisa que a diminuição do limiar de ignorância da consciência humana acerca do munda-da-vida.

confronto entre as intencionalidades do Em Si ôntico do cliente e sua lógica de comportamento. Mesmo os complexos mecanismos de defesa são analisados à luz do Em Si ôntico. A conformidade entre a semântica emanada pelo Em Si – verificada a partir da presença das 15 características já apresentadas neste trabalho, das quais devem estar presentes, ao menos, a identidade e o utilitarismo funcional – e o posicionar-se histórico do sujeito relevado por meio das suas modalidades de escolha, conferem a funcionalidade ou não do cliente frente aos seus confrontos existenciais.

Cabe salientar que o conceito de intencionalidade, como já explicitado, é fundamental ao edifício teórico ontopsicológico. Intencionalidade é “o vetor, ou direção, ou forma no interior da ação; é como a ação se interioriza em um estado e o transforma. É uma novidade que entra e formaliza um quântico para um escopo específico” (MENEGETTI, 2012a, p. 145). Na investigação da experiência psicológica humana, o ontoterapeuta deve atentar para as seis intencionalidades verificadas pela Ontopsicologia:

- a) *Intencionalidade ôntica (ou do Ser)*: é onde o Ser se intenciona. Pode-se experimentá-la apenas por meio da exclusiva mediação do Em Si no seu ato primeiro de ser ou não ser;
- b) *Intencionalidade de natureza*: o modo no qual se especifica a intencionalidade na existência aqui e agora; a forma que especifica, tipifica, individua e define os modos de acontecimento daquele existente. A intencionalidade de natureza do ser humano é a constante H. A lei preexistente no interior do nosso psico-orgânico: é uma predisposição química, biológica, formal; a inexorável ordem apriorica e categórica de qualquer ser humano;
- c) *Intencionalidade do Eu (Eu lógico-histórico)*: é a decisionalidade consciente com a qual se formam os atos de vontade. A coincidência entre intencionalidade de natureza e intencionalidade do Eu lógico-histórico dá o nascimento do Eu;
- d) *Intencionalidade do complexo*: é a intencionalidade baseada sobre a matriz reflexa, da qual o complexo é a estrutura resultante;
- e) *Intencionalidade sócio-ambiental*: é a coação dos outros consorciados em muitos, distintos e opostos ao indivíduo;
- f) *Intencionalidade personológica*: é a intencionalidade do homem superior que, satisfeita a intencionalidade de natureza e absolvidos os deveres de maturidade, está em condições de fazer-se correspondência ôntica. (MENEGETTI, 2012a, p. 145)

O gênio individual é sempre o Em Si, porém, ainda que seja a identidade de natureza, está condicionado ao Eu lógico-histórico como ente mediador da inseidade ôntica em situação histórica. Quando o homem escolhe, em base, a sua identidade, aquilo que é útil para a funcionalidade da sua individuação histórica verifica-se sanidade e evolução criativa. O Em Si ôntico inicialmente é critério de sanidade, posteriormente confere devir criativo (ACCORSI; BASSANI; LIMA, 2018). O ontoterapeuta como técnico do nexos ontológico atua no processo

de verificação do Eu. Auxilia o cliente a romper com a monocultura diádica e a reelaborar seus modelos de comportamento a partir da intencionalidade da sua identidade de natureza⁴².

O que diferencia da autoridade de pesquisa a Escola Ontopsicológica é “ter individuado (foi reconhecido), isolado (foi distinguido de todos os outros critérios que a vida tem em si mesma), e especificado (o que é, o que faz, como age, por que age) esse critério” (MENEGETTI, 2010, p. 166). Assim, o critério adotado pela Ontopsicologia é o critério de natureza, ou Em Si ôntico, cuja primeira fenomenologia é o critério organísmico⁴³.

Objetivamente, a abordagem ontopsicológica demonstra-se na práxis o resultado por meio da sanidade funcional e da realização. A demonstração é outro elemento da estrutura científica da Ontopsicologia. O método ontopsicológico bem aplicado resulta em: “1) desaparecimento do sintoma ou problema; 2) desenvolvimento do sujeito no plano da funcionalidade integral a si mesmo sobre a globalidade existencial” (MENEGETTI, 2010, p. 137). O conceito de “integralidade” é relevante em Ontopsicologia. Entende-se que o processo de desenvolvimento pessoal implica todos os valores do holístico humano (dinheiro, saúde, evolução intelectual, espiritual, responsável, societária, etc.).

A Ontopsicologia identifica duas dinâmicas operativas na realidade humana: uma prevista pela lógica da natureza, da vida, e outra produzida ao efeito desorganizador do monitor de deflexão na psique humana. Segundo Meneghetti (2010, p. 139):

a) Saúde para a criatividade: é o resultado da dinâmica baseada na relação entre Em Si, Eu a priori⁴⁴ e Eu lógico-histórico. O Eu tem a tarefa da conservação em evolução, deve constantemente autopôr-se (autóctise histórica), definindo o lugar, o tempo e o modo. Da responsabilidade do Eu depende o ser ou não-ser histórico do Em Si. b) Esquizofrenia existencial: é o resultado da dinâmica baseada na relação entre monitor

⁴² Em conferência realizada no Brasil em abril de 1993, Meneghetti contrapõe a monocultura diádica à pluricultura panista. O autor esclarece: “Monocultura é um conceito simples, é um modo fixo, um modo de pensar sempre único. Quer dizer que cada um de vocês é uma monocultura. Deste conceito compreendemos que trazemos em nós uma grande vida, inconscientemente nós trazemos a vida “panista”, porém pensamos por monocultura. Portanto, isso já faz esquizofrenia existencial, significa que eu existo, porém não sou a verdadeira vida. [...] Cada um de nós, de fato, provém da vida, porém se formou do modo como um outro ser humano nos formou. Cada um de nós não pensa como é em si mesmo, mas como uma outra pessoa o ensinou a pensar, o impôs, o regulou” (MENEGETTI, 1994, p. 37).

⁴³ Por critério organísmico, entende-se “vetor da emocionalidade com ausência de interferências cerebrais, ideológicas” (MENEGETTI, 2012a, p. 75). O ontoterapeuta na construção da sua profissionalidade deve recuperar esse critério de percepção global de si e, por decorrência, do outro. Sendo o critério organísmico a primeira fenomenologia do Em Si, ele é vetor de sanidade e evolução.

⁴⁴ Eu a priori: é a primeira reflexão – portanto é imagem – do Em Si e indica o ótimo da ação naquele momento. É o Eu de antes. “É a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico, portanto, é a configuração da solução ótima do indivíduo em ambiente, aqui e agora. É a reflexão da ação do Em Si organísmico em situação histórica e define a ética ótima da ação. [...] É o modo que especifica a intencionalidade ôntica no lugar” (MENEGETTI, 2012a, p. 108-109).

de deflexão, matriz reflexa⁴⁵, complexos⁴⁶, estereótipos, memes⁴⁷, Eu lógico-histórico. De fato, a “saúde para a criatividade” não acontece: o homem experimenta-se em perda, em patologia, em impossibilidade de obter o inteiro do seu existir. A experiência constante do homem é a frustração. A frustração determina-se a partir de uma desproporção entre fornecimento de energia e retorno em perda.

A evidência aponta para uma realidade humana muitas vezes pautada pelo sofrimento e angústia. Entretanto, esse humano é copartícipe da ordem da natureza a qual põe seus frutos com ordem e sanidade. A tarefa da psicoterapia e, em especial, da Ontoterapia é favorecer a realização criativa desse princípio de natureza ínsito no homem: autenticar um Eu a fim de que seja capaz de mediar esse princípio na História. O método ontopsicológico busca elucidar ao Eu onde ele ficou fixado e hoje opera um não Eu. Opera como um Eu não autêntico, não autônomo, mas uma projeção na atualidade de modalidade de respostas sociais que a sedimentaram e, hoje, não consentem a realização integral do potencial natural na história (VIDOR, 2014).

A estrutura científica apresenta ainda os instrumentos de análise (diagnose) e de intervenção da Ontopsicologia. Os instrumentos de análise são: anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, análise fisiognômica-cinésico-proxêmica, análise do sonho, análise do campo semântico e resultado. Ao discutir mais detidamente a clínica ontopsicológica, dado sua relevância, tais instrumentos são detalhados.

Quanto aos instrumentos de intervenção tem-se: psicoterapia individual e de grupo, consultoria de autenticação, consultoria empresarial, imagogia, cinelogia, psicotea, melolística,

⁴⁵ Matriz reflexa: “Situação-ocasião que o monitor de deflexão assume como própria cena primária para constelar a emotividade do sujeito. A matriz determina o estilo da diáde. Ela se homologa sobre: 1) a tipologia de cultura da família; 2) o estereótipo prevalecente da moral familística. *A matriz faz a introdução, a especificação e a estabilização do estereótipo-base*” (MENEGETTI, 2012a, p 161, *grifo do autor*).

⁴⁶ Em Ontopsicologia, por complexo, entende-se: “Fixação somatopsíquica de energia, autônoma do Eu consciente e agente em antecipação à atividade lógica deste. Qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do Eu. O Eu se forma após o complexo; portanto, o complexo antecipa o nascimento e a formação da estrutura do Eu” (MENEGETTI, 2012a, p. 57). Fundamental destacar que, sendo o complexo energia autônoma ao Eu lógico-histórico, a sua prevalência significa não autonomia para este mesmo Eu. Ou seja, o complexo opera em função de si mesmo. Por sua vez, o Eu lógico histórico objetificado pelo complexo, estabelece uma antagônia a próprio Em Si ôntico.

⁴⁷ Os estudos sobre a memética no contexto ontopsicológico, embora já abordados na década de 1980, quando Meneghetti distingue informação ôntica de informação memética, ganham especial relevo a partir do XVI Congresso Internacional de Ontopsicologia, intitulado “Ontopsicologia e Memética”, realizado em 2002 em Milão, cujos atos foram publicados em: MENEGETTI, Antonio *et al.* **Ontopsicologia e memética**. Roma: Psicologica Editrice, 2003. O termo “meme” foi cunhado em 1976 por Richard Dawkins a partir da sua obra “O gene egoísta”. Tornou-se um importante campo de estudo cujos principais expoentes são o próprio Dawkins, Richard Brodie e Susan Blackmore. Meme “é uma ideia que, uma vez colocada em um cérebro que a hospede, influencia os eventos de modo tal a criar outras cópias de si mesma, que irão se instalar em outras mentes. [...] É um especular formal que se aloja em um organismo capaz de refleti-lo; a ele se dá a raiz de um programa e ele o reflete múltiplo ao infinito” (MENEGETTI, 2010, p. 69, *grifo do autor*).

melodance, hidromúsica solar, *residence* e ISOMaster. Meneghetti dedica bibliografia específica para cada um destes instrumentos.

Vidor (2018, p. 17), ao apresentar didaticamente a Ontopsicologia visando à formação nesta abordagem, confere interessante destaque a alguns instrumentos de intervenção:

A Ontopsicologia propõe vários instrumentos para autenticar o Eu consciente, entre os quais pode-se usar em sequência, os seguintes: 1. O Diálogo da Entrevista Individual: para provocar a introspecção; 2. A Dinâmica de Grupo: para autenticar no social; 3. A Imagogia Terapêutica e Solar: para resgatar a autonomia na condução da existência; 4. A Psicotea ou teatro de projeções inconscientes: para esclarecer complexos; 5. A Cinelogia: para elucidar as reações dos expectadores diante das imagens; 6. O Residence como recurso psicossocial e ambiental: para verificar a eficiência do desenvolvimento; 7. A Hidromúsica Solar: para entrar no holístico da natureza; 8. A Melolística e a Melodance: para revitalizar o individual e o coletivo.

O autor esclarece ainda que a psicoterapia individual em Ontopsicologia é o ponto de partida, uma vez que é ocasião para provocar e exercitar a introspecção da consciência e, gradualmente, sensibilizar o cliente à percepção das diversas linguagens do orgânico. Vidor (2018, p. 18) sublinha ainda que:

o ontoterapeuta, para exercer esse trabalho, deve ter passado por um tirocínio de autenticação e revisão contínua. O diálogo introspectivo só é possível a indivíduos que aceitem colocar em revisão o próprio Eu consciente para ampliar a própria intuição.

Último elemento da Estrutura Científica são as áreas humanistas-profissionais de aplicação ontopsicológica. As áreas são: Psicossomática, Pedagogia, Psicologia do Líder, OntoArte, Estética, Ética, Direito e Metafísica Existencial. Da mesma forma que fez com os instrumentos de intervenção, Meneghetti dedica obras específicas para cada área de aplicação.

2.3 Exatidão do pesquisador para o exercício científico

A problemática da capacidade de exatidão da consciência reflexiva do operador de ciência é central na abordagem ontopsicológica. O desenvolvimento pessoal, o autoconhecimento são *conditio sine qua non* para a efetividade da metodologia e mesmo para a compreensão da proposta desta abordagem. Tal qual assinalado por Vidor no excerto destacado anteriormente, Meneghetti (2010, p. 143) sublinha que “É principalmente o cientista que deve afrontar a capacidade de ser exato, através da consultoria de autenticação”. A capacidade, por exemplo, de colher os campos semânticos e, portanto, as intencionalidades do

cliente, requerem a recuperação da percepção organísmica, uma vez que para compreender o homem é preciso usar todo o homem. Entretanto, quais critérios externos para verificar a exatidão do pesquisador? Meneghetti (2010, p. 143-144, *grifo do autor*), apresenta cinco critérios para a subjetividade. São eles:

- 1) *Funcionalidade*: a unidade de ação se autorregenera enquanto se desenvolve historicamente. O sujeito está bem, é correspondente a si mesmo, circular e contínuo, funciona em crescimento.
- 2) *Correspondência com o iso de natureza*: quando verificamos essa funcionalidade, ela se revela igual à natureza, o homem compreende a linguagem das coisas e da diferenciação. É familiar com o íntimo da natureza, tornou-se consciência com o iso de natureza, do qual o campo semântico é a expressão fenomênica “primeira”. A sua consciência é uniforme à intencionalidade de natureza.
- 3) *Univocidade entre as percepções do sujeito*: que o sujeito perceba com os pés, com os olhos, com as orelhas, com a sensação, através da anamnese, ou através da linguagem onírica, o resultado é o mesmo; esse homem atinge o idêntico resultado com qualquer sentido de si mesmo que use. Qualquer modo específico que ele adote para conhecer, o resultado de cada parte singular, através da qual conhece, é o mesmo.
- 4) *Controle sobre o objetivo*: este homem, pelo conhecimento que tem, tão logo se encontre diante de uma novidade problemática (o problema é estímulo de inteligência, dá o starter à dialética do devir criativo), muda a realidade em vantagem própria. Não a sofre: controla e facilita para si e para o contexto em que se encontra.
- 5) *Desaparecimento do sintoma*: não somente o sujeito é isento de distorção somática ou neurótica, mas desaparece também o erro em chave de racionalidade psíquica.

3 ONTOTERAPIA: CONCEITO, FUNDAMENTOS E PROCESSO

Na elaboração lógica do presente trabalho, tem-se buscado colocar em relevo aspectos significativos ao objetivo aqui proposto de caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti. Para tanto, foi realizado um movimento inicial de apresentar as bases do percurso histórico fundante da Ontopsicologia, partindo da trajetória de seu iniciador e principal expoente. O resgate evidencia a robustez de uma longa construção científica que parte de uma formação acadêmica diferenciada, passando pelo ensino universitário e encontrando no momento da clínica uma privilegiada sede de experimentação e verificação de significativas intuições sobre o humano. Esse movimento inicial deixa claro que a Ontopsicologia, como conhecimento ontológico, sem dúvida, não se circunscreve apenas à sua aplicação clínica, nem deve ser limitada apenas à uma abordagem psicoterápica (WAZLAWICK, 2015). Entretanto, a experimentação clínica foi fundamental para sua gênese, como o próprio Meneghetti assinala, e é a via psicoterápica a necessária estrada ao efetivo ingresso nesse pensamento, como destaca Vidor (2018). Acredita-se que o quanto exposto até aqui deixa claro esse posicionamento.

A intensa atividade clínica de Meneghetti consentiu também em delinear uma proposta de entendimento do aparato psíquico humano, uma teoria da personalidade, elemento fundamental à uma proposta de clínica psicológica. Considerando o objetivo de caracterizar a formação do ontoterapeuta, entende-se relevante apresentar o esquema da hipótese ontopsicológica acerca do aparelho psíquico humano, ou, se assim se pode falar, uma Metapsicologia Ontopsicológica. Posteriormente, será dada também atenção ao conceito de psicoterapia, ao modelo e processo psicoterapêutico proposto por esta escola.

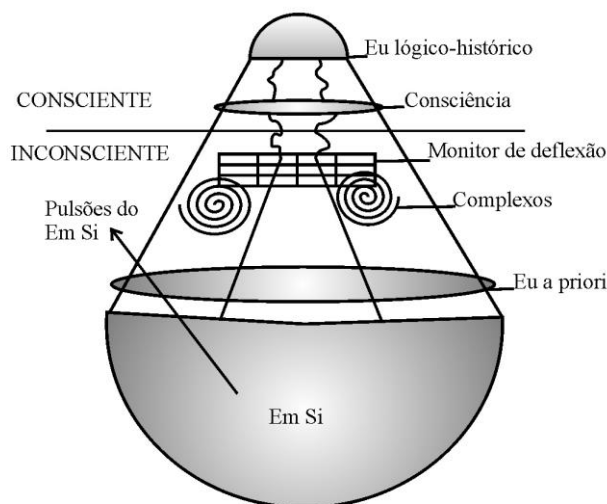
3.1 Esquema da hipótese Ontopsicológica sobre a personalidade

Uma consistente proposta de terapia não pode prescindir de uma perspectiva sobre os fundamentos do mover-se psíquico humano. O ontoterapeuta, ao longo de seu percurso formativo, necessariamente precisa se apropriar da visão ontopsicológica sobre a estrutura e a dinâmica da personalidade.

O homem na perspectiva ontopsicológica, é uma unidade de ação-vida, que se desenvolve como atividade psíquica dentro de um composto orgânico (organismo fisiológico). Essa unidade de ação é especificada pelo dar-se de um Em Si ôntico. Este Em Si, conforme já

discutido, é o primeiro real do homem e possui uma forma implícita que determina a virtualidade do acontecer humano. A imagem a seguir ilustra essa unidade de ação.

Figura 2 – A estrutura do homem



Fonte: Meneghetti (2010, p. 208).⁴⁸

O Em Si ôntico ou organísmico, como princípio formal inteligente, se articula com interações e reações autônomas no universo sensório. Impacta o ambiente existencial e responde assinalando a identidade, a utilidade e a funcionalidade do contexto, visando ao próprio desenvolvimento histórico. As variações do Em Si organísmico são informadas projetivamente de modo especular (imagens) caracterizando um Eu *a priori*. “O Eu *a priori* é a reflexão do Em Si organísmico em situação histórica”; formaliza, momento a momento, a direção otimal. Ou seja, a “direção mais funcional para a aquisição de maior identidade e desenvolvimento de todo o sujeito” (MENEGETTI, 2006a, p. 39).

Uma vez que o homem possui essa inteligente nativa autônoma, capaz de informar a direção vencedora ao Eu lógico-histórico a quem cabe a escolha final, por que, muitas vezes, essa escolha vencedora não é feita? Por que, muitas vezes, verifica-se que é o próprio sujeito o construtor de uma realidade que não consente um percurso de vida evolutivo e capaz da compreensão do próprio valor⁴⁹? Essa contradição é verificada pela ação de um mecanismo que distorce o natural processo perceptivo humano. O humano colhe o mundo por evidência inercial,

⁴⁸ Este gráfico apresenta a “estrutura psicossensorial do homem do ponto de vista cerebrotônico. É o constante mapa operativo da pesquisa e intervenção da Ontopsicologia. Essa estrutura consente identificar e variar a atividade psíquica da imagem ao concreto” (MENEGETTI, 2010, p. 208).

⁴⁹ O ser humano, na imensa maioria das vezes, permanece fixado no próprio ciclo biológico, não fazendo da própria existência ocasião para a realização também do ciclo psíquico. Enquanto o primeiro permanece fixado fortemente em questões afetivas, sexuais, possessiva e objetais, o segundo apela à compressão e atuação da sua dimensão metafísica como resposta aos profundos questionamentos humanos (VIDOR, 1978).

porém o processo de compreensão advém por meio de três momentos perceptivos: a exterocepção (baseado nos cinco sentidos, compreende o mundo das percepções externas que tocam o corpo); a propriocepção (quando uma estimulação sensorial que é setorial, torna-se informática única para o organismo. Compreende a percepção organísmica) e a egocepção (a informação investe o eu. Momento da tomada de consciência onde cabe ao Eu a decisão). A distorção ocorre no momento da egoceptividade. Ou seja, o erro que o humano promove contra si é produto de uma falta de exatidão nos seus processos de percepção. O mundo, as situações ocorrem de um modo, ele lê de acordo com uma matriz já estruturada no seu aparato perceptivo. O monitor de deflexão interfere antecipando e defletindo a reflexão no momento da egocepção. A ação deste mecanismo “anula a reflexão do Eu *a priori*” (MENEGETTI, 2010, p. 210).

O complexo, por sua vez, é uma realidade psíquica autônoma ao Eu lógico-histórico, formado na primeira infância, como produto entre as exigências de adaptação social e as exigências biológicas do indivíduo. Uma resultante da relação entre a pulsão do critério de natureza e a desorganização gerada pelo filtro do monitor de deflexão. É um “precipitado psicoemotivo do monitor de deflexão; portanto, uma remoção feita por um Eu em formação sob a pressão do monitor de deflexão, sobre imagens do superego social e moralístico” (MENEGETTI, 2012a, p. 56). Esta zona removida para o inconsciente organiza-se, principalmente, em um complexo dominante que assim o é pela sua maior capacidade de constelar a emotividade do sujeito, prevalecendo sobre todas as outras possibilidades de comportamento. A estrutura complexual oriunda dos modos de educação da primeira infância determina uma seleção temática. O êxodo do mundo-da-vida é produto de uma consciência fixada em um modo fixo de ver e viver a si mesmo, os outros e o mundo.

Conforme assinalado, a inserção do monitor de deflexão determina como primeiro efeito a subtração de consciência do Em Si ôntico e, conseqüentemente o homem torna-se inconsciente a totalidade de si mesmo. Em Ontopsicologia, entende-se por inconsciente:

[...] o quântico de vida e de inteligência por meio do qual nós existimos, mas não conhecemos, isto é, do qual não temos reflexão consciente; é uma parte da vida e da inteligência do homem. [...] é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que age, de qualquer modo, além da lógica da consciência. *A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem.* (MENEGETTI, 2012a, p. 140, grifo do autor)

A zona da consciência define-se após o monitor de deflexão. Ela é um monitor de reflexão, uma vez que funciona como “um espelho através do qual os módulos da percepção se projetam holograficamente, instaurando o processo das imagens” (MENEGETTI, 2010, p.

169), retorna a relevância da compreensão da imagem na realidade psíquica humana e do processo perceptivo.

Finalmente, a hipótese ontopsicológica do aparelho psíquico humano apresenta o Eu lógico-histórico. Esse é entendido como instância mediadora entre a realidade externa e as exigências do íntimo. O Eu lógico-histórico é o ponto de tomada de consciência, de responsabilidade, de racionalidade. A esse respeito, Meneghetti sublinha que “o Eu não deve ser entendido apenas como forma consciente porque na zona do Eu existem, também, os mecanismos de defesa e vastas zonas do inconsciente” (MENEGETTI, 2012a, p. 112). O Eu lógico-histórico tem como tarefa central a escolha, assim, a vasta virtualidade do Em Si está condicionada à cotidiana tomada de decisão nesta instância.

3.2 Aspectos da dinâmica da personalidade

Adotando como ponto de partida a hipótese ontopsicológica sobre a estrutura da personalidade, apresentada na Figura 2, bem como os textos de Meneghetti (1989; 2005b; 2010; 2014a; 2016b) e Vidor (1978; 2018), pode-se elaborar uma síntese sobre a dinâmica de formação do complexo dominante em um indivíduo e a partir dela compreender elementos da dinâmica da personalidade segundo a Escola Ontopsicológica. Por meio desta, é possível verificar o mover-se dinâmico dessa estrutura da personalidade proposta.

Para a compreensão do exposto, além dos elementos presentes na estrutura, deve-se considerar a concepção do campo semântico, como canal inconsciente e prioritário de comunicação entre os viventes. Sem dúvida, é fundamental na formação do ontoterapeuta o entendimento da estrutura e da dinâmica da personalidade propostos pela Escola Ontopsicológica.

Para compreender a dinâmica de formação do complexo, tome-se uma situação casual e não causal, isto é, uma situação qualquer vivida na primeiríssima infância. Um sujeito que possui um Eu em formação – uma criança entre os 0 e 6 anos – está em um ambiente com seus diferentes estímulos. Retomando a imagem anteriormente apresentada, temos o Em Si ôntico na parte inferior do gráfico e o Eu lógico-histórico na parte superior. Neste ambiente, existem diversas informações: objetos, aromas, ambientes, outras individuações, etc. Entre essas informações, em determinado momento, há uma que se torna prevalente, o Em Si ôntico – a partir do seu critério de identidade, utilidade e funcionalidade – a reconhece como própria. Didaticamente, pode-se tomar como exemplo um alimento: uma maçã. Essa maçã é individuada

no ambiente, porque está em identidade utilitarista e funcional ao Em Si ôntico daquele sujeito. O Em Si intenciona o objeto ou situação externa.

Para poder agir, o Em Si ôntico informa para o Eu lógico-histórico, através do Eu *a priori*: a imagem que reflete a escolha ótima para o sujeito comer a maçã. Essa imagem é refletida no plano da consciência. Nesse ponto, o Eu lógico-histórico lê a informação e deve escolher se atuá-la ou não. É o momento da egoceptividade, da tomada de consciência, como já assinalado. Se o Eu lógico-histórico atua nessa informação, faz autóctise histórica, evolui, é mais Eu.

A criança, no contexto exemplificado, possui duas características importantes: um Eu aberto em formação, e tem uma relação que prevalece sobre todas as outras relações, a relação diádica com o adulto-mãe⁵⁰. O adulto que a criança escolheu como maior referência afetiva. Este adulto-mãe já possui um inconsciente e um superego estruturados; e, naquela determinada ocasião, está em frustração e tem, portanto, necessidade de compensar esta frustração, ocupando o outro que está em exposição aberta. A criança que está por fazer uma ação em identidade, utilitarismo e funcionalidade – pegar aquele alimento – e é interceptada por esse adulto-mãe em frustração, que emite um julgamento negativo sobre a ação que a criança está por fazer. Através de uma troca de olhares, o adulto-mãe transmite a interpretação negativa daquele fato para a criança, acrescentando uma condenação moral. Nessa situação, o adulto-mãe impõe uma forma de chantagem afetiva, cujo subcódigo é “*Se você fizer isso, não te amo mais*”. Para assegurar o seu primado afetivo, o pequeno renuncia a si mesmo e diz não a sua identidade. A criança, então, censura o próprio instinto para não perder o afeto especial do adulto de referência.

Enquanto acontece essa primeira censura, o adulto-mãe olha a criança em determinado modo, um contato ocular de ódio chantageador, que se expõe como especularidade ótica afetiva. Com essa afetividade ótica, acrescentada ao reforço do *transfert*⁵¹ compensativo do campo

⁵⁰ O conceito de “adulto-mãe” é fundamental na concepção ontopsicológica. Inicialmente, não se deve confundir o “adulto-mãe” com a figura da mãe biológica. De fato, segundo a organização social familiar especialmente ocidental, o “adulto-mãe” tenderá a ser a mãe biológica, mas nem sempre é assim. Por adulto-mãe, entende-se a principal referência afetiva para a criança, a partir de três funções: “a) o genitor de maior referência na expressão de necessidade da criança; b) a dinâmica inconsciente que informa a modalidade de referência à criança por parte do genitor adulto; c) a tipologia do conjunto circunstante” (MENEGETTI, 2014a, p. 119). O adulto-mãe será filtro de toda a realidade da criança.

⁵¹ *Transfert*: do latim, terceira pessoa do singular do verbo *transfere* = ele transfere. “Conteúdo emotivo com atitude constelante ou de agregação. Segundo a Ontopsicologia indica: 1) deslocar a própria necessidade sobre um outro; 2) precisar do outro segundo a própria necessidade; 3) precisar de um terceiro para dar resposta a uma exigência própria segundo o modo de um precedente parceiro gratificante” (MENEGETTI, 2012b, p. 269).

semântico do adulto, o adulto-mãe transmite à criança o monitor de deflexão⁵². Essa energia que foi censurada não pode ser anulada, de algum modo deve ser investida. Ela é, então, reprimida, retorna a nível inconsciente e se estrutura de modo autônomo do Eu. A energia reprimida é removida e como precipitado psico-emotivo do monitor de deflexão se torna um complexo dominante do sujeito. Este complexo, por ser energia do Em Si ôntico, faz parte do núcleo positivo do sujeito, mas é uma parte sua que foi rejeitada devido à condenação recebida. A recuperação desse núcleo energético que se tornou autônomo à volição do Eu lógico-histórico pode ser operada através do processo de psicoterapia de autenticação ontopsicológica.

A essa primeira situação em que o monitor de deflexão se sincroniza a atividade cognitiva humana, a Escola Ontopsicológica dá o nome de *cena primária* ou *matriz reflexa*. É a partir desse momento que acontece o nascimento do inconsciente; se estabelece o tipo de diáde que o sujeito utilizará por toda a vida e se forma o estereótipo cardinal⁵³.

Situação semelhante pode ocorrer, se ao invés de ser inibida a escolha de um objeto ou situação metabólica – neste caso, um alimento; a nossa maçã – é imposto um objeto ou situação nem útil, nem funcional à identidade da criança, segundo o critério do próprio Em Si ôntico. O que acontecerá neste caso? O efeito será quase idêntico, com a diferença que no lugar do instinto de posse, o Em Si intencionará uma pulsão de negação, também conhecido como instinto de conservação. O adulto impõe a sua interpretação “*Ou você faz isso ou não te amo mais*” e também, neste caso, a criança deverá escolher entre o próprio instinto e o risco de perder o primado afetivo do adulto-mãe, a consequência a este correspondem a dinâmica já explicitada.

A Ontoterapia visa corrigir o Eu, segundo a direção constante do Em Si ôntico, dissociando-o da ação do monitor de deflexão, para consentir o contínuo nascimento no Eu⁵⁴. A psicoterapia de autenticação ontopsicológica, ou Ontoterapia, “é o tirocínio de autenticação pessoal e social, é um tirocínio permanente durante a existência, não é um fato de uma análise que um psicólogo apenas faz, é um trabalho de constante revisão” (VIDOR, 2017, p. 8). A Ontopsicologia entende que, após uma estruturação inicial do Eu operada na infância (até os 6 anos), permanece aberta a possibilidade do nascimento constante do Eu histórico. Este ocorre

⁵² Ainda sobre o monitor de deflexão, é relevante assinalar que não é possível eliminá-lo, mas é possível neutralizar a sua ação através da recuperação da exatidão da percepção organísmica, através de contra hábitos positivos, do reencontro do miricismo cotidiano e consequente metanoia.

⁵³ Externamente, o monitor de deflexão identifica-se com o superego social e com o superego materno ou matriz reflexa.

⁵⁴ Em algumas obras, mas particularmente no livro Ontopsicologia Clínica (MENEGETTI, 2005b), existe um capítulo fundamental na formação do psicoterapeuta que aborda o escopo último de toda a Ontopsicologia: “O nascimento do Eu”. Nessa perspectiva, o objetivo da Ontoterapia seria verificar como o Eu nasce e ajudá-lo a nascer bem.

quando se verifica a coincidência entre intencionalidade de natureza (ou Em Si ôntico) e intencionalidade do Eu lógico-histórico.

O conceito de díade é fundamental para a compreensão da concepção ontopsicológica sobre a dinâmica da personalidade. O ser humano vive permanentemente em relações, vive em um constante processo diádico: da relação com os objetos, com outras pessoas, com o ambiente. Díade significa “movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente” (MENEGETTI, 2012b, p. 77). Deslocando esse conceito para a relação mãe e filho, refere-se à primitiva relação necessária a todos os seres humanos. O sujeito aprende a si mesmo pelo modo de educação vivido junto ao adulto-mãe. Aprende seus modos lógicos e emotivos dentro dessa primeira relação, uma vez que o adulto-mãe é o filtro da realidade ambiental para a criança. Pode-se dizer que a criança “aprende a ver” pelos olhos deste adulto de maior referência afetiva. É a partir desta primeira díade que se forma a consciência, o modo de posicionar a própria existência.

É como se a díade impusesse uma *língua-mãe*, uma educação-base, e somente as pessoas, coisas e situações conformes a essa linha-base podem ser escolhidas pelo sujeito; as outras não são vistas. Enquanto o Em Si ôntico é inteligência econômica aberta – por isso, escolhe as situações que são mais convenientes e eficientes para o sujeito – a díade impõe um complexo dominante. (MENEGETTI, 2010, p. 237, *grifo do autor*)

A criança, devido à natural dependência biológica, acaba modulando-se aos modos do adulto de referência. Como sugere Nietzsche (1999, p. 59), o “tu é mais velho que o Eu”. Ou seja, o mais estruturado estrutura o menos estruturado. Uma vez que o Eu é produto da História, é o adulto-mãe (o tu) que emerge como princípio organizador. Sob certo ponto de vista, a criança é forçada a submeter-se a outro para ser a si mesma, para configurar uma estrutura de Eu lógico-histórico em condição de mediar sua realidade interior com o contexto social.

Os primeiros confrontos da infância, principalmente na relação diádica com o adulto-mãe, acabam por estabelecer um código-base para as experiências sucessivas, uma seleção temática da realidade. Nisso tudo, deve-se considerar que o ser humano é maiormente inconsciente de sua realidade: seja a criança que irá deslocar para o inconsciente a maior parte desse modo de ser aprendido, seja o adulto-mãe, ao projetar a realidade que será referência à criança, não é de todo ciente do quanto informa. Vidor (1978, p. 20) destaca que:

o inconsciente da mãe influencia de modo mais acentuado do que sua decisão consciente. A potencialidade do filho sempre se concretiza através da mãe. Ela é a primeira a canalizar a força dinâmica do filho.

Com o passar dos anos – geralmente entre os seis e os dezoito anos – observa-se, no sujeito saudável, uma gradual ruptura dessa díade primeira, com a decorrente relativização da monocultura diádica e abertura à policultura da própria virtualidade existencial, cujo fundamento é o próprio Em Si ôntico. Enquanto o modelo aprendido na díade inicial reforça-se nos usuais lugares da cultura familiar de base, o Em Si quer a multiplicidade, a criatividade, o horizonte aberto do mais ser.

Nesse aspecto, é importante distinguir a realidade diádica do que podemos chamar de homem maduro e aquela do homem doente. O homem maduro, através dos anos, com suas experiências, sucessos e insucessos, constrói maiormente a própria autonomia, evidenciada na sua capacidade de realização no social (estudo, trabalho, relacionamentos). Tal qual uma célula que, ao nascer no interior de outra célula, busca progressivamente se destacar, no ser humano esse destaque se faz necessário. Ainda que, em alguma medida, permaneça presente a referência diádica inicial (complexo dominante), o adulto, segundo a intencionalidade de natureza, deve deslocar-se do duplo baricentro cujo outro polo era o adulto-mãe, estabelecendo a unidade de si mesmo. A segurança e a autonomia pessoal são fruto do adequado movimento de rompimento desta primeira relação⁵⁵.

De outra parte, as dificuldades no desenvolvimento de um adulto autônomo são frutos da permanência na relação diádica inicial. Muitas vezes, habituado com determinado tipo de recompensa gratificante que o infantiliza, encontra dificuldade em desvencilhar-se e permanece fixado em um comportamento que – por meio da ação de diferentes mecanismos de defesa do Eu – não consente o desenvolvimento autônomo.

Inconscientemente, quase todos os homens insistem na díade. Quando estão diante de um problema, na incapacidade de resolvê-lo, desencadeia-se a coação a repetir. O sujeito não é novo nas soluções, mas repetitivo. O indivíduo pode ter perdido a mãe biológica, mas continua a agir em dupla. Não pode viver sozinho; para viver, precisa sempre de uma ligação. (MENEGETTI, 2010, p. 238)

A tarefa da psicoterapia corresponde ao uso de um bisturi fundamental para estabelecer um corte dessa díade inicial e começar a formação do Eu autêntico do sujeito. Para Vidor (1978, p. 23), “O cliente precisa aprender, com a ajuda profissional, a apoiar-se em seus próprios

⁵⁵ Em Ontopsicologia, ao abordar o desenvolvimento pessoal e a formação profissional, o conceito de autonomia figura como um elemento fundamental. Autonomia, do grego *autòs* = si mesmo e *nòmos* = lei, regra. Significa a capacidade e liberdade de viver segundo as próprias regras. Meneghetti (2013b) indica a relevância do desenvolvimento de três principais tipos de autonomia no processo formativo: a econômica, a existencial e a afetiva.

recursos e não mais em uma realidade ou pessoa fora dele mesmo. Necessita ser reconduzido a confiar nas próprias forças e a inserir-se no ambiente social com a sua própria autonomia”.

A pesquisa ontopsicológica assinala a existência de quatro tipos de díade (MENEGETTI, 2010; 2012a; 2014a):

- 1) *Tanático-regressiva*: é quando se estabelece uma relação patológica entre adulto-mãe e filho, na qual “o núcleo materno é fagocitante, hegemônico e redutivo para o filho” (MENEGETTI, 2012a, p. 81). O Eu da criança é constrangido a convergir de modo absoluto à dinâmica materna, enquanto polo mais forte da relação. O filho dependente permanece reduzido em uma relação que é tanática para ambos os polos;
- 2) *Repetitivo-obsessiva*: o modelo de relação é caracterizado por estímulos sempre iguais, unívocos. É excluída da criança a possibilidade criativa. A criança, fixada no ciclo biológico⁵⁶, andarà em direção a uma senilidade precoce;
- 3) *Evolutiva*: é uma relação capaz de ser provocação e estímulo ao contínuo nascimento do Eu, na medida que um dos dois extremos é garantia de crescimento para o outro. “Podemos distingui-la em díade *provisória atuante* quando é uma relação que dá amplificação temática (de identidade e função) à unidade de ação, e díade *metafísica* quando o polo evolutivo é um diádico ôntico” (MENEGETTI, 2010, p. 241, *grifos do autor*);
- 4) *Provisória-ocasional*: são as típicas relações de trabalho e amizade. Por certo, considerando a inconsciência característica do dar-se humano e a ação dos campos semânticos, também no contexto dessas díades podem verificar-se ocasiões evolutivas ou de redução de si mesmo. Em especial o psicoterapeuta, uma vez que tem na própria personalidade o principal instrumento de trabalho, deve estar de algum modo vigilante. Três são os critérios sugeridos a serem observados nestas relações diádicas ocasionais: a) ausculta as respostas orgânicas, ou seja, observar a reação visceral nos impactos emocionais; b) estar atento ao escopo, à motivação

⁵⁶ Relevante destacar a discussão sobre o ciclo biológico e o ciclo psíquico como possibilidades abertas ao devir humano, uma vez que se trata do epicentro da visão ontopsicológica. Ou seja, a compreensão do epistema proposto por esta escola não pode prescindir de tal elemento. O ciclo biológico, ou biogênese, “é um pré-fixado que a própria vida garante, assim como o ciclo das plantas e dos animais, onde se exaurem todos os instintos fundamentais para a manutenção da espécie e do indivíduo, sem ir além da repetição da espécie” (MENEGETTI, 2010, p. 266); o ciclo psíquico, ou noogênese, por sua vez, “significa entrar no mundo das causas que depois geram os sistemas. O sujeito, com a sua inteligência, supera o jogo do ciclo biológico. [...] começa a ter proporções coordenadas para além de si mesmo e do ambiente: tem uma imanente atividade transcendente. O ciclo psíquico é tal se revela um desenvolvimento contínuo. A noogênese comporta a mudança dos estereótipos”.

da relação; c) nas relações, não perder nunca a profunda dignidade de si mesmo e manter o próprio profissionalismo.

Discutidos conceitos centrais que caracterizam a proposta de estrutura e dinâmica da personalidade segundo a Ontopsicologia. Pode-se, então, avançar, apresentando elementos específicos da Ontoterapia e como estes dialogam com o processo de formação do psicoterapeuta, escopo último do presente estudo.

3.3 Considerações conceituais e metodológicas da Ontoterapia

A clínica ontopsicológica aborda o cuidado de si, da própria interioridade e, em especial, a criatividade a partir da reeducação do Eu lógico-histórico segundo a constante direção ou critério do Em Si ôntico. A clínica aqui não é entendida apenas como *locus*, mas fundamentalmente como uma prática. Relevante sublinhar e posicionar essa questão uma vez que, não raro, observam-se entendimentos do clínico como local de atuação. Macedo (2018) oferece-nos ampla reflexão acerca desta ambiguidade e de sua gênese na história do pensamento e fazer psicológico. O contexto que aqui é acolhido entende que falar em clínica ou na formação do clínico implica desenvolver no profissional um olhar, uma postura fortemente pautada na intersubjetividade. A esse respeito faz-se eco a Macedo (2004, p. 3), quando a autora define:

O termo Clínica denota uma postura profissional, uma atitude diante do objeto de estudo que implica a valorização da subjetividade do profissional e do objeto de estudo, um envolvimento com o assunto tratado ao lado do cuidado com o autoconhecimento e o autoescrutínio.

Nesse contexto, o olhar ontoterápico volta-se ao desenvolvimento criativo humano, uma vez que o escopo último da clínica ontopsicológica é a sua autenticação e a realização de sua virtualidade criativa⁵⁷. Meneghetti (2004; 2010; 2012a) propõe a necessidade do desenvolvimento de uma psicoterapia de autenticação, elemento central para a clínica ontopsicológica. Propor uma clínica que pudesse ser técnica ao nexo ontológico, capaz de colocar o homem em contato com seu critério de natureza (ACCORSI; BASSANI, 2016).

O conceito de Psicoterapia em Ontopsicologia remonta sua etimologia segundo a qual o termo é composto pelas palavras gregas “ψυχή” (psique): alma, espírito, mente; “θεραπεία”

⁵⁷ A casuística de intervenção ontoterapêutica volta-se principalmente para: 1) a interpretação existencial individual; 2) a autenticidade no social; 3) a coragem na dor coercitiva; 4) a impostação noogênica; 5) a liberação da neurose em geral; 6) a psicossomática; 7) a psicose; 8) ao âmbito da liderança (MENEGHETTI, 2003; 2010).

(therapeia): obséquio, serviço, cura, atenção. Em particular, o termo “psicoterapia” em seu étimo originário relaciona-se ao bem-estar humano e ao cuidado e zelo pela dimensão interior, subjetiva. Para Meneghetti (2010), originalmente, o termo “terapia” denotava uma referência de valor de caráter moral. Terapia, assim, deriva do termo *θεραπεύω* (therapeu) e, segundo Meneghetti (2004, p. 201) que significa “a) venerar (com referência aos deuses e à autoridade); b) ocupar-se com solicitude em relação aos patrões, aos amigos e aos familiares; c) cuidar, em sentido muito elástico”. O resgate da raiz de sentido da ação significa: “pesquisar, vigiar o dom. Por “dom” deve-se entender o espírito vital”.

Psicoterapia, então, é entendida como a “análise dos processos psíquicos para individuar o ótimo de comportamento global do sujeito” (MENEGETTI, 2012a, p. 231). Para compreender a especificidade da psicoterapia Ontopsicológica ou Ontoterapia, é importante ampliar a discussão etimológica, esclarecendo que diferentemente da perspectiva de terapia como cura/cuidado da alma, o étimo de “cura” em sentido médico corrente deriva da explícita compreensão grega de “ιατρεία” (iatreia), de “ιατρεῦω” (iatros) (MENEGETTI, 1989; 2004). A psicoterapia, em toda a cultura clássica, foi considerada como cura da alma (STONE, 2005). Nesse sentido, foi usada por Tucídides, Platão, Fedro, Homero, etc. É com Hipócrates que o termo “terapia” passa a ser veiculado a cura dos doentes em sentido médico, ainda que, mesmo depois dele, os grandes autores da filosofia mantiveram sua concepção original. Hegenberg (1998) sublinha que, na Antiguidade, quando se desejava entender algo próprio da medicina, usavam-se os termos de origem grega iatreia (tratamento), ou iatros (médico, remédio), diretamente veiculados ao conceito de doença, encontrados, por exemplo, na palavra psiquiatria. Ou seja, ainda que a cultura contemporânea possa empregar uma semelhança (ou até equipolência) de sentido entre os termos, verifica-se uma distinção etimológica bastante significativa entre *iatreia* (da qual originar-se-á a palavra psiquiatria) e o termo *therapeia* (do qual deriva terapia).

Para Meneghetti (2010; 2012a), a psicoterapia ontopsicológica caracteriza-se intrinsecamente por seu objeto e método próprios e distingue-se de qualquer outra forma colateral existente em outras ciências que, por cultura, possam parecer similares⁵⁸. Seu objeto específico é a intencionalidade psíquica (subjetiva, interior, espiritual) do indivíduo singular,

⁵⁸ A abordagem ontopsicológica sobre a psicoterapia é exposta por Meneghetti em profundidade nas obras: “Ontopsicologia Clínica” (publicada pela primeira vez em 1978); “*Psicoterapia e Società*” (Roma: Psicologica Editrice, 1989); “*Io odio il transfert*” (Roma: Ontopsicologica Editrice, 1982); “*Ontopsicologia e Attività Psichica*” (Roma: Psicologica Editrice, 1996). Além destas obras, o “Manual de Ontopsicologia” dedica capítulo específico sobre o tema, bem como as obras “Genoma Ôntico” (Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a) e “Em Si do homem” (Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2004).

através de todas as modalidades da sua fenomenologia existencial. Intencionalidade psíquica é entendida como “ação base das modalidades do pensamento e da motivação do existir homem, até a exterioridade somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido)” (MENEGETTI, 2004, p. 91). O Em Si ôntico é a forma peculiar da intencionalidade do homem e critério de saúde evolução integral para este.

O método da Ontoterapia ou psicoterapia ontopsicológica é constante indução bilógica, com verificação da funcionalidade subjetiva. Bilógica no sentido de que se vale de todos os critérios ou modelos científicos ou racionais e dos procedimentos intuitivos ou globais do organísmico e do inconsciente. É um “processo racional indutivo-dedutivo, com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 131). O proceder metodológico bilógico, no contexto desta clínica, implica incluir aos processos indutivos e dedutivos, aquele intuitivo. A articulação das informações oriundas da linguagem semântica, da onírica, da anamnese afetiva, da fisionômica-cinésico-proxêmica, da linguagem do próprio problema ou sintoma, é realizada com esse movimento metodológico. Isso evidencia a importância da capacidade de percepção organísmica do ontoterapeuta.

O critério usado na Ontoterapia é o Em Si organísmico⁵⁹ do psicoterapeuta – cuja fenomenologia mais física e emocional é o cérebro viscerotônico – o qual deve ser capaz de colher as específicas variações físicas e emocionais originadas na interação semântica com o cliente. A experiência organísmica é o instrumento de verificação do ontoterapeuta através do qual lhe é consentida a leitura do outro.

Seu fim primário e único é a autenticação do humano entendida como:

A reintegração ou conscientização do original natural em antecipação a todo aculturamento sucessivo não cônico. [...] O sentido terapêutico (psíquico e somático) atua-se como efeito secundário em consequência de uma variação comportamental do campo decisório ou moral do sujeito. (MENEGETTI, 2010, p. 288)

O instrumento da Ontoterapia é o diálogo, que se articula sobre fenomenologias subjetivas e objetivas existenciais. O ontoterapeuta interage a partir da abordagem motivada subjetivamente pelo cliente, inserindo continuamente a novidade do objetivo semântico exposto pelo Em Si do cliente. Nessa perspectiva, para o desenvolvimento do processo terapêutico, o cuidado da subjetividade, faz necessário dois níveis de entendimento: uma compreensão

⁵⁹ Ao definir o Em Si, Meneghetti (2012a, p. 90) faz uma distinção entre: Em Si ôntico, Em Si organísmico e Em Si naturístico. O Em Si organísmico: “é configuração também biológica do Em Si; é critério de sanidade e lhe dá a experiência psicoemotiva”.

psicológica – dos processos lógicos da mente – e uma compreensão ôntica – os processos lógicos da mente têm um fulcro motivante e estruturante que lhes determina história metafísica, ou seja, uma fenomenologia do ser⁶⁰.

Na perspectiva de Meneghetti (2006a; 2010; 2012a), a Psicoterapia se ocasiona como “arte clínica”, mas é terapia do ser no homem, ou seja, “ontoterapia”, a qual se volta, portanto, ao nível do homem como pessoa. Nesse sentido, Psicoterapia é sinônimo de cuidado do ser, e a Ontopsicologia é entendida como o estudo do ser na psique humana. Mais propriamente, a psicoterapia é entendida, a um só tempo, como arte e ciência que busca a intencionalidade psíquica como constituinte da funcionalidade antropológica e da autorrealização (MENEGETTI, 2012a).

Na elaboração deste estudo há uma escolha, um posicionamento do autor em utilizar o termo ontoterapia uma vez que o étimo da palavra indica objetivamente o escopo último e primeiro deste específico modo de cuidado e desenvolvimento do ser. Entretanto, Meneghetti, ao longo da elaboração de sua obra, conforme já assinalado, faz uso também dos termos psicoterapia ontopsicológica, psicoterapia de autenticação ou ainda consultoria de autenticação para explicitar este processo. O ontoterapeuta é aquele profissional que por características e formação, atua neste âmbito.

O escopo substancial da psicoterapia global ou de autenticação é:

- a) Identificar a *identidade* original e presente do Em Si ôntico;
- b) Operar a *metanoia* para reorganizar os comportamentos do Eu em funcionalidade histórica do Em Si ôntico.

A psicoterapia ontopsicológica – como ademais a metodologia ontopsicológica em si – utiliza seis linguagens para realizar uma análise ou diagnóstico (MENEGETTI, 2006a; 2010; 2012a). Usando um sistema cruzado de mais análises, o técnico no contexto clínico é capaz de fazer um diagnóstico (indução) e, consecutivamente, demonstrar fenomenicamente a intuição, fazendo junto ao cliente uma série de verificações (dedução). A informação intuitiva é a semântica direta do Em Si ôntico, em antecipação a quaisquer sedimentados culturais não

⁶⁰ Meneghetti (2004, p. 79), em texto intitulado “Fé e psicoterapia” e que remonta dos anos de intensa atividade clínica, no qual faz uma crítica à farmacoterapia e na perspectiva de uma terapia apenas dos efeitos, sugere que a etiologia patológica do homem está na dimensão de seu íntimo e que ali é o ponto de partida. Nas palavras do autor: “O psicoterapeuta poderá muito bem curar múltiplas neuroses sem referência explícita ao dado metafísico, mas não sem pressupô-lo. Qualquer terapia deve ser um real potenciamento do homem à própria onticidade”.

salutares ao sujeito (complexos, estereótipos culturais e logísticos da sociedade, etc.). Em síntese, os seis instrumentos de análise ou diagnóstico são:

- 1) *Anamnese linguística e biografia histórica*: A anamnese psicológica é o modo como o sujeito dá as diversas interpretações de si mesmo e do seu autopôr-se. Ela indica a história afetiva à qual o sujeito se refere e onde estabelece as suas coordenadas para centralizar-se sociologicamente. Da análise histórica precedente, veem-se as suas tendências, seus erros, seus resultados, de modo que podemos compreender a “lógica” sobre a identidade do momento e quais são seus resultados futuros. Por “linguística” não se entende apenas o modo de falar linguístico, mas também o modo de estruturar as lógicas e a racionalidade na história;
- 2) *Análise do sintoma ou problema*: Com o sintoma (ou problema), que é uma linguagem, temos a primeira semiótica. Esta análise sobre o particular (problema, doença ou déficit) é utilizada em todas as pesquisas de qualquer ciência, porém não é suficiente se não estiver conexa à análise anamnésico-linguística. A doença ou o problema do sujeito, uma vez que o individualizamos, deve ser posto em correlação ao portador, à história geral do sujeito, para compreender e sucessivamente dar a solução oportuna;
- 3) *Análise fisiognômico-cinésico-proxêmica*: Examina-se a linguagem do corpo em sua totalidade. Esta análise não compreende apenas a análise estrutural, mas também a mímica, o modo de vestir, o modo dos cabelos, dos óculos, etc.;
- 4) *Análise onírica (sonho)*: O sonho, em Ontopsicologia, é entendido como a linguagem global e particular que a natureza faz, naquele momento, daquele sujeito. A sua regência é sempre sustentada pelo Em Si ôntico, a regra ou unidade de ação que faz a constante de identidade naquele sujeito. O sonho é um gráfico, uma ideografia estruturada pelo critério (Em Si ôntico). É ele quem faz a ideografia onírica, usando indiferentemente qualquer imagem (MENEGETTI, 2016a);
- 5) *Análise do campo semântico*: A percepção semântica, ou seja, a interação do campo semântico permanece a linguagem total e primeira. Com a interação do campo semântico, colhe-se o íntimo do concreto auto posicionar-se do outro “*hic et nunc*”. Pode-se conhecer, baseando-se na identidade de natureza. Graças ao campo semântico, pode-se colher a identidade do outro e consubstanciar-se em um fazer-se anterior à sua consciência;

6) *Resultado*: Por meio do resultado, é possível verificar se o cliente está agindo bem e como ele está impostando a própria vida. Em síntese, contata-se o cliente por meio da percepção do campo semântico. Após o impacto, faz-se a análise da situação com a leitura das demais linguagens descritas. Evidencia-se o estado do cliente, o complexo, mas também o fim primário, ou seja, para “curar”, promover saúde. Não basta pôr em relevo a causa da patologia ou do problema, mas, além disso, é preciso identificar a pulsão do Em Si ôntico em situação. Isso consente reportar o Eu lógico-histórico do sujeito à sua intencionalidade de natureza.

As três primeiras estratégias de análise e diagnose podem ser também observadas na metodologia de outras abordagens psicoterápicas, enquanto os outros três instrumentos (o sonho, o campo semântico e o resultado) são posicionados segundo a específica visão ontopsicológica.

3.4 Imagem e sonho em Ontoterapia

A imagem é prioritária no proceder humano. O processo cognoscitivo humano é mediado pela imagem. A imagem é um formal que configura o energético. A atividade psíquica é um processo de formalização. Pensamento, memórias, sonhos, emoções, vontade, caráter, na sua redução última, não são mais do que imagens⁶¹. As imagens são estruturas que determinam variáveis energéticas. “A imagem é o símbolo que a energia usa ao interno de si mesma para fazer qualquer variável” (MENEGETTI, 2012a, p. 43). O próprio campo semântico é um quântico formal e visivo, ou seja, implica processo de formação de imagens.

Vidor (2018, p. 58), sublinha que “As múltiplas variações orgânicas pressupõem um centro de ação que faz com que tais ações (variáveis) sejam configuradas em *imagens*”. O termo imagem deriva da raiz latina: *in me ago*. Significa: ajo em mim. “Como a forma age em mim ou em outro. O como da ação”. (MENEGETTI, 2012a, p. 135). É a direção, o modo de um quântico energético.

Relevante destacar trecho de uma conferência proferida por Meneghetti em 2002, no contexto de um Residence voltado a lideranças, na qual discute a questão da imagem, destacando a importância da imagem para o devir evolutivo humano. O autor sublinha:

⁶¹ A Ontopsicologia identifica cinco níveis de imagens: 1) imagem sensório-visiva; 2) imagem reflexiva; 3) imagens passivas (do campo inconsciente, da fantasia, da realidade onírica e do mundo da arte); 4) imagens metafísicas; 5) imagens ainda não humanas. Em Ontoterapia, opera-se no terceiro nível (MENEGETTI, 2016a).

É preciso saber ser precioso a si mesmo, porque – na interpretação dos sonhos – os sinais, os símbolos, como os expliquei, na realidade são a radicalidade por meio da qual existe a díade. Por isso, primeiro existe o símbolo, a imagem, e sobre essa é impostada a ação. A imagem é antes da díade. Se se arranca o símbolo, arranca-se também a díade. Se se arranca a imagem, desfaz-se também a coação a repetir, liberta-se a própria mente da obsessão. Não é importante trabalhar na relação com as pessoas ou com os pais, mas com o sinal, com o símbolo. (MENEGETTI, 2018, p. 125)

A “coação a repetir” refere-se à seleção temática estabelecida nos confrontos afetivos da primeira infância que, posteriormente, determinam, na vida adulta, um padrão de respostas que condicionam o sujeito. Ele não é novo nas soluções, mas repetitivo. A coação é a continuidade da díade com o adulto-mãe. O ontoterapeuta, como pedagogo da perseidade, técnico da inseidade humana, orienta e auxilia no processo de organização do *entourage* sócio-afetivo do cliente, mas substancialmente deve dar atenção às imagens que alimentam e sustentam as referências afetivas e relacionais do cliente, quer seja de modo acretivo ou redutivo. É a intervenção nesse mundo das imagens que consente a abertura do cliente ao novo de si mesmo.

Em Ontoterapia, quando se fala em matriz reflexa, complexo, estereótipo, esses já são o *a posteriori* de uma intencionalidade psíquica formalizada, ou seja, de uma imagem. Por tudo isso, o ontoterapeuta deve ter a máxima atenção ao mundo das imagens do cliente, quer sejam aquelas sensoriais, quer sejam aquelas oníricas.

A imagem sensorial dá a informação do contexto e a imagem onírica dá o modo de passagem da alma para a realização. A mente projeta nas imagens seu saber e decifra o útil e funcional em base ao critério de vantagem para viver e realizar o homem na história. (VIDOR, 2018, p. 61)

A realidade onírica possui papel central na psicoterapia ontopsicológica. Meneghetti (2012b; 2012c; 2016a) dedica três de seus livros especificamente para discutir essa realidade, bem como a relevância da imagem para a psique humana. Dentre as fontes que contribuem para o entendimento desta escola sobre os sonhos e que o estudo é recomendado a quem deseje formar-se ontoterapeuta estão: Artemidoro (2009), Freud (2006), Bonime (1975) e Gutheil (1972).

O sonho, na abordagem ontopsicológica, é entendido como “espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir” (MENEGETTI, 2012b, p. 254). O resgate etimológico dos termos sonho e onírico auxiliam a compreensão conceitual. O termo sonho origina-se do latim “*se omnium*” e significa: o que diz tudo de si. Ou ainda: “o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos” (MENEGETTI, 2012a, p. 254). De outra parte,

“onirologia” (ονειρος, sonho, e λόγος, estudo) “corresponde à ideia lógica do próprio ser” (VIDOR, 2018, p. 62).

No edifício teórico e em particular na clínica ontoterápica, como já referido, a grafia onírica recobre-se de importância fundamental. O sonho consente verificar as intencionalidades presentes na dinâmica psíquica do sonhador. Por meio dessa informação, tem-se a possibilidade de identificar: o modo de mover-se do Eu (verificação dos resultados das escolhas existenciais); a informação ôntica (passagem resolutória criativa); a realidade da matriz de reflexa, do complexo; das dinâmicas socioambientais. A grafia onírica expõe: a) a situação atual do sonhador; b) a causa da situação; e c) a solução segundo seu critério de natureza.

As imagens no contexto ontoterapêutico são interpretadas sempre a partir do critério-base do utilitarismo biológico e funcional do cliente. Essa é uma distinção fundamental na metodologia ontopsicológica, especialmente no que se refere às imagens oníricas. A positividade de uma imagem no sonho é determinada pelos efeitos que materialmente e biologicamente produz, não segundo o significado de mitos, das culturas ou dos estereótipos de comportamento. Ou seja, a escola ontopsicológica baseia a interpretação dos sonhos segundo o significado biológico e efetivo para a funcionalidade existencial do sonhador. Esse critério-base – o biológico – permite estabelecer princípios para o critério de interpretação de um sinal inerente ao humano. São eles:

- 1) *Natureza causal do símbolo*: o valor do símbolo é determinado pelo que produz para o homem, a causalidade em si;
- 2) *Efetividade funcional para o sujeito*: a validade do símbolo é determinada pela sua eficiência funcional para o sujeito. No interno do traçado onírico, o ontoterapeuta deve ser capaz de colher essa lógica. Com esse critério, observa-se a validade do símbolo pela sua “relação a”. “A verdade é reconhecida pelos frutos, e são somente eles a identificar a árvore. *Somente os efeitos obtidos pelo sujeito convalidam ou invalidam o símbolo*” (MENEGETTI, 2016a, p. 48);
- 3) *Critério semântico*: indica a direção da ação. Com este critério responde-se à pergunta: para onde vai e a quem o símbolo diz respeito. O critério semântico também permite identificar um sonho falso ou a exposição de um traçado que não porta mais uma dinâmica ativa no sujeito. Nesses casos, verifica-se a ausência da informação semântica no verbalizado do cliente. Este critério é verificado: a) quando uma imagem é conexa com impacto e interação emotiva; b) quando a informação ou o verbalizado do sonho produz campo semântico no sonhador e no ouvinte (MENEGETTI, 2012c).

Tem-se então três princípios: um causal (indica o “o quê”), um funcional (para quem) e um semântico (que indica a concretude ou não da imagem).

O sonho tem uma lógica biológica em seu proceder, que em primeiro lugar busca a conservação da unidade de ação homem. Assim, o traçado onírico ao refletir a realidade existencial, o faz seguindo uma hierarquia que em primeiro lugar, indica a situação orgânica do sonhador (a integridade físico-biológica); posteriormente analisa as referências afetivas e de segurança do sujeito (seu entourage sócio-afetivo); em terceiro lugar, volta-se as pessoas de mais próximas no trabalho e no estudo; por fim, faz a análise da esfera social, dos negócios, da economia, da política do sonhador (MENEGETTI, 2012c).

Na compreensão da dinâmica onírica, é fundamental observar as fontes de origem das imagens do sonho. As fontes da psicogênese do símbolo são:

- 1) *A realidade social*: o material onírico tem entre suas fontes tudo aquilo que pode ser considerada a realidade social do sonhador. O inconsciente forma imagens a todo momento e se vale da ativação social na qual o sujeito está inserido;
- 2) *A visualização dos instintos*: o sonho evidencia a estruturação e prevalência instintual do sujeito naquele momento⁶²;
- 3) *As formalizações semânticas derivadas do externo*: o sujeito está permanentemente imerso em um complexo informacional. Os símbolos derivam também dos campos semânticos que informam constantemente o sujeito;
- 4) *As pulsões meta-históricas da humanidade*: a humanidade é fruto de uma longa história que a determina também psiquicamente. Existem constelações psíquicas agentes que condicionam quer seja a sociedade, quer o singular indivíduo.

As constelações psíquicas meta-históricas são como rios que caminham através dos séculos e milênios, um ao lado do outro, ora antes ora depois, no evoluir de toda a humanidade. Essa ressonância existe no interior de cada indivíduo representante da raça humana (MENEGETTI, 2012c, p. 65).

Na interpretação do sonho, juntamente com as origens dos símbolos, deve-se observar os quatro elementos da cena onírica.

⁶² Em Ontopsicologia, por “instinto” entende-se ordens de vida, ordem de inteligência da natureza. Ou seja, “uma estrutura funcional do orgânico individual” (MENEGETTI, 2012b, p. 64).

Eles dão o parâmetro do dinamismo complexo do indivíduo na vida. Uma vez estabelecida a congruência entre sonho e realidade, a capacidade de interpretação torna-se um fato normal e racional. *A interpretação é um processo mediador da informação.* (MENEGETTI, 2010, p. 303)

Esses elementos configuram o aparato cênico-narrativo da direção onírica.

- 1) *A ação em mutação*: é o elemento coordenador de toda a aparência e referência. É a individuação do movimento em si;
- 2) *O ambiente*: evidencia o onde da ação. O ambiente visualizado configura a localização do contexto e o âmbito de incidência. Refere-se aos lugares nos quais a ação desenvolve-se. O ambiente também pode revelar o estado existencial ou global do sujeito naquele momento.
- 3) *As pessoas ou indivíduos*: configuram condensados de realidade vivida pelo sonhador. Podem significar as pessoas mesmas – por exemplo, um familiar ou amigo – ou, ainda, traços de personalidade do próprio sonhador. O sonho tem sempre elementos de alegoria. Assim, pode utilizar um terceiro para indicar atributos semelhantes aos do sonhador. “O nosso inconsciente usa os outros como atores para indicar atitudes ou comportamentos pessoais” (MENEGETTI, 2012c, p. 128);
- 4) *Os sentimentos*: indicam o valor e a intensidade de uma ação no contexto existencial do sonhador. “uma imagem é real por quanto investimento e participação emotiva possui. O elemento mais real na situação cotidiana é aquele que o sujeito investe em curiosidade e em interesse no interior do sonho” (MENEGETTI, 2012c, p. 128).

Segundo a Ontopsicologia, no processo de compreensão da informação onírica deve-se ter presente estes onze elementos apresentados – os três princípios para interpretação; as quatro fontes que originam a simbologia (psicogênese); e os quatro elementos da cena onírica – uma vez que eles são fundamentais para a interpretação da dinâmica inconsciente do cliente. Acresce-se, ainda, a necessária atenção para a interferência no monitor de deflexão, uma vez que ele deixa sempre sua marca no interior dos sonhos (MENEGETTI, 2016a). O ontoterapeuta, na condução da sua atividade profissional, necessariamente deverá estar atento à presença e ao mover-se dinâmico de todas essas informações, pois elas compõem a “radiografia” onírica e consentem acesso privilegiado à interioridade do cliente.

Meneghetti (2012b; 2012c; 2016a) dedica uma obra específica de apoio técnico metodológico ao especialista nos confrontos com a pesquisa da simbologia onírica, imagógica

e fantasiosa, onde foram pré-escolhidos vocábulos mais recorrentes no universo psíquico humano. A obra intitulada *Prontuário Onírico* é recurso fundamental ao ontoterapeuta. O autor ao apresentar obra indica o público para quem ela se endereça, bem como fornece elementos importantes acerca da formação do técnico, tema deste estudo.

[...] o prontuário é para especialistas ontopsicólogos, entendo implicitamente aludir a uma formação de base em sentido dinâmico-psicanalítico que consinta uma perspicácia no ofício psicoterápico e uma intuição específica a reconhecer, para além do signo, a semântica objetivante. (MENEGETTI, 2016a, p. 44)

Considera-se bastante significativa essa citação na medida em que o objetivo aqui é caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia. O autor indica uma concepção de formação de base – propedêutica – necessária ao “ofício psicoterápico. Na continuidade desta apresentação do “*Prontuário*”, Meneghetti irá especificar elementos dessa formação de base. Tal citação, embora longa, opta-se por incorporá-la na íntegra na medida que fornece um horizonte claro, inclusive acerca das aproximações conceituais entre a Ontopsicologia e outras concepções.

Permanecem convalidados os princípios freudianos de Id, Ego e Superego, os princípios de prazer e de realidade, de instinto de vida e de morte, de deslocamento dinâmico, de identificação e de investimento objetal com cargas e contracargas, de angústia real e neurótica, de mecanismos de defesa, de remoção, de projeção, de sublimação etc., das formações reativas e fixações regressivas, das fases oral, anal, fálica, genital, da cena primária, e de grande parte da análise sobre a dinâmica associacionista e onírica, sempre mantendo na pesquisa o sistema indutivo e nunca o dedutivo. Não concordo no que diz respeito à exposição do complexo edípico. Permanecem convalidados os princípios junguianos dos arquétipos, dos complexos, de inconsciente individual e coletivo, de Eu, de persona, de animus e anima, de self, das funções de compensação, de oposição e de síntese transcendente, de energia psíquica e de valores psíquicos, do poder constelador de um complexo, dos princípios de equivalência e de entropia, de progressão e regressão, de causalidade teleológica, do processo de individuação, da remoção sublimada e simbolizada. No que concerne ao arquétipo sombra, entretanto, faço a ressalva de que em geral ele é negativo, como a maioria dos arquétipos, em particular o da grande-mãe. [...] os princípios adlerianos de vontade de potência ou aspiração à superioridade, de sentimento de inferioridade e compensação, de interesse social, de estilo de vida, do self criativo, da ordem de nascimento e relativas experiências da infância e personalidade. Permanecem convalidados os princípios de interpretação onírica dos manuais já clássicos W. Bonime, E. A. Gutheil (à parte A Interpretação dos Sonhos de Freud); são também válidas as interpretações mais analíticas da psicologia transacional, da parapsicologia e do training autógeno (Schultz-Klaus), a semiologia religiosa e mística.

Conforme assinalado neste estudo, a dinâmica onírica adquire destaque central como reveladora das dinâmicas inconsciente do cliente. O ontoterapeuta em seu percurso formativo e na condução de seu ofício, *pari passu* às formulações conceituais da própria Ontopsicologia,

deve ter consigo um cabedal de base construído por tantos outros importantes estudiosos da realidade humana.

3.5 A relação psicoterapêutica segundo a escola ontopsicológica

A reflexão sobre a formação do ontoterapeuta, não pode prescindir da abordagem sobre a relação psicoterapêutica, segundo o específico enquadre dessa escola. A relação psicoterapêutica, na perspectiva ontopsicológica, distingue-se de outras modalidades de relação principalmente por cinco elementos: 1) A relação deve ser solicitada profissionalmente e o cliente precisa ter consciência de uma necessidade e reconhecimento da capacidade de um psicoterapeuta capaz de auxiliá-lo. Deve existir a escolha e a permissão do cliente para que possa ser ajudado tecnicamente; 2) É necessária a decisão do cliente de discutir-se sem garantias ou salvo-condutos para as próprias atitudes, portanto, empenho à mudança interior (metanoia); 3) Deve existir o pagamento por parte do cliente. Esse não é um princípio capitalista, mas sim um chamado à autonomia personológica e responsabilidade. Uma vez que o escopo da ontoterapia é a realização do cliente como pessoa totalmente empenhada, essa é uma variável determinate. “Pagar o psicoterapeuta é um ato de autonomia por parte do cliente, porque, com o pagamento, elimina uma possível dependência infantil” (MENEGHETTI, 2006b, p. 29); 4) Constante consciência responsável do cliente. O ato psicoterapêutico é sempre precedido de um momento anterior, decisório e solitário do cliente. Cada evolução no processo necessita desse ato, uma vez que o psicoterapeuta é um satélite requisitado pelo cliente. 5) Verificação da sanidade egoica como critério de resultado do processo psicoterapêutico. A relação deve produzir seus resultados de crescimento ao sujeito.

Verificando esses aspectos que caracterizam a relação psicoterapêutica segundo a perspectiva ontopsicológica, constata-se que partem de uma exigência subjetiva do cliente e que, em base desta, ele escolhe um profissional – um pesquisador da subjetividade – com o escopo de encontrar um equilíbrio e desenvolvimento personológico. Ou seja, o fulcro da relação posiciona como elemento constante a subjetividade. “A subjetividade pode armazenar um entendimento comprometido e contaminado por interferências inconscientes divergentes da identidade íntima e própria do homem” (VIDOR, 2018, p. 29). Por meio de uma relação que é intrinsecamente intersubjetiva, cujo critério operativo é a inseidade subjetiva do cliente, o ontoterapeuta pode ser mediador de autenticidade ao outro. Nisso tudo, é fundamental a informação do campo semântico, uma vez que, por meio dele, pode-se individuar como o ser do outro faz sinal (sema).

O ontoterapeuta discrimina e se move na relação psicoterapêutica por parâmetros de absoluta interioridade. Gradualmente, através de um progressivo processo de interiorização, provoca o cliente à autoevidência, cujo escopo último é fazê-lo conscientizar a própria intencionalidade ôntica. “A psicoterapia é algo de específico que se individua na pessoa, é uma escola de maturidade. A psicoterapia é *indução a especificar a autóctise metafísica do sujeito na história*” (MENEGETTI, 2010, p. 312, *grifo do autor*).

3.6 O processo ontoterapêutico

Meneghetti, ao apresentar o processo ontoterapêutico, faz uma retomada no próprio percurso teórico-prático na clínica, apresentando elementos de sua gênese. Inicialmente, o autor indica que a Ontopsicologia não nasceu de “revisões críticas das muitas psicoterapias existenciais e nem mesmo de uma investigação voluntária: *nasceu da evidência prática*” (MENEGETTI, 2003, p. 65, *grifo do autor*). Segue informando que o conhecimento psicanalítico, a terapia centrada no cliente e a busca por um significado proposta pela logoterapia, em um primeiro momento, lhe pareciam instrumentos lógicos suficientes para o exercício da psicoterapia. Entretanto, gradualmente, em especial no contexto universitário, quando explicava e discutia os princípios que norteavam seu trabalho como psicoterapeuta, constatou que adotava um esquema de referência diverso daqueles de seus autores de referência. Dirá o autor:

[...] sobretudo, dei-me conta que em realidade eu relacionava as várias técnicas metodológicas a um esquema base: *individuação do absoluto no aporético contexto psicológico do indivíduo e provocar-lhe atuação possível*. (MENEGETTI, 2003, p. 65, *grifo do autor*)

A experiência clínica de Meneghetti pressupunha um dado metafísico, e o processo voltava-se a identificar por meio da anamnese a presença deste apriorístico e consentir a sua autêntica formalização no contexto histórico existencial do cliente.

O modo de análise e intervenção utilizado na Ontoterapia evidencia a distinção de outras formas de psicoterapia. Ao abordar especificamente o proceder psicoterápico, Meneghetti (2005c) ilustra essa distinção indicando que os modelos psicoterápicos geralmente procedem por meio da coleta de dados, de fenômenos, de sinais e de tudo aquilo que pode revelar-se no discurso individual histórico. Essa coleta de dados é analisada em busca de suas estruturas de sustentação e, em seguida, à luz de uma concepção diferente, de acordo com a especificidade

da abordagem, conduz-se o processo. A resultante da relação terapêutica orientada por esse modo de proceder deveria ser produtora de sanidade e bem-estar, segundo o enquadre da abordagem. Na Ontoterapia, considerando a existência dos campos semânticos e o Em Si ôntico, a condução é diversa, uma vez que os dados do verbalizado, dos sonhos, das ações, dos comportamentos, do ambiente, são, sem dúvida, importantes, mas não determinantes no processo.

O ontopsicólogo, em vez disso, procede de uma maneira completamente diferente. [...] Aguarda humildemente, de modo constante, o sinal semântico da unidade de ação do sujeito. Somente quando a semântica chega, a intencionalidade aberta da unidade de ação do outro, então o ontopsicólogo, que pode percebê-la através da propriedade aberta de sua própria unidade de ação, escuta o *comunicado* e depois pode verbalizá-lo no externo, segundo todos os configurados e os instrumentos do qual dispõe. (MENEGETTI, 2005c, p. 103, *grifo do autor*)

A semântica do cliente chega até o psicoterapeuta como informação⁶³ e estabelece o vetor prioritário de condução do processo ontoterapêutico. Essa informação chega como realidade em ato ao técnico que está em condição de formalizar este vivido semântico do cliente, por meio de palavras. Nesse ponto, o sujeito encontra-se entre dois estímulos: a sua unidade de ação, que quer vida e desenvolvimento, e o apoio externo do verbalizado do ontoterapeuta, que assinala diretivas de ação.

Esse processo ontoterapêutico torna possível a identificação, a autenticação e a evolução do cliente. Segundo Meneghetti (2010, p. 310), o esquema-base do processo compreende em: “indivíduoar a pulsão ou intencionalidade do Em Si ôntico no aporético contexto psicológico do indivíduo (tecido anamnésico), evidenciar a sua exigência autêntica em ação situada e provocar sua atuação”.

- 1) *Identificação do Em Si*: Identifica-se a inseidade irrepitível e original que é a mente da personalidade de um ser humano e que especifica a ecceidade⁶⁴ de ser ou não-ser (Em Si ôntico). A identificação é já um significativo empenho, porque se deve passar através de tantos véus constituídos pelos estereótipos, pelos complexos e pelas

⁶³ Informação: do latim *in actio formo, signo*, significa “assinalar a ação, dar estrutura à ação. Introduzir nova causalidade. Moldar um quântico energético, um momento-vida, segundo um desenho, ou modo, para um determinado escopo” (MENEGETTI, 2012a, p. 141).

⁶⁴ Conforme já assinalado, o termo “ecceidade” é amplamente utilizado em Ontopsicologia e refere-se aos ser aqui e agora; define o ente individuado. Meneghetti repropõe este conceito escolástico cunhado por Duns Scotus. “Quando uso o termo “ecceidade”, eu pretendo abrir o ser. [...] é a superação tanto do objeto quanto do sujeito. Não é sujeito, nem objeto, nem relação: é uma síntese, é o íntimo daquilo que é “em si”. “Ecceidade” é algo que se é por evidência. Procede do ser: o real se abre e se certifica sem mediação” (MENEGETTI, 2010, p. 155).

ideologias sobre a verdade: estereótipos são os modos de conduta de um sistema; complexos são as deformações estruturais que, do núcleo familiar, inseriram-se no amadurecimento existencial do sujeito; ideologias são tudo aquilo que é considerado absoluto. Esses três fatores agem de modo sinérgico, estão em interação contínua e um se esconde no outro;

- 2) *Autenticação*: Leva-se o sujeito da dispersão histórica à virtualidade da própria intencionalidade de natureza. “Autenticação” significa que aquele sujeito, naquela etapa de sua vida, segundo um modo de como a natureza o posicionou, o temperamento e os dotes que lhe deu, deve conseguir chegar a um certo nível de maturidade: o Eu lógico-histórico deve corresponder ao previsto pelo desenho de natureza operativo naquele sujeito. Portanto, deve existir a coincidência com a virtualidade ôntica, a qual deve ter sua história correspondente. “Autêntico” significa: sermos iguais a como o ser nos põe;
- 3) *Evolução*: Feita a identificação, reativada a autenticidade, a psicoterapia dá estímulo ao desenvolvimento do sujeito, não uma evolução ideológica, mas ação à própria ulterior virtualidade (sendo o homem um projeto virtual aberto). A psicoterapia auxilia o indivíduo, mas não lhe ensina o caminho: a decisão última é sempre do cliente. “Na situação da psicoterapia ele encontra uma escola onde exercitar a própria autenticidade em crescimento contínuo, para construir horizontes sempre novos e mais amplos” (MENEGETTI, 2010, p. 311).

O processo ontoterapêutico desenvolve-se por meio de um percurso de cinco tempos. Esses tornam possível a exposição, a individuação e a conscientização do cliente. Entende-se por exposição a revelação interior da dinâmica do Eu histórico do cliente; a individuação, por sua vez, consiste na intuição, por parte do ontoterapeuta da exigência do Eu *a priori*⁶⁵ do cliente; a conscientização é a ação empática do ontoterapeuta por meio da qual o cliente passa à atividade no ser de si mesmo (MENEGETTI, 2003).

Respeitadas as particularidades e peculiaridades de cada cliente, o processo ontoterápico organiza-se no seguinte percurso (MENEGETTI, 2003; 2010):

⁶⁵ Por Eu, *a priori*, entende-se: “O Eu de antes à escolha ou interação. Forma virtual do Eu organísmico antes do acontecimento e desenvolvimento histórico. É o modo que especifica a intencionalidade ôntica no lugar. Razão formal do Em Si ôntico na situação. Constitui aquele possível ótimo a ser concretizado por sucessiva tomada de consciência e de vontade, para o nascimento constante do Eu histórico em progresso intrínseco” (MENEGETTI, 2012a, p. 109).

- 1) *Situação de impacto*: As impressões iniciais do primeiro encontro terapêutico produzem informações fundamentais. Dessa forma, o psicoterapeuta deve estar em total disponibilidade e abertura à novidade do cliente. Tudo do cliente informa: sua fisionômica; sua cinésica; seu vestir; seu modo de verbalização; o tônus afetivo investido na narrativa da sua situação; a escolha das palavras; a cronologia da narrativa; os personagens destacados na narrativa; o assomo de imagens que irrompem na consciência do ontoterapeuta ao contatar o cliente; dentre outros aspectos. “Considero que a primeira entrevista é para mim, todas as outras são para o paciente” (MENEGHETTI, 2005b, p. 157). O ontoterapeuta deve buscar ter uma intuição global do cliente e sua problemática, para isso primeiras mensagens cinessomáticas e a onda afetiva são de fundamental importância;
- 2) *Anamnese retroativa*: Nos sucessivos encontros, paralelo à busca pela individuação da informação ôntica, o ontoterapeuta deve favorecer ao cliente o reencontro de determinadas experiências que foram negadas, mas que permanecem marcas significativas na constituição de si. O terapeuta deve provocar no cliente o esforço em busca do próprio Eu e de como esse esteve efetivamente implicado naqueles fatos que hoje são frutos de seu sofrimento. O processo de gradual introspecção, responsabilização e entendimento de si favorecido pelo ontoterapeuta é característico nessa etapa;
- 3) *Diagnose fideísta*: A fase anterior buscou observar e investigar os contornos históricos como causalidade da dinâmica do cliente, porém, nesta terceira fase, o ontoterapeuta tenderá a individuação teleológica. Significa, de uma parte, favorecer ao cliente a busca por expectativas, desejos, propósitos, temores, etc. De outra, favorecer a busca de um Eu perdido, que poderia ter sido. O constituinte ontológico, como projeto de inteligência, provoca intrinsecamente o ser mais. A diagnose favorece a compreensão de onde o Eu cedeu diante de tudo o que dele era externo. Nesse processo investigativo, o ontoterapeuta deve fazer atenção a onda afetiva, uma vez que essa é teleologia do Eu *a priori*. O técnico deve saber distinguir essa das informações obsessivas complexuais⁶⁶;

⁶⁶ Embora já tenha sido discutido no presente trabalho, cabe salientar que por complexo entende-se também: “Qualquer tipologia de atividade psíquica não coligada com a vontade do Eu. Assume a própria modalidade pulsional em relação a três elementos: 1) repressão de um instinto biológico; 2) simbologia da cultura ambiental; 3) devir do real. É determinada por estereótipos que garantem a continuidade da estrutura sem novidade de desenvolvimento. [...] É uma realidade psíquica que se formou em compromisso entre as exigências sociais e as exigências biológicas do indivíduo” (MENEGHETTI, 2012a, p. 56).

4) *Individuação ôntica do Eu ou individuação do Em Si ôntico*: A terapia de orientação ontopsicológica, como já assinalado, é baseada no pressuposto de que já existe um pré-constituído de sanidade, de fato ou potencial; entendimento do humano como projeção em ato de um projeto de inteligência da vida ou Em Si ôntico. Assim, a patologia é entendida como um desvio da unicidade de dever ser fundante, basal. Nesta fase, o cliente deve ser estimulado a colher a própria unicidade. O ontoterapeuta deve favorecer ao cliente o processo de abstração profunda de si: distraí-lo da problemática circundante e impulsioná-lo a um reencontro da última causalidade (ou primeira) do próprio ser em crise (MENEGETTI, 2003; 2010).

Meneghetti (2003, p. 74) destaca que:

Se, no início do processo ontoterápico o cliente está convencido que tudo de si é condicionado pelos fatos externos, nesta fase deve descobrir que qualquer fato em si é indiferente e que pode ser seu amigo ou inimigo, conforme é encontrado e aceito pelo Eu.

Nesta fase é de fundamental importância fortalecer a convicção e a percepção do cliente da existência de um Eu anterior próprio a todo tipo de experiência psicológica sucessiva. Levá-lo a compreender que por mais inexpressivo que possa ser esse Eu anterior ou por maior que seja a adversidade externa, resta presente um elemento potencial, aberto para uma dinâmica de renovação.

5) *Diretiva empática ou verbalização raciocinada e repetida do Em Si ôntico (psicoterapia centrada sobre a pulsão)*: conforme assinalado, o modelo de intervenção ontopsicológico, tem como critério e fulcro o Em Si ôntico. O desafio do psicoterapeuta é, através de um processo intersubjetivo, saber ler a última positividade do cliente. Da própria percepção organísmica, colher o íntimo do outro. A Ontoterapia é fortemente diretiva⁶⁷. Essa diretividade é determinada pela centralidade ôntica do cliente. A diretiva ontoterápica deve ser dúplice: de uma parte orientada fortemente sobre o Eu do cliente, de outra seleção temático-prospectiva dos argumentos extraídos dos significados do Em Si ôntico. Desta forma, a diretiva empática do ontoterapeuta “consiste em centrar o cliente para além da própria

⁶⁷ Na obra “Em Si do homem”, Meneghetti (2004, p. 218), embora não especifique, assinala que para compreender adequadamente a diretividade ôntica proposta pela escola ontopsicológica, “é necessário possuir uma certa familiaridade com o pensamento de Freud, Jung, Rogers, Husserl, etc.”.

fenomenologia afim de que esteja em condições de auscultar-se onticamente e, como decorrência, individuar-se originalmente” (MENEGETTI, 2003, p. 77)⁶⁸. Ou ainda, “é verbalizar o formal intencionado pelo Em Si inconsciente do sujeito” (MENEGETTI, 2003, p. 218). Em síntese última, pode-se afirmar que a diretividade proposta pela Ontoterapia é um “aconselhar com objetividade” (MENEGETTI, 2004, p. 218). O ontoterapeuta impulsiona na direção já assinalada pela espontaneidade do inconsciente do cliente.

A relação empática que caracteriza este último tempo do processo ontoterápico também evidencia o modo de proceder do ontoterapeuta. Quando Meneghetti (2003) sublinha que o psicoterapeuta, da própria autenticidade, é capaz de autenticação ao cliente, fala deste modo de proceder. Uma capacidade de relação de íntimo a íntimo. Este aspecto é central na formação do ontoterapeuta. Ele deverá no seu percurso formativo ser evidência de si e evidenciar essa capacidade na clínica. O psicoterapeuta ontopsicológico procura levar o cliente do “Eu disperso como coisa ao Eu recolhido em perseidade ôntica” (MENEGETTI, 2003, p. 49). Cabe reiterar a relevância e a especificidade deste último tempo do processo para a formação do ontoterapeuta, uma vez que a eficiência do método é atribuída a dois fatores: concretas diretivas existências e transferência ôntico-nucleica. A este respeito, Meneghetti (2005b, p. 165) esclarece:

A diretividade neste sentido é bilateral: um, porque quem cria o *transfert* total primário é o ontoterapeuta que cria uma terapia, cria uma onda em nível do Em Si do ser (ponto importante ou fundamental a qualquer outra dinâmica) e depois porque estamos em um histórico matérico que individua a função, o modelo, o passo, ou seja, um apoio específico. Ou seja, primeiro se cura depois se entende.

Ainda sobre a diretividade ôntica, pode-se afirmar que é um elemento que qualifica e distingue a Ontoterapia. Essa diretividade é definida segundo o impacto semântica do Em Si.

⁶⁸ Ao apresentar a diretiva empática como fase do processo ontoterápico, bem como em outras passagens de seu referencial, Meneghetti sublinha que embora exista por vezes, similaridade terminológica com Rogers e mesmo um compartilhamento em parte com elementos de sua teoria, existem distinções determinantes. A questão da diretividade e da não diretividade na perspectiva ontopsicológica, por exemplo, é amplamente discutida por Vidor (1974). No tratado “Ontopsicologia Clínica” (2005b) e na obra “Filosofia Ontopsicológica” (2003), Meneghetti evidencia aproximações e distanciamento teóricos e técnicos com a perspectiva rogeriana. Ao discutir o contato em terapia, por exemplo, acolhe os conceitos de incongruidade, congruidade e contato, ainda que acrescente outros elementos característicos da abordagem ontopsicológica. Também em Meneghetti (1982; 2003; 2004; 2010) são feitas outras distinções e diferenciações com a abordagem de Rogers. As três descobertas da Ontopsicologia consentem evidenciar que o quanto expresso no discurso falado do cliente está fortemente alterado e distorcido por atitudes de defesa de diversos modos e por um conhecimento não completo de si. Retorna aí a relevância do conhecimento organísmico como instrumento do ontoterapeuta.

A diretividade é um serviço ao querer ser do outro (ou Eu a priori) ínsito a partir da sua virtualidade ôntica. Nisto, é fundamental a permissão do outro (cliente). Essa diretividade fundamenta-se em três aspectos a partir dos quais o profissional pode propor um desenvolvimento ao cliente: individual, social e universal.

- 1) *Aspecto individual*: Não se pode determinar um dever ser absoluto ao homem em geral. Isso seria compreender uma psicoterapia de adaptação ao sistema e não personologia do ser. O compromisso ético da psicoterapia é com a radicalidade do otimal, aqui e agora, do cliente como unicidade. A diretividade ôntica move-se apenas após a abertura do cliente. O psicoterapeuta precisa ter conseguido evidenciar o *a priori* do cliente. A partir dessa evidência, o profissional propõe o desenvolvimento do cliente. O biológico é a verificação inicial a ser realizada: como está o cliente em seus aspectos biológicos? Apresenta uma relativa tranquilidade, um bem-estar? Ou acusa dores, enxaquecas, distúrbios no corpo? A biologia possui sua norma e é critério de verificação. Os pulmões, o coração, os genitais e o estômago possuem uma intrínseca lei de funcionalidade, e esta deve ser respeitada e observada. “O biológico é o primeiro modo da vida do homem, a primeira situação inalienável através da qual o homem existe historicamente. Cada verdade mundana ulterior depende dela” (MENEGETTI, 2004, p. 221). Esse aspecto remonta a perspectiva do homem como unidade hilemórfica. A pesquisa do ontoterapeuta inicia deste plano de análise, uma vez que ele é endereço para a integração do cliente;
- 2) *Aspecto social*: A máxima de que “nenhum homem é uma ilha” é uma verdade profunda. É a sociedade a formalizar as bases do Eu lógico-histórico; das regras de comportamento social às leis, o sujeito é determinado por um dado que é anterior ao próprio nascimento. De uma parte, o sujeito é uma potencialidade aberta, de outra existe um elemento social que é formalizador (útero social). No âmbito ontoterápico, a questão é: no contexto social em que está inserido, o sujeito possui coordenadas de Eu para realizar a própria potencialidade? Tem condições de satisfazer-se, de gratificar-se evolutivamente? Sabe construir a sua socialidade (amigos, conjuge, família, trabalho)? A capacidade de gratificação social é o segundo aspecto verificado em Ontoterapia. “O ontoterapeuta encontra o endereço de diretividade ali onde o homem é carente na sua trajetória histórica” (MENEGETTI, 2004, p. 223). É claro que essa diretividade é possível enquanto tem-se como pressuposto a

existência de uma positividade semântica basilar do organismo segundo a intencionalidade de natureza;

- 3) *Aspecto universal*: Nesta fase, afronta-se as problemáticas teleológicas, “se verifica o potencial personológico ao sentido último das coisas, e o valor do aqui e agora ao sentido prospectivo do ser” (MENEGETTI, 2004, p. 224). Compete ao ontoterapeuta ensinar o hábito ao reconhecimento e à paulatina evidência do Em Si ôntico ao cliente, por meio de suas manifestações oníricas, da análise das suas modalidades de erros, das suas variações emocionais e psicológicas, do uso da imagogia para compreensão e verificação pessoal e da ausculta da sincronia entre o move-se cerebral e o próprio tônus visceral⁶⁹. O objetivo é criar autonomia ao cliente a fim de que ele seja capaz de fazer história do próprio Eu segundo o sentido ôntico, uma vez que é a partir desse critério que ele será capaz de inventar o próprio sucesso pessoal, familiar e social.

Vidor (2013, p. 44, *grifo do autor*) esclarece que a Psicologia “tem como tarefa entrar no problema transcendental, ir além da empatia e, através da endopatía, segundo Husserl, penetrar nas realidades e possibilidades da subjetividade transcendental que é *una*”. A endopatía ou entropatía, nesta perspectiva, é a compreensão capaz de colher a dinâmica motivacional interna de um comportamento humano. Enquanto a empatia é um modo de compreensão mediante o qual se vê o ponto de vista do outro, de seus sentimentos e emoções, como se o receptor fosse o outro. Azevedo (2018, p. 20) esclarece que o termo alemão *Einfühlung* cunhado por Husserl, foi traduzido na tradição filosófica por “entropatía” ou “endopatía” e indica “a capacidade de empatia ‘íntimo a íntimo’, a capacidade de sentir e refletir o mundo interior do outro com o meu corpo próprio (*Leib*). Trata-se de conhecer o outro de modo radical por meio da variação que ele origina na esfera do próprio (*Eigensphäre*)”. Neste aspecto a fenomenologia husserliana, encontra forte esteio na abordagem Ontopsicológica.

No processo ontoterápico o conhecimento ou a consciência entropática é fundamental, uma vez que essa via de comunicação é superior à todas as outras formas cognoscitivas humanas. O ontoterapeuta no seu processo formativo deve ser capaz de colher a informação organísmica, ou seja, trata-se de ter a evidência da comunicação entropática, ter consciência dos campos semânticos. “A comunicação entropática metaboliza com tal precisão e nitidez a

⁶⁹ No que se refere a este último aspecto (relação entre o pensar e a resposta visceral), Meneghetti (2004, p. 225) destaca que “geralmente, a ausência da ressonância tranquila e expansiva da zona visceral é indicativa de decisibilidade ou comportamentos não congruos para o desenvolvimento sadio e unitário”.

informação (= forma da ação), que nenhuma outra compreensão pode substituí-la” (MENEGETTI, 2016a, p. 111).

A Ontoterapia é por excelência instância ao reencontro daquele poder-ser, ou Eu a priori. Ser, então, técnico da inseidade humana requer uma global preparação na qual elementos técnicos e subjetivos estão completamente imbrincados, na medida em que o fazer é sempre extensão do ser. Esse aspecto da formação do ontoterapeuta torna-se central uma vez que a autenticidade deste, juntamente com a técnica, serão os fios condutores do cliente à percepção da própria presença até a raiz da sua interioridade. Dessa forma, a adequada formação do terapeuta é fundamental para a exitosa utilização da metodologia.

3.7 Resistência e *transfert* em Ontoterapia

Na busca de caracterizar de um percurso formativo em Ontoterapia – objetivo do presente estudo – ao se discutir os elementos fundamentais dessa prática clínica, não se pode prescindir de abordar dois conceitos que são relevantes em diversas propostas psicoterápicas, mas que, em Ontopsicologia, recebem um enquadre específico: os conceitos de resistência e *transfert*.

O escopo último da Ontoterapia, conforme assinalado, é aquele de estabelecer o nexo entre o Eu lógico-histórico e o Em Si ôntico. O processo visa favorecer a autenticação do Eu e a realização da sua virtualidade criativa. Entretanto, o atingimento de tal propósito requer uma significativa variação do Eu, uma mudança no modo de consciência (metanoia); daquele condicionado pelos complexos e estereótipos da cultura, àquele capaz de ser contínua resposta à virtualidade em ato que é seu Em Si ôntico.

O posicionamento ontoterapêutico que torna possível essa variação do Eu, implica uma conversão da energia complexual – recordar que o complexo é definido como uma fixação somatopsíquica de energia autônoma ao Eu consciente – em função da autóctise histórica do Eu lógico-histórico. Mais do que uma ab-reação desse conteúdo energético ou precipitado psicoemotivo do monitor de deflexão, a Ontoterapia deve promover uma “conversão sublimada em hierarquia funcional superior” (MENEGETTI, 2010, p. 312). Essa zona removida, conscientizada e reinvestida em formas mais funcionais para a realização do Eu, torna-se um exército a mais no fortalecimento do próprio Eu lógico-histórico.

Entretanto, a estrutura complexual, por meio da fixidez dos estereótipos – cujos hábitos são a primeira fenomenologia – determina diferentes fases de resistência à autenticação do sujeito. O processo de mudança promovido na psicoterapia pode ser vivido como ameaça à

estrutura sedimentada na primeira infância. Freud (1987, p. 475) ao discutir a relação analista-analisando propõe que “tudo o que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência”. Nesse aspecto, verificam-se aproximações como o enquadre ontoterapêutico⁷⁰.

A resistência no contexto ontoterapêutico é entendida como a oposição que o cliente constrói em defesa de uma estrutura de Eu. A estrutura do Eu lógico histórico, reage, por meio de seus mecanismos de defesa, à novidade de informação colhida como ameaça. Verifica-se uma rejeição ao acolhimento de novas informações que são úteis e funcionais à vida do sujeito.

A resistência, essencializada no impacto experiencial de ontoterapia, não é outra coisa que uma sólida estrutura sociorracional, cuja invariância não consente a conscientização de fundamentais processos primários produzidos pelo Em Si organísmico; em consequência de tal invariância ou móvel fixo, o sujeito, para coincidir com o socializado introjetado, inibe o próprio organismo, descontando em patologia a própria pulsão vital. (MENEGHETTI, 2005b, p. 31)

O “socializado introjetado” ou superego social estabiliza o sujeito em contraposição ao próprio princípio vital ou critério de natureza, cuja manifestação última e mais evidente é o Em Si organísmico. O Eu, ao consolidar-se em uma estrutura que inicialmente é resposta vital como adaptação ao contexto sociofamiliar da primeira infância, gradualmente perde (ou reduz) essa mesma capacidade natural de adaptação. Enquanto a vida é semovência, o sujeito adulto permanece estabilizado e, por vezes, até contraposto ao próprio projeto de natureza. A Ontoterapia, por meio da interpretação, investiga os translados resistenciais operados por esta “sólida estrutura sociorracional”, com o objetivo de promover uma reintegração egoica do Em Si ôntico (conscientização como Eu todo o Em Si ôntico).

No âmbito psicoterapêutico, não se pode desconsiderar o contexto social no qual o sujeito está inserido. Especificamente, com relação à compreensão e interação com os aspectos resistenciais do cliente, é importante ter no raio de análise suas referências afetivas e relacionais. Por vezes, como já indicava Pichon-Rivière (1998), o mover-se resistencial do cliente é o revelador de uma dinâmica subterrânea disfuncional de todo um contexto familiar e/ou social. Ele expia uma realidade que não é apenas dele⁷¹. A Ontopsicologia não desconsidera tais

⁷⁰ Meneghetti (2015b, p. 237) assinala essa aproximação, ao afirmar em nota: “Entendo a resistência clássica em sentido freudiano, que primeiramente tem uma parte formal e, depois, tem um deslocamento e se aloja”.

⁷¹ O conceito de bode expiatório proposto por Pichon-Rivière (1998, p. 55), no contexto dos estudos dos grupos, auxilia a elucidar aspectos no mover-se da resistência. Segundo o autor “a emergência de uma neurose ou psicose no âmbito de um grupo familiar significa que o membro deste grupo assume um novo papel, transforma-se no porta-voz ou depositário da ansiedade do grupo [...]. Uma determinada insegurança social instala-se no seio do grupo”.

aspectos e a informação colhida por meio da variação dos campos semânticos reforça essa perspectiva.

Cabe ressaltar, ainda, que a resistência do cliente revela também aspectos de sua capacidade crítica, de coesão e força do Eu. Ou seja, ainda que a resistência seja uma força não investida na evolução de si, também assinala o potencial de inteligência do cliente. Dessa forma, cabe ao ontoterapeuta ser competente mediador para compreendê-la, manobrá-la e atualizá-la em ação funcional, em autóctise histórica do sujeito.

A Ontopsicologia entende a resistência de três modos (MENEGETTI, 2005b; 2010; 2016b):

- 1) *Resistência à psicoterapia*: É quando o cliente entra em contraposição com o psicoterapeuta. A dinâmica de ação humana é projetiva. Ou seja, conhece-se o outro e o mundo por projeção da própria estrutura psicológica. Assim, também neste contexto resistencial, pode-se observar um momento pedagógico, de compreensão e entendimento da própria dinâmica como terapeuta e do modo de mover-se do cliente. Meneghetti (2010, p. 312), sublinha que “À luz da resistência que o cliente está fazendo, é necessário que o psicoterapeuta efetue também um exame de si e do próprio trabalho”. Não se trata, portanto, de entrar em embates ou esconder-se atrás do lugar de psicoterapeuta, uma vez que tal posicionamento poderia somente evidenciar uma fragilidade ou falsidade. Retorna a importância do autoescrutínio e da humildade como atitude clínica. Ainda sobre a resistência à psicoterapia, Vidor (2015⁷²) problematiza o lugar social ocupado por essa prática no senso comum, como um fator relevante:

Esta resistência aculturada, e que hoje em dia na mente das pessoas circula para criar uma enorme resistência, tem como o ponto de partida o fato de que a pessoa se reputa normal porque está bem enquadrada dentro dos modelos sociais; ela não tem problemas. É como que se ela fosse ausente da possibilidade de fazer o trabalho de revisão da própria consciência.

A psicoterapia pressupõe um processo de revisão e reflexão de si que impele à mudança. A resistência a essa mudança é projetada individualmente na relação cliente – psicoterapeuta, mas possui também sua expressão social. Não considerar a força da rede social que, por vezes,

⁷² Comunicação Pessoal: **A Psicoterapia**. Aula ministrada em março de 2015, em Bombinhas/SC.

estabiliza a patologia, é ingenuidade daquele que deseja afrontar um consistente estudo e formação em Ontoterapia.

- 2) *Resistência do Eu*: O Eu lógico-histórico, convencido de controlar tudo e fortemente sustentado pela vontade e pela cultura, cria resistências para salvar as próprias certezas e o modo como se conhece como identidade histórica. Nesse processo, os mecanismos de defesa como a racionalização, a projeção, a compensação, dentre outros, tornam-se ferramentas à manutenção do *status quo*. Meneghetti (2010, p. 313) sublinha que o Eu:

Deve ser levado a conscientizar que existe o inconsciente – de qualquer modo operativo, com ou sem ele, pró ou contra ele – e responsabilizá-lo sobre essa enorme realidade. Uma vez que se fez o cliente intuir o inconsciente, atenua-se a rigidez do Eu lógico-consciente, o qual entra em crise e começa a aprender do próprio real.

A este ponto entra a dimensão de arte do fazer psicoterapêutico. Saber a medida de compreensão do Eu do cliente a fim de desenvolver um trabalho a dois, em que o primeiro oferece a diretiva e o segundo a insere na dimensão da ação histórica. É de se supor que está presente também uma indireta resistência à psicoterapia.

- 3) *Resistência do complexo*: Este tipo de resistência é gerado pela estrutura do complexo. Conforme já discutido, o complexo é uma estrutura energética que opera autonomamente em relação ao Eu lógico-histórico. O complexo possui uma intencionalidade própria e responde à necessidade de manter sua estrutura latente no inconsciente. O ontoterapeuta deve reconhecer a modalidade e a força do complexo do cliente e encontrar formas de reintegrá-la em função do Eu lógico-histórico.

A resistência é o modo de adaptação de um complexo com prejuízo para o sujeito: o Eu sincretiza-se com uma forma energética não acretiva. O indivíduo tenta propor novamente a antiga estratégia aprendida na infância no seio da família, para manter a própria identidade estática e eliminar a inteligência-ponta do contexto. (MENEGETTI, 2010, p. 314)

Essa estratégia da resistência possui duplo escopo: a) manter a situação complexual; e b) eliminar tudo aquilo de vital que pode subverter o complexo. Trata-se de uma dinâmica inconsciente. O cliente acusa o sofrimento, reclama que não deseja ser daquele modo ou que determinada atitude o coloca em erro consigo mesmo. Clama ajuda, não quer o sintoma, mas

também resiste em mudar aquele determinado comportamento, ou relacionamento que o condicionam.

- 4) *Resistência por transfert*: O cliente instrumentaliza a relação com o psicoterapeuta para: a) não mudar a si mesmo; b) parasitar o técnico considerado pessoa de valor; c) agredir o psicoterapeuta como forma de destruir a própria realidade problemática.

Pode-se melhor compreender essa resistência a partir do diálogo com a perspectiva do relacionamento empático, segundo a abordagem da psicoterapia rogeriana. A empatia, nesse caso, é o modo de perceber a variação emotiva do outro através de mim. A Ontopsicologia, de sua parte, indica a necessidade de uma diretiva empática. Assim, nessa proposta de empatia, primeiro o ontoterapeuta empatiza a variação problemática do cliente, mas depois ao conduzir o Eu lógico-histórico do cliente a perceber a própria identidade com objetivas diretivas, opera-se o *contratransfer*. Segundo Vidor (2015⁷³),

[...] a empatia na Ontopsicologia não pode ser confundida com o *transfert*, onde se recebe a informação da situação emotiva problemática do cliente, e que por não diretividade, se confia na possibilidade de ele reelaborar o Eu segundo a ordem da realidade vital, sem ter antes elucidado os problemas que ele pode assimilar e os problemas nos quais ele permanece fixo no seu modo de pensar, e impedido de poder ver o seu Eu real. Constrói um eu fictício em base ao modo como pensa e não em base ao modo como é.

A Ontopsicologia confere dedicada atenção, também, à realidade transferencial. O *transfert* é um elemento mediânico, indispensável no interno de toda a relação psicoterapêutica, porém não somente nela, mas em toda a relação afetiva humana. Segundo Meneghetti (1982, p. 74), “Em todas as relações afetivas entre progenitores e filhos, entre mulher e marido, entre penitente e confessor, entre amantes ou entre amigos, existe a interferência condicionadora do *transfert*”.

O erotismo e a agressividade, instintos de base do humano, são interceptados e monopolizados pelo monitor de deflexão: erotismo como vetor de prazer, satisfação e realização para o organismo; agressividade é um componente primário do crescimento e evolução para o sujeito; é a tomada de posse segundo uma ordem de natureza apriórica (Em Si ôntico), força em sincronismo como o dado ambiental para a evolução. Agressividade é,

⁷³ Comunicação Pessoal: **A Psicoterapia**. Aula ministrada em março de 2015, em Bombinhas/SC.

também, defesa para a própria identidade (MENEGETTI, 2005b)⁷⁴. Uma vez mobilizados tais instintos, estabiliza-se a modalidade única, subjetiva de relação objetual, cuja ação do *transfert* é manifestação.

Verifica-se que aquilo que caracteriza as relações humanas, portanto, o que é continuamente procurado e imposto, é a atividade constante do *transfert*, entendido como a transferência de pulsões para completar e reforçar a estrutura agente do complexo do sujeito. Essa atividade pode assumir a máscara da paixão, do sentimento, da emoção, mas são modos não adequados à dimensão humana: também eles monopolizados pelo monitor de deflexão (DI MUZIO, 1998).

O posicionamento de Meneghetti (1982) é peremptório acerca dessa dinâmica projetiva no contexto ontoterapêutico, ao indicar que, por detrás do investimento transferencial, na maior parte das vezes, encontra-se a estratégia do complexo do cliente. Por *transfert*, em Ontoterapia, entende-se “o quântico formal que o cliente projeta no psicoterapeuta, manifestando assim a própria tipologia de relação de objeto” (MENEGETTI, 2006b, p. 44, grifo do autor). O *transfert* é revelador da modalidade de gestão da própria existência na sua globalidade. O modo como o cliente se investe no psicoterapeuta, especialmente por meio da sua afetividade, é evidência de como ele se move na sua globalidade existencial.

A lógica afetiva do cliente é o sedimentado da arcaica díade da primeira infância, fundante da personalidade. A estrutura complexual e as patologias do cliente se constroem a partir de uma formação rígida da afetividade recebida na infância. Uma vez que o investimento transferencial é de conteúdo afetivo, naturalmente o cliente irá repetir e renovar – com maior ou menos consciência – seus modelos afetivos aprendidos na figura do psicoterapeuta.

Sem dúvida, é uma arte manejar a relação psicoterapêutica sobre o fio da navalha do *transfert*, sem se deixar objetificar pela afetividade do cliente. Entretanto, a posição em Ontoterapia é aquela de não acolhença ao investimento do *transfert*, pois tendencialmente por ele passarão os esquemas complexuais estabelecidos na formação da personalidade do sujeito. O desocultamento da dinâmica do *transfert* e a responsabilização do cliente fazem parte essencial do trabalho ontoterapêutico. O processo de autenticação posiciona-se justamente no esclarecer ao cliente às estratégias lógicas e afetivas que o condicionam (reveláveis, também, por meio dos modos de *transfert*), em contemporaneidade a provocação para a evidência e

⁷⁴ A compreensão da concepção de instinto em Ontopsicologia é fundamental para aquele que deseje formar-se Ontoterapeuta. Para tanto, recomenda-se o estudo da definição presente no primeiro capítulo do livro Ontopsicologia Clínica (MENEGETTI, 2005b). Recomenda-se, ainda, os capítulos “O nascimento do Eu” e “A estrutura originária da agressividade” na mesma obra.

conscientização do próprio original de natureza (Em Si ôntico). O manejo ontoterapêutico deve buscar centrar-se na relação com o Em Si ôntico do cliente. O ontoterapeuta opera por *transfert* de realidade, cujo escopo é favorecer ao cliente o reencontro com o próprio Em Si ôntico, para além de toda a objetividade.

A primeira dificuldade para um psicoterapeuta é a de ter sensibilidade e saber entender o paciente, mas logo depois existe aquela de agir e fazer consciência sem se deixar tomar pelo *transfert* do cliente. Aceitar o *transfert* significa aceitar a doença, reativar o roteiro complexual da infância e se deixar contagiar pela sua patologia. Sou o único a sustentar que eu, como pessoa e como profissional, não concordo com a aceitação do *transfert*. (MENEGETTI, 2006b, p. 46, *grifos do autor*)

A ótica ontopsicológica verifica três modalidades de atuação do *transfert*:

- 1) *Transfert de sedução*: Caracteriza-se pelo investimento sedutor ou erótico do cliente na figura do psicoterapeuta, com o propósito de seduzi-lo, portanto, reduzi-lo. O cliente, por meio da admiração, estima, idolatria ou desprezo, ao final visa reduzir a ascendência do psicoterapeuta como figura de valor e operador de autenticidade. A tática do cliente é voltada a domesticar o psicoterapeuta, para sentir-se justificado pelos seus infortúnios e não mudar;
- 2) *Transfert histórico*: Nessa forma de *transfert*, o cliente projeta, na figura do psicoterapeuta, geralmente pela via do confronto (seja de ódio, seja de amor), um conteúdo afetivo que, historicamente, se refere a outra pessoa ou situação. O conteúdo removido é ab-reagido na situação psicoterapêutica. O cliente “desloca a referência, deixando intacto o conteúdo: o psicoterapeuta vem a ser o destinatário forçado do conteúdo de uma carta endereçada a outro” (MENEGETTI, 2010, p. 315).

Estas duas primeiras formas de *transfert*, em Ontoterapia, são consideradas negativas, uma vez que são projeções do complexo do cliente. O ontoterapeuta é convocado a ser objeto do investimento complexual do cliente, como substitutivo da primeira díade com o adulto-mãe. Nessas situações, se o ontoterapeuta não conscientiza a dinâmica em ato, ocorre que o campo semântico do cliente acaba por prevalecer sobre a capacidade do psicoterapeuta. Di Muzio (1998, p. 34) amplia a compreensão acerca desses dois primeiros modos de *transfert* e introduz a terceira modalidade:

Aquilo que caracteriza os dois primeiros tipos de relações transferenciais é a completa ausência de pulsões ônticas, e a obsessiva presença do circuito psicoemótico estabilizado pelo monitor de deflexão; ao invés no terceiro aspecto, o *transfert* de amor, é o Em Si ôntico do cliente que quer o coenvolvimento identificativo com o ontoterapeuta, uma vez que é visto como impulso e modelo vital da própria autorrealização.

- 3) *Transfert de amor*: Este modo de *transfert* traz em si a possibilidade de identificação evolutiva entre cliente e psicoterapeuta. Este último é visto como impulso à autorrealização e autolibertação dos ligames complexuais. Estabelece-se uma empatia entre o Em Si do cliente e o psicoterapeuta. Este tipo de *transfert* é atuado por meio do mérito existencial do cliente: na medida em que o ontoterapeuta é colhido empaticamente pelo inconsciente-base do cliente (Em Si ôntico) e não acolhe a típica modalidade de relação objetual proposta pelo complexo, tem a abertura para propor e elaborar junto com o cliente novas formas autênticas; côngruas a intencionalidade de seu Em Si ôntico.

Em Ontopsicologia, a única relação aceita é com o Em Si ôntico do cliente, ou *transfert* ôntico por meio do qual pode-se atuar a diretividade empática.

3.8 Enquadre técnico no processo ontoterapêutico

Meneghetti (2006b; 2010; 2016b), ao discutir elementos da técnica da psicoterapia ontopsicológica, sublinha a relevância do ambiente psicoterapêutico e indica elementos acerca da composição do local de atendimento e da condução da entrevista – especifica no detalhe o enquadre da sua proposta psicoterapêutica. Num modelo que se assemelha ao zelo rogeriano em delinear aspectos do *setting* e da própria condução do processo, atém-se à configuração do *setting*, ao tempo da sessão, ao ambiente, ao posicionamento do psicoterapeuta, em particular nas primeiras entrevistas, à relação com o pagamento, dentre outros aspectos. Certamente, uma nova proposta reveste-se de múltiplos elementos, alguns deles presentes em outras escolas, outros próprios daquele modo de conduzir o processo.

Antes de mais nada, é fundamental o técnico ter sempre em mente que fazer Ontoterapia significa, em primeiro lugar, provocar a compreensão do inconsciente. Desde as primeiras entrevistas, o cliente deve ser responsabilizado dessa realidade. Assim, a impositação do psicoterapeuta e o próprio ambiente devem remeter ao exercício introspectivo. O local do encontro e o modo de condução do processo devem favorecer com que o cliente se sinta

centrado em estima e interesse. Nesse processo de responsabilização, segundo o enquadre ontopsicológico, também a variável econômica deve ser verificada e devidamente acordada desde a primeira entrevista. O pagamento é sempre exercício de liberdade e autonomia do cliente. Como orientação geral, sugere-se ter como material específico sobre o qual impostar as primeiras sessões, três elementos “1) o fato que motivou a decisão da psicoterapia ou que cria o problema para o cliente; 2) a opinião do cliente sobre o fato em questão; 3) o material onírico” (MENGHETTI, 2010, p. 321).

Quanto ao local de atendimento, sugere-se alguns elementos: que o consultório seja um ambiente elegante e familiar; se possível com uma escrivaninha ou uma mesa; uma ou mais janelas, a presença de uma planta; quadros e obras de arte e duas poltronas colocada frontalmente, preferencialmente do tipo *bergere*. A psicoterapia é instância de encontro consigo. O ambiente e o próprio psicoterapeuta devem ser convergência para isso em todos os seus pequenos aspectos. Isso em uma sala de ao menos três metros quadrados. Caso se deseje, pode-se colocar uma pequena mesa entre as poltronas. A distância entre as poltronas deverá ser de cerca de dois metros: a distância “deve ser tal que, se ambos estenderem o braço um na direção do outro, as pontas das mãos possam se tocar” (MENEGETTI, 2006b, p. 34). A poltrona do cliente, preferencialmente, deve voltar-se para a porta, pois ele deve ter sempre consigo a liberdade do ir e vir. Não deve nunca ser coagido, pois seria uma contradição ao princípio da liberdade e autonomia. Decidir fazer psicoterapia é abertura para colocar-se em discussão e essa é uma profunda escolha autônoma. Mesmo quando o cliente vem sob indicação ou até pressão de terceiros, se veio, tem uma parte do seu íntimo que deseja e escolheu aquela ocasião.

No processo ontoterapêutico, sugere-se um ciclo inicial de dez a doze entrevistas, nas quais as primeiras cinco ou seis têm uma periodicidade semanal e as restantes poderão permanecer com essa regularidade ou passar a ser realizadas quinzenalmente. No início, o profissional busca compreender ao máximo a globalidade da vida do cliente, realizando uma profunda anamnese histórica, acompanhada sempre da informação dos sonhos que o cliente deverá ser provocado a trazer sempre nas entrevistas. Na fase posterior – últimas cinco ou seis entrevistas –, o processo passa a ser mais diretivo, evidenciando, provocando e educando o cliente sobre aqueles aspectos aonde está em erro frente a si mesmo. Esse processo é sempre apoiado pela interpretação dos sonhos. Ao final deste ciclo inicial, cliente e psicoterapeuta avaliam o processo e contratam a continuidade, de acordo como os interesses e possibilidades do cliente. Sempre tendo em mente que o ontoterapeuta é um satélite para o cliente, “a

psicoterapia ontopsicológica é sempre *resposta à iniciativa do cliente*” (MENEGHETTI, 2006b, p. 36, *grifo do autor*). É este último o protagonista do processo.

As sessões não deverão durar mais de quarenta e cinco minutos, respeitado sempre o contexto dinâmico da relação psicoterapêutica. A psicoterapia é um mundo de profundo respeito pela pessoa, assim, também o cliente deve ser educado ao respeito pela própria personalidade. Isso pode ser feito de diversos modos. Se ele vem sujo ou com uma vestimenta inadequada ou chega atrasado na entrevista, educadamente, deve ser acolhido na primeira vez e conscientizado de que aquele é um espaço de distinção para a própria personalidade. Sem dogmatismos, o ontoterapeuta deve ter a sensibilidade de entender os subcódigos presentes no mover-se do cliente.

Particularmente, este pesquisador, não raro, se valeu da fisionômica do cliente para auxiliar na compreensão de aspectos da personalidade dele. Não se pode esquecer a realidade projetiva, assim, é natural que ele coloque na relação psicoterapêutica seus modos conscientes e inconscientes. Entretanto, a Ontoterapia é diretiva; esses pontos devem ser apontados ao cliente e isso faz parte da dimensão de arte no fazer do psicoterapeuta.

4 DO ONTOTERAPEUTA: COMPETÊNCIAS, FORMAÇÃO E ESTILO DE VIDA

Figueiredo (1996), Quayle (2010), Dutra (2013), dentre outros pesquisadores do campo da clínica psicológica, posicionam a pessoa do psicoterapeuta como fundamental no processo terapêutico e no processo de formação técnica em si. Destacam a fundamental relevância da personalidade como central no fazer clínica. Nessa perspectiva, “formar”⁷⁵ um psicoterapeuta, sem dúvida remete ao contexto da teoria, da técnica, entretanto tais elementos estarão sempre atravessados pelo seu modo de ser.

Jung (2011, p. 103) é claro ao destacar esse elemento:

O grande fator de cura, na psicoterapia é a personalidade do médico – esta não é dada *a priori*; conquista-se com muito esforço, mas não é um esquema doutrinário. As teorias são inevitáveis, mas não passam de meios auxiliares [...]. As teorias não são artigos de fé; quando muito, são instrumentos a serviço do conhecimento e da terapia; ou então não servem para coisa alguma.

Rogers (1997, p. 259), por sua vez, assinala características como sensibilidade, empatia, respeito, dentre outras, evidenciando, também, a personalidade do terapeuta como um dos elementos essenciais na clínica psicológica. Segundo o autor:

o terapeuta deve ter uma firme compreensão de si mesmo, dos seus modelos afetivos dominantes e suas próprias limitações e carências. Se não houver considerável grau de compreensão, não será capaz de reconhecer as situações em que pode se ver envolvido e influenciado pelos seus preconceitos e sentimentos. [...] o terapeuta tem de possuir uma compreensão clara da sua própria personalidade.

Cardoso (1985, p. 37), em obra específica sobre a temática, destaca que a “personalidade do psicoterapeuta, sua maturidade pessoal e profissional, seu autoconhecimento, são variáveis importantes no processo terapêutico”. Sabemos os desafios de atender tais características em um mundo complexo que vivemos, bem como entendemos que maturidade, autoconhecimento, dentre outras características, são frutos de uma construção pessoal fruto de escolhas cotidianas. Ampliando a compreensão acerca da pessoa do psicoterapeuta e no desafio de fazer-se profissional nesse campo, a autora elenca uma relação de características proposta por importantes psicoterapeutas e estudiosos neste campo, que entendemos importante apresentar:

⁷⁵ Dutra (2013, p. 207) faz uma interessante discussão acerca do conceito de “formação” entendendo a validade desse formulado na medida que é entendido como um processo, “o qual comportaria, sem dúvidas, a concepção de uma experiência existencial, de um poder-ser, portanto, inacabada”. Comunga-se aqui com tal perspectiva.

- competência técnica, coragem, imaginação criadora, maturidade e conhecimento de si próprio;
- maleabilidade e generosidade;
- empatia e relacionamento de confiança;
- conhecimento do ser humano, empatia, filosofia de vida, conhecimento de dinâmica de personalidade, mas, basicamente, atitude do terapeuta na relação com o paciente.

A Ontopsicologia propõe um conhecimento alternativo, na medida que dispõe de estudo, de método e de análise clínica diferentes de outras escolas existentes. O seu propósito último é elevar o sujeito a um nível maior de consciência a fim de que esta seja capaz de ver a vida, ou o mundo-da-vida como propunha Husserl e não apenas os estereótipos. Ou seja, através do processo de metanoia, reconstruir uma consciência autóctone, baseada no original do real que o sujeito está vivendo. Um desafio dessa grandeza implica uma formação diferenciada que envolve a integralidade da vida do profissional.

O procedimento através do qual ocorre a formação do ontopsicólogo é o seguinte. O ontopsicólogo, como base cultural, deve obter uma pós-graduação. Depois, durante o plano de estudos, ele inicia uma especialização sobre os instrumentos e métodos específicos da Ontopsicologia, que varia de quatro a oito anos. Em segundo lugar, deve ter características naturais, uma sensibilidade intelectual equilibrada desde o nascimento. O ontopsicólogo é tal, se compreende o campo semântico e o compreende consigo mesmo. Para isso, são necessários um organismo e uma vida exatos. A vida do ontopsicólogo segue uma moral: a moralidade criada pelo Em Si ôntico. Esta se atua através da ética das situações racionalizadas segundo as proporções de identidade e funcionalidade (do próprio Em Si ôntico). (MENEGETTI, 2013a, p. 47)

A formação em Ontopsicologia implica o saber teórico, o aprendizado do fazer, suportados pelo contínuo aperfeiçoamento de si (metanoia); a dimensão do ser. Sem dúvida, a Escola Ontopsicológica propõe uma abordagem inovadora, porém a formação do profissional, em especial do psicoterapeuta, não se afasta da perspectiva de outras abordagens que destacam a relevância do tripé formativo: conhecimento teórico; manejo da técnica e supervisão e; autoconhecimento. Meneghetti (1993), na obra “Lições de Leningrado”, já mencionada neste texto, dedica um capítulo específico intitulado “Formação e Endereço Ontopsicológico”, no qual afronta a questão da formação do profissional⁷⁶. No texto, o autor contextualiza a formação

⁷⁶ A obra “Lições de Leningrado” está esgotada e fora de edição. Seus textos, incluso o capítulo referido, foram integrados nas seguintes obras de Meneghetti: **Nova Fronda Virescit**. Introdução à Ontopsicologia para os jovens, v. 1 e **Nova Fronda Virescit**. Introdução à psicoterapia Ontopsicológica, instrumentos e aplicações, v. 2. Entretanto, com o escopo didático que reveste o presente estudo, recomenda-se àqueles interessados pela formação

de psicoterapeuta e se vale do exemplo da Psicanálise para sublinhar as questões relativas à necessidade da supervisão e da psicoterapia. Pode-se tranquilamente extrair os elementos do tripé formativo nos elementos propostos no texto em questão. Ainda sobre a ressonância da ideia de um tripé de formação como *design* formativo na proposta Ontopsicológica, se pode observar, na obra Manual de Melolística, na qual o autor especifica como deve ser a estrutura da formação do profissional que trabalha com este instrumento de intervenção da Ontopsicologia. Meneghetti (2005f) divide a formação em três áreas: área teórica, área prática e área psicológica; em que a “teórica” compreende a totalidade das bases conceituais e de conhecimento específicas ao instrumento; a área “prática” relaciona a prática e a supervisão no uso do instrumento; e, por fim, a área “psicológica”, que é o processo de autoconhecimento, de autenticação, ou *training* de psicoterapia ontopsicológica como fundamental ao profissional em formação (MENEGETTI, 2005f).

Nisso tudo, é fundamental ao psicoterapeuta observar: “O primeiro obstáculo a ser superado é a transformação do psicoterapeuta: na Ontopsicologia, é fundamental o técnico, o profissional, o ontopsicológico” (MENEGETTI, 1993, p. 37). O autor segue sublinhando que “o psicoterapeuta, na verdade, não se inventa em pouco tempo; é fruto de um longo aprendizado de anos e de intenso trabalho no interior da pessoa” (MENEGETTI, 1993, p. 39)⁷⁷.

Meneghetti (2010, p. 284) indica a personalidade do terapeuta, como, de fato, seu fundamental instrumento de trabalho. Sublinha a importância do autoconhecimento e destaca que “por força da própria autenticidade, o psicoterapeuta conduz o cliente a perceber a própria presença até a raiz da interioridade de si mesmo”.

Nisso tudo, é fundamental o processo contínuo de supervisão, quer seja nos anos de escola, quer posteriormente ao longo do exercício profissional. Meneghetti (2016b, p. 231) é claro nesta questão:

em Ontoterapia a leitura do capítulo “Formação e endereço ontopsicológico” no livro Lições de Leningrado, pois é apresentado na íntegra.

⁷⁷ Cabe aqui um rápido destaque que diz respeito à evolução histórica da Ontopsicologia no mundo e a formação de psicoterapeutas realizada por Meneghetti e objeto do presente estudo. Em 1990, Meneghetti encontra-se com o Prof. Albert A. Krylov (figura destacada na Psicologia da então União Soviética e ex-Decano da Universidade Estatal de São Petersburgo, naquele período ainda nominada Universidade de Leningrado). Desse encontro, e do profundo interesse da comunidade científica russa pelo pensamento de Meneghetti, iniciam-se 10 anos de intenso trabalho de integração e trocas de experiências que irão culminar na criação da Cátedra de Ontopsicologia, junto a Faculdade de Psicologia da Universidade de São Petersburgo em 2004, na qual também esse pesquisador teve a oportunidade de realizar formação *lato sensu*. Elemento fundamental nesse processo foi a formação dos primeiros ontoterapeutas russos. O livro “Lições de Leningrado: Uma introdução a Ontopsicologia”, do qual originam essas referências, nasce da coletânea de conferências e entrevistas abertas desenvolvidas pelo autor para docentes e psicoterapeutas vinculados a referida Instituição. As temáticas abordadas delineiam a visão psicoterapêutica ontopsicológica e elementos para a formação do ontoterapeuta.

Quando existem dúvidas, aconselho sempre fazer entrevistas técnicas com um colega. Enquanto o colega explica o sonho, existem duas hipóteses: ou o colega é exato e informa o ponto, ou, enquanto o colega fala, tem-se a clareza lógica de onde estava o problema.

A supervisão é momento de reflexão sobre a própria técnica e posicionamento subjetivo. Meneghetti (1989; 2005b; 2005e; 2016b) aborda a importância da supervisão como estratégia de revisão e desenvolvimento contínuo do psicoterapeuta. Na obra “Residence Ontopsicológico”, discute amplamente a questão da supervisão, contextualizando a complexidade inerente a relação terapêutica, uma vez que o psicoterapeuta é “satélite”⁷⁸ das intencionalidades” do cliente, ou seja, é natural e esperado que o *setting* dê espaço para múltiplas dinâmicas de ambos sujeitos envolvidos; e o momento da supervisão é, para o terapeuta, lançar olhar para seu exercício profissional a partir de “outro lugar”, valendo-se de um colega.

É obrigação para um psicoterapeuta realizar uma supervisão periódica com um colega para verificar se funciona, se está semantizado por um cliente ou se ele próprio está errando. É suficiente que leve ao colega um ou dois sonhos do cliente e o supervisor, a partir deles, sabe angular a posição quer seja do psicoterapeuta, quer do cliente (MENEGHETTI, 2005e, p. 199)

Meneghetti (1982; 2010; 2013a; 2016b), referindo-se à formação do ontoterapeuta, confere especial atenção à personalidade e ao estilo de vida deste profissional. Para esse autor, a formação específica para ser psicoterapeuta implica três fatores ou qualidades:

- 1) *Intuito natural*: Possui um temperamento, uma sensibilidade ou atitude natural à curiosidade em direção aos outros⁷⁹. Possui uma sensibilidade e interesse verdadeiro por conhecer o humano. Este intuito natural refere-se a característica de virtualidade do Em Si ôntico, já referida. Sendo virtual, formaliza-se historicamente em contínuas autóctises históricas, a partir daquilo que lhe identifica e lhe é acretivo (ANDREOLA, 1998);

⁷⁸ Em Ontopsicologia, o resgate etimológico é fundamental. A palavra “satélite” tem sua origem no latim e é a composição das palavras *satelles* e *itis*, cujo significado original era “guarda de corpo” dos imperadores e reis, ou “guarda-costas” que o protege às custas da própria vida. J. Kepler, em 1610, por associação, introduz esse termo na astronomia, segundo o qual, por exemplo, a Lua seria a “guarda-costas da Terra”, porque gira em torno dela como se quisesse protegê-la. Para os imperadores, significava a dignidade ou o ofício de capitão da Guarda Pessoal. Chama atenção o uso dessa palavra por Meneghetti ao referir-se com recorrência ao ofício do psicoterapeuta.

⁷⁹ Do Latim “*Curiositas*” ou “*Curiositatis*”, refere-se à palavra latina “cura”, que significa: cuidado, zelo. Curiosidade, assim, faz referência à investigação cuidadosa, . Agrada verdadeiramente conhecer os outros humanos, porque os ama.

- 2) *Estudo e cultura ampla e em evolução, com preparação e atualização contínua da técnica*: Após uma formação de cultura geral, deve especializar-se tecnicamente. O domínio técnico diz respeito à capacidade de ser contínua semovência: atualizar-se e especializar-se continuamente a partir da própria virtualidade potencial. Acresce-se ao alto nível de preparação técnica, a relevância de se ter a experiência de muitas culturas, para poder, assim, relativizar os valores de qualquer cultura;
- 3) *Caráter amadurecido pela vida e sempre aberto a metabolizar o novo (experiência contínua), além da elevada ética profissional*: Esse terceiro elemento para Meneghetti é o mais difícil de alcançar, mas é também o mais determinante na formação do psicoterapeuta. Trata-se de uma profunda metanoia. Ao referir-se a este terceiro aspecto o autor usa a expressão “santidade”⁸⁰, entendendo que o psicoterapeuta deve ter “um comportamento de vida que determina a exatidão da função orgânica” (MENEGETTI, 2010, p. 286). Uma vez que a personalidade do psicoterapeuta é seu único e global instrumento de trabalho, torna-se fundamental que essa seja cultivada, de outra forma, é o próprio estado confusional do profissional a ser ambiente aquiescente para a dinâmica complexual do cliente. Essa exatidão é resultado de uma contínua ordem que se define na intrínseca funcionalidade de desenvolvimento do sujeito (NAZARRO, 1998).

Essa “ordem” compreende três elementos: ordem estética; ordem moral e ordem econômica. Ou ainda:

a) ordem de calma e beleza. A beleza é uma proporção do comportamento e da inteligência, é algo que se aprende, que se adquire; não é um fato físico externo, mas é uma grandeza interior; b) uma ordem no comportamento privado, afetivo e sexual, sobretudo no mundo do trabalho. O psicoterapeuta não pode ter uma vida dispersa ou caótica naquilo que diz respeito às amizades e ao sexo; c) uma autonomia ordenada no campo econômico. O psicoterapeuta deve estar à altura de pagar os normais prazeres de uma pessoa: sua casa, seu carro, a simplicidade das suas roupas, etc. (MENEGETTI, 2013a, p. 42)

Andreola (1998, p. 16) indica que a diversidade do ontoterapeuta se encontra justamente no mover-se continuamente e sincronicamente na interação entre esses três fatores: sensibilidade e intuição natural; alto nível de preparação técnica e santidade. “Isto nos permite ser uno na direção do uno, evidenciando o distônico daquela unidade de análise”. A primeira

⁸⁰ A palavra “santidade”, neste caso, não é tomada a partir de seu sentido místico religioso, mas de sua acepção etimológica. Do latim: *secum ens, secum ire cum ens*, significa: ser junto ao Ser. “Ser” entendido como “princípio universal do quanto existe ou é real” (MENEGETTI, 2005a, p. 248).

qualidade refere-se a toda casuística da psicologia existencial, as outras duas qualidades são uma escolha. Ou seja, o ontoterapeuta deve estar em constante vigilância sobre a própria formação para maturar-se na capacidade de ver o Em Si nucleico do outro.

[...] repito sempre que para ser ontoterapeuta é indispensável uma conversão, ou seja, um convergir ao dado primário de si mesmo que é em íntima relação com o resto. Em tal conversão, o ontoterapeuta se conscientiza sobre como ser a si mesmo. Pelo fato de que o ser se individua sempre como inteiro, ocorre que nos rendermos a sermos a nós mesmos nos interioriza a tudo aquilo do qual o ser é fundamento. (MENEGHETTI, 2005b, p. 158).

Esse posicionamento implica profunda humildade e coragem por parte do psicoterapeuta frente a si e frente ao outro. Vidor (2015⁸¹) discute esse elemento e sublinha a importância da necessidade, para quem desejar exercer o ofício de ontoterapeuta, de ter uma consciência aberta e disponível: “Não partir do princípio: eu já me conheço, eu já sei, tenho uma grande cultura. Para ir lá divergir, contrariar. Com essa atitude, ele nada se pode fazer, em nada se pode auxiliar. em nada se pode dar uma diretiva de interesse”. Se como ontoterapeuta pretende-se o diálogo com o outro, deve-se ter um conhecimento da dinâmica do inconsciente. Inconsciente que faz realidade no outro, mas também no próprio psicoterapeuta. Dessa forma, enquanto se dedica ao estudo do outro, deve-se ter o olho em si mesmo, caso se deseje compreender o inconsciente. Especialmente o ontoterapeuta deve estar atendo a falsas seguranças que não tem outro escopo senão defender lá onde o sujeito ainda é mais frágil. Segundo Meneghetti (2004, p. 102), “é necessário sobretudo “auto-romper-se” lá onde temos medo, onde consideramos certo que seja seguro”. A estrada do ontoterapeuta é horizonte aberto de aprendizagem na direção do melhor de si, que ao final é também o melhor ao outro. Esse horizonte aberto em direção de si é um compromisso com pessoal de aperfeiçoamento contínuo da própria inteligência, bem sintetizado por Meneghetti (2016b, p. 223, *grifo do autor*) na seguinte passagem.

O psicoterapeuta é uma pessoa que escolheu não somente viver bem, mas também provocar e criar o bem. Para fazer isso, deve continuamente *rever e autocorrigir a própria posição* em avanço contínuo, segundo as circunstâncias que a norma do cotidiano dá e condiciona.

A atitude profissional no âmbito da Ontoterapia, implica uma alta formação mental, orientada por um essencial equilíbrio moral e uma refinada estética interior.

⁸¹ Comunicação Pessoal: **A Psicoterapia**. Aula ministrada em março de 2005, em Bombinhas/SC.

4.1 Considerações sobre o estilo de vida do ontoterapeuta

Meneghetti (1989; 2010; 2013a; 2016b) dedica destacada atenção aos aspectos relacionados ao estilo de vida do ontoterapeuta, em especial ao seu mundo emotivo e relacional:

[...] deve constantemente aperfeiçoar o próprio estilo de vida, e continuamente vigiar o *miricismo*⁸² dos impactos emocionais, selecionando atentamente as entradas e saídas de cada interação, para não sofrer relações que possam de algum modo diminuí-lo e, conseqüentemente, não estar à altura de dar um serviço profissional. Indubitavelmente, deve ser também aberto e disponível, mas somente àquelas relações que emocionalmente fazem desenvolvimento. (MENEGETTI, 2010, p. 376)

Meneghetti (2016b) destaca a importância de que o psicoterapeuta esteja em constante metanoia; revendo, autocorrigindo e aperfeiçoando o próprio posicionamento. Nisto, sem desmentir ou contraditar comportamentos coletivos, é fundamental que seu estilo de vida e sua privacidade sejam geridos com especial zelo e tendo como critério a própria inseidade. Um ontoterapeuta não pode querer ser mediador de inseidade, sem viver e atuar a própria inseidade. Implicaria uma contradição de base. Ele encontra satisfação na vida que vive, não nas normas sociais. Construir um estilo de vida a partir do profundo de si mesmo, implica uma ética e uma estética particulares: “pode fazer o que quiser, mas substancialmente é um solitário, vive com o íntimo da vida” (MENEGETTI, 2016b, p. 225)⁸³. Para poder personalizar – isto é, tornar pessoa – a vida dos outros, deve ser íntimo à vida.

Na sua vida privada, para poder viver com prazer, deve saber criar a possibilidade de particulares e regenerantes prazeres. “A mente se nutre de tudo”, sublinha Meneghetti (2016b, p. 225). Assim, certas escolhas estéticas servem para dar equilíbrio e nutrimento a inteligência. São corrimãos existenciais para o contínuo desenvolvimento do próprio potencial e o refinamento da própria sensibilidade⁸⁴.

⁸² O miricismo cotidiano são as pequenas coisas feitas no dia a dia. Entende-se como uma postura de responsabilidade e atenção aos mínimos detalhes em todo momento onde se está presente e em tudo o que se faz, das simples coisas como a organização do ambiente onde se vive, das pessoas com as quais se convive, a alimentação, o tipo de leitura e estudo. Trata-se de construir um útero ambiental que regenera e dá sustentação para a sanidade subjetiva do sujeito, promovendo uma satisfação pessoal.

⁸³ A contemporaneidade parece mostrar-se avessa à solidão e incorporar um valor negativo à essa atitude existencial. Entretanto, difícil na perspectiva deste autor, imaginar o desenvolvimento de uma capacidade crítica superior sem o exercício reflexivo; este requer estar profundamente só consigo. Também Husserl (2012, p. 150), quando afronta sua proposta metodológica para ingresso no mundo da vida, sublinha a relevância da solidão. “A epoché cria uma solidão filosófica *sui generis*, a qual é a exigência fundamental para uma filosofia efetivamente radical”.

⁸⁴ “A clareza mental não se atua somente com a vontade, são necessários também os meios: um certo tipo de lugares, um certo tipo de vida, uma capacidade artística de intelecto é de emoções” (MENEGETTI, 2015b, p. 226).

O estilo de vida do ontoterapeuta e, por decorrência, sua privacidade deve ser gerida com o máximo zelo. Meneghetti (2013a, p. 43) assinala que, na sua experiência junto à formação de psicoterapeutas, os dois erros mais comuns que acabam por reduzir ou verdadeiramente incapacitar a capacidade da maioria dos profissionais são os complexos da infância e o sexo: “Por ‘complexo da infância’ entendo um conjunto de três coisas: crença na relação empática com o cliente, dependência no *transfert*, deslocamento sublimado daquela inferioridade vivida na infância e adolescência”. Sobre a sexualidade, o autor é peremptório e destaca que ela envolve também energia metafísica, não sendo apenas uma necessidade biológica. Ou se vive essa possibilidade “com ordem, ou é melhor não vivê-la”.

O autor faz referência a dois elementos fundamentais ao estilo de vida do ontoterapeuta: *consanguinidade naturística* e *transcendência dos estereótipos* (MENEGHETTI, 1996; 2006c; 2016b). O primeiro elemento está relacionado a capacidade de interação com a lógica da natureza; sublinha a relevância do ambiente e da interação “vida com vida”. Confere grande relevância ao convívio e interação com a natureza e com as simplicidades dos elementos cotidianos – o fazer a própria comida, cuidar do jardim, a simplicidade da decoração dos próprios espaços, o cuidado com o ambiente terapêutico, etc. – como ocasiões de regeneração e contato consigo, não como hobby ou distração, mas como garantia de reentrada no íntimo da vida. “Se quer ser serviço funcional ao Em Si do outro, deve aprender a consanguinidade naturística, isto é, *um contato contínuo, uma espécie de osmose, de respiro entre o próprio organismo e o organismo holístico do ambiente em que se vive.*” (MENEGHETTI, 2016b, p. 226, *grifo do autor*). Implica uma capacidade de interação com a natureza viva: saber entrar naquilo que é vivo; aprender a nutrir-se e metabolizar a natureza qual se faz parte. Entrar e viver naquele vivo que nos constitui e ordena. Do alimento à organização dos ambientes; da estética pessoal à imposição e organização do ambiente profissional⁸⁵.

O segundo elemento – transcendência dos estereótipos – refere-se a importância da gestão dos estereótipos de adaptação social sem “morrer dentro dos mesmos”. Estar constantemente aberto a aprendizagem do novo e ao desenvolvimento da própria personalidade. O critério é sempre o próprio Em Si ôntico. Assim, o ontoterapeuta deve desenvolver uma elegância e maestria de gestão dos múltiplos contextos que implicam sua ação social. “Trata-se de estar em meio aos outros sem nunca sair da própria intimidade: *em meio ao mundo, mas não*

⁸⁵ A esse respeito fundamental na formação do ontoterapeuta é a obra “Cozinha viva” (MENEGHETTI, 2006c). “As lições sobre cozinha viva que conduzi no passado, na realidade eram um instrumento para dar essa consanguinidade naturística: repropor o princípio nativo, original ao nosso Em Si ôntico. Para além dos gostos e dos alimentos, na cozinha viva trata-se de colher o espírito que projeta aquele sumo e o modo em que a grande vida respira e sopra a própria fenomenologia” (MENEGHETTI, 2015b, p. 227).

do mundo; sempre com os outros, mas sem sair nunca de si mesmo.” (MENEGHETTI, 2018, p. 123).

Uma vez lançado luz sobre a relevância do estilo de vida para o ontoterapeuta e sublinhado aspectos da práxis desse “estilo” no contexto do ontoterapeuta, cabe aprofundar a reflexão sobre este conceito no contexto do presente estudo.

O conceito de estilo de vida encontra particular esteio no contexto do presente estudo não apenas pelo fato do tema ser um elemento fundamental na formação do ontoterapeuta, mas também pelo contexto de pesquisa onde ele se desenvolve⁸⁶.

Segundo Corraliza e Martin (2000), os primeiros desenvolvimentos da concepção de estilo de vida estão associados ao campo do *marketing*, ainda que Alfred Adler, fundador da Psicologia Individual, na década de 1920, tenha amplamente abordado o tema em seus estudos da personalidade (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000). Philip Kotler (1997, p. 172), importante teórico do *marketing*, sublinha que “o estilo de vida de uma pessoa representa seu padrão de vida expresso em termos de atividades, interesses e opiniões. Retrata a ‘pessoa por inteiro’ interagindo com seu ambiente”. Quando mais de uma pessoa desenvolve comportamentos parecidos, obtém-se um grupo homogêneo de estilo de vida semelhante. Como Kotler, Finotti (2004) estuda essa questão pelo viés do *marketing* e sublinha que as atividades diárias, os valores e os comportamentos são evidências dos estilos de vida, constituindo, assim, a maneira como a pessoa vive, devendo ser considerado o ambiente em que está inclusa.

Corraliza e Martin (2000) sublinham que estilo de vida é um conceito que reflete a maneira pessoal com que o ser humano organiza a sua vida cotidiana. Entendem que, por ser um termo tão abstrato como complexo, resulta em uma difícil tarefa para os estudiosos chegarem a um consenso no momento de defini-lo e aplicá-lo na vida real. Entretanto, os autores entendem que, mesmo com sua complexidade, pode-se identificar três características do estilo de vida, comumente aceitas: a primeira é que os diferentes estilos de vida encontram-se configurados em grande parte pelo sistema de valores de cada pessoa; a segunda característica consiste em sua aplicabilidade a todos os âmbitos da vida do ser humano; a terceira é que um mesmo indivíduo pode pertencer a vários deles, uma vez que os estilos de vida não são categorias excludentes entre si.

⁸⁶ Cabe sublinhar que este estudo se desenvolve no contexto do Projeto de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani, intitulado *Estilo de Vida sustentável: contribuições da Psicologia Ambiental para o bem-estar, qualidade de vida e saúde*, junto ao Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa de Farias; Paranhos; Bassani (2011), também referenciada no presente trabalho, nasce no bojo dos estudos desenvolvidos neste Projeto de pesquisa.

Farias, Paranhos e Bassani (2011, p. 167), a partir de uma reflexão crítica de Corraliza e Martins (2000) apresenta-nos uma proposta conceitual de estilo de vida, a partir da Psicologia Ambiental, na qual enfatizam que:

[...] o estilo de vida reflete valores e crenças das pessoas e se manifesta nas práticas e ações do dia a dia, daí a importância e necessidade de se estreitarem os laços entre as pessoas e a natureza, favorecendo um conhecimento maior em relação ao uso consciente e equilibrado dos recursos naturais e ao impacto das suas ações no planeta.

Estilo de vida, para as autoras, reflete-se nas escolhas cotidianas particulares em aspectos como a habitação, lazer, religião, vestimentas, vocabulário, alimentação, ocupação, entre outras.

Observa-se que o ambiente está intrinsecamente relacionado ao estilo de vida, tendo forte influência nas escolhas da pessoa em todos os níveis. Assim, é natural que seja justamente o campo da psicologia ambiental a ocupar-se detidamente desta questão. Bassani (2012, p. 125) explica que:

A Psicologia Ambiental centra-se no estudo das inter-relações pessoa-ambiente físico, tanto o construído pelo ser humano (casas, estradas, pontes, cidades, etc.) quanto o natural. Considera que a pessoa atua e modifica o ambiente e que o ambiente atua e modifica a pessoa, no sentido de relações mútuas.

Estudar o comportamento do homem e sua conexão com o meio onde vive e o ambiente em sintonia com a pessoa, conforme Moser (2002), trata-se de estudar a reciprocidade entre pessoa e ambiente. Ao ambiente é somada a questão cultural e social, criando uma relação única entre ambos e os resultados dessa relação. Observa-se, assim, que o estilo de vida é construído também pelo ambiente em que a pessoa está inserida, considerando seus aspectos sociais, culturais e econômicos, pois cada um tem uma forma diferente de se relacionar com o contexto em que está inserido. Além disso, como falamos em inter-relação, o ambiente também gera efeitos nas ações humanas.

Os estudos conduzidos por Bassani (2012 - 2018), no contexto do projeto de pesquisa “Estilo de Vida sustentável: contribuições da Psicologia Ambiental para o bem-estar, qualidade de vida e saúde” adquirem relevante protagonismo nos estudos relativos à temática. A autora retoma as propostas sobre definição do conceito de 2011 e redefine-o no referido projeto, conforme segue: “[...] Estudar estilo de vida é investigar como a pessoa organiza seu cotidiano – suas ações, valores e perspectivas de futuro – considerando o contexto em suas dimensões espaciais, temporais e culturais” (BASSANI, 2012, p. 1).

Compreendemos que a perspectiva da autora, assentada nas discussões maiormente desenvolvidas no campo da psicologia ambiental, nos oferece um suporte consistente que permite refletir sobre essa complexa temática no contexto da formação do ontoterapeuta.

Esta concepção apoia-se na perspectiva de Moser (2002) sobre cada uma das três dimensões compreendidas: dimensão espacial, dimensão temporal e dimensão cultural. A dimensão espacial refere-se ao espaço físico propriamente dito e compõe quatro níveis espaciais: nível I ou nível individual: microambiente, espaço privado (residência, local de trabalho); nível II ou nível da vizinhança-comunidade: espaço compartilhado (espaço semi-público, bairro, parques, blocos de apartamento); nível III ou nível indivíduo-comunidade: ambientes públicos coletivos (cidade, campo, paisagem, hospital, aldeias); nível IV ou nível social: ambiente global, tanto o construído como o natural (recursos naturais).

A dimensão temporal é a relação da noção de tempo com a duração de sua trajetória que depende muito do ciclo de vida, projetos e experiência do indivíduo. Envolve também as ações feitas hoje e as consequências em longo prazo, ou seja, é a referência ao passado e projeção no futuro.

Na dimensão cultural, o ambiente está envolvido pela cultura e incorpora valores sociais e culturais do ser que nele vive. Entretanto, essa dimensão interage com os níveis espaciais relacionados acima, pois os valores e a experiência das pessoas, atribuídos ao ambiente, são indissociáveis. O espaço, além da dimensão física, deve ser visto como um conjunto de processos sociais, considerando a dimensão histórica, simbólica e coletiva.

O estilo de vida é compreendido assim como multidimensional, contemplando o modo de ser no plano pessoal, comunitário e social, onde valores e perspectivas de futuro estão fortemente relacionados.

4.2 Diretivas sobre critérios externos de evolução e capacidade técnica ao ontoterapeuta

A psicoterapia é pesquisa da subjetividade e o relacionamento psicoterapêutico é essencialmente intersubjetivo. É um ofício motivado, finalizado realizado exclusivamente em termos de inseidade subjetiva, quer seja do psicoterapeuta, quer do cliente. Ainda que a pesquisa positivista tenda a proceder segundo parâmetros da objetividade, seus critérios de verificação são eminentemente subjetivos. Este é o entendimento em Ontoterapia. O cliente, por experiência subjetiva comprova os resultados do próprio processo. De outra parte, também o ontoterapeuta tem essa evidência de progresso ou não do cliente, enquanto técnico capaz de leitura do íntimo do outro. Dessa forma, ainda que as evidências do processo ontoterapêutico

possam dar-se somente no interno do próprio processo, pode-se valer de critério externos de evolução e capacidade técnica, que auxiliem no seu processo de formação e qualificação profissional do ontoterapeuta.

A competência profissional do ontoterapeuta, necessariamente, passa pela sua capacidade de ser um técnico do nexo ontológico, ou seja, por meio de seu profissionalismo e autenticidade, ser mediador da autenticidade e desenvolvimento criativo de seus clientes. Essa capacidade profissional, conforme assinalado, constrói-se em um tandem entre potencial natural – sensibilidade de natureza que o projeta na direção de uma curiosidade à compreensão e ao desenvolvimento de outrem – e o contínuo desenvolvimento da própria técnica e estilo de vida. O limite do cliente, quando esse não está em resistência à psicoterapia, é também evidência do limite do ontoterapeuta. Convidar o cliente a trilhar por horizontes existenciais que o próprio profissional – por falta de coragem ou estagnação – não trilhou é fazer ideologia da práxis psicoterapêutica. Para um profissional dedicado ao cuidado do ser (ontoterapeuta), o não crescer continuamente é já regressão. Assim, abre-se a problemática de como poder ter critérios externos – para além da própria inseidade – para a verificação da própria evolução.

O didatismo de Meneghetti, ampliado pela pesquisa de Vidor e dos demais profissionais, pesquisadores e autores já convidados a fundamentar o presente estudo e que tem buscado aplicar e desenvolver a Ontopsicologia no mundo, consentem evidenciar elementos que podem assinalar critérios de verificação da atuação e auxiliar aos ontoterapeutas na qualificação do próprio trabalho e evolução profissional. Certamente, circunscrever fatores de excelência profissional e orientar critérios de verificação não é simples. Entretanto, Andreola (1998) e Meneghetti (1989; 2016b), a partir das próprias evidências clínicas, sugerem aspectos a serem observados como critério de evolução e capacidade técnica ao ontoterapeuta.

Meneghetti (1989, p. 233) assinala que um verdadeiro psicoterapeuta, “se não é por temperamento curioso de introspecção para organizar uma vantagem ao ser humano, qualquer estudo que faça permanecerá sempre inútil a si mesmo e aos outros”. Ou seja, ser ontoterapeuta pressupõe um temperamento que impele a uma intensa e contínua pesquisa endopsíquica. Uma vez que a percepção endopsíquica do terapeuta é instrumento fundamental à compreensão do outro, cabe ao ontoterapeuta que quer a excelência de si cultivar essa dimensão e atentar para quando ela não é presente. Embora a psicoterapia possa ser avaliada somente a partir das evidências internas a própria psicoterapia, a verificação dos resultados de crescimento dos próprios clientes é fundamental à análise da atuação do ontoterapeuta. Meneghetti (1989) indica que quando essa sensibilidade de pesquisa endopsíquica não se ativa, duas podem ser as causas: 1) o psicoterapeuta foi objetificado e perder a capacidade de percepção global. A objetificação

determina o êxodo da evidência intersubjetiva, ou seja, do mundo-da-vida, que é o ambiente de atuação prioritário do ontoterapeuta. Ao ontoterapeuta resta o mundo da doxa, sem a evidência da informação ôntica, da qual pode colher o critério para sua diretividade. O desafio do ontoterapeuta é aquele de não se deixar objetificar pelos condicionamentos da cultura; deve estar em acordo com os ditames da cultura sem ser nenhum deles (exercício da dupla moral). A sua díade prioritária deve ser sempre com a dimensão teleológica, cujo fundamento é sempre o próprio Em Si ôntico; 2) a segunda hipótese que pode determinar a redução da capacidade do ontoterapeuta, conexa à primeira, é o deixar-se envolver na objetualidade dos seus clientes; ou seja, pensa, avalia as situações, as causas no interior de si mesmo segundo o exame, as projeções, os investimentos, o *transfert* dos clientes. O cliente tem a necessidade de descarregar a própria tensão e o faz por meio do *transfert*. Não faz por uma consciente vontade de destruição ou redução do técnico, porém opera inconscientemente. Este é um perigo atroz à integridade e profissionalismo do ontoterapeuta (MENEGETTI, 1989).

Em publicação posterior, o autor retoma essa discussão assinalando três motivos que determinam a incapacidade profissional em Ontopsicologia: “a) carência de formação científica; b) imaturidade pessoal; c) Falta de renovação individual sobre a intencionalidade do próprio Em Si ôntico” (MENEGETTI, 2016b, p. 253).

Andreola (1998, p. 16-17), por sua vez, observa que os efeitos oriundos de erros técnicos do ontoterapeuta são principalmente:

- 1) não regressão do quadro patológico do cliente e ao contrário, se determina um aumento da doença e uma cristalização dos formulados psicológicos; 2) o técnico adverte uma incapacidade na atuação profissional e justifica esta com as resistências do cliente. Assim, o técnico camufla melhor o seu limite que não quer ver; 3) decadência intelectual; 4) perda do real sentido da sua função profissional. Ele se move ao interno dos estereótipos estéreis e não funcionais, como a grande mãe cuidadora e a hipervalorização da sua capacidade profissional.

Na construção do presente estudo, a opção por trazer essa discussão acerca de elementos específicos que possam assinalar ou servirem de norteamento no exercício profissional do ontoterapeuta faz-se relevante especialmente quando se pensa a formação de novas gerações de ontoterapeutas. Estes parâmetros, mais que serem seguidos à risca ou posicionarem-se como imperativos categóricos, são balizamentos e orientações de apoio.

5 MÉTODO

5.1 Considerações metodológicas

A presente pesquisa é um estudo com abordagem qualitativa que visa, caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti. Nesta perspectiva, busca-se sistematizar como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas na Itália e no Brasil; realizar um levantamento histórico biográfico da formação de ontoterapeutas em atividade no Brasil; bem como, evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil. Entende-se que a pesquisa qualitativa é mais adequada, uma vez que contempla, de forma aprofundada, a compreensão, a inteligibilidade dos fenômenos sociais, o significado e a intencionalidade que lhe atribuem os atores. Essa responde a questões muito particulares e preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado (MINAYO, 2006). Nessa perspectiva, o papel do pesquisador ganha destaque na medida que ele é o instrumento primário para coleta, produção, análise e compreensão de informações (CRESWELL, 2007). A pesquisa qualitativa torna-se adequada no presente contexto na medida em que estuda os significados situados nas interpretações dadas pelos participantes do estudo para um fenômeno determinado (EZZY, 2003).

Para cumprir os objetivos do estudo foi realizado uma pesquisa documental e bibliográfica de textos e registros de atividades empreendidas por Antonio Meneghetti relativos à formação de ontoterapeutas, bem como documentos e informações históricas relacionadas a como o fundador da Ontopsicologia desenvolveu a formação dos primeiros psicoterapeutas, com destaque para ações formativas realizadas no Brasil. O objetivo da pesquisa documental é identificar, em documentos primários, informações que auxiliem a responder alguns dos escopos da pesquisa (SEVERINO, 2007). Por sua vez, a pesquisa bibliográfica: “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

A pesquisa também se vale do relato biográfico de ontoterapeutas em atividade. Denzin e Lincoln (2006) sublinham que o relato biográfico é um documento recolhe a narrativa de uma experiência vivida. É uma investigação qualitativa, de caráter descritivo na qual o relato do informante adquire importância central. Tais relatos oriundos de uma entrevista em profundidade, permitiram fazer o levantamento de vivências e entendimentos significativos no processo de formação de ontoterapeutas, bem como de processos de ensino e/ou de atividades

relevantes à formação deste profissional. Possibilitaram também, evidenciar competências necessárias para a proposição de caminhos formativos em Ontoterapia.

Considerando que investigar o processo de construção de si como profissional terapeuta reveste-se de profunda complexidade, a pessoa do ontoterapeuta é o elemento central no exercício profissional. Investigar seu processo formativo, implica em explorar a construção de si. Para tanto, cabe, nesta pesquisa, de uma parte, caracterizar como os participantes se apropriaram de questões técnicas e metodológicas relacionadas à Ontoterapia, mas também deve-se buscar compreender seu processo de amadurecimento pessoal que, em Ontopsicologia, está diretamente relacionado com o processo de metanoia. Investigar o processo de formação de ontoterapeutas, então, é evidenciar experiências vivenciadas, onde, aliado às questões técnicas e metodológicas, ao amadurecimento pessoal do profissional, devemos dar atenção também aos aspectos relacionados a como esse profissional constrói suas competências, ou seja, os inúmeros particulares ao exercício profissional. Dentre tais particularidades, importa sublinhar que a Ontoterapia está inserida dentro de uma cultura ontopsicológica, onde elementos como o estilo de vida, a estética e a elaboração do ambiente onde se vive e trabalha, tem relevância fundamental para o exercício profissional.

5.2 Participantes

Considerando as especificidades da pesquisa já mencionadas, a abrangência dos participantes foi restrita a profissionais ontoterapeutas. Tendo em vista que a Ontoterapia é radicada em uma abordagem recente e que demanda um longo período formativo, o universo de sujeitos brasileiros que podem participar dessa investigação é bastante reduzido. Esse cenário não se difere muito daquele observado na Itália, na Rússia e no Leste Europeu, locais onde a Ontopsicologia teve maior inserção.

Dessa forma, os participantes surgiram do levantamento dos profissionais que permanecem atuando como ontoterapeuta no Brasil e no mundo realizado pelo pesquisador e também a partir da interação com os próprios participantes que indicaram os demais colegas que atendiam aos critérios de inclusão. A partir deste levantamento, os ontoterapeutas em atividade foram convidados para participarem da produção dos dados da pesquisa. Para definição dos participantes, em coerência com elementos teóricos levantados e com a proposta do estudo, adotou-se os seguintes critérios:

Quadro 2 – Critérios para Seleção dos Participantes

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
▪ profissionais que exerçam regularmente atividade profissional como ontoterapeutas há mais de quinze anos; ▪ profissionais ontoterapeutas que realizaram seu percurso formativo diretamente com Antonio Meneghetti, fundador da Ontopsicologia.	▪ ontopsicólogos que não atuem como ontoterapeutas; ▪ ontoterapeutas que atuem há menos de 15 anos; ▪ psicoterapeutas que não tenha feito formação com Meneghetti; ▪ recusa à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Embora o presente estudo volte-se à formação de ontoterapeutas no contexto brasileiro, entendeu-se significativo a inclusão de profissionais de outros países. A relevância em incluir ontoterapeutas de outras nacionalidades, em especial da Itália, uma vez que este foi o local onde Meneghetti iniciou suas atividades e todo o processo de construção da Ontopsicologia, dá-se pela experiência formativa ímpar que eles vivenciaram. Importante contextualizar que Meneghetti inicia formalmente seu trabalho no Brasil tão somente em 1988, com uma palestra no município de Santa Maria/RS. Na ocasião já inicia a supervisão de psicoterapeutas brasileiros que vinham fazendo formação em Ontopsicologia com Alécio Vidor e, em 1989, realiza o primeiro encontro formativo de profissionais brasileiros, por meio de um Residence Ontopsicológico. Sendo que na Itália, desde 1972, como poderemos verificar, Meneghetti realiza formação de psicoterapeutas. Nessa perspectiva, ontoterapeutas que tenham vivenciado esse percurso formativo inicial na Itália são de significativo valor para essa pesquisa.

No levantamento da população participante que se inscrevesse nos critérios adotados pela pesquisa, foram identificados 4 profissionais na Itália, 1 na Rússia e 6 profissionais no Brasil, além do próprio pesquisador que realizou parte significativa de seu percurso formativo com Meneghetti⁸⁷. Entretanto, o pesquisador já se inscreve, inclusive por questão etária, em

⁸⁷ Tomo a licença de fazer essa nota em primeira pessoa: Conheci pessoalmente o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti por ocasião do lançamento do livro “Projeto Homem”, na Feira do Livro de Porto Alegre em 1999. Naquele período estava no penúltimo ano da minha graduação em Psicologia junto a UNISINOS e já estudava o autor há aproximadamente 1 ano juntamente com colegas daquela Universidade e outros da PUC-RS, por meio de um grupo de estudos. Tínhamos como coordenadora dos estudos uma psicoterapeuta – participante nessa pesquisa – que já estudava com Meneghetti há mais de dez anos. Embora os estudos em grupo e o interesse em compreender as novidades que a Ontopsicologia trazia, como estudante sempre fui um tipo bastante cético e curioso. Justo por isto já tinha feito grupo de estudo em outras abordagens e buscava algo que fizesse sentido para mim. Trago esse fato, pois reputo este encontro como um marco no meu processo formativo uma vez que a partir dele, gradualmente passei construir meu percurso formativo em Ontopsicologia, participando intensamente em cursos e eventos conduzidos pelo próprio Meneghetti não só no Brasil, mas também na Itália e Rússia. Além disto, tive a oportunidade de trabalhar diretamente com Meneghetti e nas instituições e empreendimentos conduzidos por ele entre os anos de 2005 e 2013. Assim, ao menos em parte, vivenciei o percurso que é discutido aqui.

uma segunda geração de ontoterapeutas no Brasil. Todos estes profissionais foram contatados e foi possível entrevistar 3 ontoterapeutas italianos e a totalidade da população brasileiras identificada.

Particularmente, cabe sublinhar a relevância da contribuição dos profissionais italianos, em especial de dois deles que foram assistentes diretos de Meneghetti no início de sua atividade clínica e de formação. Efetivamente, inclusive pela faixa etária de tais profissionais e pelo ineditismo do presente estudo, reputamos que esse aspecto confere também um caráter de registro histórico ao trabalho realizado.

Dessa forma, a configuração final dos participantes foi a seguinte:

Quadro 3 – Participantes da Pesquisa

PARTICIPANTE	NACIONALIDADE	IDADE	SEXO	LOCAL DE ATUAÇÃO	TEMPO DE ATIVIDADE
P1	BR	57	F	SÃO PAULO E RECANTO MAESTRO	30 ANOS
P2	BR	51	F	RECANTO MAESTRO	16 ANOS
P3	BR	51	F	SÃO PAULO	22 ANOS
P4	BR	59	F	PORTO ALEGRE E RECANTO MAESTRO	34 ANOS
P5	BR	57	F	FLORIANÓPOLIS	33 ANOS
P6	BR	80	M	RECANTO MAESTRO	45 ANOS
P7	IT	69	M	MILÃO	39 ANOS
P8	IT	65	F	ROMA	37 ANOS
P9	IT	75	M	MILÃO E TURIM	43 ANOS

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Segue a apresentação dos participantes com destaque para sua formação e área de atuação. A ordem de apresentação segue a sequência da realização das entrevistas. Salienta-se que, inclusive por uma questão de logística, os participantes italianos foram os últimos a darem sua contribuição (as entrevistas foram realizadas em uma ida do pesquisador à Itália).

O primeiro entrevistado (P1), mulher, brasileira, tem 57 anos e exerce Ontoterapia há 30 anos. Possui graduação em Psicologia, mestrado em Filosofia e está com seu doutorado em Educação em andamento. Tem ainda três formações *stricto sensu*, em Psicoterapia da Adolescência, Psicologia Social e Ontopsicologia, esta última cursada na Universidade Estatal de São Petersburgo⁸⁸. Atua profissionalmente em São Paulo e no Recanto Maestro (RS). No seu exercício profissional, embora tenha trabalhado muitos anos especificamente com psicoterapia, continua a exercer essa atividade, mas privilegia a aplicação do método

⁸⁸ Faz destaque a formação *stricto sensu* em Ontopsicologia realizada junto à Universidade Estatal de São Petersburgo, pois, como foi destacado ao longo do presente estudo, essa especialização posicionou-se como componente de grande relevância na formação dos ontoterapeutas.

ontopsicológico na consultoria individual (desenvolvimento de liderança e desenvolvimento de carreira) e consultoria empresarial.

A participante (P2), brasileira, tem 51 anos e exerce Ontoterapia há 16 anos. Possui graduação em Farmácia e Bioquímica e em Psicologia; especialização em Ontopsicologia pela UNICEUB. Tem ainda uma especialização *stricto sensu* em Psicologia com abordagem em Ontopsicologia pela Universidade Estatal de São Petersburgo, mestrado em Ciências dos Alimentos e doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Atua profissionalmente no Recanto Maestro (RS) e, atualmente, privilegia da consultoria individual e do desenvolvimento de carreira. É docente universitária.

A participante (P3) é brasileira, também tem 51 anos e exerce Ontoterapia há 22 anos. Possui graduação Psicologia, duas especializações em Ontopsicologia, sendo uma delas realizada na Universidade Estatal de São Petersburgo. É mestre em Filosofia. Trabalha em São Paulo e no Recanto Maestro (RS) e privilegia as aéreas da consultoria de autenticação ontopsiológica, consultoria empresarial e formação de lideranças.

A participante (P4) é brasileira, tem 59 anos e exerce Ontoterapia há 34 anos. Possui graduação Psicologia, duas especializações em Ontopsicologia, sendo uma delas realizada na Universidade Estatal de São Petersburgo. É mestre em Psicologia Social. Trabalha em Porto Alegre e no Recanto Maestro (RS). Orienta seu trabalho para a consultoria de autenticação ontopsiológica, a consultoria empresarial e a formação de lideranças.

A participante (P5) é brasileira, tem 57 anos e exerce Ontoterapia há 33 anos. É mestre em Ciências da Saúde, possui cinco especializações *stricto sensu* sendo uma delas na Universidade Estatal de São Petersburgo. É psicóloga e atua como psicoterapeuta com ênfase em psicossomática.

O participante (P6) é brasileiro, homem, tem 80 anos e trabalha como ontoterapeuta há 45 anos. Possui graduações em Teologia, Pedagogia e Filosofia. Possui especialização em Ontopsicologia pela Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO), mestrado e doutorado em Filosofia. Foi docente universitário. Trabalha no Recanto Maestro (RS) e atualmente atua como pesquisador em Ontopsicologia e psicoterapeuta de autenticação ontopsiológica.

O participante (P7) é italiano, homem, tem 69 anos e trabalha como ontoterapeuta há 39 anos em Milão. Possui graduações em Língua e Literatura Estrangeira e em Psicologia. Realizou também especialização em Ontopsicologia pela Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO). Trabalha com psicoterapia de autenticação ontopsiológica.

A participante (P8) é italiana, tem 65 anos e trabalha como ontoterapeuta há 37 anos em Roma. Possui graduações em Filosofia e em Psicologia. Realizou também especialização em

Ontopsicologia pela Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO) e pela Universidade Estatal de São Petersburgo. Trabalha com psicoterapia de autenticação ontopsicológica.

O participante (P9) é italiano, tem 75 anos e trabalha como ontoterapeuta há 43 anos em Roma e Turim. Possui graduações em Psicologia e Filosofia. Realizou também especialização em Ontopsicologia pela Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO) e pela Universidade Estatal de São Petersburgo. Trabalha com psicoterapia de autenticação ontopsicológica com ênfase em família e jovens.

5.3 Procedimentos para produção de dados

5.3.1 Pesquisa Documental e Bibliográfica

A pesquisa documental e bibliográfica de textos e registros de atividades empreendidas por Antonio Meneghetti relativos a formação de ontoterapeutas, bem como documentos e informações históricas relacionadas a como o fundador da Ontopsicologia desenvolveu a formação dos primeiros psicoterapeutas, com destaque para ações formativas realizadas no Brasil, estabeleceu como recorte temporal os anos de 1971, ano da publicação da obra iniciática “Ontopsicologia do Homem” até 2013, ano de morte de Antonio Meneghetti. Para tanto, como fontes de consulta, contou-se principalmente com os seguintes acervos históricos: da Associação Brasileira de Ontopsicologia, da Biblioteca Humanitas (Antonio Meneghetti Faculdade), acervos privados de ontoterapeutas que vivenciaram a construção deste percurso, incluso acervo do autor desta pesquisa. Foi consultada também a bibliografia oficial completa de Meneghetti, além das revistas editadas pelas Instituições vinculadas a Ontopsicologia na Itália e Brasil e selecionados aqueles materiais especificamente voltados a temática em estudo⁸⁹. Foram consultados também as páginas online das seguintes Instituições: Fondazione di Ricerca Scientifica Umanista Antonio Meneghetti (Suíça), Associazione Internazionale di Ontopsicologia (Itália), Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica e Humanista Educacional e Cultural, Associação Brasileira de Ontopsicologia e Faculdade Antonio Meneghetti, essas três últimas sediadas no Brasil. A pesquisa documental e bibliográfica

⁸⁹ Desde os anos iniciais, as publicações que constituíram o corpus conceitual da Ontopsicologia, quer sejam do próprio Meneghetti ou de outros colaboradores, foram editadas pelas Instituições veiculadas ao pensamento Ontopsicológico. Até 1979 a editoria era realizada pelo Centro de Terapia Ontopsicológica (Roma); de 1980 a 1987 pela Ontopsicologica Editrice; de 1988 a 2012 pela Psicologica Editrice que a partir de agosto de 2012 passou a chamar-se Ontopsicologia Editrice.

empreendida para caracterizar a proposta formativa de Meneghetti estruturou-se, principalmente a partir do seguinte material:

- Livros de Antonio Meneghetti e outros autores que trazem no seu bojo, direta ou indiretamente, discussões relativas a formação do ontoterapeuta;
- Publicações em periódicos especializados em Ontopsicologia, relacionadas a temática em estudo;
- Documentos históricos que registrem elementos significativos para a proposta formativa de Meneghetti;
- Registros de ações ou eventos relacionados, direta ou indiretamente, a formação de ontoterapeutas, de publicados em páginas online das Instituições oficialmente vinculadas ao pensamento ontopsicológico.

5.3.2 Pesquisa Empírica

A investigação junto aos participantes, por sua vez, foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Esse tipo de entrevista conta com um plano prévio, ou roteiro norteador, porém a mesma é pautada por grande liberdade de resposta ao entrevistado. Como sublinha Kvale e Brinkmann (2009, p. 1), “a entrevista de investigação qualitativa tenta compreender o mundo do ponto de vista do sujeito, para revelar o significado das experiências das pessoas, para descobrir o seu mundo vivido”.

A entrevista, na perspectiva do presente trabalho, é uma conversação não diretiva, compreendida como um empreendimento intersubjetivo de duas pessoas falando sobre temas de interesse comum (KVALE; BRINKMANN, 2009). A escolha por este meio de coleta se dá por permitir que o entrevistado construa uma narrativa mais aberta dos fatos, além de favorecer a perspectiva dialógica.

Foi realizada uma entrevista com cada participante. As entrevistas, como referido, valeram-se de um roteiro, cujas questões semiestruturadas foram elaboradas a partir dos objetivos da referida pesquisa (Apêndice A).

Quanto ao local de realização das entrevistas, deu-se preferência para o espaço profissional dos entrevistados. Entretanto, ficou a critério destes a escolha do local a serem realizadas as entrevistas. Foi disponibilizada também a possibilidade de participar por meio de aplicativo de comunicação em vídeo como *Skype*, por exemplo. Entretanto, os participantes optaram pela entrevista presencial. Duas das entrevistas foram realizadas na Itália.

Quanto ao procedimento de convite à participação, foi enviado um *e-mail* (Apêndice B) aos ontoterapeutas em atividade encontrados no levantamento dos profissionais, informando e convidando para a participação da pesquisa. A partir da definição do local escolhido pelo entrevistado foi marcada a data e realizada a entrevista (Apêndice A). Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador. As entrevistas com os psicoterapeutas italianos foram transcritas no idioma de origem, lidas e suas informações interpretadas, sendo posteriormente traduzidas na íntegra a fim de que os excertos utilizados na discussão estivessem em português.

5.4 Procedimentos e cuidados éticos

Os participantes foram previamente esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa, tendo livre arbítrio para participar e assegurada a possibilidade de interrupção a qualquer tempo, se assim fosse o desejo deles.

Esta pesquisa foi elaborada de acordo com a Resolução CNS/MS Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que regulamenta a realização de pesquisas com seres humanos, complementada pela Resolução CNS/MS Nº 510/2016, deste mesmo Conselho. O Projeto de Pesquisa foi submetido para apreciação e avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) via Plataforma Brasil sob CAAE: 80473417.4.0000.5482. Aprovado conforme Parecer Consubstanciado do CEP da PUC-SP nº 2.444.604 em 18 de dezembro de 2017.

Os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a sigla TCLE (Apêndice C) por ocasião da entrevista, que os esclarece acerca da pesquisa e de sua participação (Apêndice B). Ainda sobre a realização da entrevista, o pesquisador esteve atento a quaisquer possíveis reações de desconforto no momento da realização, eventual desejo de interrupção por parte do entrevistado ou qualquer possível solicitação do entrevistado. As entrevistas ocorreram com total normalidade e um vivido interesse e engajamento por parte dos participantes. Todos os participantes autorizaram a gravação da entrevista (TCLE).

O TCLE tem como função orientar os participantes quanto ao foco e etapas da pesquisa, descrevendo seus objetivos, benefícios e possíveis riscos, reforçando seu caráter voluntário e o sigilo dos dados informados. Os participantes receberam uma via do TCLE.

Os encontros foram gravados, e a gravação e transcrição do material foi e será mantida em sigilo. O pesquisador assume total responsabilidade pela proteção dos dados pessoais dos participantes e plena garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da

pesquisa durante todas as fases da pesquisa.

Por tratar-se de uma pesquisa com ontoterapeutas, todos os nomes e dados relativos à clientes, instituições ou contextos que pudessem acenar impasse ético foram alterados ou omitidos, minimizando assim possíveis riscos que venham a surgir. Todos os participantes assinaram o TCLE. O material produzido será devidamente guardado por cinco anos.

Quanto aos cuidados éticos e procedimentais, foi dada devida atenção a referenciar as fontes, bem como a zelar pelos acervos consultados mediante concessão dos gestores e proprietários, quando o caso.

5.5 Procedimentos para análise e interpretação da pesquisa empírica

Os dados produzidos foram analisados e interpretados qualitativamente. Foi realizado um cruzamento entre: a entrevista com os ontoterapeutas; a pesquisa documental e bibliográfica e, em alguns momentos, valeu-se também a experiência do pesquisador como ontoterapeuta. A partir do material coletado buscou-se caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti, objetivo último deste trabalho. Esta elaboração interpretativa deu-se por meio de uma análise, cujo procedimento adotado foi a análise temática (MINAYO, 2007). Operacionalmente essa estratégia desdobra-se em três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos (interpretação).

Para Minayo (2007), a etapa da pré-análise implica uma organização do material e uma leitura flutuante dele, a constituição do *corpus* e a formulação ou reformulação de hipóteses ou pressupostos. Essa etapa forneceu a produção das impressões gerais acerca do material. Ela envolveu a leitura exaustiva do material e o retorno aos questionamentos que fomentaram a pesquisa em sua gênese. Oliveira (2008) indica que na última tarefa da pré-análise, elaboram-se indicadores que fundamentam a interpretação final do material.

A etapa da exploração do material visa encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo falado é organizado (MINAYO, 2007). Essa categorização implica num processo de redução do texto a palavras, códigos e expressões significativas. De posse do *corpus* de análise, com elementos em destaque, realizada uma categorização inicial (emergente no processo), estabelece-se condições para propor inferências e realizar interpretações, relações com o quadro teórico inicialmente desenhado. Tem-se a possibilidade de aberturas para novas dimensões teóricas e interpretativas, bem como um substrato de informações, reflexões e posições que amparam decisões para as proposições do

estudo (BARDIN, 2011). O processo interpretativo dos depoimentos culminou na produção de mapas mentais que contribuíram significativa para análise e contemporaneamente são produtos dela.

O esquema a seguir ilustra o percurso de estruturação metodológica realizado pelo pesquisador. Nele observa-se, sucintamente, a lógica metodológica para construção do plano de análise. Fundamental ressaltar que o quadro sintetiza a lógica global que permitiu o percurso analítico reflexivo. Nele estão presentes tanto elementos da pesquisa documental – voltados principalmente a responderem o primeiro objetivo específico – quanto da pesquisa empírica.

Quadro 4 – Percurso de Estruturação Metodológica

OBJETIVO GERAL: Caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti.					
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PRINCIPAIS REFERÊNCIAS	PESQUISA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA E QUESTÕES NORTEADORAS	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	CATEGORIAS DE ANÁLISE (EMERGENTES)	CÓDIGOS ELABORADOS
Sistematizar como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas na Itália e no Brasil	ABO (2015); DOMEZI (2014); BERNABEI; ZAPPOLATO (2008); MENEGHETTI (2004; 2005a; 2006a; 2010; 2016b); LOBATO (2008); PETRY (2013); VIDOR (2013; 2018); HADOT (1999); BRUOGNOLO (2005); UENO <i>et al.</i> (1996); RODEGHERI (2011)	Documentos; Publicação (Livros e Revistas); Proposta formativa inicial documentada	Pesquisa documental e bibliográfica	Proposta de Meneghetti	▪ Residences; ▪ Supervisões; ▪ Summer University of Ontopsychology; Congressos; ▪ Cursos, Seminários e Conferências.
Realizar um levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade no Brasil	ABO (2015); MENEGHETTI (2003; 2004; 2005a; 2005b; 2006a; 2010; 2012a; 2013; 2016b); HUSSERL (2002; 1961); ZILLES (2002; 2016); UENO <i>et al.</i> (1996); VIDOR (1974; 2018).	Qual seu percurso de formação acadêmica? Narre como foi seu percurso formativo como ontoterapeuta.	Entrevista semiestruturada	Percorso formativo dos Ontoterapeutas no Brasil	Encontro com Prof. Alécio: Faculdade de Psicologia; Início na UPF; Grupo de Estudo com Alécio Vidor; Psicoterapia; Supervisão Encontro com Prof. Meneghetti: Supervisão Pessoal e Profissional; Experiência e Formação Internacional; Participação em atividades: Residences, Summer, Congressos Atuação Institucional: Organização da ABO; Organização de Eventos; Tradução de Publicação e Criação de Revista.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PRINCIPAIS REFERÊNCIAS	PESQUISA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA E QUESTÕES NORTEADORAS	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	CATEGORIAS DE ANÁLISE (EMERGENTES)	CÓDIGOS ELABORADOS
Evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil	ANDREOLA (1998); MENEGHETTI (2003; 2004; 2005a; 2005b; 2006a; 2010; 2012a, 2013a); NAZZARO (1998); VIDOR (1974; 2013). DUTRA (2013); FIGUEREIDO (1996); QUAYLE (2010); JUNG (2011); MENEGHETTI (1982, 2010, 2013a, 2016b); ROGERS (1997); CARDOSO (1985); ALVES (2005); FARIAS (2011); CORRALIZA; MARTINS (2000); BASSANI (2010; 2012); MOSER (1997).	Qual área de atuação você privilegia no seu exercício profissional como ontoterapeuta? Por quê? Como você percebe a relação entre seu processo de desenvolvimento pessoal e seu exercício profissional? O que você considera imprescindível na formação de um ontoterapeuta? Quais competências você entende essenciais para um ontoterapeuta? Qual(is) o(s) principal(is) desafio(s) na formação de um ontoterapeuta?	Entrevista semiestruturada	Princípios para formação	Teoria e Técnica
		Quais elementos teóricos que você considera imprescindíveis na formação do ontoterapeuta? Quais elementos da prática psicoterápica que você considera imprescindíveis na formação do ontoterapeuta? Quais os pré-requisitos de formação acadêmica para uma pessoa fazer formação em ontoterapia? Você entende necessário um processo seletivo para ingressantes numa formação em ontoterapia? Se sim, como entende que deveria ser?		Competências para ao Ontoterapeuta	Preparação Específica: Intuito natural; Estudo e Cultura continuado com preparação e atualização da técnica; Caráter amadurecido Exatidão do pesquisador: cinco critérios para a subjetividade Metanoia: Autoconhecimento; Psicoterapia; Conversão; Capacidade de mudança; Protagonismo responsável frente ao próprio percurso; Desenvolvimento pessoal alinhado com exercício profissional.
		Existem aspectos relacionados ao ambiente e estilo de vida que você considera relevantes na sua atividade profissional como ontoterapeuta e no percurso formativo deste profissional? Qual relevância você confere ao ambiente terapêutico e como você construiu o seu?		Estilo de Vida e Formação	Ambiente e Natureza Ordem e Estética Life Long Learning e Amadurecimento

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

6 RESULTADOS E ANÁLISES

O presente capítulo tem por escopo apresentar e discutir resultados oriundos da pesquisa com o objetivo de caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti. Para tanto, a construção do percurso analítico reflexivo foi organizada do seguinte modo: inicialmente trabalhou-se com as informações obtidas por meio de publicações e registros históricos documentais que apresentam a proposta formativa de Meneghetti voltada à formação de ontoterapeutas (pesquisa documental e bibliográfica). Posteriormente foram colocados em relevo os relatos obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas (pesquisa empírica) que visam realizar um levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade no Brasil e evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil.

6.1 Proposta formativa de Meneghetti

No intento de caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia, verifica-se relevante compreender como Meneghetti desenvolveu a formação dos primeiros psicoterapeutas segundo a abordagem Ontopsicológica. Considerando que a formação destes primeiros profissionais, quer seja no Brasil, quer na Itália ou ainda na Rússia, deu-se concomitante ao desenvolvimento da própria Ontopsicologia, apreender elementos deste percurso se torna oportunidade de contribuir ao delineamento da gênese da própria abordagem. A reflexão aqui reveste-se fortemente de um caráter de levantamento do percurso histórico em compasso com aquilo que ficou formalizado por Meneghetti e por colaboradores que vivenciaram o período em que o fundador da Ontopsicologia, ao desenvolver seu pensamento investia na formação de outros que, paulatinamente, viriam também eles a serem protagonistas construtores.

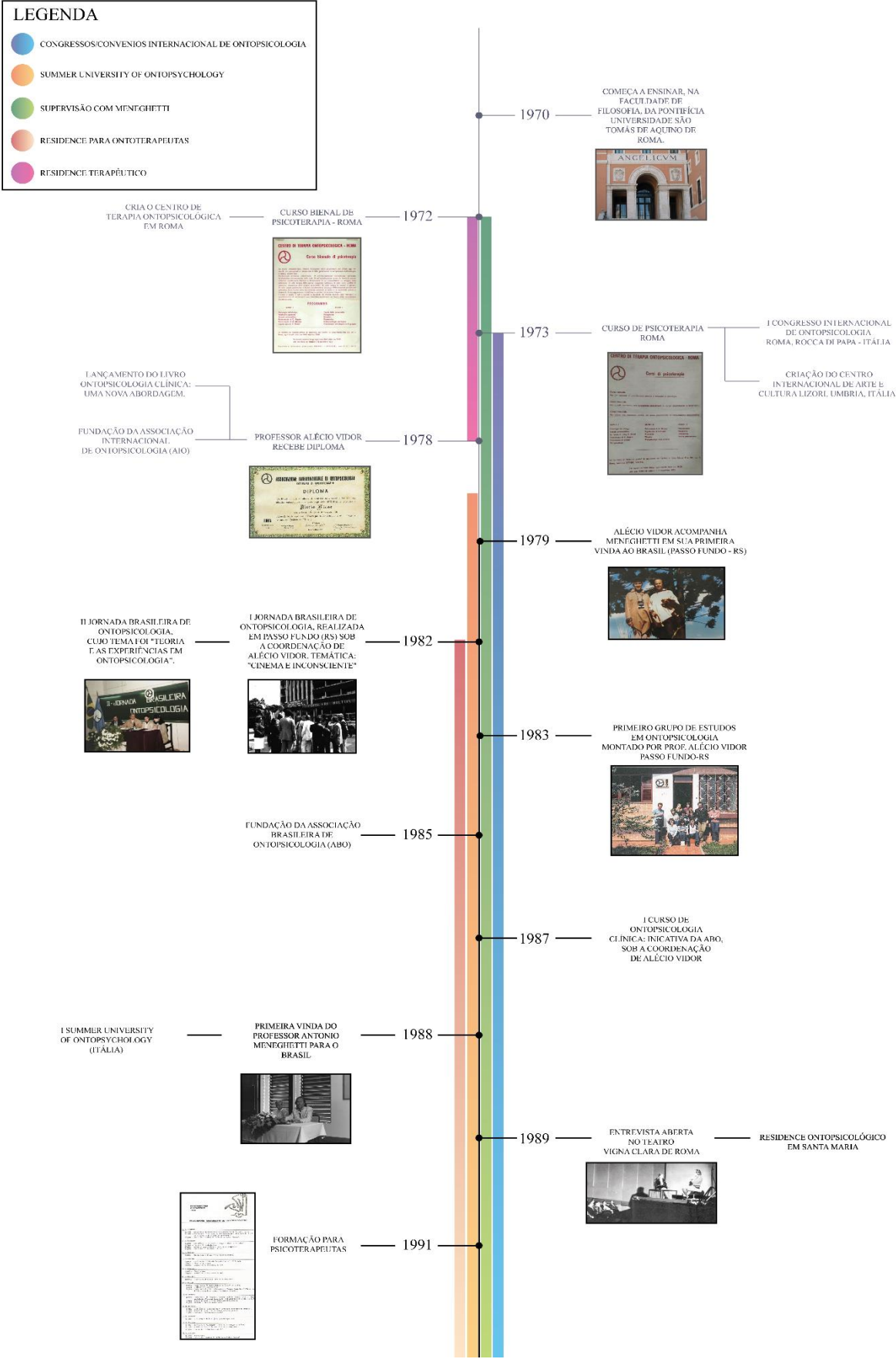
A elaboração do material pesquisado documental e bibliograficamente, permitiu organizar um olhar sobre a proposta formativa de Meneghetti a partir de dois elementos: o histórico de ações e eventos voltados principalmente a formação e registros acerca da organização teórica, técnica e metodológica sobre como Meneghetti procedeu a formação dos primeiros ontoterapeutas.

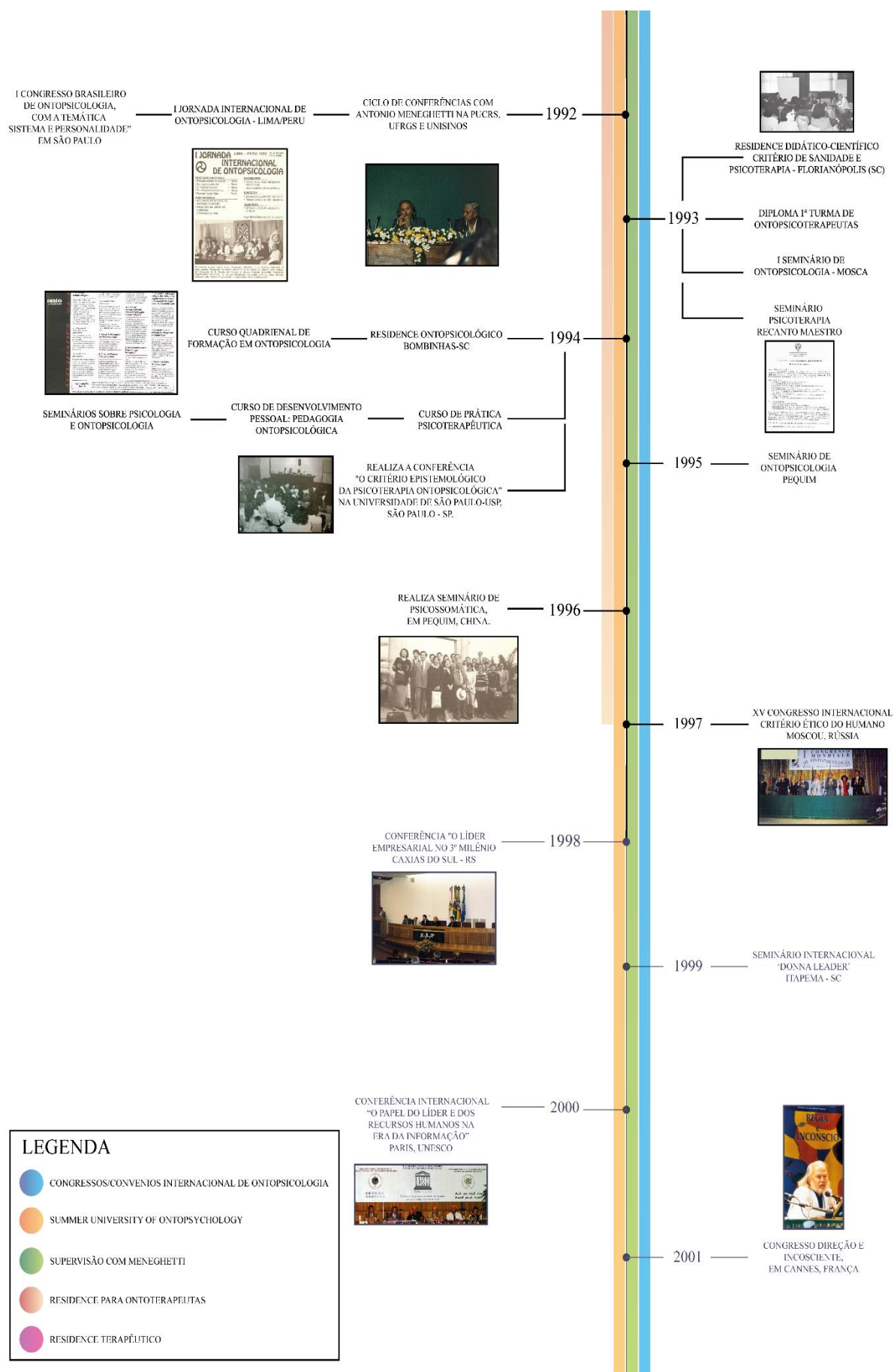
6.1.1 Elementos históricos que formalizam uma clínica ontoterapêutica

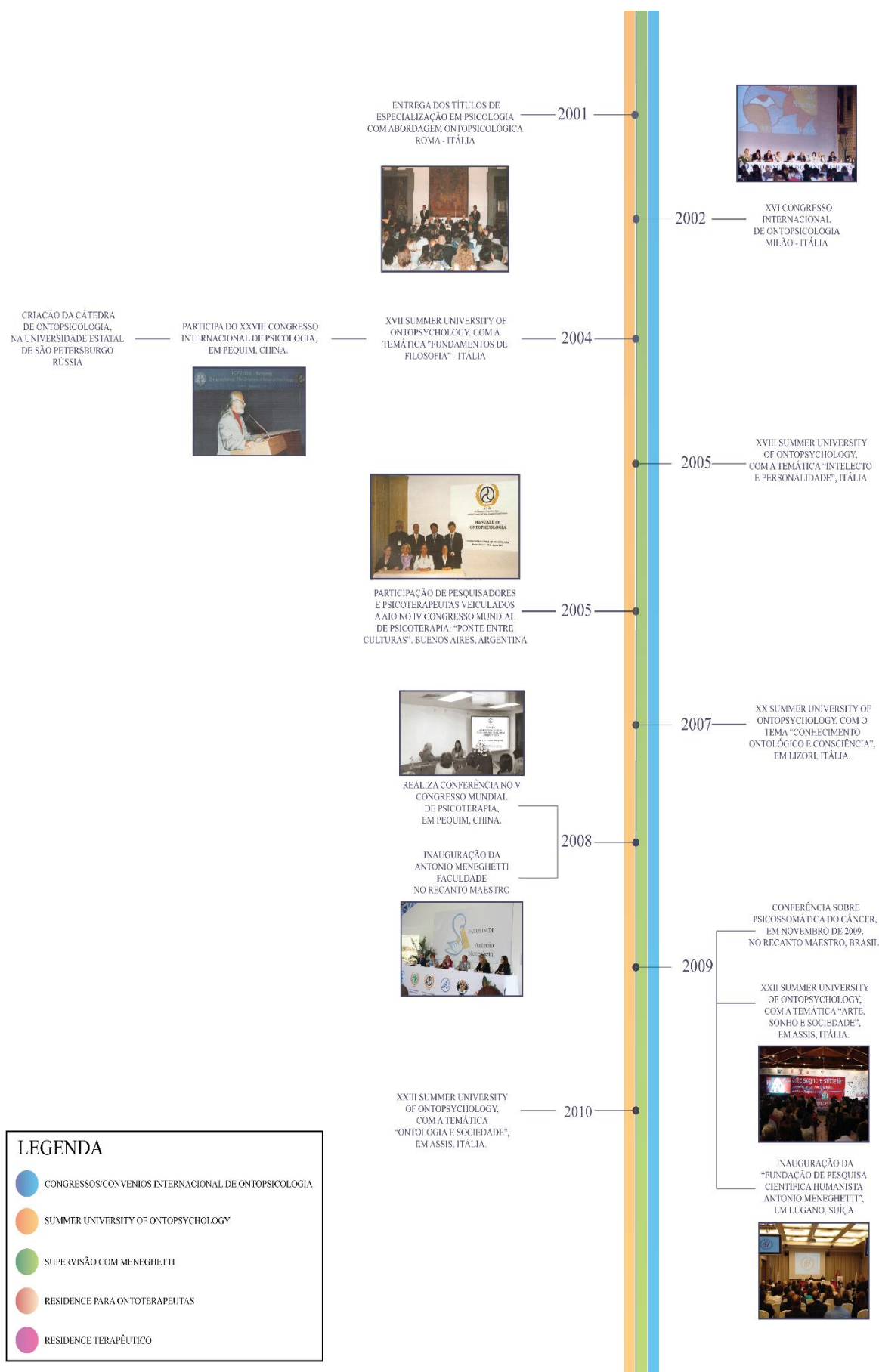
O escopo aqui não é aquele de estabelecer um histórico detalhado das atividades de Meneghetti na sua jornada de construção da Ontopsicologia em mais de 40 anos, mas sim delinear ações e eventos mais especificamente voltados à formação de ontoterapeutas. Entendeu-se relevante incluir alguns elementos significativos à construção da Ontopsicologia como um todo. Desta forma, foi elaborada uma linha de tempo destacando, a partir das fontes de pesquisa e da experiência do próprio pesquisador, marcos significativos juntamente com ações e eventos pontuais ou que se fizeram recorrentes e que, no entendimento deste pesquisador, passaram a caracterizar um percurso formativo. Foi dado maior relevo aos trabalhos realizados diretamente por Meneghetti. Com relação aos registros relativos ao Brasil, destacaram-se aqueles empreendidos sob a orientação do fundador da Ontopsicologia, bem como aqueles realizados por Alécio Vidor e pela Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO)⁹⁰. O relevo dado a Vidor justifica-se pelo fato de que por meio dele é que a Ontopsicologia teve seu início neste país. O recorte temporal elaborado e apresentado a seguir compreende o período entre 1970 e 2013, respectivamente ano de ingresso de Meneghetti como docente na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma) e o ano de seu falecimento.

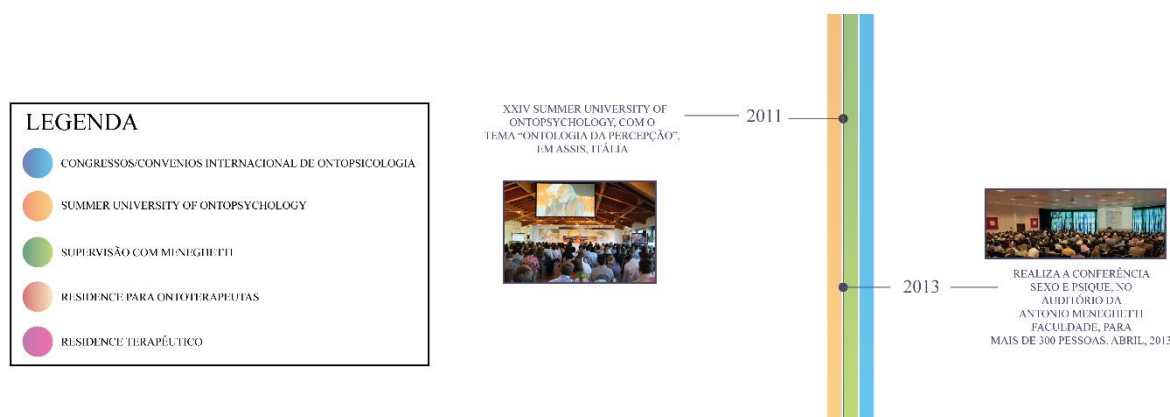
⁹⁰ Relevante mencionar que Meneghetti, desde o início de seu trabalho nos anos de 1970 e ainda mais intensamente a partir dos anos de 1990 atuou internacionalmente. Particularmente no Brasil, mantinha uma frequência de trabalho de ao menos 2 a 3 vezes ao ano. Nestas ocasiões, organizavam-se *Residences*, Congressos, Cursos, Supervisões e outras atividades. Pode-se dizer ainda que, a partir da criação da Antonio Meneghetti Faculdade no Recanto Maestro (RS), Meneghetti passou a investir ainda mais em ações no Brasil.

Figura 3 – Elementos históricos que formalizam uma clínica









Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Bruognolo (2005) e Rodegheri (2011) salientam o fato de que a Ontopsicologia nasce da prática clínica e sua impoção desde o início era psicoterapia de autenticação. A análise das ações iniciais de Meneghetti, em particular no seu primeiro decênio de trabalho a partir do ingresso no *Angelicum* e posterior criação do Centro de Terapia Ontopsicológica em 1971, evidenciam essa afirmação. Nestes intensos primeiros anos ocorre: a criação do Centro de Terapia; o início do processo formativo de psicoterapeutas com a conclusão da primeira turma; o lançamento de expressivas obras bibliográficas, entre as quais destaca-se o livro “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem”; a primeira visita ao Brasil; realização dos primeiros eventos científicos internacionais a criação de Lizori⁹¹, dentre outras ações.

Considerando o foco deste estudo, podem-se identificar seis ações formativas que Meneghetti conduz ao longo de seu trabalho e que podem ser identificadas na linha temporal elaborada. São elas: *residence* terapêutico, realização de cursos e congressos, supervisões, *residence* de formação, *Summer University*.

- *Residence Terapêutico*: O período dos *residences* terapêuticos neste estudo, possui lugar significativo quer seja no desenvolvimento técnico e teórico da Ontopsicologia, quer na formação dos primeiros ontoterapeutas. No plano da técnica contribuiu para a formulação de um fundamental instrumento de intervenção que é o *residence*, quanto a teoria, permitiu a construção de uma sólida abordagem acerca da psicopatologia. Ele é um *residence* clínico-terapêutico segundo amplamente exposto e detalhado por Meneghetti (2005a) e Bruognolo (2005). Este tipo de *residence* pode

⁹¹ Lizori é o nome que rebatiza o Burgo São Benedetto, localizado na Úmbria, Itália. Burgo medieval, cujas primeiras ruínas remontam do II Sec. tornou-se o primeiro Centro Ecobiológico criado por Meneghetti. No início dos anos de 1970, Meneghetti iniciou um projeto de reconstrução e revitalização do local que passaria a se tornar um ponto de referência para atividades formativas e eventos internacionais.

ser realizado em qualquer lugar – ambiente: um hospital, uma casa no campo etc. Mais importante que o local externo é a estabilidade psicológica determinada pelas pessoas que ali trabalham. Esse tipo de *residence* foi desenvolvido por Meneghetti no primeiro decênio de experimentação clínica;

- *Congressos e Cursos*: desde o início dos anos de 1970, Meneghetti realiza uma intensa programação de encontros, cursos e congressos voltados a congregar e divulgar o desenvolvimento de seu pensamento com a comunidade científica. Nestas ocasiões além de exposição de ideias e debate com outros pensadores, Meneghetti realizava entrevistas abertas com o escopo de demonstrar o percurso metodológico⁹². Os participantes da pesquisa irão relatar o quanto foi significativo poder ver o método *in vivo*. Entre 1973, ano de realização do primeiro Congresso Internacional em Roma (Rocca di Papa), até o falecimento de Meneghetti foram promovidos vinte Congressos Internacionais, um Congresso Mundial e cursos de curta duração;
- *Supervisão de Profissionais*: A preocupação com o desenvolvimento dos profissionais era uma constante no trabalho de Meneghetti. Os documentos, depoimentos e registros de eventos evidenciam que, desde o período dos *residences* terapêuticos os ontoterapeutas em formação ou aqueles já atuantes, eram acompanhados em supervisão na Itália. No Brasil, a partir do início dos anos de 1990, sistematicamente eram realizados encontros de supervisão individual e em grupo com os ontoterapeutas em formação. Importante destacar que a supervisão não era realizada tão somente seguindo uma lógica de *setting*, como ademais a visão ontopsicológica, conforme já discutido, afasta-se dessa perspectiva que limita o entendimento do que seja “clínica”. Esse pesquisador vivenciou este processo pedagógico, tudo era supervisão, tudo era oportunidade de rever o próprio posicionamento e buscar o desenvolvimento. E nessa relação Meneghetti era bastante diretivo e pontual, apontando os limites e possibilidades de desenvolvimento ao técnico. Sem dúvida, eram realizados encontros de supervisão “formais” com acompanhamento de casos e do posicionamento técnico do profissional. Entretanto os profissionais em formação eram protagonistas na organização das atividades e

⁹² Exemplo significativo neste contexto foram as entrevistas abertas realizadas no teatro de *Vigna Clara* (Roma) em 1983. Por diversos meses, semanalmente, Meneghetti realizava entrevistas com interessados voluntários. O evento consistia em dois momentos: inicialmente era feita uma explicação didática de elementos da Ontopsicologia e na segunda parte passava-se à prática, desenvolvida com voluntários que faziam parte do público (BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008). Essa iniciativa, embora com distinto escopo, fez esse pesquisador recordar de iniciativas de Moreno na alvorada do seu teatro espontâneo.

eventos e esse processo de aprendizagem pelo trabalho era uma significativa oportunidade de rever e desenvolver a própria capacidade e profissionalismo. Um registro muito significativo para a verificação do modelo de supervisão realizado por Meneghetti, pode ser encontrado nos anais do 1º Congresso Mundial de Ontopsicologia realizado em 1997, em Moscou. Nesta publicação encontram-se trabalhos de 65 profissionais estudiosos de Ontopsicologia, dos quais muitos ontoterapeutas. Nos textos, em sua maioria relato de aplicações da metodologia em diversos campos, reiteradamente é feita referência de *insights* e diretivas colhidos no processo de supervisão;

- *Residence de Formação*: O *residence*, como já assinalado é um dos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia. É um estágio *full-immersion* de três a sete dias dirigido a grupos selecionados de pessoas, durante o qual é efetuada uma revisão sobre o modo de condução da própria existência. Como um instrumento psicossocial e ambiental, é preparado sobre a necessidade dos participantes de realizar um Eu lógico-histórico mais congruente a si mesmos e funcional dentro do espaço comunitário no qual estes convivem. No desenvolvimento de um *residence* são utilizados outros instrumentos de intervenção, como a imagogia⁹³, cinelogia⁹⁴, melolística⁹⁵, psicotea⁹⁶, etc. A metodologia Ontopsicológica prevê diferentes tipos de *residence* de acordo com o escopo que se deseja e o público alvo. Tem-se *residence* de autenticação, de liderança e ecológico. A psicoterapia e o *residence* de autenticação são os instrumentos que a Ontopsicologia usa para uma reorganização da racionalidade do sujeito e para impostar a eficiência do Eu histórico-psicológico no realizar a própria existência, em qualquer aspecto (MENEGETTI, 2010). O

⁹³ Tal qual o *residence*, a imagogia é um dos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia. É uma metodologia de introdução onde as psicodinâmicas se configuram em esquemas ou imagens. É definida como “um estado de semi-vigília, voluntário e autônomo, com assistência não interferente do consultor ontopsicológico para individualizar causalidades problemáticas” (MENEGETTI, 2012a).

⁹⁴ Cinelogia também é um instrumento de intervenção da Ontopsicologia, definido como “análise lógico-comportamental por meio da projeção filmica”. Por meio do uso de um filme cuja temática deseja-se trabalhar ou evidenciar nos participantes, realiza-se a análise das dinâmicas emotivas ativadas pela impressão ou contato de imagens fluentes no espectador. Cada espectador vive um filme e é convidado a expor a mesma, essa vivência analisada segundo a metodologia Ontopsicológica favorece a compreensão da dinâmica do cliente. O filme é analisado segundo: “a) o vivido pelo espectador ou b) a intencionalidade inconsciente individual ou c) social expressa pelo diretor ou roteirista” (MENEGETTI, 2010, p. 353).

⁹⁵ Melolística, do grego *μέλος* = canto; e *ὅλος* = todo, inteiro. Define-se como “arte do movimento musical ou harmônico. Dança e comportamento físico sobre ritmos extraídos e amplificados - com instrumento de percussão - do iso viscerotônico, enquanto epicentro das conexões vitais” (MENEGETTI, 2012a, p. 165).

⁹⁶ A psicotea é um interessante instrumento de intervenção que utiliza a linguagem teatral para evidenciar a dinâmica psíquica de um grupo ou indivíduo. Vem definida como: “uma projeção psicoambiental construída cênica e teatralmente com o único escopo de precisar aos espectadores a linha de ação de um complexo e operá-lo a ab-reação” (MENEGETTI, 2012a, p. 230).

residence pode ter também o escopo didático quando, além do objetivo de desenvolvimento dos participantes, busca-se contemporaneamente que os mesmos apreendam a metodologia de intervenção. Essa era a abordagem de muitos dos *residences* organizados para psicoterapeutas. Os ontoterapeutas na vivência do *residence* aprendiam sobre a teoria e a técnica da ontopsicologia, além de ser ocasião de supervisão e autoconhecimento;

- *Summer University Of Ontopsychology*: Entre 1988 e 2013, Meneghetti, por meio das Entidades congregadas em torno da Ontopsicologia, conduziu anualmente, de modo ininterrupto, a *Summer University Of Ontopsychology*, abordando temáticas que iam da Psicoterapia à Pedagogia, passando pela Arte, Sonho, Política, Filosofia, Física, Ontologia, Cinema e Inconsciente, Memética, Intelecto e Personalidade, Direito e Sociedade, Humanismo, dentre outras problemáticas. Realizadas na Itália no mês de agosto, período de férias no calendário acadêmico europeu, tinha o escopo de expor as atualizações da posição ontopsicológica em diálogo com outros posicionamentos científicos e pensadores. Nestas *Summer* além de Conferências, eram realizadas atividades vivenciais de cunho formativo, bem como entrevistas abertas e uso de outros instrumentos de intervenção da Ontopsicologia. Mesmo depois da morte de Meneghetti, a *Summer University* continua sendo realizada (PETRY, 2013). Em 2018, comemorou-se a 30ª edição da *Summer*, com a temática Pedagogia e Política.

6.1.2 Elementos teóricos, técnicos e metodológicos da formação de ontoterapeutas

Permanecendo no intento de sistematizar como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas a questão da teoria, da técnica e da metodologia são relevantes. Encontramos significativas referências que auxiliam na construção de um entendimento sobre a formação dos primeiros ontoterapeutas. A análise realizada põe luz a duas obras bibliográficas e três documentos com consistente relevância histórica.

A primeira destas obras são os “*Prolegomeni Storico-Culturali alla Scienza Ontopsicologica*”, publicados em dois volumes e editado em formato de livro, em 1990, pela Scuola di Formazione Psicoterapica, teve como autores justamente os estudantes de psicoterapia que faziam a formação junto a Meneghetti em Roma. O material “Stampato in proprio per uso interno”, apresenta o percurso histórico de pensadores e teorias cuja compreensão era fundamental para aquele percurso formativo. A publicação recolhe os textos

que eram trabalhados na formação dos ontoterapeutas nas décadas de 1970 e 1980. É efetivamente um material importante e sua elaboração segue a lógica pedagógica que Meneghetti utilizava, ou seja, são justamente aqueles que estão vivenciando a formação a produzirem e refletirem sobre os fundamentos e as práticas que apoiam o processo. A obra, organizada em dois volumes, com 700 páginas, apresenta seu sumário com os seguintes capítulos:

- *Fisiognomica, Cinesica-Prosemica;*
- *La fenomenologia di Edmund Husserl;*
- *Karl Jaspers: dalla psicopatologia alla filosofia;*
- *I fondamenti ontologici della psicoterapia:* M Heidegger e L. Binswanger;
- Carl R. Rogers;
- Abraham H. Maslow;
- Rollo May;
- Antonio Meneghetti.

Estes eram os conhecimentos elementares à formação do ontoterapeuta junto ao Centro de Terapia Ontopsicológica⁹⁷. Essa informação pode ser confirmada em dois documentos do Centro de Terapia que apresentam a formação em psicoterapia proposta (Anexos A e B).

A perspectiva presente nos textos dos “Prolegômenos”, gradualmente foram incorporadas em bibliografias que compõem o corpus conceitual e por decorrência formativo da Ontopsicologia, das quais pode-se destacar o Background histórico à Ciência Ontopsicológica, na obra “Manual de Ontopsicologia” (MENEGETTI, 2010). Ilustrativo da relevância destes textos pode-se destacar em quando esse pesquisador iniciou a estudar Ontopsicologia e participar de grupo de estudos em 1999, uma das primeiras obras afrontadas foi o Prolegômenos.

O levantamento realizado apontou também para a relevância da obra “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem” como essencial para o estudo. Publicada pela primeira vez em 1978, ou seja, estamos ainda no primeiro decênio de forte experimentação clínica de Meneghetti, o volume recolhe os conteúdos dos primeiros seis congressos internacionais realizados anualmente entre 1973 e 1978. Os eventos abordam temáticas nodais à construção

⁹⁷ É relevante para a pesquisa aqui empreendida e gratificante para esse pesquisador que três dos autores dos “Prolegômenos”, ontoterapeutas italianos ainda em atividade, aceitaram participar da construção desta pesquisa por meio de seus depoimentos.

do edifício teórico ontopsicológico e centrais para a clínica ontoterápica (DI CARLO, 1991; PETRY, 2013; BERNABEI; ZOPPOLATO, 2008). A título exemplificativo das temáticas abordadas e posteriormente incorporadas ao volume pode-se destacar:

- *1975 - III Congresso Internacional de Ontopsicologia*: toma por temática as neuroses e esquizofrenias. O material apresentado no evento será incorporado ao livro por meio de um capítulo fundamental para a compreensão dos processos patógenos e da teoria Ontopsicológica da personalidade, chamado “Considerações acerca da etiologia plurifatorial da neurose e esquizofrenia”;
- *1976 - IV Congresso Internacional de Ontopsicologia*: Meneghetti apresenta pela primeira vez o conceito de Campo Semântico. O livro acolherá capítulo específico sobre o conceito;
- *1977 - V Congresso Internacional de Ontopsicologia*: é apresentada a Imagogia como nova técnica de leitura da linguagem inconsciente do homem;
- *1978 - VI Congresso Internacional de Ontopsicologia*: Meneghetti introduz o conceito de Eu a priori como primeira projeção do Em Si em ato histórico, além de expor a teoria do nascimento do Eu que constitui a base da pedagogia Ontopsicológica. O livro trata um importante capítulo sobre o nascimento do Eu, onde são discutidos os pressupostos para a constituição do eu psicológico, a concepção de instinto vital e instinto de posse e sua relevância, a mediação do âmbito parental, dentre outros aspectos.

O livro “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem” interessa de sobremaneira uma vez que o objetivo aqui é pensar a formação do ontoterapeuta. A obra apresenta ainda capítulos que discutem:

- A precisão sobre alguns termos da psicologia clássica: o autor revisita concepções de instinto, realidade psíquica, inconsciente, reflexões além da palavra, associação/deslocamento, remoção primária, resistência, contato em ontoterapia e superego;
- O nascimento do Eu;
- Etiologia plurifatorial das neuroses e esquizofrenia;
- A estrutura originária da agressividade;
- Droga e motivação psicológica;

- O comportamento sexual;
- Psicoterapia e campo etérico;
- Ontopsicologia, psicoterapia, campo etérico.

Desde 1995, o “Manual de Ontopsicologia” passou a ser o texto base de referência reunindo e organizando uma profícua produção. Certamente ele não substitui os aspectos abordado por outras fontes, porém é, na atualidade uma ferramenta conceitual que não existia nos anos de 1970 e 1980 quando foi realizado o trabalho mais intenso de Meneghetti na formação dos ontoterapeutas. Especificamente no que se refere a clínica Ontopsicológica, o volume apresenta capítulos a serem destacados: A teoria Ontopsicológica da personalidade; toda a II parte onde são apresentados os Instrumentos ontopsicológico, com destaque para o capítulo “O modelo psicoterapêutico ontopsicológico” (MENEGHETTI, 2010).

No desenvolvimento da pesquisa foi possível também localizar três documentos que apresentam a proposta programática de cursos promovidos pelo Centro de Terapia Ontopsicológica. O primeiro documento (Anexo A) refere-se ao curso bienal de psicoterapia, com previsão de início das aulas em 15 de novembro de 1972 e o programa está assim estruturado:

Quadro 5 – Centro de Terapia Ontopsicológica: programa de curso bienal de psicoterapia

ANO I	ANO II
▪ Psicologia do diálogo; ▪ Psiquiatria geral; ▪ Terapia psicanalítica; ▪ Psicoterapia de C. Rogers; ▪ Psicoterapia de A. Maslow; ▪ Logoterapia de V. Frankl.	▪ Teoria da personalidade; ▪ Fisionômica; ▪ Cinésica; ▪ Prossêmica; ▪ Ontopsicologia do homem; ▪ Ontoterapia individual e de grupo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O segundo documento (Anexo B) refere-se a “Cursos de psicoterapia” divididos em três modalidades e com previsão de início das aulas em 05 de novembro de 1973. As modalidades ofertadas são:

- *Curso anual*: para quem deseja uma orientação prática e pessoal em psicologia;
- *Curso bienal*: para aqueles que desejam um conhecimento especializado em campo psicoterápico e psicológico;
- *Curso trienal*: para aqueles que desejam inserirem-se no trabalho profissional consulta psicológica.

O programa está assim estruturado:

Quadro 6 – Centro de Terapia Ontopsicológica: programas de cursos de psicoterapia - anual, bienal e trienal

ANO I	ANO II	ANO III
▪ Psicologia do diálogo; ▪ Terapia psicanalítica (Freud, Jung, Adler); ▪ Psicoterapia de Rogers; ▪ Psicoterapia de grupo; ▪ Ontopsicologia.	▪ Psicoterapia de Maslow; ▪ Logoterapia de Frankl; ▪ Fisionômica; ▪ Cinésica; ▪ Ontopsicologia da pessoa.	▪ Psicossomática; ▪ Prossêmica; ▪ Ontoterapia; ▪ Prática psicoterápica.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Pode-se observar, ao comparar o conteúdo programático do Centro de Terapia Ontopsicológica com os “Prolegômenos”, que este último é a formalização do processo vivenciado no primeiro. Constata-se também que tais elementos se posicionam como importante orientação para o desafio que o presente estudo se impõe que é caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti.

Um terceiro documento (Figura 4), que este pesquisador teve acesso quase no fechamento do estudo, foi disponibilizado por um dos ontoterapeutas que vivenciaram a formação realizada nos primórdios dos anos de 1970 junto ao Centro de Terapia de Meneghetti em Roma. O documento, que optamos por destacar no corpo do texto, evidencia não somente o *design* teórico da formação dos ontoterapeutas, como também os aspectos da técnica e a metodologia formativa. A ideia de uma formação em tripé – estudo teórico; psicoterapia individual e supervisão – pode ser depreendido no documento.

Figura 4 – Currículo Formativo

ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DI ONTOPSICOLOGIA



INTERNATIONAL ONTOPSYCHOLOGY ASSOCIATION

TEL. (39) (6) 3453318 - 3453558 - 3273057

VIALE MEDAGLIE D'ORO, 42B - 00136 ROMA - ITALIA

C U R R I C U L U M

Dott. XXXXXXXXXX
 nata a Boscoreale (Napoli) il 25 Agosto 1953

Psicologia del dialogo	ore	26	anno	1978
Psicanalisi - Freud -	"	48	"	1978
Training terapeutico individuale didattico	"	25	"	1978
Training terapeutico dida-tico di gruppo	"	50	"	1978
Ontopsicologia - Campo eterico, psicoterapia -	"	38	"	1978
Psicologia individuale - Adler -	"	32	"	1978
Psicologia analitica - Jung -	"	48	"	1978
VI° Convegno Internazionale di Ontopsicologia	"	40	"	1978
Storia della filosofia moderna - Husserl -	"	14	"	1978
Psicoterapia - Rogers -	"	40	"	1978
Fisiognomica	"	25	"	1978
Cinesica - Prossemica -	"	25	"	1978
Psicoterapia - Maslow -	"	40	"	1978
Ontopsicologia - Immagogia terapeutica -	"	95	"	1978
Ontopsicologi - Cineterapia -	"	78	"	1978
Ontopsicologia - Ontoarte -	"	40	"	1978
Training terapeutico individuale didattico	"	20	"	1979
Training terapeutico didattico di gruppo	"	45	"	1979
Onirologia	"	40	"	1979
Ontopsicologia - La nascita dell'IO - Atteggiamento sessuale - Struttura originaria della aggressività droga e motivazione psicologica -	"	90	"	1979
Ontopsicologia - Etiologia plurifattoriale della nevrosi e schizofrenia -	"	65	"	1979
Ontopsicologia - Campi semantici -	"	60	"	1979
Ontopsicologia - Psicosomatica -	"	60	"	1979
Ontopsicologia - Psicologia negativa e psicopatologia-	"	70	"	1979
Ontopsicologia - Immagogia terapeutica -	"	100	"	1979
Ontopsicologia - Cineterapia -	"	95	"	1979
Ontopsicologia - Ontoarte -	"	50	"	1979
Piccola cineterapia	"	15	"	1979
VII° Congresso Internazionale di Ontopsicologia	"	40	"	1979
Pedagogia ontopsicologica	"	48	"	1979
Training terapeutico didattico di gruppo	"	50	"	1980
Ontopsicologia - Sessuologia -	"	36	"	1980

ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DI ONTOPSICOLOGIA



INTERNATIONAL ONTOPSYCHOLOGY ASSOCIATION

TEL. (06) 3453318 - 3453558 - 3273057

VALE MEDAGLIE D'ORO, 425 - 00136 ROMA-ITALIA

Ontopsicologia - Filosofia Esistenziale -	ore	36	anno	1980
Ontopsicologia - Ontoarte -	"	30	"	1980
Ontopsicologia - Immagogia terapeutica -	"	70	"	1980
Ontopsicologia - Cineterapia -	"	94	"	1980
Piccola Cineterapia	"	16	"	1980
Ontopsicologia - Psicologia Esistenziale -	"	50	"	1980
VIII° Congresso Internazionale di Ontopsicologia	"	40	"	1980
Ontopsicologia - Ontoarte -	"	30	"	1981
Ontopsicologia - Cineterapia -	"	75	"	1981
Ontopsicologia - Immagogia terapeutica -	"	50	"	1981
Ontopsicologia - Incontri d'apertura -	"	12	"	1981
Piccola Cineterapia	"	18	"	1981
Ontopsicologia - Immagogie analitiche -	"	17	"	1982
Ontopsicologia - Incontri d'apertura -	"	11	"	1982
Ontopsicologia - Cineterapia -	"	37	"	1982
Ontopsicologia - Ontoarte -	"	36	"	1982



Roma 13/5/82

IL PRESIDENTE

prof. Antonio Meneghetti

Fonte: AIO (1982).

O currículo evidencia os elementos já apresentado, porém torna possível verificar com maior clareza também os aspectos da técnica, juntamente com a teoria e como isto tudo se enlaçava na proposta conduzida por Meneghetti. A formação certificada pela Associação Internacional de Ontopsicologia e assinada pelo próprio Meneghetti, desenrola-se ao longo de 4 anos e meio com início em 1978 e término em maio de 1982. Observa-se uma maior carga-horária nos três primeiros anos, diminuindo e centrando-se em atividades práticas nos anos finais.

Para auxiliar a sistematização as horas-aula de formação foram somadas e divididas entre horas teóricas e técnicas. Um destaque deve ser dado para o fato de que as atividades técnicas, pelo modo de trabalhar de Meneghetti, consentem quer seja o processo de desenvolvimento pessoal (autoconhecimento) do ontoterapeuta em formação, por meio dos *trainings* terapêuticos, por exemplo, quer realização do acompanhamento em supervisão. As horas de cineterapia e imagogia, por características destes instrumentos de intervenção, a um só tempo proporcionam passagens ao autoconhecimento e aprendizado da técnica.

Sintetizando o percurso expresso no currículo e dividindo a carga horária formativa entre aprendizado teórico e técnico metodológico verifica-se:

- 1978:
 - 376 horas-aula de estudo teórico;
 - 288 horas-aula de atividades técnica metodológicas;
 - Total ano = 664 horas-aula;
- 1979:
 - 425 horas-aula de estudo teórico;
 - 325 horas-aula de atividades técnica metodológicas;
 - Total ano = 750 horas-aula;
- 1980:
 - 162 horas-aula de estudo teórico;
 - 260 horas-aula de atividades técnica metodológicas;
 - Total ano = 422 horas-aula;
- 1981:
 - 286 horas-aula de atividades técnica metodológicas;

O estudo teórico proposto no currículo formativo abordava a Psicanálise em Freud; a Psicologia individual de Adler; a Psicologia analítica de Jung; a Fenomenologia de Husserl; a Psicoterapia de Rogers e Maslow. Além da psicologia do diálogo; a fisionômica, cinésica e proxêmica e oniologia. As temáticas diretamente relacionadas a Ontopsicologia eram: o nascimento do Eu; Atitude Sexual; Estrutura originária da agressividade, drogas e motivações psicológicas; etiologia plurifatorial das neuroses e esquizofrenias; campos semânticos; psicossomática; psicologia negativa e psicopatologia; pedagogia ontopsicológica; sexologia; filosofia existencial; ontoarte; psicologia existencial. Importante ressaltar que uma parte expressiva destes conteúdos passaram a compor o livro “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem”.

Os aspectos voltados ao autoconhecimento, a supervisão e incorporação da técnica tinham espaço nos *trainings* terapêuticos didáticos individuais e de grupo, nas imagogias terapêuticas e analíticas, nas cineterapias⁹⁸ e nos encontros de ontoarte.

⁹⁸ O termo “Cineterapia” é inicialmente utilizado por Meneghetti, como se pode ver em um primeiro texto sobre o argumento datado do ano de 1972 e em outros materiais do mesmo período. A partir de 1980 passará a utilizar o

Na busca de sistematizar como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas é fundamental dar um destaque a questões históricas específicas da formação dos profissionais no Brasil. A construção do presente estudo já discutiu o fato de que o percurso de formação conduzido por Meneghetti inicia na Itália com a criação do Centro de Terapia Ontopsicológica, no início dos anos de 1970. No Brasil Meneghetti inicia os trabalhos em 1988, a partir de um grupo de pessoas que já vinham em formação com Alécio Vidor. Mas qual contexto Meneghetti encontra no Brasil? Qual momento da construção de seu pensamento Meneghetti se encontrava? Esses questionamentos são importantes para a caracterização do percurso formativo em Ontoterapia.

Inicialmente, cabe destacar que o momento histórico da psicoterapia e da própria psicologia no Brasil quando se inicia a formação é diferente do momento histórico da Itália. A formação do primeiro grupo de Ontopsicólogos, dos quais vários atuarão como ontoterapeutas, começa no início dos anos de 1980 ainda na Universidade de Passo Fundo (UPF), Rio Grande do Sul, principalmente no início do curso de psicologia por meio de um grupo de estudos. No Brasil, a profissão e a formação em psicologia tinham sido oficialmente regulamentadas em 1962⁹⁹, ainda que a Universidade Federal da Bahia já tivesse iniciado sua primeira turma um ano antes. Vários cursos de psicologia nasciam nos diferentes Estados do País. A UPF tinha iniciado seu curso de Psicologia em 1978. A psicologia clínica naquele período tinha forte presença nas formações em psicologia (RODEGHERI, 2011).

Diferentemente deste contexto brasileiro, na Itália, embora existisse um forte movimento, a psicologia como profissão, só foi instituída em 1989, com a criação da Ordem Profissional dos Psicólogos (ALBO) que também regula a formação em psicologia e em psicoterapia (ROOK; CIOFI; GIANNINI, 1998).

Por sua vez no Brasil, os cursos de psicologia traziam sólidos fundamentos clínicos frutos de uma história que remonta aos anos trinta. Particularmente no Rio Grande do Sul, o viés clínico na formação em psicologia, sofre forte influência dos psicanalistas lacanianos argentinos e da psiquiatria (GAGEIRO; TOROSSIAN, 2014).

Quando Meneghetti começa a formação dos psicoterapeutas na Itália, vive-se a realidade histórica da saída do movimento antimanicomial. Liderado principalmente por Franco Basaglia o movimento sustentava a necessidade reinserir os doentes mentais no interior da

termo Cinelogia para definir um dos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia que se vale do filme para a compreensão das dinâmicas humanas.

⁹⁹ A formação em psicologia e a regulamentação da profissão de psicólogo, foi instituída em 27 de agosto de 1962, pela Lei Nº 4.119 (BRASIL, 1962).

sociedade (BERNABEI; ZAPPOLATO, 2008). Neste contexto, Meneghetti começa a experiência dos residences terapêuticos, onde habitavam juntos pacientes e psicoterapeutas em formação. Os pacientes que participavam dos residences terapêuticos tinha recebido pesados diagnósticos de esquizofrenia manifesta, neuroses graves e drogaditos. Os residences a um só tempo tinham escopo terapêutico, formativo e de pesquisa e formalização científica. Neste contexto, somado ao estudo teórico, supervisão e psicoterapia individual que foram formados os primeiros psicoterapeutas na Itália; na prática do residence terapêutico e nos estudos junto ao Centro de Terapia Ontopsicológica. Fizeram uma formação na prática clínica que teve seu início no trabalho com a psicopatologia. Meneghetti estava empenhado em estruturar o método ontopsicológico e verificar sua efetividade e capacidade de reintegração da personalidade do paciente.

Ao chegar no Brasil, no final da década de 1980 encontra um grupo de psicólogos com uma sólida formação clínica, quer seja pela experiência universitária, quer pelo estudo contínuo com Alécio Vidor. Um grupo que já tinha realizado um percurso de psicoterapia individual e já atuava como psicoterapeutas. Quando Meneghetti inicia a formação destes profissionais, tem a possibilidade de fortalecer e aprofundar esse processo formativo com mais celeridade, pois as bases estavam colocadas. Este elemento é fundamental na distinção da formação dos ontoterapeutas italianos.

Soma-se a questão histórica o fato de que na segunda metade da década de 1980 e início de 1990, Meneghetti decide abandonar o trabalho com os doentes, voltando-se para a psicologia do líder, da criatividade e autenticidade (MENEGETTI, 2008). Este era o momento da construção do pensamento de Meneghetti. A formação dos primeiros ontoterapeutas brasileiros, se dá neste contexto; uma psicoterapia voltada ao processo de autenticação:

Concluída a fase da experimentação clínica, a posição ontopsicológica é explicitada sobre temáticas sociais como a pedagogia, a criatividade, a arte, a política, a economia. [...] Da terapia de cura, passa-se à autenticação do humano (MENEGETTI, 2010, p. 101)

Este aspecto pode ser verificado na escolha de Meneghetti em realizar o primeiro residence para lideranças no Brasil em 1992. Nessa ocasião os ontoterapeutas brasileiros em formação participam colaborando na organização e operacionalização e aprendendo em uma perspectiva de formação continuada na prática. Essa experiência confere aos ontoterapeutas em formação outra visão de mundo e de prática da psicoterapia ontopsicológica. É nesta perspectiva psicoterapêutica que são formados os primeiros ontoterapeutas no Brasil; uma psicoterapia

voltada à autenticação e desenvolvimento da criatividade humana, orientada por um critério de natureza, na qual “o sentido terapêutico, psíquico e somático, atua-se como efeito secundário em consequência de uma variação comportamental do campo decisório ou moral do sujeito” (MENEGETTI, 2004, p. 91).

Uma vez que o desejo é caracterizar a proposta formativa em Ontoterapia, bem como evidenciar caminhos para novas gerações de ontoterapeutas o exercício da atividade no Brasil, sob o ponto de vista da clínica Ontopsicológica constata-se que as atividades e produções de Meneghetti nos primeiros dez anos de trabalho necessariamente são fontes fundamentais e fornecem sólidas bases de ação, teoria e técnica. Entretanto, Meneghetti manteve intensa atividade intelectual e formativa até o ano de seu falecimento tendo deixado um legado com mais de 40 publicações. Assim quando se lança a pensar a formação de psicoterapeutas de orientação Ontopsicológica na contemporaneidade, ainda que sem a presença do fundador, pode-se valer de um repertório de produções, estruturas e experiências muito maior que aqueles do primeiro decênio de experimentação clínica. Em especial, tem-se uma geração de profissionais que são exemplos vivos de um percurso realizado e levam adiante essa prática ontoterapêutica. No caso deste estudo, tais “exemplos vivos” são fundamentais.

6.2 A formação dos ontoterapeutas no Brasil

A estrada formativa do ontoterapeuta, como já assinalado é longa e complexa. Debruçar o olhar sobre ela e mais do que isto, caracterizar o percurso formativo em uma nova abordagem terapêutica é efetivamente desafiador. A estrada é concomitantemente chegada e partida. Na construção do presente estudo entendeu-se fundamental ir até aqueles que vivenciaram esse percurso. O contato estabelecido nas entrevistas semiestruturadas evidenciou as características de um específico percurso formativo e sublinhou a relevância do protagonismo responsável do ontoterapeuta no próprio desenvolvimento. Por meio do roteiro de entrevista e das narrativas dos seis ontoterapeutas brasileiros participantes, pode-se inferir a emergência de alguns elementos ou categorias que constituíram um percurso de análise que possibilitaram organizar a análise e os resultados.

Nesse sentido, esta seção realiza um levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade no Brasil. Essa discussão é relevante na medida que favorece o escopo maior de caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia. Uma vez contextualizada a pesquisa, o convite inicial aos participantes foi para narrarem o próprio percurso de formação. Por meio da análise dos relatos, emergiram fortemente três elementos que permitiram organizar e categorizar as reflexões: a relevância dos primeiros grupos de estudos com Alécio Vidor na

Universidade de Passo Fundo (UPF); o encontro com Antonio Meneghetti por ocasião do início de seus trabalhos no Brasil e a formação realizada diretamente com ele e; as ações Institucionais a partir do momento em que os profissionais em formação passam constituem a Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO) e protagonizam suas ações formativas e o desenvolvimento da própria Ontopsicologia no país.

6.2.1 O encontro com Alécio Vidor

Os participantes brasileiros, ao narrarem seu percurso de formação como ontoterapeuta, destacam a importância de Alécio Vidor neste início, principalmente pelo fato de terem conhecido a Ontopsicologia ainda no decurso da graduação.

Eu acho que a minha formação começou quando eu era aluna de psicologia. Eu conheci o professor Alécio Vidor que era um professor do curso de psicologia lá em Passo Fundo na Universidade, na UPF, e ele convidou um grupo de alunos para começar a fazer, estudar Ontopsicologia. Aí eu comecei a participar desse grupo comecei a fazer psicoterapia inclusive com ele, só que no meio disso, eu me mudei de cidade, fui a Porto Alegre, estudar na PUC. [P1]

Eu encontrei a Ontopsicologia na pessoa do professor Alécio Vidor, na Universidade de Passo Fundo no curso de psicologia. Ensinava todos aqueles autores da Psicologia Geral, e tal, mas ele informava também uma outra dinâmica. Algo que começou a me despertar uma curiosidade porque ele falava coisas que não estavam na bibliografia que ele tinha referido. Comecei a prestar mais atenção nele especificamente, procurar saber um pouco mais. Eu iniciei o curso em 79 e no ano seguinte, em 80 ele abriu um grupo de estudo. Eu tinha 20 anos. Ele abriu um grupo de estudo, e sempre claro, era necessário fazer psicoterapia. porque ele repetia o modelo que ele aprendeu com o professor Meneghetti na Itália. [P4]

Alécio era meu professor no primeiro ano, gostei muito dele, ele me chamava muita atenção. Então eu participei do grupo mais ou menos um semestre, depois eu os perdi, porque era outra turma e eles foram para outro lugar em Passo Fundo e não me disseram aonde é que era. Então, eu mais ou menos os perdi e também eu me perdi... e um pouco me esqueci disso. Quando eu estava quase me formando eu retornei ao encontro dessas pessoas. Então assisti um pequeníssimo seminário, uma jornada que eles fizeram e logo me formei. [P5]

Alécio Vidor que, em 1978, tinha concluído sua formação no Centro de Terapia Ontopsicológica em Roma e recebido autorização para trabalhar como ontoterapeuta no Brasil, leciona nos cursos de Psicologia e Filosofia da Universidade de Passo Fundo (RS) e no início dos anos de 1980 começa junto aos alunos destes cursos um grupo de formação em Ontopsicologia. Essa iniciativa de Vidor terá uma significativa importância no início da Ontopsicologia no Brasil e em particular na formação da primeira geração de ontoterapeutas neste País.

Os relatos, permeados por uma profunda estima e respeito, pintam um quadro capaz de retratar a gênese do ingresso de uma nova proposta, de um pensamento em gestação oriundo da velha Europa nas terras férteis de um jovem Brasil. Um jovem professor universitário, no auge de sua formação pessoal e profissional, sob inspiração de uma nova proposta de entendimento do humano, que ainda estava se consolidando, portanto não tinha espaço no contexto acadêmico oficial, dedica-se a compartilhar saberes e a formar jovens estudantes.

Estamos no final dos anos de 1970 e início de 1980. O caldo de cultura no qual Vidor insere a Ontopsicologia é composto por múltiplos elementos: um país vivendo um período ditatorial que começa a dar acenos de conclusão (que de fato ocorrerá em 1985); a Psicologia estava em afirmação e, particularmente a Universidade de Passo Fundo tinha acabado de inaugurar seu curso de psicologia, sendo que os ontoterapeutas ora em atividade e sujeitos dessa pesquisa fazem parte da segunda turma de estudantes deste curso. Alécio Vidor, então professor da Filosofia, integra o grupo de docentes que dão início ao novo curso. A formação e atuação em psicoterapia, ainda que não estivesse ou esteja limitada ao campo da psicologia, também caminhava na direção da sua consolidação e ampliação. Enfim, tudo era um início¹⁰⁰.

Quando decide empreender a formação de novos Ontopsicólogos, dos quais muitos se tornarão ontoterapeutas, Vidor vem de uma década de formação internacional junto à Universidade São Tomás de Aquino, tendo como orientador do mestrado e do doutorado Antonio Meneghetti. Aliado a isto faz formação no Centro de Terapia Ontopsicológica, tendo vivenciado a experimentação clínica e a formalização dos princípios da Ontopsicologia. Seguramente todo esse *background* teórico e prático havia de reverberar no fazer de Vidor como docente. Seguramente, da mesma forma que Vidor a um certo tempo assinala para Meneghetti que aquilo que estava ministrando na Universidade era algo novo, também seus jovens alunos acusam essa novidade.

Será a partir deste primeiro grupo coordenado por Alécio Vidor, que nascerão os primeiros eventos científicos, as primeiras traduções de textos de Meneghetti e o advento da Associação Brasileira de Ontopsicologia (ABO) em 1985, em Passo Fundo.

Depois o Prof. Alécio fez um concurso e veio lecionar na Universidade de Santa Maria. Então nós começamos a vir para cá. Ele organizou um local, inicialmente era uma casa que ele tinha ali próximo a Universidade, depois ele comprou essa chácara e nós vínhamos aqui nesse local que agora se chama Recanto Maestro. Vínhamos estudar, fazer o que a gente fazia sempre, estudar psicoterapia, dinâmica de grupo, fazer supervisão com o professor Alécio. [P4]

¹⁰⁰ O Conselho Federal de Psicologia, por meio da resolução CFP – 10/2000 regulamenta a atuação do psicólogo na psicoterapia. Entretanto, segundo a legislação brasileira, a psicoterapia não é atividade privativa de psicólogos, podendo ser realizada por profissionais de outras áreas.

Primeira entrevista depois de formada: um desastre total. Um desastre total! Entendi que eu não era psicoterapeuta. Na mesma noite eu viajo e lembro de Alécio. Logo retorno então a Passo Fundo, encontro Alécio e faço uma entrevista. A primeira entrevista que faço com ele. Foi ali que ele me dá algumas bases, muito diretivas sobre como me posicionar como psicoterapeuta; onde ele diz: “tu tens potencial, você não deve abandonar”. E aí eu voltei a trabalhar e nunca mais parei. Então, a minha entrada efetiva na Ontopsicologia, eu entendo que foi por uma provocação profissional; dei-me conta que não entendia nada e por uma humildade em colocar-me em autoanálise com profundidade. Então entrou essa direção. [P5]

Como eu disse, numa altura do curso eu me mudei para PUC em Porto Alegre e a Ontopsicologia ficou de lado... Estudei muito lá na Pontifícia Universidade. Várias linhas teóricas [...]. Tinha um psiquiatra que atuava fortemente com psicanálise e eu fiz dois anos como voluntária. Então a minha orientação era muito psicanalítica. Disso eu lembro que uma das coisas que aconteceu é que esse psiquiatra dizia que não sabia muito bem o que é que eu fazia nas entrevistas porque ele dizia que eu não seguia a técnica. E que eu tinha alguma coisa que funcionava no meu modo de trabalhar, mas que tecnicamente eu era terrível. Neste ponto me lembrei das aulas do Professor Alécio e retomei o contato com ele. Descobri onde ele estava em Santa Maria e comecei a participar de novo nos grupos de estudo com ele. [P1]
Depois da faculdade, a gente continuou os estudos com Alécio. Então nós estudávamos, apresentávamos para nós mesmos como colegas e discutíamos. Tínhamos poucos livros traduzidos. Alécio provocava alguns encontros como pequenos seminários, ou grupos de estudos, ou as vezes dinâmicas de grupo. [P5]

Depois de um período como docente na UPF, Alécio Vidor passa a integrar o corpo docente da Universidade Federal de Santa Maria onde irá se aposentar como professor titular. As ações formativas coordenadas por ele, então desenvolvidas em Passo Fundo e Santo Ângelo, cidades onde lecionava, passam a se concentrar em Santa Maria e, a partir de 1988 no Recanto Maestro¹⁰¹. É no Recanto Maestro que Vidor fixa residência e, sob a orientação de Meneghetti passa a fomentar atividades formativas. É também no Recanto Maestro que Meneghetti irá realizar a maior parte das atividades formativas em suas vindas ao Brasil.

O Prof. Alécio enquanto fazia o mestrado e depois o doutorado sob orientação de Meneghetti em Roma, participou do primeiro grupo de ontoterapeutas formados pelo Centro de Terapia Ontopsicológica. Em 1978, quando recebe o título de ontoterapeuta, começou aplicar o mesmo modelo aqui no Brasil. Então, a nossa formação nesse primeiro grupo de estudo, além do estudo teórico, também contemplava psicoterapia individual, psicoterapia de grupo e as supervisões. Fazíamos com ele a supervisão dos casos dos nossos pacientes de estágio e depois,

¹⁰¹ O Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro foi criado, em 9 de fevereiro de 1988, na ocasião da primeira visita oficial de Meneghetti ao Brasil. Localizado a aproximadamente 25 quilômetros de Santa Maria, na divisa entre os municípios de Restinga Seca e São João do Polêsine, em uma área então considerada pouco produtiva pelos habitantes da região, atualmente sedia as principais Instituições representativas do pensamento Ontopsicológico no Brasil. Dentre as quais pode-se destacar a Antonio Meneghetti Faculdade, a Fundação Antonio Meneghetti, a Associação Brasileira de Ontopsicologia e a Associação OntoArte. A fundação e história do Recanto Maestro é amplamente destacada no documentário “De um lugar abandonado à Recanto Maestro: um projeto internacional de arte e cultura humanista”, lançado em 2009 sob promoção do Ministério da Cultura. A história e o desenvolvimento do Recanto Maestro se confundem com o desenvolvimento da própria Ontopsicologia no Brasil.

dos clientes quando nos formamos como psicólogos. Foram uns 8 anos de formação com o professor Alécio. [P4]

As atividades conduzidas por Vidor articulam os elementos fundamentais à formação de um psicoterapeuta: contempla a estudo teórico realizados nos grupos de estudo; o autoconhecimento provocado pela psicoterapia individual e dinâmicas de grupo e a supervisão na medida em que os participantes discutem seus pacientes de estágio e, depois de concluírem sua graduação, passam a trazer os casos de clientes. Considerando o objetivo de caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia, este aspecto é fundamental¹⁰².

A grandeza de um homem reflete-se na sua generosidade. Se hoje a Ontopsicologia e a Ontoterapia caminham com consistência no Brasil, deve-se em muito a responsabilidade, capacidade e iniciativa inicialmente solitária de Alécio Vidor em levar adiante sua experiência, formação e um discurso científico de vanguarda, em uma terra distante da Europa.

O trabalho inicial realizado por Vidor, primeiro em Passo Fundo e posteriormente em Santa Maria e Recanto Maestro, prepara terreno para a continuidade do percurso de formação destes ontoterapeutas, quando do início dos trabalhos de Meneghetti no Brasil a partir de 1988.

6.2.2 Encontro com Professor Meneghetti

Conforme assinalado, Antonio Meneghetti, que já tinha estado no Brasil a convite de Alécio Vidor em 1979, vem oficialmente em 1988 para realizar uma Conferência em Santa Maria e acompanhar os trabalhos de formação iniciados. Esta vinda marca o início do acompanhamento direto de Meneghetti na formação do primeiro grupo de ontoterapeutas.

O professor Alécio já tinha um grupo de operadores, nós já tínhamos nos formados em psicologia e começávamos atuar na psicoterapia, tínhamos nossos grupos de clientes então tinha esse grupo operativo. Em 1988 o professor Meneghetti resolve vir oficialmente para conhecer esse grupo operativo e para iniciar diretamente a nossa formação. Daqueles que quisessem. Então, ele vem e faz o primeiro residence no Recanto Maestro, que ainda não tinha esse nome, era Chácara do professor Alécio, nesse lugar de natureza sadia livre. Enfim, onde nós nos reuníamos para estudar. [P4]

Tive o privilégio de a primeira vez que o Professor Meneghetti veio oficialmente para o Brasil em 1988, eu estar aqui na primeira conferência que ele fez em Santa Maria. Fiquei impressionadíssima com ele a ponto de eu fazer uma entrevista já nesse

¹⁰² Cabe o registro histórico do texto presente no Diploma de ontoterapeuta de Alécio Vidor, emitido pela Associação Internacional de Ontopsicologia: “Verificado os atos de ofício, o resultado dos exames e do training didático ontopsicológico realizado entre os anos de 1972 e 1978, se reconhece a Alécio Vidor, nascido em Osório, RS, Brasil, em 25 de agosto de 1938, a idoneidade teórico-prático ao exercício da ontoterapia e se autoriza a fundar um Instituto no Brasil”.

primeiro encontro. Na hora quis marcar uma entrevista com ele porque eu fazia psicoterapia com a linha psicanalítica eu pessoalmente e supervisão também na linha psicanalítica. E aí eu vi o quanto era objetiva a Ontopsicologia, o quanto era evidente, quanto era... poderia dizer, óbvio o que o Professor Antonio Meneghetti falava. Óbvio. Para mim era uma coisa que eu não entendia muito bem cientificamente, mas era muito óbvio. [P1]

Quando Meneghetti veio para o Brasil em 1988, ele fez um colóquio, uma reunião só para os psicoterapeutas. Os primeiros psicoterapeutas que ele conhecia. Que era em torno, acho que nós eramos mais ou menos umas 10 pessoas, que estudavam com Alécio. Eu chego na metade, quase no final, sou apresentada a ele. Acho que uns 3 ou 4 dias depois ele faz então uma entrevista com cada um de nós. A primeira entrevista que ele fala conosco individual. Aí ele me disse: “Você escolheu a profissão certa, tu tem o principal coisa para um psicoterapeuta tem a sensibilidade e agora então você tem uma estrada se tu realmente queres, de sacrifício, de bem, porque eu posso te ajudar a tu entrar nessa grande metodologia”. A partir dali eu comecei a me empenhar. [P5]

Na verdade, a gente conheceu primeiro o pensamento de Meneghetti por meio dos livros. A expectativa de encontrá-lo pela primeira vez era imensa no sentido que o pensamento a gente já tinha começado a entender, já tinha começado a ter a prática da supervisão e da própria psicoterapia individual e entender um pouco mais a si mesmo. Mas a minha expectativa era que agora tinha que se desvendar um outro universo, um outro horizonte como de fato foi. [P4]

Embora os participantes já estudassem o pensamento ontopsicológico, fizessem psicoterapia e supervisão com Vidor, a experiência de afrontar aquele conhecimento a partir da fala do próprio Meneghetti seguramente reforçou a identificação com aquela nova abordagem. É significativo que Meneghetti, nessa sua primeira conferência, realizada em 09 fevereiro de 1988 em Santa Maria, escolhe o tema “Teoria e Organização da Ontopsicologia”. Nela ele apresenta os fundamentos científicos da Ontopsicologia e o posicionamento daquela nova abordagem no mundo.

Na ocasião dessa primeira vinda, como pode-se apreender dos relatos inicia-se também a supervisão direta com Meneghetti. Este encontro marca também uma passagem relevante no processo formativo deste grupo de jovens psicoterapeutas na qual a referência principal deixará de ser Alécio Vidor como era até então.

Elemento importante que emerge de um dos depoimentos, mas que poderá ser verificado como pano de fundo em vários relatos é a relevância dada à identificação do potencial de natureza ou virtualidade. Um dos momentos do processo ontoterapêutico é a individuação ôntica do Eu ou individuação do Em Si ôntico. Ou seja, a situação de impacto – primeiro momento do processo – para um psicoterapeuta com a experiência de Meneghetti consente tal individuação. Entendendo que o primeiro dos requisitos à um ontoterapeuta é um intuito natural ou uma particular sensibilidade e curiosidade em relação ao outro, a diretiva indicando a presença de tal elemento dada por Meneghetti, verbaliza o endereço ôntico do sujeito.

Nesta primeira vinda ao Brasil, Meneghetti além da conferência realizada em Santa Maria, organiza no local onde hoje se chama Recanto Maestro, a I vernissage de OntoArte no Brasil e, juntamente com a Associação Brasileira de Ontopsicologia, conduz uma lição para os psicoterapeutas em formação intitulada “O posicionamento prático do psicoterapeuta” (ABO, 2015).

A gente teve o privilégio de ter o professor Meneghetti e num período em que ele fazia realmente clínica a sangue. Ou seja, não tinha escape, era muito duro e isso foi muito importante. Você participava de Residences, você também participava de situações da convivência com o próprio professor. Então você aprendia muitas coisas na convivência com ele e também nos eventos formativos. É um processo bastante profundo e claro as entrevistas com o Professor Meneghetti eram muito mais avançadas e davam lastro de muito tempo para você organizar, pensar sobre tudo, mudar o comportamento porque eram sempre diretivas de mudança de comportamento para você chegar mais próximo da tua natureza do teu projeto natural. [P2]

Desde a primeira entrevista Meneghetti, pelo menos comigo, foi sempre muito direto. Não tinha meias palavras e nem diplomacia. Ele dizia que para formar um psicoterapeuta, não podia ter o mínimo de piedade. Tanto que se ele eventualmente fosse diplomático comigo, eu sabia que não estava sendo suficientemente inteligente para entender o que eu precisava entender no momento que ele fizesse intervenção comigo. Então, eu parava, me recolhia e pensava: “aonde que eu não estava sendo, não estava à altura daquela intervenção que ele tinha para fazer”. Aí começaram as psicoterapias individuais onde ele foi sempre cirúrgico comigo. E desde a primeira, ficou claro que dependia de mim a escolha se eu queria me desenvolver, ser inteligente, ou não. Eu disse: bom, eu não vou perder essa oportunidade, eu quero ser inteligente então tem essa e essa diretiva. Assim era minha relação de formação com ele. [P4]

Antonio Meneghetti passou a vir uma ou duas vezes por ano ao Brasil e quando vinha, ele fazia profundos residences e logo já começou também as supervisões que eram a fero e fogo, onde ele realmente mostrava onde estava o seu limite técnico. Isso então durou uns cinco, seis anos. Toda a vez que ele vinha ao Brasil tinha supervisões e tinham encontros específicos com os psicoterapeutas em formação. [P5]

Os relatos oferecem interessantes elementos que indicam particulares de uma formação pessoal e profissional que demonstram a importância do protagonismo do estudante com seu processo e os múltiplos aspectos de um processo formativo.

Meneghetti (2016b) destaca a importância de que o psicoterapeuta esteja em constante desenvolvimento; revendo, autocorrigindo e aperfeiçoando os próprios posicionamentos. Essa necessidade de contínuo desenvolvimento está relacionada ao fato de que nosso Eu lógico-histórico, por vezes enrijecido por uma infinidade de comportamentos aprendidos na infância, acaba por mostrar-se não funcional a construção evolutiva de si mesmo. É interessante observar que Meneghetti compreendia a formação a partir de uma perspectiva de integralidade e se utilizava de diferentes estratégias para fazer com que seus alunos, por vezes, relativizassem a

própria cultura, os próprios posicionamentos. Este aspecto é amplamente discutido em no texto “Monocultura Diádica e Pluricultura Panista” (MENEGETTI, 1994, p. 38), onde, pela primeira vez, o autor apresenta sua perspectiva sobre o conceito de díade:

Cada um de nós, de fato, provém da vida, porém se formou do modo como um outro ser humano nos formou. Cada um de nós não pensa como é em si mesmo, mas como outra pessoa o ensinou a pensar, o impostou, o regulou.

O processo pedagógico de formação de um psicoterapeuta ontopsicológico não pode prescindir dessa e de tantas outras máximas. Muitas são as circunstâncias para promover essa relativização cultural. Meneghetti, evidentemente tinha esta capacidade de criar ocasiões, ou estratégias pedagógicas, por vezes inesperadas, voltadas ao desenvolvimento de seus alunos. E isto implica também um refinado “olhar” clínico.

Meneghetti (1996; 2006c; 2016b) assinala como fundamental na formação do ontoterapeuta a transcendência dos estereótipos. Ou seja, ampliar o raio de compreensão do Eu por meio da revisão dos tantos absolutos indemonstráveis acreditados que privam a consciência global de si. Os relatos assinalam o quanto foi significativo esse início de formação diretamente com Meneghetti e como esse aspecto da transcendência dos estereótipos era estimulado. O fato de ter que interagir e mais do que isto, realizar a própria psicoterapia em outro idioma; de vivenciar o convívio com uma referência cultural europeia; de evidenciar o modo de intervenção de um grande psicoterapeuta; enfim são elementos que certamente colocam em xeque muitas frágeis verdades e certezas de um Eu, abrindo para uma compreensão maior de si na relação consigo e com o mundo.

Os depoimentos também assinalam elementos da técnica e do posicionamento clínico de Meneghetti na formação dos ontoterapeutas. A recorrência da palavra “duro”, indica um modo de intervenção. A psicoterapia ontopsicológica é diretiva. Um dos tempos do processo ontoterapêutico é a diretividade empática ou verbalização raciocinada e repetida do Em Si ôntico. Tal diretividade consiste “em centrar o cliente para além da própria fenomenologia a fim de que esteja em condições de auscultar-se onticamente e, como decorrência, individuar-se originalmente” (MENEGETTI, 2003, p. 77). O aprendizado de tal impostação requer uma longa vivência. O cliente vive, depois entende, faz racionalidade. Nesta impostação ou enquadre, está recolhida toda a *forma mentis* ontoterapêutica. Contempla a visão sobre a resistência, sobre o *transfert*, sobre a estratégia projetiva do complexo que busca no psicoterapeuta a reedição da díade da primeira infância, sobre a pulsão do Em Si ôntico, enfim, um universo em um instante. Meneghetti, inclusive pelo fato de que não mantinha uma presença

física constante com esse novo grupo em formação, deveria usar os momentos de formação com a máxima intensidade.

Eu me lembro da primeira entrevista que eu fiz com o professor Meneghetti e tem coisas que lá eu não entendi, eu fui entender 10 anos depois. Tem coisas que ainda hoje eu sei que estão para ainda serem melhor entendidas. Porque é um processo de maturação mesmo do Eu, do autoconhecimento. É um percurso no qual você fazia com a tua psicoterapia diretamente com o Prof. Meneghetti e também com ontoterapeutas que eventualmente ele sugeria. Porque o professor Meneghetti vinha naquela época duas vezes por ano no Brasil e as vezes a gente se encontrava também em eventos internacionais, Summer e outros eventos. [P2]

A ontopsicologia parte da compreensão de que o humano é fundado por uma ordem apriorica (Em Si ôntico), a tarefa da Ontoterapia é propiciar o nexos entre o eu lógico-histórico e esse projeto de natureza que é o primeiro real do humano. O ontoterapeuta precisa ser capaz de viver o próprio Em Si ôntico. Evidenciar essa dimensão de identidade natural e depois viver dentro dela, continuamente. Essa aprendizagem requer um técnico de apoio, especialmente nos primeiros anos de formação. Impossível ser mediador do Em Si ôntico do cliente se primeiro não se tem a evidência do próprio Em Si. Não estamos aqui falando de um percurso apenas racional, mas de uma cotidiana evidência organísmica dessa informação que mantém e ordena o psíquico e o biológico do sujeito. A diretividade empática visa centrar o sujeito no próprio Em Si ôntico. Acusar os limites do Eu e contemporaneamente favorecer a vivência do próprio Em Si ôntico. Pode-se depreender na “dureza” de Meneghetti, relatada nos depoimentos, o esforço em formar aqueles futuros ontoterapeutas nessa direção.

Em novembro daquele ano, participei de um seminário acontecido no Recanto Maestro ainda embrionário, por ocasião de uma vinda do professor Meneghetti ao Brasil. Foi desconcertante a imposição de Meneghetti nessa ocasião. Posso resumir-la em: a vida possui uma lógica perfeita e cada indivíduo é um projeto da vida; toda problemática, seja individual que social decorre de uma adulteração na consciência que é esse projeto de natureza, de forma que o homem viva cindido do seu real ontológico; a psicoterapia é a técnica para recuperar a reversibilidade da consciência dessa unidade de ação, lendo os sinais continuamente emitidos pelo núcleo desse projeto; portanto máxima responsabilização por parte do indivíduo, seja cliente que psicoterapeuta. Percebi a envergadura da ciência e quanto conhecimento ela recolhia. Abriu-se um mundo de conhecimento e de pesquisa que eu nunca havia visto. A proposta era maravilhosa: ser a si mesmo e poder ser função para outros. Eu havia achado a minha estrada. Na ocasião, fiz a primeira entrevista com o Prof. Meneghetti, na qual foram apontados aspectos da minha personalidade e dinâmicas psíquicas que vivia que fui entendendo aos poucos, com o tempo. A impressão que ficou (mais do que um entendimento) foi que havia uma imensa estrada a ser percorrida. E ela era muito estimulante. [P3]

Bom... E aí começou todo percurso de formação: diretamente com o Professor Meneghetti quando ele vinha para o Brasil e também nos grupos de estudo de formação que fazíamos entre nós e com o Professor Alécio Vidor. A gente vinha todo

final de semana para Santa Maria estudar. Passava um fim de semana aqui no fim do mundo (referindo-se ao Recanto Maestro). No fim do mundo mesmo, pois não tinha nenhuma estrutura ainda... [P1]

Estamos no início da década de 1990, no Rio Grande do Sul, próximo à cidade de Santa Maria, no Recanto Maestro, local que hoje tem proporções que beiram a de uma pequena cidade, era então uma região inóspita, quase sem estruturas e praticamente abandonada devido ao êxodo rural. A Associação Internacional de Ontopsicologia, sob a coordenação do professor Meneghetti começa obras de restauro e construção. Alécio Vidor que havia comprado uma propriedade, fixa residência e começa a realizar atividades no local. Qual a relevância deste aspecto para este estudo? Usualmente quando se pensa em “grupos de estudo”, o imaginário pode remeter apenas a uma dinâmica de sala de aula. Entretanto, na abordagem Ontopsicológica a relação com o ambiente possui grande relevo. Assim, os estudos no “fim do mundo” não implicavam tão somente o estudo teórico e a vivência da técnica, mas também a própria organização daquele espaço como quem preparava a terra para o carvalho que viria.

Já na primeira vinda nesse local que a gente chamava de chácara sanga das pedras, a chácara do Prof. Alécio, o professor Meneghetti quis começar aqui. Quis fazer aqui o primeiro residence também. Um alojamento já mínimo que a gente tinha organizado, mas quem não cabia na casa, tinham as barracas, enfim. Aí ele faz o primeiro residence e trabalha conosco a organização de um encontro. Faz um vernissage aqui, faz o primeiro vernissage de Ontoarte, pinta muitos quadros. Muitos de nós tem quadros daquela época. [P4]

A formação não era totalmente estruturada como uma escola tradicional. Quer dizer, o primeiro ponto era sua escolha. Um dos requisitos para ser um ontoterapeuta, que com o tempo nós fomos entendendo, é que para você ter uma exatidão de leitura da consciência, tu tens que fazer mudanças consigo mesma. Então, o quão você se dispunha a fazer os residences, a fazer o processo de entrevista, o quão você se posicionava frente a tua formação... Meneghetti na nossa formação, estava sempre verificando a consciência. Esse era o ponto e ele provocava de tantas formas: com residence, ou com momentos de formação. Por exemplo, ele provocava: “vamos fazer um Congresso”. Eram momentos que ele usava para nos provocar a tantas coisas. Ver o quanto a gente escrevia, de revisar o que se escrevia, de preparar um Congresso, de saber receber os estrangeiros ou aprender a estar em outro País. Então ele também ia provocando: cultura diversificada; relativização dos próprios estereótipos; se preparar ou se jogar a fazer um almoço para os cientistas que ele estava naquele momento recebendo. Quer dizer: vivíamos como uma escola viva. O ponto central que me parece que era como Meneghetti compreendia a Ontopsicologia, é que esses técnicos em formação tinham que perpassar por essa escola de tantas oportunidades e desafios, além da demonstração do próprio exercício profissional. [P5]

Alguns meses depois, o Professor Meneghetti chamou para participar do que na época se chamava supervisão para psicoterapeutas. Outra experiência muito forte, em que cada psicoterapeuta vinha trabalhado e desenvolvido a partir dos casos que relatava, das dificuldades que tinha, enquanto também todo o grupo era trabalhado. Aprendia-se sobre si, sobre os clientes, sobre a técnica, via-se a teoria na prática, a

psicopatologia, a díade, a pulsão do Em Si, o modo do monitor de deflexão.... Era uma escola viva. [P3]

Eu diria assim: foi uma formação estruturada, porque o professor Meneghetti fazia essa formação através dos Congressos onde nós tínhamos que escrever artigos; também através das Summer.... Os Congressos que aconteciam na Itália, na Rússia. Nós tínhamos que escrever artigos sempre e apresentar esses artigos sobre a nossa experiência prática com a Ontopsicologia. Sempre fazíamos isto. Pegando um tema específico e traduzindo na prática. Depois tinham as Summer University, que na época duravam um mês, nos últimos anos duravam menos, aproximadamente 15 dias. [P1]

O levantamento histórico biográfico da formação dos primeiros ontoterapeutas no Brasil, caracteriza fortemente o percurso formativo proposto por Meneghetti. Embora o grupo de ontoterapeutas brasileiros não tenha participado de uma escola tradicional de formação, entendida como aquele modelo que segue um percurso curricular estruturado a ser cursado em determinado período, como realizado por exemplo junto ao Centro de Terapia Ontopsicológica em Roma, observa-se que a lógica metodológica é a mesma. Vidor, no trabalho formativo realizado com este primeiro grupo, segue o modelo formativo que vivenciou na Itália. Meneghetti, ao iniciar em primeira pessoa a formação deste grupo operativo que já vinha em processo de formação, intensifica, aprofunda e amplia o trabalho.

A Ontopsicologia parte do princípio que para compreender e desenvolver o homem, precisa-se de todo o homem (MENEGETTI, 2010). É uma visão holística, de desenvolvimento integral da pessoa. O Em Si ôntico age em movimento holístico; é sempre todo a si mesmo. A formação do ontoterapeuta conduzida por Meneghetti respeita esse princípio. A escolha de realizar, juntamente com um residence, um vernissage, atende a esta visão. A arte, o belo, não são um acessório no desenvolvimento humano, mas uma necessidade enquanto a lógica de natureza atende ao apelo estético. A arte, na perspectiva da Ontoarte é expressão máxima do homem. Assim, insere-se numa filosofia de vida, ou seja:

[...] é exercício do prazer estético na ocasião da encarnação mundana. Isso acontece em todos os aspectos do nosso operar: quando pensamos, quando provemos a nós mesmos etc. [...] Deve-se procurar ser uma obra de arte existencial. A primeira obra de arte deve ser criada no próprio mundo interior. (MENEGETTI, 2010, p. 469)

A perspectiva de “escola viva” sublinhada por dois participantes da pesquisa denota essa dinâmica de um aprender a ser, aliado ao saber e ao fazer. Nisto justifica-se a relevância de aprender na vivência de “tantas oportunidades e desafios” como narrado. A personalidade do ontoterapeuta, nesta via, forja-se nas múltiplas aprendizagens que reforçam sua capacidade de ação e, contemporaneamente fazem enriquecer sua bagagem cultural. O desafio promove o

cultivo de uma postura de abertura frente ao mundo e ao outro, fundamental ao exercício de um ofício que, em Ontopsicologia, é *therapeia*. Ou seja, cuidado e zelo pela dimensão interior, subjetiva. Por “escola viva” também se apreende um ideal pedagógico segundo o qual tem-se um escopo formativo a ser realizado – ainda que seja um aprendizado contínuo –, tal objetivo é apoiado por uma visão de homem e de mundo e viabilizado por uma metodologia, um caminho a ser percorrido. Entretanto, é “escola viva” na medida e quem é um ideal de formação individuado do homem. Essa, inevitavelmente, deve respeitar o potencial, a temporalidade e a escolha do sujeito em formação. Vidor (2017) tem uma máxima segundo a qual educar é personalizar, auxiliar que o outro se faça pessoa. Uma escola viva neste contexto, parece buscar auxiliar a formação da personalidade do ontoterapeuta.

Essa formação dos primeiros ontoterapeutas, segundo o levantamento histórico realizado por meio das entrevistas, contemplava a psicoterapia, o acompanhamento supervisionado e o estudo teórico. Quando uma das participantes assinala a necessidade de “mudar a si mesma” para ter uma consciência autêntica, capaz de ler a dinâmica da intencionalidade psíquica do cliente, indica a relevância do próprio processo de autoconhecimento na formação do ontoterapeuta. O fundamental processo de autenticação proposto pela psicoterapia ontopsicológica, entende a necessidade de uma revisão crítica da consciência que deve ser feita primeiro pelo técnico. Sem o autoescrutínio realizado em psicoterapia o profissional resta em êxodo da evidência do próprio critério orgânico, fundamental à compreensão do outro.

A verdadeira compreensão da Ontoterapia nasce no interno do próprio processo terapêutico – compreendido em *lato sensu* – do ontoterapeuta. A pulsão do Em Si ôntico; o comunicado dos campos semânticos, a coação a repetir operada pelo complexo, são evidências que, a um primeiro momento requerem o apoio do outro que se inscreve como técnico da inseidade; o ontoterapeuta do ontoterapeuta.

O processo de autenticação, realizado principalmente – ainda que não exclusivamente – por meio da psicoterapia é elemento central àquele que se interessa pela própria formação como ontoterapeuta. O próprio processo ontoterapêutico é a primeira escola de acesso a si e a técnica. Acerca desta última consideração, podemos exemplificar a partir de Ferraz (2014, p. 5, *grifo do autor*) que, ao discutir a formação do psicanalista sugere algo semelhante: “análise do analista terá efeitos didáticos que, entretanto, se reconhecerão *a posteriori*”. Recorre-se à experiência da psicanálise, uma vez que, no que se refere à formação do técnico, estabelece elementos de valor também à Ontoterapia.

A supervisão, individual ou em grupo, visava a compreensão do caso em si, o entendimento sobre a técnica, mas fundamentalmente era uma forma privilegiada de evidenciar elementos da personalidade do próprio ontoterapeuta revelados na relação com o cliente. Meneghetti (1989; 2016b) salienta que a supervisão é obrigação de todo o ontoterapeuta uma vez que é um momento de reflexão sobre a própria técnica e posicionamento subjetivo.

Sempre quando eu encontrava o professor Meneghetti eu fazia entrevista de supervisão pessoal e profissional. Passei a fazer sempre isso. Desde que eu fiz a primeira entrevista e que foi muito interessante. O professor Meneghetti reunia os profissionais que atuavam na época e cada participante tinha que levar um sonho de um cliente. Não precisava relatar muito o caso, mas era fundamental o sonho. Em base desse sonho, o professor Meneghetti trabalhava você enquanto psicoterapeuta; verificava a interpretação que você tinha dado ao sonho e se você tinha ou não chegado no ponto da dinâmica do cliente: porque não, ou porque sim... Enfim, ele fazia uma psicoterapia ao vivo com você, era mais ou menos isso. [P1]

O relato ao destacar o processo de revisão pessoal e profissional realizado com Meneghetti, apresenta a metodologia utilizada. O sonho na metodologia ontopsicológica, como já discutido, é fundamental. É um dos instrumentos de análise na Ontopsicologia. Ele consente uma radiografia psíquica que permite identificar as intencionalidades no interior da dinâmica subjetiva. Interessante verificar a etimologia latina da palavra sonho já referida neste estudo: “*se omnium*” que significa o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos (MENEGHETTI, 2012a; VIDOR, 2018). É uma forma de verificação das escolhas do Eu, operada pelo Em Si ôntico. A leitura onírica permite verificar a realidade subjetiva do próprio sonhador e daquilo que a ele é correlato, incluso seu profissionalismo.

O estudo teórico, por sua vez, continuamente era estimulado. Se de uma parte Meneghetti encontra neste grupo de psicoterapeutas em formação uma significativa bagagem acadêmica e prática em psicologia, de outra verifica a necessidade de estimular o aprofundamento e a disciplina no estudo. Seguidamente Meneghetti elogiava a capacidade e sensibilidade do brasileiro, apontando a necessidade de incorporar elemento da cultura clássica europeia e particularmente italiana. Ainda sobre o estudo teórico na formação em Ontopsicologia, Meneghetti reiteradamente usava a expressão “*studio afferrato*” para sublinhar a relevância do estudo de toda a teoria¹⁰³.

¹⁰³ *Studio afferrato* é expressão idiomática do italiano. Interessante que “*afferrato*”, assume diversas conotações. Inicialmente o étimo próximo indica: aferrar; agarrar; pegar; tomar. Entretanto, idiomáticamente pode significar também: compreender; entender; alcançar; aproveitar. Por exemplo: “*aferrare un'idea*”, significa entender uma ideia.

Ainda sobre o estudo teórico, cabe sublinhar que por vezes, era sugerido aos estudantes a memorização de conceitos. Este fator não deve ser subestimado ou mitizado. A Ontopsicologia é uma novidade de conhecimento, assim, conforme assinalado por Meneghetti (2012b) e Krylov (2001), estabelece um novo tesouro para a compreensão do humano. Novidade de conhecimento necessita de novidade de instrumentos de linguagem para expressá-lo. Vemos isto na construção do pensamento humano: de Sócrates à Heidegger, passando por Agostinho, Kant, Scotus, Husserl, Freud e tantos outros. Soma-se a isto a operacionalidade da estrutura complexual do sujeito que age em antecipação da tomada de consciência do Eu lógico-histórico e, por vezes, impede e/ou distorce informações que possam inserir-se como novidade evolutiva à própria estrutura do Eu. A dificuldade em mudar comportamentos, justifica-se também pelos tantos estereótipos, que a um só tempo são ferramentas de ação ao Eu e o condicionam ser daquele único modo.

O desafio da pouca bibliografia na língua portuguesa, além de impelir aos ontoterapeutas em formação para a aquisição do idioma italiano, abriu a possibilidade e necessidade da tradução de textos, o que também fortaleceu a necessidade do estudo e aumentou a responsabilidade. A relevância da experiência da tradução foi manifestada por todos os participantes da pesquisa. Juntamente com o trabalho de tradução, nascem as primeiras publicações brasileiras fruto dos eventos coordenados pela Associação Brasileira de Ontopsicologia.

Em 1995 acontecia no Brasil o XIV Congresso Internacional de Ontopsicologia. Ali foi possível compreender o alcance da ciência, uma vez que foram apresentados casos, não só de clínicos, mas no âmbito da arte, da política, da economia. No ano seguinte participei pela primeira vez a Summer Session of Ontopsychology, ocasião em que se estudava muito e se convivia com profissionais de outros continentes, enriquecendo muito a experiência tanto profissional quanto pessoal. Vendo os resultados pessoais, mas também os resultados alcançados com os clientes, em dois anos tive certeza que aquela era a estrada justa. Assim, as duas décadas seguintes foram um contínuo de estudo, experiência prática, participação em residences, vivências internacionais e psicoterapia pessoal. Cada Summer, cada supervisão, cada entrevista de psicoterapia servia para ganhar um pedacinho a mais de si e uma possibilidade a mais de desenvolver a competência técnica requerida como profissional. Cada conceito aprendido precisava ser entendido na própria vida privada, e depois experimentado na prática profissional. De grande valor foi a experiência como tradutora dos livros, pois exigia um entendimento aprofundado dos textos. [P3]

Então, por exemplo, a gente tinha que participar, por exemplo da Summer que acontecia todo ano. Era um momento máximo do estudo da Ontopsicologia. Não era obrigatório estar, mas para nós era como se fosse, porque era o momento da evolução da ciência. Então eu fazia psicoterapia com ontoterapeutas, fazia psicoterapia com o professor Meneghetti e desde o primeiro momento que eu estive na frente dele foi estudar, estudar os livros, estudar o Manual de Ontopsicologia, fazer cursos, grupos de estudos. Fiz vários anos como aluna grupos de estudos, participei das Summer, fiz

as especializações. Sempre foi uma exigência também o estudo e, a parte disso, os residences. [P2]

O início da formação com Meneghetti também abre aos participantes a real envergadura científica do fundador da Ontopsicologia e da Associação Internacional de Ontopsicologia (AIO) que naquele período já tinha mais de uma década de realizações. O grupo em formação é estimulado a iniciar um percurso que não se restringia mais ao circuito Passo Fundo, Santa Maria e Recanto Maestro. Abre-se uma formação internacional. As *Summer Session of Ontopsychology* que haviam começado a serem realizadas pela AIO em 1988, ocorrem anualmente e passam a ser frequentadas pelo grupo de brasileiros em formação. Este grupo começa também a participar sistematicamente dos residences coordenados por Meneghetti em diferentes partes do mundo, podendo inclusive compartilhar das experiências de ontoterapeutas de outros países.

Nas vindas do professor Meneghetti ao Brasil, ocorriam também Residences de autenticação didático. Porque nós ficávamos normalmente dois, três dias juntos como grupo e ele fazendo esse trabalho de desenvolvimento conosco. Então na formação tinham os Residence de autenticação sempre; as entrevistas de supervisão com o professor Meneghetti que obrigatoriamente você tinha que fazer se era ontopsicólogo. Ou seja, cada vez que se encontrava com ele, se faziam as entrevistas. Tinha as entrevistas que fazíamos com ontoterapeutas colegas; tinha o Professor Alécio também que era a nossa referência aqui no Brasil e fazíamos supervisões com ele. [P1]

Sobre o *residence*, além do quanto já abordado pode-se destacar a sua significância segundo Meneghetti (2012a, p. 240). O autor dirá que, substancialmente, é “fazer uma verificação se o próprio estado de ser e da própria produção de vida é ou não funcional ao crescimento, ao bem-estar e à satisfação de toda a unidade de ação que se é”. O *residence* é um instrumento fundamental para o trabalho do ontoterapeuta e, sem dúvida, na formação do ontoterapeuta ele deve vivenciar o instrumento e, contemporaneamente, aprender a técnica de condução.

Por fim, ao realizar este levantamento histórico, a participação em Congressos realizados principalmente na Itália e na Rússia¹⁰⁴ e a organização de Congressos e ações formativas no Brasil que este grupo a frente da ABO passa a realizar também se posicionam como elementos significativos. As ações empreendidas a frente da ABO caracterizam uma forte

¹⁰⁴ Exemplificativo deste percurso de participação em Congresso Internacionais é a participação deste grupo de Ontopsicólogos em formação no I Congresso Mundial de Ontopsicologia e XV Internacional de Ontopsicologia realizado em outubro de 1997, em Moscou. Nos anais do Congresso, pode-se encontrar dezessete artigos de brasileiros.

atuação institucional fruto da consciência e interesse em fortalecer em território nacional este novo horizonte que a Ontopsicologia representava.

6.2.3 Atuação Institucional como estratégia de formação e formalização de um pensamento e de uma práxis clínica

O levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade, fez emergir um elemento bastante significativo e que amplia o olhar acerca do tripé formativo. O primeiro grupo de pessoas que se identificaram com o pensamento de Meneghetti e escolheram desenvolver a própria formação neste horizonte de pensamento e ação, também foram aqueles que institucionalizaram a Ontopsicologia em solo brasileiro. Frente a novidade de conhecimento, na medida em que foram realizando a própria formação profissional, incorporaram a essa, ações voltadas a consolidar esse novo pensamento no Brasil. Assim, o próprio processo de institucionalização – como optou-se por nominar aqui – passou a ser um elemento formativo. Essa atuação institucional vinha revestida de autonomia e protagonismo na própria formação.

Nos anos 80 são realizados muitos Congressos na Itália com participação de pensadores de todo o mundo. Então o primeiro congresso que aconteceu na Itália, o Professor Alécio trouxe os principais trabalhos, a temática para o Brasil, traduziu e colocou vários de nós a apresentar. Então ele criou as Jornadas de Ontopsicologia. Já a segunda jornada nasceu com os nossos trabalhos. Cada um escrevia o seu. Nós organizamos. Na segunda jornada eu participei já escrevendo. O primeiro tema que eu escrevi foi sobre a relação entre pai e filha. Ele distribuiu os temas conforme ele conhecia nós: uma falava sobre a relação mãe e filha; outro a relação pai e filho; outro a relação homem e mulher; campo semântico na família, vários temas. Nós apresentávamos. Éramos muito jovens ainda, eu tinha 23 anos. Aí nasceu a ABO, Associação Brasileira de Ontopsicologia. [P4]

Era uma época onde ele estava terminando as experiências na clínica e na formulação do método, daquilo que ele ainda chamava de hipótese. O professor Meneghetti começou a nos provocar muito a começar a fazer a aplicação, para que também iniciássemos a certificação do método dele até o momento em que ele diz: “a partir de agora não é mais hipótese e sim método”. Isso ficou muito claro quando nós organizamos um Congresso de Psicossomática. Antes de entrar no Congresso ele preparou como faria o discurso e ele diz: “a partir de agora vocês podem dizer que, ao aplicarem esse método no Brasil, tem esses e esses resultados”. Então eu começo a me dar conta que a gente já estava seriamente tendo resultados reais, reconhecidos pelo fundador. [P5]

Nós estávamos organizando a sexta Jornada Brasileira de Ontopsicologia. O professor Meneghetti veio ao Brasil e disse: “nós vamos fazer um Congresso em Brasília. Vou fazer também um vernissage”. Nós pensamos: “se tem que fazer, nós vamos fazer”. Então todos foram trabalhando para fazer e fizemos. Apresentamos trabalhos, ele entrou só no final, fez a conferência de encerramento. A partir daí, ele

já começou a vir todos anos uma, duas vezes por ano. Logo depois eu também comecei a traduzi-lo. [P4]

No percurso formativo desta primeira geração de ontoterapeutas, verifica-se um envolvimento profundo na construção de um projeto que é o desenvolvimento da Ontopsicologia no Brasil. Este envolvimento permitiu a abertura para a vivência de uma formação integral. Ou seja, a postura frente ao próprio processo era de proatividade no sentido de agir na construção de um projeto que ao mesmo tempo era a construção de si. Diferente de uma postura puramente acadêmica no sentido de interessarem-se apenas pelo que poderia estar circunscrito a aprendizagem de uma técnica e de uma teoria.

Desde a organização das primeiras jornadas, até a organização de congressos e eventos de arte, até a tradução e edição de livros, tudo era ocasião de aprendizado. Era uma formação a trezentos e sessenta graus.

E eu comecei a ser muito ativa, na época começamos a ABO (Associação Brasileira de Ontopsicologia) que era em Santa Maria. Tínhamos eu e outro colega e a gente decidiu falar com o professor Meneghetti para mudar a sede para Porto Alegre porque que eu morava lá. Nós mudamos e começamos a tornar a ABO muito ativa, realizamos eventos de formação e divulgação, publicamos revistas, etc. [P1]

Quando foi editado o primeiro número da revista Ontopsicologia na Itália, o professor Alécio traduziu a revista, como traduzia os livros, escrevia a mão e nós datilografávamos. Eu datilografei o primeiro exemplar brasileiro do Monitor de deflexão com a minha Remington, com errorex e todas aquelas coisas... [P4]

Neste período, dentre as ações empreendidas por este grupo em formação, foram realizados encontros acadêmicos em importantes Universidades brasileiras como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Catarina; parcerias institucionais; intensa atividade editorial; eventos de formação para o público interessado neste novo pensamento que estava se formalizando. Tudo isso envolvia aprender desde questões mais simples como a organização da decoração de um espaço para realização de um evento ou aspectos envolvidos na editoração e impressão de um livro, até relacionar-se com meios de comunicação, com o mundo da política, com o contexto acadêmico, com lideranças e entidades empresariais.

Em 92 esse grupo em formação organizou um Congresso no Maksoud Plaza e eu percorri São Paulo inteira. Conseguimos trazer professora Yolanda Forghieri da USP e o Secretário de Educação de São Paulo. Depois disso ela participou de uma Summer na Itália. Nós organizamos esse Congresso Brasileiro de Ontopsicologia. Vieram os italianos, veio um professor russo da Universidade de São Petersburgo, um Peruano, também um outro professor da Administração da USP. Depois o

professor Antonio Meneghetti fez um seminário a parte para os professores Universitários. Tinha o professor Esdras Guerreiro também da USP, tinha uma professora da psicologia da PUC. Então foi feito muita coisa em São Paulo naquele período, além do Congresso se fez um vernissage. A gente que organizava tudo. Eu acompanhava o professor nas traduções. [P4]

Principalmente nos eventos de cunho acadêmico, Meneghetti mantinha um elevado grau de exigência, quer seja nos aspectos da organização e do trato gentil com todos os participantes especialmente os convidados, quer no nível das discussões. O zelo característico com os detalhes paulatinamente desenvolvia também nos jovens organizadores uma percepção de qualidade que depois podia ser verificada em múltiplos aspectos: do saber vestir-se até a organização do próprio espaço de trabalho.

Na medida que fomos nos tornando mais seguros e autônomos, começamos a fazer um grupo de formação entre nós. Porque o Professor Meneghetti era muito ausente na época, ele vinha ao Brasil uma vez por ano. A gente tinha contato com ele muito raramente e esse grupo, eu diria que ajudou muito a gente se formar e a levar adiante tantas coisas além da nossa própria formação. E nós fazíamos esses encontros uma vez por mês e durava o final de semana inteiro. Fizemos isto por anos. [P1]

Outro aspecto importante que emerge de alguns relatos é a relevância da formação entre pares. Meneghetti (2013a) indica que um psicoterapeuta, de certo modo, nasce sempre de outro psicoterapeuta. É uma formação que implica a aprendizagem da dimensão intersubjetiva. Compreender esse universo demanda troca, demanda outro. Particularmente, por anos, este pesquisador também teve na sua formação este estudo entre colegas, o qual foi de valor indelével no desenvolvimento do olhar clínico. O limite de compreensão seguidamente bate à porta e a troca, a um só tempo, promove a evidência do limite compreensivo e a abertura para o maior esclarecimento. A diversidade de inteligências é outro fator que justifica o estudo em conjunto.

Em Ontopsicologia, aprende-se que a estrutura complexual oriunda dos modos de educação da primeira infância determina uma seleção temática. O êxodo do mundo-da-vida é produto de uma consciência fixada em um modo de viver a nós mesmo, aos outros e ao mundo. Nos tornamos monocórdicos, quando a vida, como preconizava Heráclito, é *panta rei*¹⁰⁵, é semovência. Nossa consciência resta distanciada da inseidade subjetiva. A seleção temática determina um modo de ver o mundo (monocultura da díade). Este aspecto é fundamental

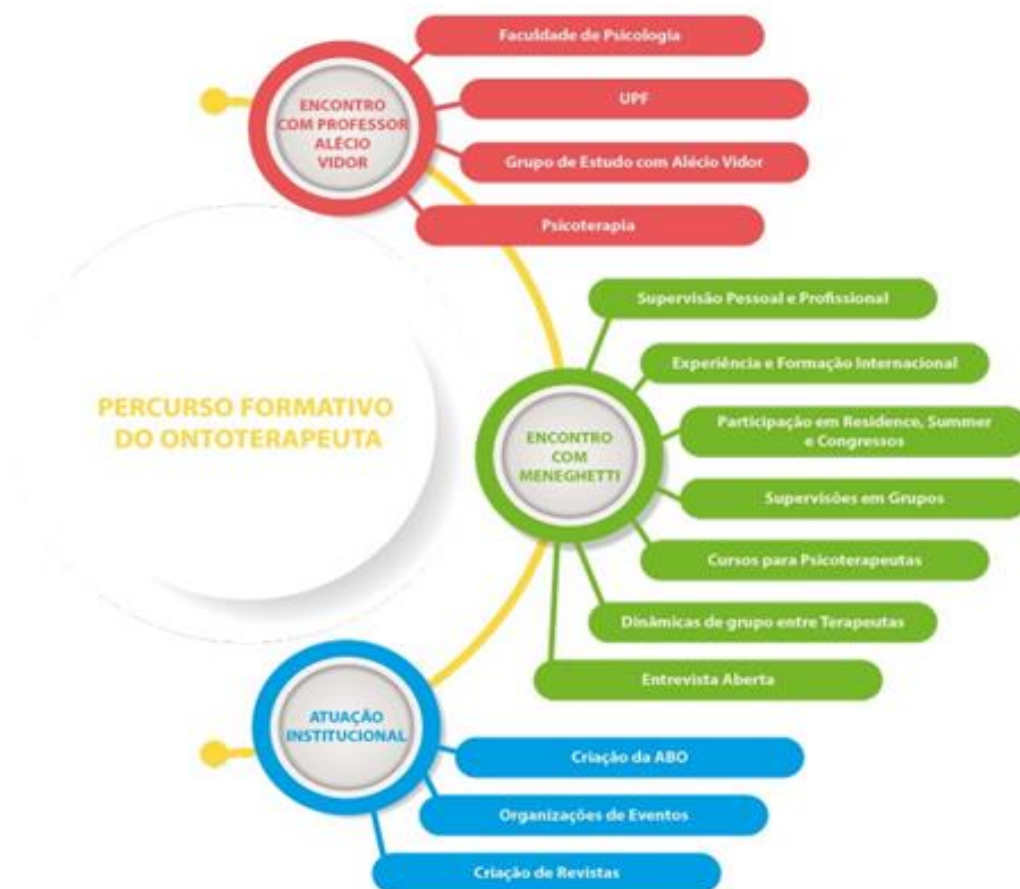
¹⁰⁵ Heráclito de Éfeso (540 - 470 a.C.) concebe um princípio de impermanência associado a concepção de *apeiron*, o infinito, a impossibilidade de permanência do ser. “*Panta rei*”, tudo flui. Princípio segundo o qual tudo é movimento e nada pode permanecer estático. “*Panta rei os potamós*”, tudo flui como um rio (ABBAGNANO, 2000).

quando refletimos sobre a questão da apreensão do conhecimento. O diálogo, a contraposição e a troca no processo de aprendizagem são fundamentais.

Desde o início do percurso reflexivo que culminou na elaboração deste estudo, algumas questões fizeram parte das inquietudes deste pesquisador: a primeira por certo, como já apontado, relaciona-se com tudo aquilo que envolve a formação de novas gerações de ontoterapeutas considerando a não existência de um percurso formador consolidado no mundo e sem a presença do fundador que foi o responsável por formar os ontoterapeutas que hoje estão em atividade. Estes, por sua vez, com pouca ou nenhuma experiência na formação de psicoterapeutas. Outro aspecto, dizia respeito ao fato de que, devido aos particulares da formação dos primeiros ontoterapeutas no Brasil, poderia ser muito difícil estabelecer um claro percurso formativo estruturado. Como se pode verificar, não tratamos aqui de uma formação que foi realizada em um Instituto ou Escola com carga horária definida, uma temporalidade específica, rotinas de atendimento e supervisões, dentre outras atividades. até porque se assim fosse o próprio estudo ora empreendido não se justificaria. Diferente disto foi a estrada iniciática desenvolvida no Centro de Terapia Ontopsicológica em Roma, ali, conforme já apresentado, tem-se uma programação, carga horária, local definido, dentre outros fatores. Em resumo, este pesquisador se perguntava se viria e como viria à tona um claro *design* formativo coordenado inicialmente por Vidor e posteriormente por Meneghetti, junto a primeira geração de ontoterapeutas brasileiros. Os elementos observados neste levantamento histórico biográfico, consentiram não apenas vislumbrar tal *design*, como interagir com belas e significativas história de vida e de construção de si e de um projeto.

A imagem a seguir resume sistematicamente a contribuição dos participantes, no que se refere ao levantamento histórico biográfico da formação dos ontoterapeutas. A partir deste levantamento, tem-se a possibilidade de avançar na direção de explorar caminhos da formação de novos ontoterapeutas.

Figura 5 – Percurso Formativo do Ontoterapeuta



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

6.3 Caminhos da formação de novos ontoterapeutas no Brasil

Na construção de um percurso reflexivo robusto a ponto daquilo que o presente trabalho se propõe, após a busca pela compreensão sobre como Meneghetti desenvolveu a formação dos ontoterapeutas; o levantamento histórico da vivência dos próprios ontoterapeutas no desafio de formarem-se e da explicitação de competências formativas para a formação de ontoterapeutas, tornou-se relevante evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil. Considerando que o percurso metodológico da pesquisa junto aos ontoterapeutas foi realizado por meio de um roteiro semiestruturado com questões voltadas a exposição livre dos participantes, três elementos emergiram como macro categorias para a análise: são elas “princípios para a formação”; “competências ao ontoterapeuta” e “estilo de vida e formação”.

Relevante destacar que para a construção da reflexão acerca de caminhos para a formação de ontoterapeutas, a pesquisa passa a valer-se dos depoimentos também dos

participantes italianos. Ou seja, as perspectivas apontadas compreendem a contribuição de um significativo número de ontoterapeutas que vivenciaram um intenso caminho de formação realizado nas últimas duas ou três décadas.

A figura, a seguir, ilustra as três macrocategorias que emergiram como resultados da análise dos relatos indicando caminhos da formação de novos ontoterapeutas no Brasil.

Figura 6 – Caminhos para a Formação do Ontoterapeuta



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

6.3.1 Princípios para formação

A expressão “princípios” emergiu das falas dos participantes. Utilizou-se aqui como sendo aquela na qual entendeu-se ser capaz de organizar aspectos que evidenciam caminhos da formação de novos ontoterapeutas. Dialogando com os relatos dos participantes, verificou-se que emergiam de modo recorrente alguns princípios característicos da formação em ontoterapia. Tais elementos organizavam-se em torno da teoria e da técnica.

Quanto aos princípios teóricos imprescindíveis na formação do ontoterapeuta os participantes relatam que a proposta Ontopsicológica não se dá dissociada da construção de outros teóricos que se debruçaram sobre a problemática do humano. Conforme informado, dentre os participantes que contribuem neste estudo, tem-se italianos e brasileiros. Os três participantes italianos conferem um elemento diferenciado daquele da maioria dos participantes brasileiros, uma vez que dentre estes últimos apenas um participou da formação proposta por Meneghetti, em Roma nos idos da década de 1970 junto ao Centro de Terapia Ontopsicológica. Entretanto, embora essa distinção, se poderá verificar que a vivência formativa destes ontoterapeutas brasileiros, a partir do grupo de estudo com Alécio Vidor e posteriormente diretamente com Meneghetti, mantém uma coerência de visão.

Entendo que tem alguns princípios teóricos fundamentais. Quando eu comecei, lá em 1973, nós fazíamos, juntamente ao Professor Meneghetti, os autores clássicos Freud, Adler, Jung, depois Rogers e Maslow, Rollo May. Porque no início o Professor Meneghetti nos ensinava esses autores e, pouco a pouco, foi introduzindo o discurso relativo à Ciência Ontopsicológica e, contemporaneamente, ele se mantinha empenhado na atividade clínica por mais de 10 anos. Depois, é também indicado o estudo dos sonhos. O Professor Meneghetti cita Gutheil, Bonine e também Sigmund Freud. [P9]

Entendo que a teoria poderia ser organizada como era a escola quadrienal do Centro de Terapia; no primeiro ano faz da origem até Adler. Depois, no segundo ano, faz a escola da psicoterapia humanista existencial. E faz todos, Rogers, Maslow, Frankl, Binswanger, Jaspers etc. Enquanto contemporaneamente começa a fazer Ontopsicologia. Terceiro e quarto ano somente teoria Ontopsicologia. [P8]

Precisa conhecer o que existiu antes porque o professor Meneghetti diz que ele confirma vários conceitos de Freud, de Jung, de Adler, de Binswanger, de Jaspers, de Rogers, Viktor Frankl. [P4]

Deve estudar Rogers, Maslow, Rollo May, estudar Freud, estudar Jung. Porque todos eles trouxeram elementos importantíssimos para a compreensão do ser humano. O que o professor Meneghetti dizia, pressupõe isso. Já pressupõe que você conheça os mecanismos de defesa, pressupõe que você conheceu a análise dos sonhos também segundo a psicanálise. [P1]

Os relatos indicam um fio condutor teórico que fundamenta a abordagem e que permeiam a epistemologia Ontopsicológica. Tais fundamentos estão formalizados nos documentos relativos ao currículo proposto pelo Centro de Terapia Ontopsicológica, já discutido neste estudo. Destacam-se a relevância da fundamentação psicanalítica, da psicologia analítica e os teóricos da abordagem humanista existencial.

A discussão empreendida na fundamentação deste estudo, ao apresentar o edifício teórico Ontopsicológico, trouxe conceitos que são oriundos de outros referenciais. Certamente,

tais conceitos são compreendidos e eventualmente reformulados à luz da epistemologia ontopsicológica. Como pode-se verificar, Meneghetti incorpora na sua visão conceitos como empatia, inconsciente, complexo, instinto, superego, empatia, estilo de vida, psicologia da genitura, mecanismos de defesa, realidade onírica, dentre outros. O relato dos participantes indica que ao abordar tais conceituações, Meneghetti já pressupõe uma formulação oriunda de outros pensadores. O próprio Meneghetti (2010), reitera que o nascimento da Ontopsicologia só foi possível devido ao fato de existirem importantes entendimentos e conceituações sobre a realidade humana anteriores as suas formulações.

Meneghetti (2010; 2013a) ao apresentar o contexto das ideias, elaborações e crises teóricas que formulavam o *zeitgeist* no qual nasce a proposta Ontopsicológica, destaca uma reunião ocorrida em 1956, em Paris, com a participação de alguns expoentes da psicologia da época, dentre os quais Carl Rogers, Rollo May, Abraham Maslow, Anthony Sutich e outros. As discussões do encontro apontam para os desafios que a psicologia humanista existencial tinha enfrentado e aqueles que permaneciam em aberto. Verificou-se a necessidade de “uma abordagem que colocasse junto a ontologia e a psicologia, o sentido da realidade da vida e o modo de conhecer da consciência humana” (MENEGETTI, 2010, p. 98). Maslow, anos depois deste encontro, ao publicar a obra “Introdução à psicologia do ser” assinala:

É possível que o existencialismo não só enriqueça a Psicologia, mas constitua também um impulso adicional no sentido do estabelecimento de outro ramo da Psicologia: a Psicologia do Eu autêntico e plenamente desenvolvido, e de seus modos de ser. Sutich sugeriu que se desse a isso o nome de Ontopsicologia. (MASLOW, 1980, p. 43)

O mesmo Maslow, na importante obra “Psicologia Existencial” organizada por Rollo May que recolhe contribuições de Carl Rogers, de Herman Feifel, Gordon Allport, afirma:

É possível que o existencialismo não somente enriqueça a Psicologia. Pode também ser um empurrão adicional para o estabelecimento de um outro *ramo* da Psicologia, a psicologia do eu completamente evoluído e autêntico e de suas maneiras de ser. Sutich sugeriu chamar isso de ontopsicologia. (MASLOW, 1986, p. 65)

A proposta de Meneghetti, nasce do bojo das discussões que tinham a frente principalmente esses teóricos. Assim é natural que o próprio termo escolhido para nominar sua metodologia também emergja deste contexto. Da mesma forma, também é compreensível que as propostas teóricas de Rogers, Maslow e outros pensadores do campo humanista existencial componham os fundamentos da Ontopsicologia.

Significativo também nos relatos é o indicativo de uma lógica formativa segundo a qual um caminho possível seria aquele de afrontar, ao longo de quatro anos um percurso que inicia com os conhecimentos teóricos dos autores já nominados, posteriormente passando a inserir progressivamente os aspectos propostos pela Ontopsicologia. Tudo isto organizado ao longo de quatro anos.

Na época saiu um livro na Itália feito até pelos primeiros psicólogos com os estudos de Antonio Meneghetti que se chamava Prolegômenos. Esse nós estudamos muito. Então estudamos os autores que estavam naquela obra: Freud, Maslow, Jung, repassamos todos eles. Esses eram os estudos junto os estudos da Ontopsicologia Estes Prolegômenos têm valor ainda hoje porque são basilares. [P5]

Entendo que conhecer algumas coisas que o professor Meneghetti nos fez estudar na época é muito importante. Por exemplo, nós tínhamos os ditos Prolegômenos, os livros que nós tínhamos que estudar todas as teorias, os grandes psicólogos ou correntes de psicologia. Saber que existe o inconsciente, o superego, enfim as muitas formas de leitura do humano que a psicologia até hoje fez, para chegarmos na Ontopsicologia. Eu diria que estudar Husserl é fundamental e a fenomenologia também, depois que eu fiz o mestrado entendi melhor isso. A psicanálise sem dúvida. Não basta o conhecimento da Ontopsicologia, em si. Não basta, porque se o sujeito não conhece, não sabe, não tem evidência do inconsciente, antes de mais nada, e isso ele só vai adquirir estudando determinados autores. Ou seja, Meneghetti partiu já supondo que se conhecia o restante. [P1]

Na discussão empreendida para sistematizar como Meneghetti desenvolveu a formação das primeiras gerações de ontoterapeutas, pode-se detalhar a estrutura dos Prolegômenos e sua relevância como percurso teórico à formação. Mesmo se alguns elementos posteriormente foram incorporados de modo sumarizado no background histórico presente no “Manual de Ontopsicologia”, conforme também já mencionado nesta discussão, sem dúvida ainda hoje os Prolegômenos são material de significativa importância quando se pensa na caracterização do percurso formativo em ontoterapia e na reflexão sobre caminhos para a formação. Mesmo que seja como apoio à reelaboração de outros materiais.

Husserl e a fenomenologia, conforme destacado são de grande relevância como *background* teórico ao pensamento ontopsicológico. É significativo sublinhar que Meneghetti conclui o Manual de Ontopsicologia com o texto “O nexa ontológico na fenomenologia das ciências”, no qual amplamente faz referência à Husserl e sua fenomenologia, realizando um percurso racional entre os fundamentos husserliano, sua metódica de acesso ao mundo-da-vida, a crise das ciências até a inserção das descobertas da Ontopsicologia em particular o Em Si ôntico.

O escopo fundamental da Ontopsicologia, conforme discutido, é aquele de restabelecer o nexa entre o Eu lógico-histórico e o Em Si ôntico. O Em Si ôntico é a individuação do mundo-

da-vida. O desafio para a psicologia, proposto pelo “último” Husserl, aquele da Crise das Ciências, é reencontrar a via ontológica e ao mesmo tempo fenomenológica ao “reino de evidências originárias” ou mundo-da-vida. É ser nexos. Essa é a proposta Ontopsicológica. Meneghetti (2010, p. 96) irá dizer que o “Em Si ôntico é a forma ‘inteligente’ do mundo-da-vida ao constituir o indivíduo”. Dessa forma, pode-se constatar que a compreensão do discurso husserliano é fundamental ao ontoterapeuta. Da mesma forma, que mencionado por um participante, esse pesquisador no seu processo de formação só foi entender num segundo momento essa relevância da conceitualização husserliana para aqueles que desejam apropriar-se do pensamento de Meneghetti.

O professor Meneghetti se apoiou em outras teorias também: a psicanálise freudiana, a psicologia junguiana, e mesmo eu acho que o livro base para formação é Ontopsicologia clínica, que tem uma parte inicial toda dedicada a esclarecer o que ele divide com Freud, com Jung. Nós sabemos da simpatia que ele tinha por Carl Rogers, por Rollo May. Então também os estudiosos do sonho que ele segue... o treino Autógeno de Schultz... quer dizer, não dá para a gente não conhecer esses, porque ele já parte do pressuposto que nós conhecemos. Ele parte do pressuposto que, quando fala do inconsciente coletivo e que faz a leitura semelhante a Jung a gente saiba o que Jung disse. Se não fica uma coisa superficial. Então eu penso que, na minha formação, eu procuro sempre ler os livros que ele cita, que ele usou porque é o percurso racional da Ontopsicologia. Ela não nasceu ao acaso, nasceu de um percurso também de outros autores. Se nasceu desse percurso, acho que a gente deve estudá-lo. [P3]

Todo o corpo teórico e todos os instrumentos são fundamentais para a formação de um ontopsícolo, tecnicamente e integralmente competente. Os elementares seriam: Estrutura da personalidade e as três descobertas da Ontopsicologia; Dinâmicas da personalidade; teorias do desenvolvimento infantil, anamnese, tipos de díade; formação do complexo, relação entre monitor de deflexão, díade, matriz reflexa, complexo e estereótipos; Técnicas de entrevistas; O processo e o modelo psicoterapêutico ontopsicológico. Conhecer a proposta das abordagens consideradas importantes por Meneghetti como a Psicanálise freudiana ortodoxa, a Terapia Centrada no Cliente, de C. Rogers, e a Logoterapia, de V. Frankl; Noções de Ontologia e Sociologia (o ser, o existir e estar em sociedade); a Cultura clássica. [P3]

Para um ontoterapeuta ele tem que saber quase tudo do que refere a Ontopsicologia clínica e todas as três descobertas: o Campo Semântico, o Em Si ôntico o Monitor de deflexão. Porque ele tem que usar isso contemporaneamente com os cinco momentos diagnósticos. Usar tudo integrado. Então, Ontopsicologia clínica; as três descobertas; a Psicologia do Líder. É muito importante ele entender a psique feminina, ele precisa entender a psique masculina então os livros: Modo Maschio; Sexo, Poder e Graça; Sistema e Personalidade. Ele precisa compreender a psicologia das raças, a dialética internacional também, pois vai aparecer. Ele precisa saber de arte, de estética, precisa ter uma cultura geral. Precisa conhecer profundamente o pensamento de Antonio Meneghetti e hoje eu considero que é fundamental o profundo conhecimento da filosofia ontopsicológica porque sem entender o nexos ontológico é impossível ser conscientemente um terapeuta; portanto a filosofia ontopsicológica é imprescindível na formação de um ontoterapeuta. [P4]

Na elaboração do presente estudo a articulação conceitual evidencia a identidade epistemológica da Ontopsicologia. Quando os participantes fazem referência a concepções que Meneghetti “condivide”, ou que tinha “simpatia” por determinado autor ou ainda abordagens que considerava importante, se está falando, no que se refere as abordagens psicoterápicas, a Psicanálise, a Psicologia Analítica e a tudo o que compreende a abordagem humanista-existencial. A este respeito, é fundamental retomar a especificação feita por Meneghetti (2012b; 2012c; 2016a), onde ele explicita em detalhe um significativo elenco conceitual principalmente de Freud, Jung e Adler como pressupostos de base as ontoterapeuta. Tais elementos, especificamente quando se trata de evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas, são fundamentais. Não há que se buscar contradições epistemológicas e, sim compreender como esses conhecimentos oriundo de outras matrizes, se articulam a partir de uma nova grade de entendimento estabelecida pelas três descobertas proposta por Meneghetti. A Ontopsicologia, conforme assinalado é uma visão integradora.

A obra “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem”, referida pelos participantes e já apresentada no presente estudo recolhe os elementos centrais da visão de Meneghetti acerca da clínica. A visão integradora do autor, pode ser verificada ao logo do texto aonde amplamente são referenciados autores já citados nessa discussão. Outro elemento significativo é o primeiro capítulo do livro onde é o autor revisita concepções de instinto, realidade psíquica, inconsciente, associação/deslocamento, remoção primária, resistência, contato em ontoterapia e superego.

Como princípios teóricos à formação do ontoterapeuta emergem nos relatos elementos como a estrutura e a dinâmicas da personalidade, a questão etiológica; a díade, a formação do complexo. Estes princípios são amplamente discutidos em três textos centrais para a compreensão do constructo teórico ontopsicológico e imprescindíveis à um ontoterapeuta. São eles: “O nascimento do Eu”; “Considerações acerca da etiologia plurifatorial da neurose e esquizofrenia;” e “A estrutura originária da agressividade”. Por meio do estudo destes textos pode-se apreender claramente a perspectiva Ontopsicológica sobre a estrutura e dinâmica da personalidade. Estes textos estão publicados na íntegra nas obras de Meneghetti, “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem” e “Pedagogia Ontopsicológica” e de modo condensado no Manual de Ontopsicologia.

O conhecimento filosófico também emerge como princípio teórico significativo à formação do ontoterapeuta. A Ontopsicologia, conforme assinalado, nasce no contexto da docência de Meneghetti na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, ou *Angelicum*. Essa prestigiosa instituição fundada e dirigida por Dominicanos, tem suas raízes no início do século XIII, e é composta por quatro faculdades: teologia, filosofia, direito canônico e ciências sociais.

Dentre seus atributos, tem a responsabilidade da formação da intelectualidade católica. Ou seja, rigor e excelência acadêmica. Meneghetti que vive uma formação na Ordem Franciscana, conhece profundamente a teologia e a filosofia e publica suas duas primeiras obras ainda no contexto da docência nos rigoroso *Angelicum*, intituladas “Ontopsicologia do Homem” e, posteriormente, “O Evangelho de Cristo como Ontopsicologia do homem”. Ambos textos fora de edição, estão incorporados no livro “Filosofia Ontopsicológica”.

Trazer para a discussão essa obra é fundamental ao se prospectar caminhos para a formação de ontoterapeutas, na medida que o Autor, além de colocar as bases filosóficas, e de psicologia existencial de seu pensamento, incorpora no texto capítulos importantes relacionados à psicoterapia, dentre os quais pode-se destacar: “Processo ontoterápico”; “A vida como individuação e seleção temática para a criatividade”; “Elucidação sobre a intencionalidade ôntica”; dentre outros.

Dentre o arcabouço conceitual apresentado no “Filosofia Ontopsicológica”, Meneghetti traz a perspectiva da antropologia funcional, muito cara para esse pesquisador e acredita-se que possa ser a outros que se interessem pela psicoterapia.

A história do homem deve ser uma antropologia funcional, uma humanidade, ou seja, disponível à urgência do absoluto. [...] Jamais se terá uma antropologia funcional, se o homem não se torna primeiro pessoa autêntica. Autenticidade é relação incondicionada ao ser. (MENEGETTI, 2003, p. 19)

Se a autenticidade do homem, é condição ao desenvolvimento da humanidade, abre-se a necessidade de um processo psicoterapêutico capaz de favorecer o devir autêntico. Então, Meneghetti, discute que psicoterapia seria essa na perspectiva Ontopsicológica e oferece nesta obra fundamentos conceituais e metodológicos ao ontoterapeuta. A perspectiva da antropologia funcional como *conditio* é muito significativa, uma vez que alia realização existencial e transcendência; o aqui e o além. Eu não me realizo lá, mas na inseidade do meu Em Si ôntico; no aqui e agora do existir autêntico. Meneghetti abre e encerra o livro com a discussão acerca da antropologia funcional.

Para o psicoterapeuta é fundamental o estudo da filosofia porque o psicoterapeuta dá algumas passagens existenciais, ajuda na metanoia, mas depois o nexa ontológico é tarefa do filósofo e aí depende de cada um. [P4]

Acho que tem que ter o conhecimento pelo menos da cultura dos grandes psicólogos. [...] A filosofia é importante porque dá uma base para você conhecer teoricamente essa profundidade das descobertas de Meneghetti, principalmente o Em Si ôntico. [P5]

A filosofia, em particular a ontologia é indispensável de ser compreendida para a Ontoterapia. [P6]

Pelo quanto exposto fica claro que o saber filosófico perpassa toda a Ontopsicologia e é de grande relevância ao ontoterapeuta. Meneghetti por várias vezes sublinha que, caso se deseje buscar aproximações à Ontopsicologia essa deveria ser feita na filosofia, em particular na ontologia e na física. Outrossim, observadas as temáticas escolhidas para pautar as Summer Session of Ontopsychology da última década conduzidas por ele tal relevância fica clara. Pode-se destacar os temas: “Fundamentos de Filosofia”; “Intelecto e Personalidade”; “A crise das democracias contemporâneas e a Justiça Social”; “Conhecimento Ontológico e Consciência”; “Direito, Consciência, Sociedade”; “Ontologia e Sociedade”; “Ontologia da Percepção”.

Acresce-se na discussão acerca da relevância do saber filosófico ao ontoterapeuta o resgate da cultura humanista realizado pelo pensamento Ontopsicológico e presente em obras como “Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene” (MENEGHETTI, 2014b) e “A Paideia Ôntica” (CAROTENUTO, 2013) e utilizado como temática de residences de formação.

Como primeira coisa, o projeto de natureza, ou seja, o Em Si ôntico. Conhecer as três descobertas, considero fundamental. Fundamentais! As três descobertas e a dinâmica dessas três descobertas. Tem que saber realmente ao pé da letra e depois, para prática ontoterapêutica, além de conhecer essas três descobertas, conhecer o sonho como teoria também. A teoria sobre como a Ontopsicologia elabora a compreensão dos sonhos, porque é diferente das outras. Então tem que ter realmente um grande estudo ali. O modo como a ontopsicologia vê o inconsciente, porque também é diferente das versões que a gente tem na cultura científica geral. A noção de complexo; os estereótipos; as dinâmicas do homem as duas grandes dinâmicas do homem: o projeto de natureza ou o eu fictício. Essas duas dinâmicas têm que ser dominadas, e para dominar essas duas dinâmicas vai todo Manual de Ontopsicologia. [P3]

Deve conhecer de memória o Prontuário Onírico. Deve conhecer antes tudo aquilo foi feito primeiro de chegar a Ontopsicologia. [P8]

A grande novidade da proposta Ontopsicológica, sem dúvida, são suas três descobertas – Em Si ôntico; campo semântico e monitor de deflexão – acrescidas pelo entendimento da imagem como alfabeto da energia. São princípios que, articulados metodologicamente, estabelecem as bases da ontoterapia.

A pesquisa ontopsicológica radica sua visão de homem e mundo em um critério de natureza, o Em Si ôntico. Este princípio é o fundamento da unidade de ação do homem e constitui o critério base de identidade do indivíduo, seja como pessoa que como relação. Enquanto o Em Si ôntico é a presença da inteligência da vida, o Eu lógico-histórico é o condensado da cultura formalizado como estrutura piloto da individuação. O Eu lógico-

histórico, habitualmente, fixa-se em um roteiro; o Em Si ôntico, ao invés é inteligência aberta. O que é conforme ou coincidente a esse critério, ou Em Si ôntico, é sanidade e criatividade para o homem.

A ontopsicologia nasce da prática clínica e esse critério de natureza foi e é possível ser identificado devido a leitura do fluxo informacional entre os entes vivos. Ou seja, através do campo semântico; comunicação base que a vida usa ao interno das próprias individualizações.

A dificuldade central de integração entre Eu lógico-histórico e Em Si ôntico, deriva do aglomerado de estereótipos, censuras, superego, que agem em antecipação da tomada de consciência do Eu e cuja raiz última é a interferência do monitor de deflexão (ACCORSI; BASSANI; LIMA, 2018). Este monitor age especularmente (indução de imagens) em nível sináptico, distorcendo o processo perceptivo humano.

O processo onterapêutico centra-se no favorecer uma reeducação do Eu lógico-histórico, segundo a constante direção ou critério do Em Si ôntico, com dissociação do monitor de deflexão.

Um dos participantes destaca a importância de se “dominar” as duas dinâmicas do homem, no sentido de que o ontoterapeuta deve conhecê-las. Sublinha ainda que para tanto precisa compreender todo o Manual de Ontopsicologia. A Ontopsicologia destaca na sua estrutura científica a possibilidade de duas dinâmicas no homem: a saúde para a criatividade, que se faz como resultante da dinâmica baseada na relação entre Em Si, Eu a priori e Eu lógico-histórico. O Eu a priori é a reflexão da ação do Em Si. É conexo ao Em Si e reflete sua volição histórica no aqui agora existencial. A esquizofrenia existencial: resulta de uma dinâmica de vida baseada na relação entre monitor de deflexão, matriz reflexa, complexos, estereótipos, Eu lógico-histórico. Experimenta a angústia e frustração pelo inadequado investimento histórico do próprio potencial de vida.

A análise onírica é outro princípio destacado nos relatos. O sonho é um dos instrumentos centrais na análise ontopsicológica. Resgatando as referências já discutidas neste estudo, verifica-se que para além da própria bibliografia ontopsicológica, recomenda-se ao ontoterapeuta o estudo de clássicos em especial as obras: “Manual para a análise dos sonhos” de Emil Gutheil; “Uso clínico dos sonhos” de Walter Bonime e “A interpretação dos sonhos de Freud. Especificamente a bibliografia ontopsicológica dedica três livros à compreensão das imagens e dos sonhos: “Imagem alfabeto da energia”; “Imagem e inconsciente” e “Prontuário onírico”.

A imagem é profundamente estudada em Ontopsicologia na medida de sua relevância para o humano. Imagem, em latim significa “*in me ago*”. Ajo em mim, aquilo que age em mim.

“Como a forma age em mim ou em outro” (MENEGETTI, 2012a, p. 135). A imagem determina a direção, o modo de um quântico energético. A imagem é sempre conexa com a energia e é produtora de realidade; quer seja a imagem onírica, imagógica, fantasiosa, cotidiana, dentre outras. Essa compreensão das imagens é parte integrante do fazer psicoterapêutico segundo a Ontopsicologia. Especificamente para a utilização de instrumentos de intervenção como a própria psicoterapia, a imagogia e a cinelogia, esse conhecimento é basilar. Ademais, esse entendimento da imagem enquanto determinante de um quântico de energia faz parte da *forma mentis* desta escola.

Hoje temos o Manual de Ontopsicologia e tem ali todos os fundamentos, te dá os endereços, indicações. Mas tu tens que saber, pois existe uma bibliografia vasta de Freud, de Jung. [P4]

Estudar apenas os livros da Ontopsicologia não é suficiente para a formação do terapeuta. Até porque a pessoa não terá as passagens para compreender a própria Ontopsicologia. É quase como se banalizasse a também a profundidade de tantas estradas feitas, é como a gente matar histórias de pensamento. O estudante precisa ter essa compreensão até para valorizar e ver aonde está o ponto de que se pode ir a mais ou aonde vai que diferencia, e aí é que faz essa passagem da interdisciplinaridade. [P5]

Todo o Manual de Ontopsicologia. Esta é a base. Agora para o estudante, não adianta simplesmente estudar o livro. É preciso acompanhá-lo com um profissional que viveu em parte ou totalmente aquela formação. Então torna-se formativo. [P7]

Estudar o Manual não é suficiente, porque se você faz o Background, ali existe somente nomes de personagens ou uma frase síntese. Porém, lhe parece ser possível reduzir Rogers a quatro frases? O Background é um mapa, mas esse mapa deve ser desenvolvido ao longo de dois anos. Aquele capítulo é a síntese de dois anos. A isto serve o Background: “isto é tudo o que aconteceu antes”. [P8]

Por fim, no que concerne aos princípios teóricos que possam caracterizar o percurso formativo em ontoterapia e apontar caminhos para pensar a formação de futuras gerações de profissionais, emergiu nos relatos visões distintas acerca de fontes bibliográficas para apropriar-se destes princípios. Essa não é questão simples ou a ser desconsiderada. O corpo teórico da Ontopsicologia nestes últimos 40 anos desde o início dos trabalhos de Meneghetti, ampliou-se e amplia-se constantemente. Os participantes deste estudo, não apenas fizeram uma formação, mas protagonizaram uma construção. As referências para estudo disponíveis hoje são significativamente mais estruturadas das que aquelas das décadas de 1980 e 1990. O “Manual de Ontopsicologia”, editado pela primeira vez em 1995, na Itália e em 1996 no Brasil, ao longo dos anos foi sendo ampliado e hoje é uma robusta referência de estudo com mais de 500 páginas.

Também o “Dicionário de Ontopsicologia”, cuja primeira edição é de 2001 na Itália e 2004 no Brasil é referência importante aos estudos.

Os participantes ao se referirem a outros teóricos que dialogam com o pensamento Ontopsicológico e que podem ser significativos à uma formação em Ontoterapia, destacam o *Background* como fonte de consulta. Uns entrevistados indicando sua suficiência como para a formação, outros entendendo diferentemente. O “Background histórico à Ciência Ontopsicológica”, presente no primeiro capítulo do Manual de Ontopsicologia, e ampliado na última edição desta obra, recolhe um longo excuro que delineia as fontes epistemológicas da Ontopsicologia. Assim é apresentado: “Esse enquadramento histórico é preparatório ao discurso ontopsicológico e fornece um quadro de referência à estrutura científica fundada pelo cientista Antonio Meneghetti” (MENEGETTI, 2010, p. 77). O capítulo permite verificar a longa trajetória do conhecimento humano que precede as concepções presentes na Ontopsicologia. É o próprio autor a sublinhar isto: “*Nenhuma obra científica nasce improvisamente*” (MENEGETTI, 2010, p. 77, *grifo do autor*).

Particularmente, este pesquisador se coaduna com a visão do participante que indica o Background como um mapa teórico, que posiciona um conhecimento a ser aprofundado ao longo de um percurso formativo.

Os relatos indicam também elementos da técnica considerados imprescindíveis na formação do ontoterapeuta. Em primeiro plano emerge a relevância dos instrumentos da Ontopsicologia na formação do profissional.

O terapeuta precisa conhecer todos os instrumentos de análise e de intervenção. Por exemplo com os meus clientes, eu não trabalho todos, mas pelo menos a grande parte. Por exemplo, se a pessoa não lembra do sonho você pode utilizar a imagogia ontopsicológica. A cinelogia também é interessantíssima. Você pode reunir um grupo de clientes, que tem mais ou menos a mesma problemática e instrumentalizar um filme para trazer à tona um determinado aspecto do inconsciente daquele grupo. Você pode usar o residence [...]. A consultoria, enfim os instrumentos... até a melolística que é um instrumento importante. Nós fazíamos muita melolística com o professor Meneghetti, por exemplo. Recentemente eu estava me lembrando que na nossa formação, uma das coisas que ele usava muito, era a dita musicoterapia¹⁰⁶ é um instrumento fantástico de resgate da percepção organísmica. [P1]

Conhecer muito bem os instrumentos, todos, e sabe usá-los. Portanto, deve conhecer os instrumentos através dos quais se recupera a integralidade. Isso é indispensável. [P8]

¹⁰⁶ A melolística inicialmente foi denominada por Meneghetti como Musicoterapia. Cabe destaque a esse respeito, a aproximação científica feita por Meneghetti em 1987 com Rolando Benenson, Presidente da Associação Internacional de Musicoterapia (BERNABEI; ZAPPOLATO, 2008).

Conhecer com certeza os instrumentos de intervenção, porque eu acho que cada um tem a sua especificidade a sua sensibilidade. Tem instrumentos que eu me sinto mais confortável em usar. Penso sempre assim olha: o cirurgião vai usar um bisturi, mas ninguém vai dizer para ele qual é a marca de bisturi que ele tem que usar, ele vai testar vários, um dia ele vai definir; é esse! Esse funciona na minha mão. É um instrumento, então acho que cada um deve entender quais instrumentos são mais adequados para si. Alguns eu gosto de participar como cliente: melolística, melodance, adoro fazer como cliente, mas eu não tenho essa habilidade para conduzir isso. E alguns outros instrumentos como a psicoteia eu adoro, a imagogia também. Eu me sinto mais em casa, então dou ênfase a usar esses que eu acho que falam mais com a minha sensibilidade. [P2]

Por exemplo, eu não posso conduzir uma melolística se não conheço toda a Ontopsicologia, porque na melolística preciso ter presente: campo semântico; toda a comunicação não-verbal; os diversos tipos de estereótipos e complexos que aparecem no campo semântico em recepção; devo agir o campo semântico de modo a mudar naquele momento as pessoas: entusiasamá-las na direção do ritmo que estou fazendo. Ou seja, devo ter um feedback contínuo. Devo ter presente toda uma série de coisas que a Ontopsicologia descreve. Se não conheço a Ontopsicologia, como faço para ter presente tudo isso. Como faço para dar um serviço. Então é melhor que eu não faça esse serviço. Se devo fazer esse serviço, devo compreender o que estou fazendo. Não posso bater, assim instintualmente num instrumento e depois? Quem sabe o que efetivamente estou fazendo? Estou fazendo bem, estou fazendo mal? Preciso me dar conta de todos os participantes. Preciso me dar conta do que está ocorrendo em cada um dos participantes em modo de fazer uma média, de modo que um grupo vivaz vá adiante. Tudo isso requer um conhecimento completo da Ontopsicologia. Não é parcial. [P7]

A entrevista, saber fazer uma entrevista, a dinâmica de grupo, saber conduzir uma dinâmica de grupo e o residence, a melolística. É imprescindível que ele saiba o que significa cada um e que ele saiba aplicar, mas ele pode ter preferência por algum. Fundamentalmente ele tem que saber ler na imagem as informações. Precisa identificar a diretiva do Em Si ôntico. Isso nós temos possibilidade de ler através da tradução das imagens que são os sonhos, as imagens espontâneas, a Imagogia. É importante se arriscar, começar a fazer a prática e fazer uma supervisão se, eventualmente, não consegue. [P4]

A Ontopsicologia propõe instrumentos de análise (ou diagnóstico) e instrumentos de intervenção. Nos relatos são feitas referências ao sonho que é um instrumento de intervenção e a imagogia, cinelogia, ao *residence*, a consultoria, a psicoteia, a melodance e a melolística que são instrumentos de intervenção. O escopo último da utilização de tais instrumentos, como já dito é a autenticação e o desenvolvimento criativo do homem.

Na sua estrutura de análise, a metodologia ontopsicológica lança mão de seis instrumentos: anamnese e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, análise fisiognômico-cinésico-proxêmica, análise onírica, análise do campo semântico, resultado. Destes instrumentos, os três primeiros são utilizados também em outras abordagens. A metodologia Ontopsicológica une a esses, outros três aspectos: o campo semântico, o resultado e o sonho. Ainda que a grafia onírica seja objeto de interesse e componha a técnica de outras

orientações psicoterápicas, a Ontopsicologia desenvolveu uma específica metódica de interpretação discutida amplamente neste estudo.

Os instrumentos de intervenção, por sua vez, evidenciam a um só tempo os desafios inerentes a formação do ontoterapeuta, como a diversidade de estímulos ou estratégias para o desenvolvimento do ser humano propiciados por eles. Cinema, arte, teatro, ludicidade, dança, corpo, múltiplas são as estratégias interventivas, voltadas a autenticação e desenvolvimento criativo. Os instrumentos de intervenção são: a psicoterapia individual e de grupo, a consultoria de autenticação, a consultoria empresarial, a imagogia, a cinelogia, a psicotea, a melolística, a melodance, a hidromúsica solar, o *residence* e o ISOMaster. Importante destacar que para Meneghetti (2010) a visão¹⁰⁷ e os instrumentos são os pontos-força da Ontopsicologia.

A compreensão dos diferentes instrumentos de intervenção e como eles se integram a lógica metodológica proposta pela Ontopsicologia, é parte essencial do processo formativo em Ontoterapia. Essa compreensão nasce do estudo, mas principalmente da vivência de tais instrumentos. Ao longo da própria formação o ontoterapeuta deverá ir se apropriado dos diferentes instrumentos de intervenção e identificando, de acordo com a própria sensibilidade, quais são aqueles que mais se identifica e que passarão a ser utilizados com mais recorrência no seu ofício psicoterapêutico. A psicoterapia e o *residence* de autenticação, conforme já referido neste estudo, possuem uma relevância central, pois são os principais instrumentos que a Ontopsicologia usa para uma reorganização da racionalidade do sujeito e para impostar a eficiência do Eu lógico-histórico no realizar a própria existência, em qualquer aspecto (MENEGETTI, 2010).

Conforme especificado nos relatos, o Ontoterapeuta não precisará em seu trabalho dominar a técnica de todos os instrumentos de intervenção. Poderá valer-se de um colega ontopsicólogo com formação específica em um instrumento, caso deseje desenvolver aquele aspecto com seus clientes. Tomando como exemplo o instrumento de intervenção chamado melolística. Ele é instrumento com base psicocorpórea, que se vale da música (tocada pelo condutor) e da dança (efetuada pelos participantes) com o escopo de “restituir e potencializar a sanidade orgânica, o bem-estar psicofísico e a funcionalidade psicoemotiva” (MENEGETTI, 2010, p. 369).

Na condução de uma melolística, para além da compreensão dos aspectos inerentes a metodologia ontopsicológica, necessita-se do técnico um conhecimento aprofundado da realidade musical, dos ritmos, da ressonância do som no corpo, dentre outros elementos. Mesmo

¹⁰⁷ A visão da Ontopsicologia é o “homem protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser” (MENEGETTI, 2010, p. 26).

assim, o ontoterapeuta precisa estudar e viver a realidade da melolística, pois ela nasce com o propósito de atuar o desenvolvimento integral. Retorna a máxima de que para conhecer e desenvolver o homem é preciso utilizar todo o homem. Com a melolística, amplia-se com um modelo de relação terapêutica norteada apenas pelo plano da cognição, uma vez que o foco é ativar o cérebro viscerotônico, enquanto “epicentro das conexões vitais” (MENEGETTI, 2010, p. 369)¹⁰⁸.

A imagogia também amplamente destacada nos relatos é um instrumento de intervenção utilizado no *setting* ou nos encontros de formação, especialmente nos residences. Fazer Imagogia significa buscar colher a imagem que faz ação no sujeito. É um estado autônomo e voluntário de semi-vigília, no qual o cliente se coloca em recolhimento, sob a assistência não interferente do terapeuta (não é indutivo). Na escola ontopsicológica esse instrumento é considerado uma possibilidade de introdução para a compreensão das psicodinâmicas que se configuram em imagens ou esquemas. As imagens passivas projetadas na consciência do participante, são compreendidas seguindo os mesmos critérios que a Ontopsicologia utiliza para a interpretação da imagem onírica, já destacados neste estudo. No livro “Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem”, de 1978, o autor dedica extenso capítulo sobre este instrumento. Posteriormente o autor publicou bibliografias específicas sobre o tema. Certamente, não se apreende essa logística metodológica e se desenvolve um conhecimento técnico acerca da interpretação do conteúdo imagógico, sem ter vivido esse processo em primeira pessoa.

O uso da imagem fílmica é outro recurso presente na metodologia ontopsicológica. A cinelogia permite a análise lógico-comportamental por meio do filme. As imagens no filme, ativam dinâmicas emotivas no espectador. A intervenção se dá a partir da análise destas reações dos processos emotivos, uma vez que elas consentem ampliar a compreensão da realidade psíquica do cliente espectador. A cinelogia, pode também ser usado para evidenciar e fazer compreender uma dinâmica social. No contexto psicoterapêutico, pode-se instrumentalizar o filme para auxiliar um grupo de clientes a aprofundarem a reflexão sobre determinado aspecto da própria situação de vida: a relação conjugal; a problemática com os filhos; as relações de poder; dentre outros.

Considerando que o humano é apenas parcialmente consciente da realidade que vive e produz, é consequente que também no filme sejam evidenciados aspectos não apenas do

¹⁰⁸ O cérebro viscerotônico, é um complexo de ações e reações determinadas pelas sinapses neurônicas alojadas no aparato intestinal. Para a Ontopsicologia é considerado o primeiro cérebro no humano. É a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si ôntico. Ele reage em antecipação ao conhecimento lógico racional. Dander (2013) descreve essa realidade no texto intitulado “O cérebro viscerotônico e a intuição”.

inconsciente do diretor ou roteirista, mas também do inconsciente da coletividade. A cinelogia abre essa compreensão por meio do uso do filme.

A este ponto e considerando os relatos, torna-se significativo retomar a sugestão de Vidor (2018, p. 17), em que ele apresenta os instrumentos e sugere uma sequência que pode favorecer o progressivo autoconhecimento, a formação e o próprio ingresso a proposta de conhecimento da metodologia ontopsicológica:

A Ontopsicologia propõe vários instrumentos para autenticar o Eu consciente, entre os quais pode-se usar em sequência, os seguintes: 1. O Diálogo da Entrevista Individual: para provocar a introspecção; 2. A Dinâmica de Grupo: para autenticar no social; 3. A Imagogia Terapêutica e Solar: para resgatar a autonomia na condução da existência; 4. A Psicotea ou teatro de projeções inconscientes: para esclarecer complexos; 5. A Cinelogia: para elucidar as reações dos expectadores diante das imagens; 6. O Residence como recurso psicossocial e ambiental: para verificar a eficiência do desenvolvimento; 7. A Hidromúsica Solar: para entrar no holístico da natureza; 8. A Melolística e a Melodance: para revitalizar o individual e o coletivo.

A psicoterapia individual é o ponto de partida, uma vez que é ocasião para provocar e exercitar a introspecção da consciência e, gradualmente, sensibilizar à percepção das diversas linguagens do organísmico. Valendo ainda de Vidor (2018, p. 18) “o ontoterapeuta, para exercer esse trabalho, deve ter passado por um tirocínio de autenticação e revisão contínua”.

Precisa de anos de prática, de psicoterapia. Seja ativa que passiva. Para fazer um bom psicoterapeuta, é importante quer seja a própria psicoterapia, quer a atividade como psicoterapeuta. Precisa de, ao menos, oito ou nove anos desta experiência de atendimento e supervisão. [P7]

A psicoterapia! Imprescindível a psicoterapia individual. Eu não consigo conceber um ontoterapeuta que vá lá, comece a atender, comece a fazer práticas sem ter passado por um longo, profundo tempo de psicoterapia. Uma psicoterapia séria é imprescindível, não se pode saltar a responsabilidade pelo autoconhecimento. [P2]

Ter realizado o processo de autenticação em primeira pessoa, na qual experimenta os diversos instrumentos de diagnose e de intervenção como cliente. Supervisão com um ontoterapeuta experiente e reconhecido como tal pelos resultados que atinge. A experiência como cliente e a prática da supervisão prepara o jovem profissional para o uso técnico dos instrumentos, enquanto vai adquirindo experiência nos processos dinâmicos da psique (como a psique formaliza). Experiência clínica com clientes de diferentes conformações psicológicas e diferentes culturas. [P3]

Precisa fazer supervisão porque ele aprende também com outro técnico ou com outros técnicos. Porque a experiência é insubstituível. O professor Meneghetti não substituiu, ele nos jogou: “vão atender, vão atender e se errar errou e se acertar, acertou”. Se errou, mostra aonde tu erraste. O técnico se forma na relação com outro técnico. [P5]

Na época, o professor Meneghetti fazia supervisões com os psicólogos. Particpei de várias nas quais a gente chegava... e olha que a supervisão era ferrada, porque a gente tinha que relatar o sonho do cliente para ver se você... não era o teu sonho era o sonho do cliente que se devia contar e, a partir desse sonho, é que o professor Meneghetti via o quanto você estava operando de uma forma correta ou não, segundo a metodologia Ontopsicológica. Seria importante encontrar um modo de manter esse modelo para gerações futuras de psicoterapeutas. [P1]

A Ontopsicologia é a proposta de uma análise racional que faz a revisão crítica da consciência. A verificação realizada por esta escola indica para o fato que existe um princípio organísmico e transcendente que foi definido Em Si ôntico. Este princípio é o critério de saúde para o humano, na medida em que constantemente dá a diretiva de funcional existencial ao sujeito; do instinto à economia, ao afeto, as relações, à saúde, dentre outros aspectos. Toda a instrumentalização presente na metodologia ontopsicológica, é um corrigir à consciência. Favorecer com que a consciência, fixada em estereótipos e modelos de educação aprendidos na infância sedimentados no inconsciente e pré-consciente, se conforme ao dado real do aqui e agora do sujeito. Ou seja, capacidade de reversibilidade entre o dado real e sua reflexão. O sujeito autêntico é aquele capaz de reversibilidade. Sua consciência é capaz de reflexão da intencionalidade de natureza, ou Em Si ôntico. A psicoterapia de autenticação ontopsicológica, juntamente com o residence, são instrumentos que a Ontopsicologia utiliza para a revisão e reorganização da consciência e para desenvolver a eficiência do Eu lógico-histórico no realizar a própria existência. Este percurso de autenticação deve ser percorrido principalmente pelo ontoterapeuta em seu processo formativo, se ele deseja ser função de vida e autenticidade a outrem.

Realizar um processo de autenticação implica coragem na análise última de si mesmo, sem reservas. Compreender a própria estrutura complexual, as fixações afetivas, o fundamento dos próprios medos infundados, os estereótipos oriundos da própria posição no interno da família – se primogênito, se segundo gênito, se filho único, se benjamim. Ou seja, compreender com amor, paciência e generosidade aqueles limites que hoje fazem espessor de realidade e impedem o contato com a última positividade de si mesmo que é seu Em Si ôntico. Escolher ser ontoterapeuta implica tudo isso; profundo autoconhecimento.

O processo de conhecer a si mesmo para ser serviço ao outro, para um ontoterapeuta implica, como pode-se verificar nos relatos, na própria psicoterapia, no exercício da clínica – na medida em que o cliente é por excelência a melhor escola ao psicoterapeuta – e na supervisão. Está última é a possibilidade privilegiada para aprender sobre si e sobre a técnica, incluso nisso o quanto seus limites pessoais são os limites da técnica. Este pesquisador recorda de uma ocasião formativa realizada na Itália com alguns profissionais em formação, sob a

condução direta do Professor Meneghetti. Participavam umas 12 pessoas, da Itália, Brasil e Rússia que tinha sido convidadas especificamente para aquele trabalho formativo. Durante o período de uma semana, Meneghetti conduziu diversas aulas principalmente voltadas a compreensão das três descobertas – Em Si ôntico; campo semântico e monitor de deflexão. Uma das preocupações centrais de Meneghetti na ocasião era supervisionar o exercício clínico e *pari passu*, educar sobre a clínica. Didaticamente ensinava como perceber no próprio corpo as informações do campo semântico no *setting* terapêutico, como ler a informação onírica, usando os sonhos dos participantes e de clientes para verificar a capacidade de leitura da realidade intencional do cliente.

Os relatos indicam a relevância da supervisão e sublinham uma metodologia de todo inovadora e desafiadora de supervisionar o exercício profissional. Podemos verificá-la nas palavras do próprio Meneghetti (2016b, p. 247):

Quando quero verificar o profissionalismo de um psicólogo é suficiente ter o sonho de um dos seus clientes. Em âmbito de supervisão, enquanto o psicoterapeuta fala, eu indico onde e porque errou e cada um dos presentes enriquece a própria experiência.

Este extrato é retirado do livro “Residence Ontopsicológico” de um capítulo especificamente dedicado à supervisão onde o posicionamento teórico metodológico é ricamente ilustrado de casos que indicam o proceder metodológico. Faz-se essa ressalva, pois mesmo para este pesquisador, com mais de quinze anos de estudos da Ontopsicologia, resta desafiador essa proposta de supervisão. Sem dúvida, implica uma grande capacidade e experiência metodológica. Entretanto, considerando que este foi o procedimento adotado, vivenciado e metodologicamente formalizado ao longo de mais de duas décadas, permanece o desafio de concretizá-lo na formação de novos ontoterapeutas.

Permanecendo nos relatos e refletindo sobre os pilares do conhecido tripé de formação em psicoterapia, verifica-se a presença de todos os elementos. Certamente, conduzidos segundo a específica metodologia ontopsicológica, estão consolidados quer seja a supervisão, quer o autoconhecimento realizado principalmente pela psicoterapia. Quanto ao estudo teórico-terceiro elemento – já se evidenciou seus princípios.

A relevância da experiência, da vivência profissional também é destacada nos relatos. A formação de um ontoterapeuta é longa e continuada. Meneghetti (2005a) indica que se atinge uma maturidade profissional nesse campo, geralmente, após quinze ou vinte anos de exercício profissional. Sem dúvida investigar e ser operativo no mundo subjetivo do outro, requer uma

competência ímpar que envolve de modo síncrono uma consistente experiência técnica e profundo conhecimento teórico.

Na nossa formação eram paralelas a teoria e as práticas; teoria e prática da vivência organísmica, do critério organísmico. Era uma formação integral. Não só sob o ponto de vista da cognição. Para o professor Meneghetti a cognição era importante, sem dúvida. Mas eu diria que, talvez, primordial era que aquele sujeito em formação tivesse presente o critério organísmico, que vivenciasse. Porque através dele que você consegue ter a integridade da percepção. É por meio da integralidade das percepções que você pode saber fazer a leitura do outro. Se você não tem esse critério consigo, você não consegue fazer essa leitura do Campo Semântico, que é um dos instrumentos fundamentais eu diria talvez o grande diferencial na Ontoterapia. [P1]

O conhecimento, por exemplo, do campo semântico. Precisa conhecer o campo semântico. O conhecimento, desta forma de comunicação, deve sabê-lo não apenas teoricamente, mas praticamente, no dar e no receber. Precisa conhecer o campo semântico em recepção e em ativação. Por isso são necessários muitos anos de prática e estudo teórico. [P7]

O critério organísmico é aprendizagem fundamental ao ontoterapeuta. Gradualmente, em seu processo formativo, ele deverá desenvolver uma ausculta à integralidade de suas percepções. Meneghetti (2012a, p. 75) entende esse critério como um “complexo de ações e reações determinadas pelo conjunto orgânico-corpóreo: em particular, o cérebro visceral, sistema cardíaco e pulmonar, estômago e funções sexuais e eróticas”. Para além da via racional, o organísmico é o canal privilegiado de conhecimento humano. O critério organísmico é o vetor da emocionalidade com ausência de interferência cerebrais e ideológicas. É a via da intuição. A compreensão e apreensão deste critério, efetivamente implica anos de estudo, supervisão e aplicação. Retomando a discussão feita sobre a melolística, ela é um instrumento fundamental para a recuperação dessa percepção organísmica. O ontoterapeuta, no seu percurso de formação e atuação profissional deve desenvolver uma racionalidade capaz de compreender as ações e reações de seu corpo, juntamente com uma dedicada atenção ao mundo das imagens na própria mente. Frente a este cliente, repentinamente se sente uma pressão na cabeça, ou uma excitação sexual. Não são informações ao acaso. Merecem a máxima atenção do técnico. Todos os particulares, especialmente no *setting*, são informação e o corpo as registra. O ontoterapeuta não pode viver o próprio corpo como “coisa” ou objetualidade. Deve estar integrado em si. Isto é ter percepção organísmica: consciente integração do todo psico-orgânico-funcional, em leitura do aqui e agora. Desenvolver essa capacidade é formação e é paulatina. Cada cliente, cada supervisão é escolha para aprender a afinar a própria percepção.

Nisto tudo é central o campo semântico. A sensibilidade à ausculta dessa informação base é o que consente a passagem de compreensão. Aquela “pressão na cabeça” ou “excitação sexual”, são identificadas no momento que acometem o técnico se esse é atendo a si. Do

contrário, vive como próprio algo que é de terceiro. O campo semântico transmite uma informação, uma imagem que, quando chega no receptor estrutura em emoção, produzindo uma variação emotiva orgânica.

Por campo semântico entende-se todo o operativo que está sob as zonas de linguagem e sentido da esfera linguística (língua, palavras, gramática, sintaxe, cultura, moral, estereótipos etc.), da esfera cinésica (o mover-se espontâneo e não espontâneo no somatopsíquico) e da proxêmica (o modo das duas significâncias, linguística e cinésica, quem intenciona e especifica). (MENEGETTI, 2012a, p. 42)

Particularmente esse pesquisador pode atestar o desafio do desenvolvimento da percepção organísmica a ponto de fazê-la critério de compreensão de si e do mundo. O modelo de educação recebido, a concepção positivista de mundo cuja cisão sujeito-objeto é característica, a objetificação do corpo, a cultura de exaltação do pensar e da cognição, a estrutura egoica radicada em uma miríade de conceitos consolidados desde a infância, subtraem o sujeito do conhecimento imediato, da evidência. Vive-se, constantemente um afluxo gigantesco de informações, entretanto a consciência subtraída da percepção organísmica não lê e o pouco que lê reelabora segundo traçados mnemônicos já bastante consolidados. O humano não foi educado a percepção e ao respeito à essa informação sutil do campo semântico.

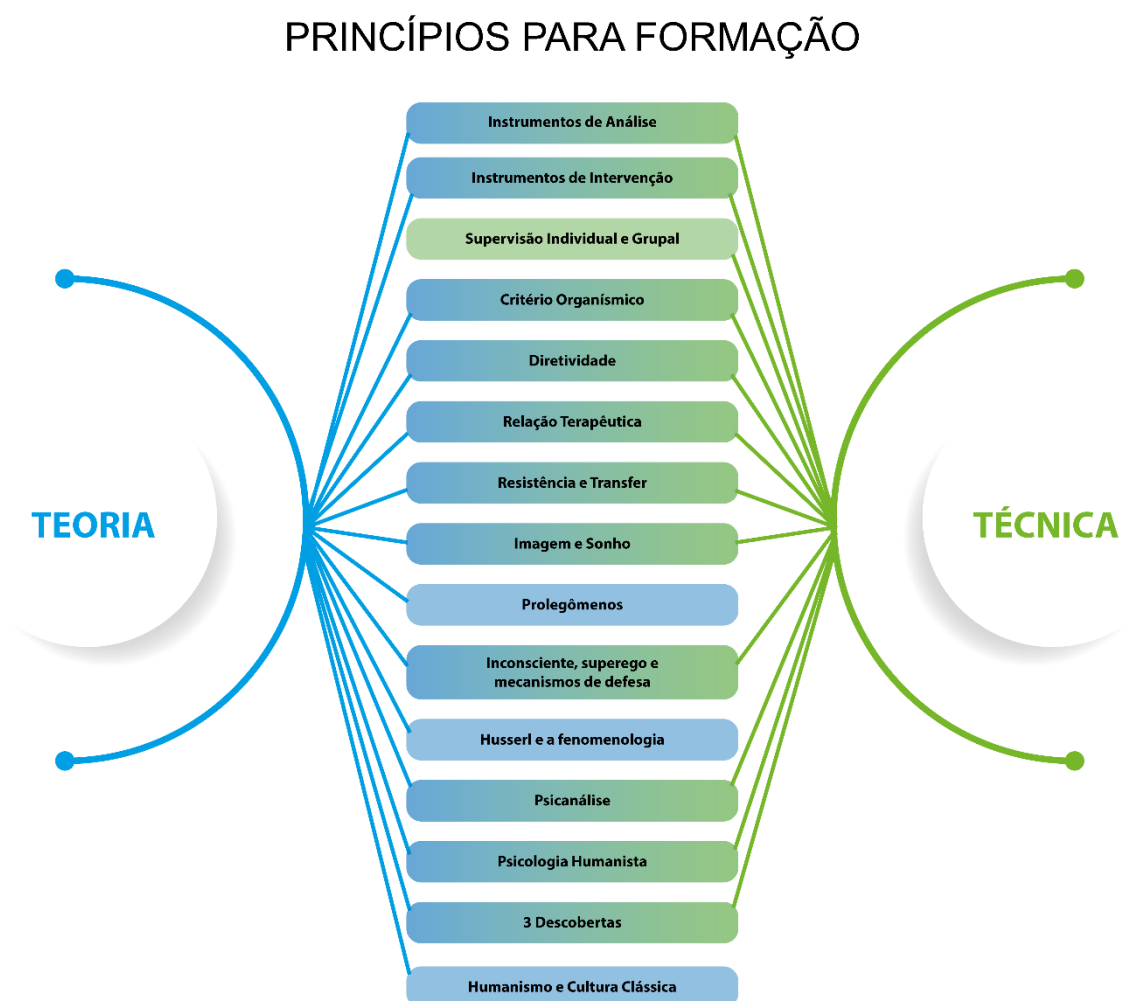
Dentre as técnicas, o domínio da técnica da interpretação do sonho é fundamental, uma vez que é a informação por excelência de como a psique está formalizando. Por fim, é necessário ter o entendimento do papel profissional do ontoterapeuta: como estabelecer uma relação profissional, um contrato de trabalho, um vínculo terapêutico etc. [P3]

A busca por caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia não pode prescindir da análise dos sonhos. É impensável a formação de um ontoterapeuta sem um profundo estudo dos sonhos, a começar pela compreensão do próprio traçado onírico: quais as imagens que tendencialmente se apresentam nos seus sonhos; como a estrutura complexual instrumentaliza as imagens na própria psique, como o Em Si ôntico se apresenta nos sonhos, dentre outros aspectos. Como princípio técnico para a formação, o ontoterapeuta, no processo de compreensão da informação onírica deve-se ter presente os onze elementos, já destacados neste estudo, com particular atenção aos três critérios de interpretação da imagem: 1) Natureza causal do símbolo; 2) Efetividade funcional para o sujeito e 3) Critério semântico. O sonho na psicoterapia ontopsicológica é considerado como uma projeção do estado do cliente. Permite identificar as intencionalidades que estão fazendo realidade na subjetividade do sonhador. Desta forma, tende a evidenciar a dinâmica preponderante no aqui e agora. Sendo assim, o

ontoterapeuta, por meio desta informação tem acesso à real dinâmica em ato no cliente e deve ser capaz de realizar a adequada leitura dessa.

A figura a seguir busca ilustrar os princípios teóricos e técnicos que foram evidenciados nos depoimentos. Como se pode supor, a teoria e a técnica estão fortemente imbricadas na formação em psicoterapia.

Figura 7 – Princípios para Formação



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

6.3.2 Competências para o ontoterapeuta

Na proposição de uma ação pedagógica em determinado campo, considera-se central a definição do escopo almejado àquele estudante quando da conclusão de seu percurso formativo. Ou seja, o egresso de uma eventual formação deverá ser minimamente capaz de desenvolver uma atitude profissional esperada na proposta daquele percurso. Sempre respeitadas as

particularidades e interesse de cada pessoa. Partindo dos relatos dos participantes, verificou-se a relevância de explicitar as competências formativas ao ontoterapeuta, na medida em que auxiliam a evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas.

Ter intrinsecamente amor pelo ser humano e interesse genuíno pelo seu desenvolvimento. Saber ouvir, com todo seu organismo, e dispor-se a realidade do cliente. Em outras palavras, capacidade de ser ausculto à realidade íntima do outro. Saber respeitar o outro, mesmo nos seus limites, mantendo sigilo e ética sobre todo o conteúdo fornecido em entrevistas. Ter capacidades linguísticas para explicitar aquela compreensão empática ou semântica colhida no momento da entrevista. Ter maturidade pessoal para ser função ao cliente e não estabelecer com ele uma díade não evolutiva. [P3]

Capacidade racional de disciplina porque a psicoterapia é uma capacidade de racionalidade superior. Então a disciplina, a capacidade do estudo contínuo, não sei se pode traduzir isso como competência. Uma capacidade de curiosidade, de amor incondicional aos outros. São coisas que tu tens ou tu não tens. Deve ter uma ambição de querer ser o melhor, se ele não tiver ambição ele vai ser um medíocre. Precisa querer fazer e ter a capacidade de pagar o preço pagar o preço; significa ter a capacidade de abandonar um passado infantil e ter a coragem de um futuro novo, evolutivo e superior, de caminhar em direção a maturidade. [P4]

Em primeiro lugar saber lidar com as relações, saber administrar bem as relações humanas. Isso não é uma competência muito simples. Você tem que saber lidar com o ser humano e aprender o tempo do outro. A gente tem uma ansiedade, às vezes a gente atropela o cliente. Aquilo que tu viu numa sessão, pode levar uns seis meses para dizer para ele, porque é o tempo dele que conta, não é o teu. Então eu acho que a primeira competência é essa gestão dos recursos, da relação humana, o recurso da relação humana mesmo, uma competência de relacionamento humano, segunda coisa, competência técnica mesmo de estudo, de domínio, capacidade intelectual, do estudo contínuo, constante. [P2]

Nossa formação não foi sistemática ela trabalhou com foco nos pilares da formação ou dos princípios de um técnico, que são: atualização da técnica, conhecimento técnico, cultura, forte relativização dos estereótipos, porque nós vamos trabalhar a relativização, com nosso cliente. [P5]

É fundamental desenvolver integralidade das próprias percepções. As competências talvez sejam aqueles cinco critérios de que o professor Meneghetti fala da subjetividade. Acho que ali são as competências. Univocidade das percepções, controle sobre o objetivo, o resultado... Enfim, esses cinco critérios na verdade são, para mim são as competências que você adquire na medida que você aplica esse método. [P1]

Segundo Macedo (2004; 2018), a clínica ou na formação do clínico implica desenvolver no profissional um olhar, uma postura fortemente pautada na intersubjetividade; “uma atitude diante do objeto de estudo que implica a valorização da subjetividade do profissional e do objeto de estudo” (MACEDO, 2004, p. 3). Essa perspectiva, implica numa profunda consideração por si e pelo cliente. Amor, zelo, curiosidade, respeito, ética, capacidade de relacionamento, são

competências intrínsecas ao ofício em do ontoterapeuta. Nisto tudo está implícito o próprio desenvolvimento, o exercício do próprio egoísmo sadio, uma vez que não se pode autenticamente dar aquilo que não se traz consigo. O desenvolvimento de um sentido de humanidade, que passa pelo autocuidado, pelo autoescrutínio, é central àquele que, por profissionalidade escolheu auxiliar e zelar a dimensão subjetiva do outro. Pode-se dizer que este sentido é primeiro um exercício, depois uma evidência. Questões técnicas como aquilo que o participante refere como o “tempo do cliente” está profundamente imbricada a alteridade, a intersubjetividade, a humanidade. Certo que tecnicamente, tem-se também a informação semântica que consente ler a realidade dinâmica no *setting*.

A respeito da psicoterapia como ato de amor, ou do ato de amor em psicoterapia, ou ainda do amor que o técnico deve ter na condução do processo psicoterapêutico, um dos entrevistados oferece uma bela contribuição.

E pela prática precisaria algum psicoterapeuta ontopsicólogo, mais velho ou grande experiência que pudesse fazer entrevistas abertas. As entrevistas abertas, você deve recordar, o Professor Meneghetti as fez no Brasil, na Rússia, na Itália, na Letônia, na China, foram uma escola de vida. Eu pessoalmente nunca assisti uma entrevista aberta do Professor Meneghetti, onde eu não fiquei profundamente comovido. Comovido com o que? Com o ato de amor dentro da pesquisa investigativa de Meneghetti, na alma do outro. O professor centrava com resolução, com maestria, mas com um ato de amor infinito. Creio que seja essa a essência da psicoterapia ontopsicológica! Como dizia o professor Meneghetti: “também eu sou você, também eu sou o outro, e o outro sou eu”. E se eu compreendo isso, me facilita também na distinção: eu sou eu, você é você. Mas contemporaneamente, eu também sou você. É difícil compreender, quase impossível: eu sou eu, você é você. Mas eu sou também você e você também é eu. É maravilhoso! Porém, honestamente todas essas coisas, precisei de mais de trinta para compreender. Não se compreende rapidamente. [P9]

Este relato dá ocasião também de abordar um elemento da prática formativa de Meneghetti que ainda não tinha sido abordado e que, mesmo sumariamente, cabe abordar. Ao longo de décadas de trabalho, Meneghetti adotou em sua metodologia formativa a realização de entrevistas abertas. Especialmente nos residences, quando desejava trabalhar determinado aspecto nos participantes, geralmente após abordar teoricamente o argumento, abria a possibilidade para quem se voluntariasse, trabalhar *in vivo* aquele aspecto. Convidava o participante para ir a frente e conduzia a entrevista. Geralmente, iniciava com elementos da anamnese e da biografia, solicitava para que o entrevistado manifestasse a sua problemática e seu parecer acerca da mesma e por fim, pedia um sonho. Com base a essas informações fazia a intervenção. E fazia, como o entrevistado assinalou, com uma imensa sensibilidade. Mesmo quando era extremamente diretivo. Este pesquisador teve por muitas vezes a oportunidade de vivenciar entrevistas abertas, inclusive em primeira pessoa. A intervenção era acompanhada do

esclarecimento metodológico, com o qual Meneghetti fazia a audiência compreender as passagens do sonho, da estrutura complexual do cliente, da genitura, a informação do Em Si ôntico. Enfim, uma experiência ímpar. Como registro histórico, sem dúvida a experiência do teatro Vigna Clara realizada por Meneghetti em 1983 e já abordada neste estudo, é exemplificativa da realização de entrevistas abertas como forma de demonstrar o percurso metodológico proposto pela Ontopsicologia.

Segundo os relatos, a capacidade de estudo contínuo é uma competência significativa quando se deseja evidenciar caminhos para a formação de novos ontoterapeutas. Especialmente na realidade contemporânea, muitas vezes pautada por uma apreensão de conhecimento aproximativa e superficial, devido a facilidade do atual contexto informacional, essa competência merece ser destaca na medida que foi identificada como relevante por aqueles que já viveram este percurso. Vivemos o paradoxo do excesso de informação e do pouco conhecimento. Conhecimento envolve exercício e empenho racional. O percurso teórico ontopsicológico é bastante denso e sua compreensão requer estudo contínuo. Sem dúvida, esse será um dos desafios para formação das gerações futuras de ontoterapeutas.

É preciso o estudo contínuo da metodologia. Por que na metodologia Ontopsicológica é necessário o estudo contínuo? Hoje eu entendo, bem mais do que quando era jovem. É que você tem que atualizar aquele conhecimento, segundo a tua maturidade. Esse é o ponto relacionado ao estudar continuamente. Ou seja, quando você estuda, você atualiza aquele conhecimento, mas com uma outra percepção, uma nova vivência, uma nova experiência. É uma nova realidade. Como se lesse tudo do zero e visse tudo de uma outra forma, muito mais ampla, muito mais holística, dinâmica, que eu não tinha capacidade de ver quando era jovem. Não tinha. Então, esse estudo continuado infinito, sem dúvida é uma pré-condição. [P1]

Ter uma infinita curiosidade pelo conhecimento e pelo humano. O desafio é sempre esse. Não ter jamais a ideia que não tem mais nada para saber; contínua curiosidade. Olhar sempre as coisas perguntando-se: como funciona? Por quê? Que coisa é? É uma atitude, uma forma mentis. Este é o desafio. Não pensar jamais que chegou em alguma parte. Contínua disponibilidade ao novo e a leitura. Portanto deve ler e compreender, se é ou não é para você. Se é para você, entre, se não é segue adiante. Mas deve lê-la, deve saber ler. Para mim o ontoterapeuta é uma contínua de tomada de realidade crítica. A palavra – ontopsicólogo – o que significa? Estudo da psique do ser enquanto psique, portanto, é uma contínua leitura da fenomenologia do ser que se manifesta como psiquicidade. Portanto, é contínua visão, contínua consciência. Isto é para mim o Ontopsicólogo. [P8]

Meneghetti (1982; 2010; 2013a; 2016b), referindo-se à formação específica para o psicoterapeuta sublinha a necessidade de três fatores ou qualidades que, observadas as contribuições das entrevistas figuram como indelével pano de fundo deste estudo. São eles: 1) intuito natural; 2) estudo e cultura ampla e em evolução, com preparação e atualização contínua da técnica e; 3) caráter amadurecido pela vida e sempre aberto a metabolizar o novo

(experiência contínua), além da elevada ética profissional. Abordando neste momento tão somente o segundo fator, verifica-se pelos relatos uma coerente correspondência a proposta formativa de Meneghetti. Este pesquisador ao longo dos anos pode verificar o quanto a manutenção sistemática e recorrente dos estudos, favorecem o desenvolvimento pessoal juntamente com a técnica. O contrário senso, também ocorre. Ou seja, nos momentos de resistência ou dificuldade em realizar uma transição ou passagem significativa de vida, verifica-se também o distanciamento dos estudos. Particularmente, este pesquisador evidencia uma forte correlação entre estudo contínuo e crescimento pessoal, ao longo do processo formativo.

Na busca por caracterizar o percurso formativo em ontoterapia, além do estudo e cultura continuados, emergiram nos depoimentos também os outros dois fatores referidos por Meneghetti, como imprescindíveis.

Primeiro é fundamental uma vocação, uma sensibilidade. Essa sensibilidade não se dá; ou tu nascas ou não nascas. Como um artista; ou tu tens aquela direção ou não.... é uma sensibilidade de gostar em curiosidade de conhecer o outro. É uma sensibilidade muito humana que é atraída nessa direção. [P5]

Três coisas são imprescindíveis: Atitude natural: ter a sensibilidade para atuar naquele âmbito e com aquela tipologia de cliente. Formação teórica contínua e rigorosa: estudo das diversas abordagens, aprofundamento de todo o corpo teórico e prático da Ontopsicologia, e supervisão com um técnico preparado para tal. Metanoia: o profissional ontopsicólogo deve ser o primeiro a colocar-se em discussão e operar o processo de mudança de mente, a fim de coincidir com o projeto que é. Em outras palavras, ter superado a monocultura diádica para abrir-se a uma pluricultura possível ao projeto humano. [P3]

A curiosidade constante e contínua. Curiosidade de que coisa? Da dimensão humana! Isto é importantíssimo. Deve compreender que é uma profissão, mas também uma missão. Ou seja, é uma profissão, na qual se deve mover no interior de um projeto. E qual é esse projeto? É a minha inseidade. Se eu sou coincidente com a minha inseidade, a posso ler no outro, através do método ontopsicológico. Percebe o quanto é importante? É importante, eu posso ler o outro na medida em que sou exato comigo mesmo. Porque o advogado, como disse o Professor Meneghetti, tem o código civil ou penal como instrumento, o médico tem o bisturi ou os medicamentos, o psicoterapeuta tem como instrumento, a si mesmo. Se é exato, vê, intervém, lê. Se não é exato, sofre. Portanto, é fundamental. [P9]

Duas coisas, a sensibilidade natural, portanto, uma atitude natural. Tem uma natural predisposição à humanidade do outro como ampliação da própria. Tem um tipo de vocação a ser útil ao próprio semelhante, sem assistencialismo, um tipo de natural sociabilidade. Depois uma vontade de ajudar, que pode ser como professor, como formador, porém tem uma paixão pelos teus semelhantes de qualquer modo. E não possui nenhuma vontade de comandar e prevalecer, um próprio sentir a comum humanidade como uma responsabilidade tua. E depois uma grandíssima preparação técnica infinita. Aquela que se aperfeiçoa continuamente. Nunca há o momento em que diz basta, isso é tudo. Portanto: grande predisposição; uma grande curiosidade e grande estudo. Essas são as características que absolutamente um psicoterapeuta deve ter. Deve ter uma infinita experiência contínua. [P8]

Em Ontopsicologia, conforme reiterado, o entendimento de homem parte da consideração de um dado apriorístico, um projeto de inteligência. A presença deste projeto, manifesta-se também por meio de uma particular sensibilidade em direção a determinado campo. Essa sensibilidade manifesta-se em uma curiosidade a um determinado campo ou objeto. O psicoterapeuta tem uma abertura de interesse em direção ao outro. Retomando a etimologia da palavra curiosidade, sabe-se que indica “conhecer com zelo”, “conhecimento com amor”. Ao psicoterapeuta interessa o modo do outro, o desenvolvimento do outro. Essa sensibilidade, ao longo do processo formativo do novo psicoterapeuta, deve ser cultivada, afinada, tecnicamente evoluída.

O aspecto do amadurecimento e da abertura contínua ao novo, também é referido pelos participantes da pesquisa. Meneghetti (2013a) indica que esse fator é o que verdadeiramente faz ser ou não ser um ontoterapeuta. O autor refere-se a este aspecto com a expressão “santidade”. A palavra não deve ser entendida aqui no seu sentido místico-religioso, mas a partir de sua etimologia, cujo significado é “ser com o Ser”. O cultivo da própria santidade, implica ao psicoterapeuta uma contínua ordem de vida, expressa em três aspectos: 1) ordem de calma e beleza; 2) ordem no comportamento privado, afetivo e sexual e; 3) autonomia ordenada no campo econômico. Estes aspectos fazem parte do desafio de fazer-se ontoterapeuta. Ao refletir sobre os relatos colhidos nesta pesquisa, somado a experiência deste pesquisador como psicoterapeuta, verifica-se que realmente este terceiro aspecto – de santidade – é fundamental. A desordem contamina a própria capacidade de estar íntegro, inteiro no contato com o cliente. Aqui abre-se também a questão da importância do estilo de vida do psicoterapeuta, que será abordado posteriormente.

A capacidade técnica permanece elevada se eu tenho uma conduta que não contradiz a minha vida. Porque se eu tenho uma conduta privada desordenada, não boa ou com vícios, ou por exemplo, fumo cem cigarros, não vai de acordo. Não é que devo ser um santo, por favor, não é isto! Devo procurar viver de modo simples, natural. Eu tenho uma horta em casa. Eu moro na zona rural. Aos meus clientes sugiro se for possível fazer alguma coisa de manual, mas eu sou o primeiro. Veja! (mostra as mãos). Não é que sou um santo, atenção. É simples; devo ter uma conduta simples, sadia. Porque desta forma é mais fácil, é mais simples, usar o método ontopsicológico. Quanto mais sou exato comigo mesmo, mais sou capaz de focalizar o problema que o cliente pode ter. Porém não são duas coisas separadas: o psicoterapeuta deve ter uma vida transparente em si mesma. Isto é, não basta a técnica! Se eu estou bem, a técnica permite-me ver a dinâmica em um instante, se eu não estou bem, sofro. Realmente posso sofrer a intenção inconsciente do cliente. O cliente nos testa sempre: tem o seu complexo, que não tem piedade dele, não pode ter piedade do psicoterapeuta. [P9]

A discussão desenvolvida neste estudo contemplou em sua fundamentação a relevância da personalidade do psicoterapeuta como elemento central para o seu exercício profissional.

Meneghetti (1982; 2010) é categórico ao indicar a personalidade do terapeuta, como, de fato, seu fundamental instrumento de trabalho. A este ponto retorna para o centro das reflexões a importância do autoconhecimento e do desenvolvimento subjetivo para o exercício desta profissão. Em Ontoterapia, a subjetividade do profissional é o instrumento último de indagação e de conhecimento. Para Meneghetti (1982, p. 10):

é através do meu co-ser que eu conheço o outro, exatamente como a minha racionalidade é consciência porque é co-é, co-existe com a minha inseidade. Igualmente, posso colher o outro do mesmo modo em que colho o acontecimento do meu organísmico.

A formação do ontoterapeuta, nessa perspectiva, como desenvolvimento de competência básica deve ser capaz de promover um tirocínio de revisão da consciência do operador e gradual recuperação do seu critério organísmico – critério da psicoterapia Ontopsicológica. A consciência, como instrumento que projeta as noções decorrentes de experiências sensoriais, está limitada e determinada pela cultura aprendida e memorizada, perdeu a compreensão de informações que o mundo-da-vida transcreve no corpo humano (VIDOR, 2014). É necessária a recuperação do critério organísmico. O reclame husserliano sobre a necessidade de se voltar o olhar ao interior mundo-da-vida – causalidade vital primeira de toda a realidade universal - como fundamento ao fazer ciência, encontra ressonâncias.

Desta forma, se temos uma atividade profissional – a Ontoterapia – cuja capacidade de consistente e qualificado exercício é verificável a partir da subjetividade do pesquisador, caberia então perguntar quais seriam os critérios de verificação e de desenvolvimento subjetivo. Sem dúvida, buscar objetivar a subjetividade é desafiador e abre espaço para discussões. Esta discussão é afrontada a partir do que o autor denomina como exatidão do pesquisador e enunciada no relato da participante. Uma vez que, conforme discutido, a subjetividade é o instrumento último da indagação e do conhecimento, em particular em Ontoterapia.

Os critérios externos dessa exatidão são: 1) funcionalidade: sujeito está bem, é correspondente a si mesmo, circular e contínuo, funciona em crescimento; 2) correspondência com o iso de natureza¹⁰⁹: o homem compreende a linguagem das coisas e da diferenciação. É familiar com o íntimo da natureza, do qual o campo semântico é a expressão fenomênica “primeira”. A consciência é uniforme à intencionalidade de natureza; 3) univocidade entre

¹⁰⁹ O conceito de “Iso (de natureza)” tem lugar relevante no pensamento Ontopsicológico. Etimologicamente, “iso”, do grego, significa “igual”. “O critério elementar da vida: o que é igual a este critério é sadio, o que é diverso é erro, regressão, doença. O igual que dá o iso em todos os comportamentos psicorgânicos. É o critério-base da sanidade da vida, igual seja para a célula, seja para a estrutura orgânica, para o organísmico, para os comportamentos cerebrais, para a fantasia, etc.” (MENEGHETTI, 2012a, p. 150).

percepções do sujeito: Implica a recuperação da integralidade capacidade perceptiva, onde a egoceptividade é correspondência a proprioceptividade. Qualquer modo específico que ele adote para conhecer, o resultado de cada parte singular, através da qual conhece, é o mesmo; 4) controle sobre o objetivo: este homem, pelo conhecimento que tem, tão logo se encontre diante de uma novidade problemática, não a sofre; controla e facilita para si e para o contexto em que se encontra; 5) desaparecimento do sintoma: não somente o sujeito é isento de distorção somática ou neurótica, mas desaparece também o erro em chave de racionalidade psíquica (MENEGETTI, 2010).

A personalidade do ontoterapeuta é seu instrumento de trabalho. Assim, desenvolvimento pessoal e atividade profissional não são coisas divididas. A aprendizagem é contínua e minha prática profissional me ajuda a ser formado. Ou seja, meus clientes me ajudam a estar em formação contínua, porque eu preciso compreender um mundo de tal modo diverso do meu, de tal modo novo, que antes eu não tinha ainda encontrado. Portanto, um novo cliente, me permite uma formação do início e contínua e não repetitiva, se você quer compreendê-lo, ajudá-lo. Repito, se não é assim esqueça. [P7]

É preciso construir uma bagagem subjetiva bem consistente. Autoconhecimento e maturidade. Isto é fundamental e insubstituível. Para além dos instrumentos externos, para além do conhecimento externo, para a psicoterapia ontopsicológica o único instrumento de intervenção que existe é a personalidade do psicoterapeuta. Não existe outro. Se o psicoterapeuta não é coerente em garantir a sua personalidade, o seu egoísmo sadio, a sua inteligência livre de qualquer estereótipo principalmente de seu estereótipo dominante, de seu complexo que trai continuamente, é impossível a psicoterapia, é impossível ser um psicoterapeuta. É um exercício contínuo de auto verificação. [P4]

A busca pela compreensão de si, desde a antiguidade é o grande desafio e provocação ao humano. É uma busca que, ao menos na perspectiva ontopsicológica, está radicada na consideração da presença de um princípio de inteligência, um princípio gênio que é o projeto base de qualquer individuação. Conhecer a si mesmo, nesta perspectiva, sem dúvida envolve afrontar tantos limites, medos, complexos e estruturas psíquicas, muitas vezes limitadoras do desenvolvimento deste potencial ínsito. Entretanto, conhecer-se, viver um processo de autenticação é também buscar o contato consciente com esse princípio vital apriorístico e agente, ou Em Si ôntico. É a pesquisa da própria inseidade subjetiva, da qual pode-se construir a segurança e liberdade de ser quem autenticamente se é. Uma personalidade segura, não é aquela tão somente conformada as demandas do social, mas aquela radica no próprio Em Si ôntico. São considerações ainda mais radicais quando instrumentalizada para pensar um ofício cujo instrumento fundamental é a personalidade.

A relevância na necessidade de mudança pessoal é um dos elementos que indubitavelmente caracterizam a formação em Ontoterapia.

Torno a repetir, a formação não pode ser separada da maturação pessoal, da contínua metanoia, como diz o Professor Meneghetti, uma contínua renovação. Isto é, o ontoterapeuta precisa ter uma vida privada de tal modo bem-feita, onde se regenera, se recarrega. Onde, se faz ataraxia, palavra grega, renovação. Essa é a condição principal. [P9]

Para formar a mim mesma o maior desafio foi romper os meus paradigmas. Acho que a metanoia. É fazer convergir a consciência ao teu Em Si ôntico, à tua intencionalidade de natureza. É a raiz do autoconhecimento. Esse é o grande desafio, porque a intencionalidade, a natureza, ela é amoral e a nossa mente se baseia em princípios morais, princípios éticos, princípios políticos, princípios econômicos, todos os tipos de princípios que a gente possa imaginar. E a metanoia significa fazer uma revolução, anular tudo isso, fazer uma epoché de tudo isso. Fazer vir à tona a intuição, aquilo que é a direção do Em Si ôntico naquele momento histórico. Acho que esse é o grande desafio. Que é uma coisa que próprio Husserl já falava: se você quer acessar o eu puro, você deve fazer essa série de epoché, suspender todos juízos para poder acessar o único, a única verdade daquele momento, realidade daquele momento que te dá a vida, que te dá a natureza naquele momento, naquele lugar, naquele tempo. Para mim é esse o grande desafio e que tanta gente ensinou de várias formas; as filosofias budistas; Husserl; todos os grandes mestres falavam disto. [P1]

O principal desafio é mudar a pessoa. A metanoia. O psicoterapeuta em formação deve compreender que precisa mudar, deve querer mudar e deve fazê-lo. A natureza tem sua lógica e o psicoterapeuta ontopsicólogo deve compreendê-la. Essa é a maior dificuldade. O psicoterapeuta que decidir ser formador deve ter muita paciência, deve ser sempre um motivador, deve sempre provocar o outro à mudança, a uma melhora evolutiva. As vezes precisará esperar muito tempo para essa mudança, pois existem as estações da vida. As estações da vida são inacreditáveis, deve aguardar a estação das frutas. Não pode plantar uma planta e esperar que dê frutos depois de dois meses. Seria irreal. A formação é semelhante a espera que o agricultor tem em aguardar o tempo de maturação. De outra parte, na formação, deve existir um terreno bom, fértil, uma inteligência viva, uma vida verdadeira. Porque se você provoca tudo isto, faz este trabalho frente a pessoas sem real interesse, não nascerá nada. Assim é importante saber reconhecer aqueles que possuem uma possibilidade de paixão e ambição nessa estrada. [P7]

A possibilidade de compreensão do outro está diretamente relacionada a compreensão de si mesmo. Este fato é ainda mais significativo, quando se trata da formação do psicoterapeuta. Nisto, permanece a afirmação de Meneghetti (1993, p. 37), de que “o primeiro obstáculo a ser superado é a transformação do psicoterapeuta”. A Ontopsicologia propõe dois escopos substanciais ao processo de psicoterapia de autenticação: 1) identificar a identidade original e presente do Em Si ôntico e; 2) operar a metanoia para reorganizar os comportamentos do Eu em funcionalidade histórica do Em Si ôntico. O processo de metanoia, segundo a abordagem Ontopsicológica, implica uma “mudança de consciência, de modo a produzir uma consciência que seja adequada a ver a vida e não somente os estereótipos”. Ou ainda, “aprender

a si mesmo segundo a ótica da própria identidade de natureza (ou Em Si ôntico)” (MENEGETTI, 2010, p. 64). Vidor (2018) assevera que para o ontoterapeuta é fundamental ter a coragem de enfrentar esse percurso de revisão da própria consciência. Fazer metanoia é ter a coragem de identificar aqueles comportamentos que infantilizam e colocam o sujeito em erro frente a si mesmo e mudar. Mudar em que direção? Na direção informada pelo próprio Em Si ôntico, evidenciada no processo psicoterapêutico principalmente na grafia onírica.

O processo metanoico é entendido como uma mudança no piloto Eu, daquele formado pela *doxa*¹¹⁰ societária àquele sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico. A Ontopsicologia, conforme enunciado, propõe um método de acesso à interioridade do homem para provocar um processo de revisão crítica da consciência alienada do mundo-da-vida, o qual foi denominado de autenticação. O processo de autenticação é competência essencial ao ontoterapeuta. Fundamental distinguir que, em Ontopsicologia fala-se em autenticação a partir da consideração de um critério base de natureza – Em Si ôntico. “Ser a si mesmo”, é ter uma consciência em conformidade com esse princípio formal inteligente que constitui o humano. Essa perspectiva, distancia-se de uma visão rogeriana que está assentada em uma questão de representação simbólica. Amadurecer, nessa perspectiva implica conhecer e atuar historicamente esse primeiro princípio ôntico que constitui o indivíduo como unidade de ação em um holístico dinâmico que podemos chamar de vida¹¹¹. Na medida em que o sujeito é sempre um semovente, ou seja, propõe sempre a totalidade de si, ainda que a própria consciência por vezes assim não perceba, constata-se a relevância do desenvolvimento integral como competência para o exercício profissional. Fundamental repisar o lugar fundamental da supervisão do psicoterapeuta neste percurso. Em palavras simples: pretender que a própria consciência que precisa ser revisada, arvore-se capaz da revisão é contradizer o próprio princípio da psicoterapia.

A construção reflexiva remeteu para o questionamento acerca da relação entre o processo de desenvolvimento do profissional e o seu exercício profissional e a possível relevância dessa relação na formação do ontoterapeuta. Este aspecto permitiu evidenciar internos do processo ontoterapêutico e a responsabilidade do ontoterapeuta no aperfeiçoamento de si mesmo.

¹¹⁰ Termo utilizado na retórica grega antiga, *doxa*, significa opinião, conhecimento opinativo ou senso comum em oposição à *episteme* que designava, fundamento, saber verdadeiro. Para Chauí, pode ser definido como “opinião, crença, reputação, suposição, conjetura”. O termo é derivado do verbo *dokéo* que, significa: “escolher, decidir, deliberar e julgar segundo os dados oferecidos pela situação e segundo a regra ou norma estabelecida pelo grupo” (CHAUI, 2002, p. 499).

¹¹¹ Vida, do latim *vis* e do grego *τίθημι*, significa “o lugar da força” (MENEGETTI, 2012a, p. 272).

Acho que a relação é total. Eu diria que uma coisa não existe sem a outra, porque uma das coisas fundamentais para você ser um ontoterapeuta é a autenticidade do pesquisador, ou do operador. Então, se você não está bem e eu sei os momentos em que eu não estou bem, eu realmente vejo que o resultado não funciona, é melhor eu dar um tempo, fazer outra coisa e normalmente eu faço. Então autenticidade, que entendo como um processo de evolução.... Está relacionado ao processo individual totalmente: a tua maturidade, a tua experiência, a tua autenticidade, o teu estudo, teu aperfeiçoamento com a prática. Uma coisa não existe sem a outra. [P1]

Então eu acho que um terapeuta tem que ter sempre essa situação que se por algum motivo, por percepção própria ou sobretudo, pela ausência de resultados nos clientes, na vinda, na demanda de novos pacientes.... se a coisa não está girando ele tem que parar, se retirar para não causar dano nem a si nem a outro. Se retirar e ir buscar primeiro arrumar o carro, concertar a si mesmo, verificar os pontos sejam eles quais forem e retornar quando se sente novamente capaz. Isso foi uma coisa que eu também aprendi. [P2]

São processos inseparáveis uma vez que o técnico ontopsicólogo usa como primeira ferramenta de trabalho a sua subjetividade que, teoricamente deve ser exata. A proposta Ontopsicológica é usar o homem todo para conhecer o todo do homem. Mas o limite do técnico será sempre o limite da técnica, uma vez que toda imprecisão de consciência impede a leitura do mundo-da-vida e a consequente identificação da ação ótima. Cada passo dado em direção a própria identidade implica em um passo adiante na vida profissional, em termos de abrangência de atuação, competência competitiva, nível de dificuldade e de oportunidades de trabalho. [P3]

O ontoterapeuta é um técnico da inseidade subjetiva. Isto significa que seu objeto de interesse está diretamente relacionado a todo o foro íntimo. Seu ofício implica educar o outro para a própria interioridade: apoiar o cliente na compreensão do fulcro de determinados comportamentos que acusam limite ao seu desenvolvimento e favorecer o processo de mudança. Este fazer implica uma infinita grandeza interior por parte do técnico. Ao se pensar a formação do ontoterapeuta, essa provocação ao próprio desenvolvimento é fundamental. Sem dúvida um profissional frustrado em determinado ou determinados aspectos de sua vida, consciente ou inconscientemente projetará este aspecto na sua realidade circunstante. Entretanto, ao abordarmos a formação profissional em psicoterapia e considerando a realidade informática dos campos semânticos, seguramente o limite do técnico limitará substancialmente a técnica.

A atitude ontoterapêutica implica total abertura receptiva ao todo informacional que é o cliente. Seu aparato perceptivo deve estar à disposição do fluxo de informações que são promovidas na relação terapêutica. Faz-se referência as percepções sensoriais e extra-sensoriais que assomam por via de campo semântico. A autenticidade do ontoterapeuta é o que lhe permite a leitura deste mundo de informações que é o cliente e posterior adequada diretividade na intervenção.

Na medida que eu cresço como pessoa e fortaleço a minha personalidade original existe a evolução profissional e muda o perfil dos clientes, muda o resultado dos clientes. [...] Mas à medida que eu cresço e à medida que vem uma exigência interna de crescimento eu tenho que redirecionar a minha atuação. Aí começam a chegar clientes tem um nível de inteligência superior, que tem um nível de responsabilidade social superior, eles te escolhem porque tu sabes dar uma resposta ao eles subjetivamente precisam. E o contrário senso infelizmente é verdade também: se eu regrido, perco os clientes melhores. [P4]

Desde o início da minha formação eu percebo essa correlação. É visível que, quando tinham alguns pontos que ainda eram obscuros ou não resolvidos, tu atraías clientes com aquela problemática e também não sabia resolver. Na medida que se começava e resolver aquelas problemáticas consigo mesmo, não era mais tão forte essa direção ficava mais relativizada. É evidente isso. Eu via muito essa correlação entre a estrutura complexual do profissional e a não leitura na psicoterapia. Era muito visível! Ou começavam a virem muitos clientes com aquela direção problemática. Isso mostra que ainda tem o ponto cego e o ponto que atrai gira e que no fundo a Ontopsicologia tanto mostra e sublinha quanto é necessária essa exatidão do profissional, porque senão a gente cai no transfert. Nós mesmo atraímos essa direção aonde vai nos embolando na nossa própria problemática. Na medida que o profissional vai evoluindo com ele mesmo, ele também começa evoluir numa direção profissional. Porque também ele é um pouco mais exato; a entrevista, o processo psicoterapêutico também torna-se um pouco mais rápido e ele – o psicoterapeuta – começa ir em dimensões aonde ele se sente mais realizado. Então existe uma correlação muito grande entre a maturidade e a atuação profissional. Isto não é separado. [P5]

Uma consideração: os clientes que me chegam não são nunca ao acaso; possuem sempre uma característica: são pessoas que permaneceram fixadas em alguma coisa que eu já superei e conheço muito bem ou são pessoas que me deixam curiosa por algum motivo, que possuem um tipo de dificuldade que me interessa aprofundar. Mas eu sempre observei que não é possível ajudar uma pessoa se você já não resolveu aquele problema que ela trouxe até você. Já deve ter passado e resolvido, porque o outro percebe se você o compreende verdadeiramente ou não. Portanto, não se pode ajudar alguém se você já não resolveu o problema, porque se faz muito por campo semântico. Quando você para o outro: “isto não é um problema difícil”. O outro deve saber no estômago, que diz a verdade¹¹². Ele sente se você fala porque sabe, ou se fala porque leu aquilo em um livro. Portanto, existe um perfeito paralelismo: tão logo eu resolvo um problema em mim mesma, logo aparecem pessoas que possuem esse problema. Eu vou adiante na minha vida, e depois de um tempo chegam pessoas que devo ajudar com aquele problema. Sempre foi assim. Assim que eu compreendo tal coisa, devo ajudar alguém com aquela coisa que eu compreendi. [P8]

Quando você percebe que seu cliente não está crescendo e não está atingindo aqueles resultados, certamente pode ter variáveis relacionadas a ele, como por exemplo pode estar em resistência. Mas também pode ter o componente de que você não está sendo capaz. Não é apenas uma questão de competência racional. Então o cliente acusa a tua incapacidade naquele momento e as vezes acusa porque o sonho dele mostra você de um modo não funcional para ele e você tem que ser humilde para saber que é isso. O cliente, por exemplo, traz um sonho de que você aparece e tua função no sonho não é positiva, é uma função reduzida. Ele te coloca, o inconsciente dele te não te coloca como uma função de valor. Se tu és um ontoterapeuta, tu jamais vais dizer que é culpa da crise do governo... você vai procurar onde você está em déficit consigo mesmo. [P2]

¹¹² Quando o entrevistado sugere que “o outro deve saber no estômago, que diz a verdade”, está se referindo ao cérebro viscerotônico e a percepção organísmica, segundo já discutido neste estudo.

Este pesquisador fez a opção de contemplar estes relatos – e muito outros – na íntegra dado sua riqueza e relevância para a caracterização que objetiva o estudo. Efetivamente, chamou a atenção os diferentes depoimentos que sublinham a variável da informação inconsciente na relação terapeuta e cliente. Cabe reiterar que estes são depoimentos de profissionais ontoterapeutas, brasileiros e italianos, com mais de três décadas de atuação.

A realidade do campo semântico implica no fato de que estamos continuamente imersos em um contínuo dinâmico, cujo fulcro é a realidade intencional do mundo-da-vida (MENEGETTI, 2010). Aparentemente autônomos, ao vivermos em interrelação, determinamos e somos determinados. O humano enquanto unidade de ação vida neste contínuo, produz realidade na medida em que constrói a própria identidade histórica. Essa produção determina e é determinada pelo mundo intencional, ainda que não se tenha total consciência. Conforme assinalado nesse estudo, verifica-se a existência de diferentes intencionalidades¹¹³, quer seja aquela do Eu, ou do complexo ou ainda aquela ôntica, cuja mediação é realidade pelo Em Si ôntico. A realidade intencional predominante na psique do sujeito passa a determinar sua realidade circunstante. O sujeito em erro consigo mesmo, irá informar essa realidade.

Os relatos evidenciam essa realidade intencional e inconsciente na qual se está imerso. O ontoterapeuta no próprio processo de autoconhecimento, deve ser capaz de apreender a correspondência entre seu estado de ser e a realidade intencional, uma vez que o campo semântico irá informar sempre o global de si. O sujeito informa, consciente e inconscientemente, aquilo é naquele dado momento. Aquela dimensão de si não evoluída seguramente é informada. Esta é uma abertura de compreensão possível de ser empreendida à luz da descoberta do campo semântico que, dentre diversos fatores, sublinha a responsabilidade do ontoterapeuta com o autocuidado inclusive como elemento propedêutico ao exercício profissional. Essas são especificidades do paradigma Ontopsicológico, para as quais o ontoterapeuta em formação deve ser sensibilizado.

¹¹³ A Ontopsicologia identifica seis intencionalidades presentes na realidade humana: a) Intencionalidade ôntica (ou do Ser): é onde o Ser se intenciona. Pode-se experimentá-la apenas por meio da exclusiva mediação do Em Si no seu ato primeiro de ser ou não ser; b) Intencionalidade de natureza: o modo no qual se especifica a intencionalidade na existência aqui e agora; a forma que especifica, tipifica, individua e define os modos de acontecimento daquele existente. A intencionalidade de natureza do ser humano é a constante H. A lei preexistente no interior do nosso psico-orgânico: é uma predisposição química, biológica, formal; a inexorável ordem apriorica e categórica de qualquer ser humano; c) Intencionalidade do Eu (Eu lógico-histórico): é a decisonalidade consciente com a qual se formam os atos de vontade. A coincidência entre intencionalidade de natureza e intencionalidade do Eu lógico-histórico dá o nascimento do Eu; d) Intencionalidade do complexo: é a intencionalidade baseada sobre a matriz reflexa, da qual o complexo é a estrutura resultante; e) Intencionalidade sócio-ambiental: é a coação dos outros consorciados em muitos, distintos e opostos ao indivíduo; f) Intencionalidade personológica: é a intencionalidade do homem superior que, satisfeita a intencionalidade de natureza e absolvidos os deveres de maturidade, está em condições de fazer-se correspondência ôntica. (MENEGETTI, 2012a, p. 145)

As reflexões sobre as competências relevantes ao ontoterapeuta no seu caminho formativo trazem por fim, alguns relatos que assinalam específicos desafios na formação do profissional e que fazem muito sentido para este estudo.

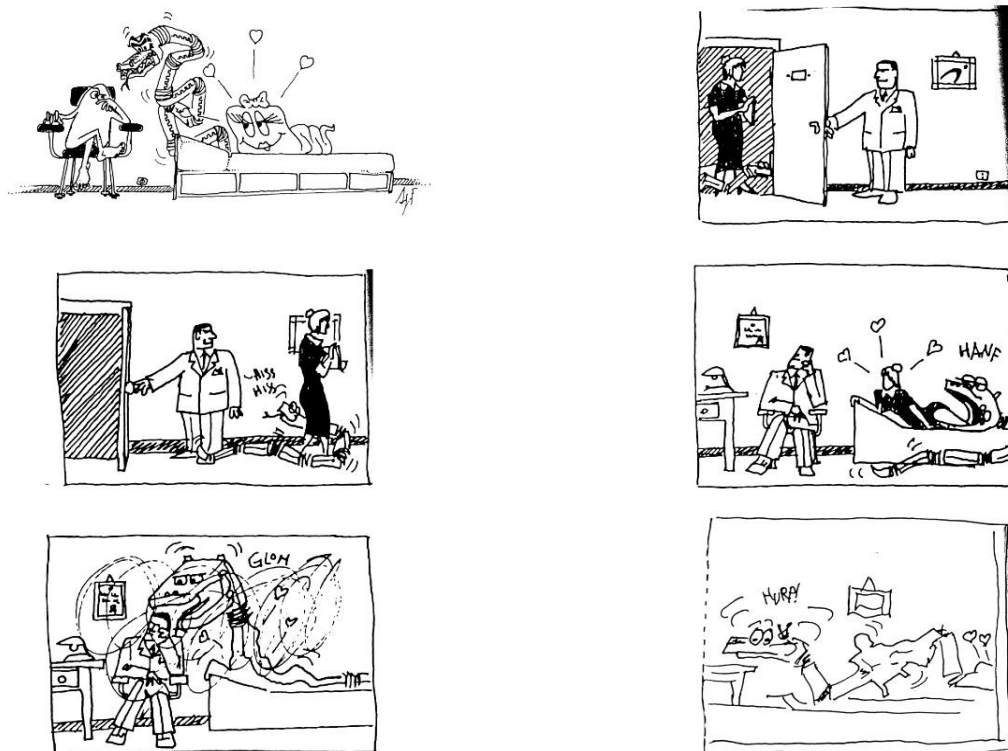
Entendo que existe um elemento muito desafiador na formação do ontoterapeuta que é aprender a gerir a própria afetividade e a sexualidade. Sim é esse o desafio. É esse porque, o monitor de deflexão, no início se disfarça de sexo. O motivo é somente um: oprimir, sabotar, eliminar o psicoterapeuta. Existe um desenho do professor Meneghetti, no livro “Eu odeio o transfert”, que traduz isto. Vou te mostrar... [P9]

A relação ontoterapêutica, conforme discutido possui especificidades que a distinguem de outras relações. A aprendizagem sobre como impostar a relação com o cliente é elemento significativo no processo de formação. Particularmente a abordagem acerca da realidade do *transfert* é muito característica na psicoterapia ontopsicológica.

O *transfert* no contexto ontoterapêutico é entendido como “o quântico formal que o cliente projeta no psicoterapeuta, manifestando assim a própria tipologia de relação de objeto” (MENEGETTI, 2006b, p. 44, *grifo do autor*). Ele é revelador da modalidade de gestão da própria existência na sua globalidade. O modo como o cliente se investe no psicoterapeuta, especialmente por meio da sua afetividade, é evidência de como ele se move na sua globalidade existencial. Fundamental nisto é o entendimento de que a lógica afetiva do cliente é o sedimentado relação diádica com o adulto-mãe e é fundamento personalidade. A formação rígida da afetividade recebida na infância, estabelece as bases da estrutura complexual do cliente. Uma vez que o investimento transferencial é de conteúdo afetivo sexual, naturalmente o cliente irá reeditar – com maior ou menos consciência – seus modelos aprendidos projetando na figura do psicoterapeuta. Meneghetti (2013a), assinala justamente a sexualidade como uma das possibilidades de erro mais comum e que acaba por reduzir ou verdadeiramente incapacitar a capacidade do psicoterapeuta. Aquela parte não evoluída da personalidade do técnico irá buscar correspondência onde o cliente também é em erro consigo. O possível envolvimento no *transfert* do cliente, se ocorre, responde também a seleção temática complexual do próprio psicoterapeuta.

O participante no seu relato faz referência a uma pequena ilustração presente no livro “Eu odeio o *transfert*” de Meneghetti (1982), já referenciado neste estudo. Embora bastante simples, é didática e ilustrativa de uma realidade muito delicada e complexa na vida do psicoterapeuta. Assim, optou-se por incluí-la nessa discussão, inclusive pelo fato de que a obra de citada encontra-se fora de edição.

Figura 8 – Eu odeio o *transfert*



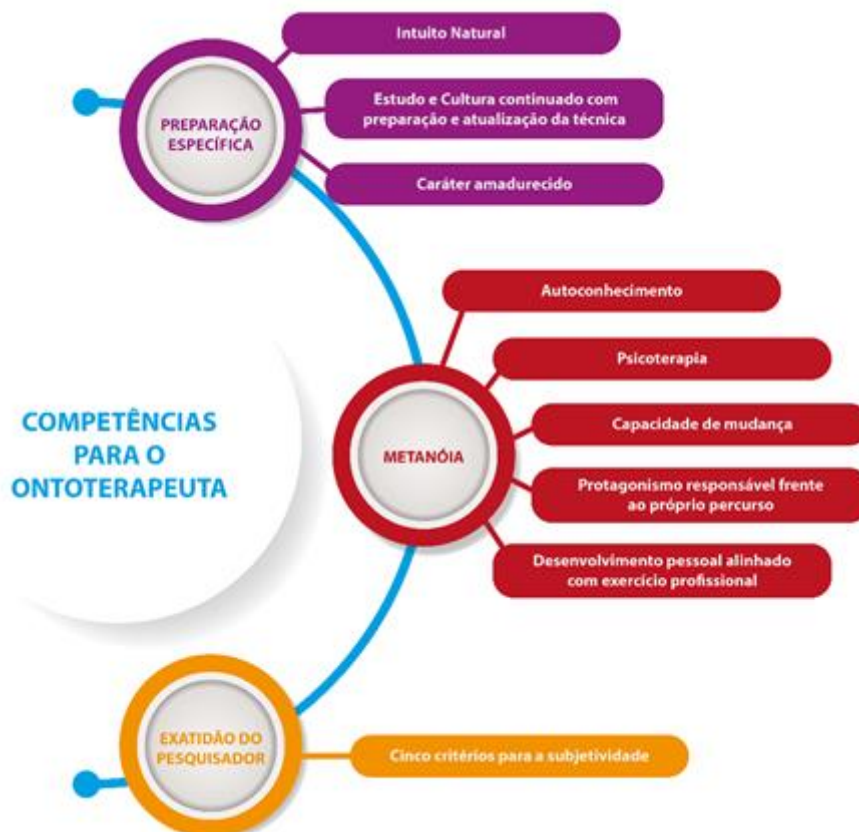
Fonte: Adaptado de Meneghetti (1984, p. 73-76).

O terapeuta tem como maior desafio é ficar imune da perversão dos clientes. É uma estrada de maturidade. Você vai aprendendo isso, primeiro porque se ele fica imune a perversão dos clientes significa que ele tem o controle sobre a sua estrutura complexual, pelo menos está vigilante continuamente. No momento em que ele se acha, porque ele deu um passinho e ele acha que já chegou lá, ele vai cair para o fundo do poço. Então o grande desafio é a humildade contínua de não estar satisfeito, porque ele conseguiu uma vitoriazinha pelo menos é o meu ponto de vista. [P4]

O último relato em destaque assinala também os desafios do *transfert*, reitera a formação como estrada de maturidade e insere uma precisa orientação sobre a *forma mentis* do ontoterapeuta: humildade contínua.

A representação gráfica a seguir organiza os diferentes elementos que emergiram como competências para a formação do ontoterapeuta. A síntese reflexiva permitiu organizar as informações em três macrocompetências: preparação específica; metanoia e exatidão do pesquisador.

Figura 9 – Competências para o Ontoterapeuta



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

6.3.3 Estilo de vida e formação

Na análise das informações oriundas dos questionamentos aos participantes, com o objetivo de evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil, foi possível destacar elementos que foram organizados em torno dos termos “estilo de vida e formação”. Tendo estes termos como catalizadores, pode-se evidenciar que, na formação do ontoterapeuta, a organização do ambiente e a relação com a natureza, a estética e a ordem, e o amadurecimento e a formação continuada ocupam lugar de destaque.

Convidados a refletir sobre possíveis relações entre o ambiente e o estilo de vida na formação do ontoterapeuta, os participantes destacaram tais elementos como centrais para o processo formativo de gerações futuras de ontoterapeutas.

Estilo de vida, para mim é o principal, estilo de vida porque, porque a gente vive numa sociedade de consumo. Quando eu falo de estilo de vida eu vou considerar: regra de estudo; técnica; aprimoramento pessoal; fazer a sua própria supervisão continuamente com algum outro técnico. Tudo isso eu vou considerar estilo de vida. E acho que o mais difícil é a gestão dos instintos; para mim é fundamental que um ontoterapeuta saiba gerir os seus instintos. Instintos são ordens de vida. É difícil

gerir, porque os instintos, mesmo sendo ordens de vida ou por serem ordens de vida, tem demandas específicas e daquela específica maneira... Saber colocar a ordem dos instintos, para que nenhum deles esteja em frustração, porque a frustração vai gerar necessidade de compensação. Isso para mim é o nó górdio do processo. Não se permitir enrijecer nos instintos em nenhum instinto, se manter como um rio que corre, que escorre. Se o ontoterapeuta não sabe gerir os próprios, ele nem vai ver ou ele vai interpretar como positivo um aspecto negativo, negativo um aspecto positivo. Vai colocar o olhar da sociedade dentro da psicoterapia. Vai ser um transmissor de um valor de sociedade: “isso pode, isso não pode”. Enquanto o instinto é sempre a ordem de vida, então se para aquele sujeito é daquele modo, pode! [P2]

Sem dúvida, porque é impossível formar um ontoterapeuta dentro de uma salinha minúscula, só lá dentro estudando num quadrado. Toda nossa formação foi feita de modo que enquanto nós construíamos um determinado lugar - a exemplo do Recanto Maestro ou de Lizori - nós estávamos nos construindo. E de fato é assim: na medida em que nós, por exemplo, construíamos o Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, nós estávamos nos construindo, o professor Meneghetti estava nos formando. [...] o tipo de arquitetura, a decoração, o tipo de música que você ouve, o tipo de pessoas com que você se relaciona, tudo isso faz total diferença. Porque você é aquilo que come, é aquilo que olha, aquilo que ama, aquilo que você é, se torna. Então o ambiente e o estilo de vida são fundamentais para você se tornar aquilo que você pretende se tornar. [P1]

Um psicoterapeuta deve ser um homem que vive, alguém que sabe fazer: que sabe cozinhar, que viaja, que tem um hobby, que sabe tocar um instrumento... Ou seja, deve ser um ser humano vivo, pleno de coisas que experimenta. Um ser humano que desfruta a própria vida, que a vive plenamente, que sempre procura alguma coisa nova para compreender, para saber, que se informa, que é capaz de falar com os outros, que sabe escutar. Um ser humano que está imerso totalmente na vida e que possui um estilo de vida funcional, mas não como moralismo, mas por coerência, com respeito de si mesmo e da sua inteligência. [P8]

O profissional ontopsicólogo deve ter um estilo de vida ordenado em todos os âmbitos: econômico, legal, físico... A devida atenção ao próprio corpo, não como um estereótipo, mas como instrumento de vida, com cuidado no comer e no dormir. Atenção aos lugares e as pessoas que frequenta, se são geradores de vida ou de mediocridade; portanto, ordem e estética. Deve ter atenção às díades: observar sempre as relações, de forma que se estabelece sempre relações de crescimento, díades provisórias profissionais. Ter uma formação do tipo, “life long learning”: a formação prática e teórica é processo contínuo por toda uma vida. Novas experiência, novos desafios, novos campos e níveis de estudo. A vida não prevê a estagnação. É importante que esse profissional tenha seus momentos de regeneração. Um local amado, vivo, construído com todo o cuidado como aquele que deve ter nos confrontos com a natureza humana. Momentos de relax naturalístico, de prazer estético como reforço a própria identidade e ao próprio mundo interior. Momentos para perceber que vivemos no mundo e na sociedade, e há tantos compromissos a serem atendidos, mas recordando sempre que existem os profundos valores da vida e do Ser. Prudência no prazer e consciência da força nos investimentos: evolução constante nos modos de prazer e de investimento, buscando sempre a evolução da própria personalidade e do próprio profissionalismo. Ser um valor para si e para os outros, evitando todas aquelas coisas que mediorizam e que fazem superficialidade. [P3]

A riqueza das falas motivou este pesquisador a contemplá-las respeitando ao máximo sua lógica discursiva, ainda que eventualmente extensas. Os relatos destacam aspectos vividos

também pelo pesquisador, que conferem uma visão formativa e posicionam o estilo de vida como um elemento essencial na formação do ontoterapeuta.

Meneghetti (2010; 2013a; 2016b), referindo-se à formação do técnico, ao dedicar especial atenção à personalidade e ao estilo de vida, destaca três fatores que constituem um ontoterapeuta: 1) uma sensibilidade e uma atitude natural à curiosidade em direção aos outros; 2) um alto nível de preparação técnica, estudo e cultura ampla e em evolução, com preparação e atualização contínua da técnica; 3) caráter amadurecido pela vida e sempre aberto a metabolizar o novo (experiência contínua), além da elevada ética profissional; viver em constante metanoia.

Sem dúvida, todos esses três fatores estão intimamente ligados. Entretanto, a este ponto do estudo, interessa em particularmente este terceiro fator. Meneghetti (2013a; 2016b), ao referir-se a este terceiro aspecto, usa a expressão “santidade”. O psicoterapeuta pode ler um outro na medida em que é em ordem consigo mesmo. Ou seja, a capacidade de ser evidência da dinâmica do outro está intimamente ligada à transparência de consciência do técnico. Na medida em que esse último está imerso no próprio estado confusional, resta em êxodo da capacidade da percepção organísmica. Não consegue mais intuir as passagens fundamentais no processo de autenticação do cliente.

Essa “santidade”, entendida não em sentido místico religioso, mas a partir de sua etimologia, significa estar junto ao ser. Ter um modo de vida que é em correspondência com a intencionalidade de natureza. Nessa perspectiva, a santidade é resultado de uma contínua ordem moral, evidenciável na funcionalidade de desenvolvimento do sujeito nos seus pequenos grandes desafios da continuidade, no seu miricismo cotidiano. A ordem ou desordem evidencia-se nos simples fatos da vida. A ordem moral é profunda subjetividade, mas também construção existencial.

Entretanto, como desenvolver este aspecto de ordem moral, considerado por Meneghetti como o mais difícil de ser atingido, mas aquilo que faz ser ou não ser um ontoterapeuta? Quais critérios utilizar? O autor, como discutido neste estudo, indica que se deve ter como referência o desenvolvimento de três ordens: estética, moral e econômica. Por ordem estética, entende-se o valor ontológico do belo enquanto proporção do ser¹¹⁴. A beleza aqui não é entendida como fato físico, mas como algo que se aprende, se adquire, a partir da própria grandeza interior. Meneghetti (2016b, p. 223) sublinha que “A beleza é uma proporção do comportamento e da

¹¹⁴ O humanismo ontológico indica quatro princípios essenciais do ser: uno, bom, verdadeiro, belo.

inteligência”. O ontoterapeuta, na sua formação, deve aprender a ser capaz de organizar e emanar beleza no próprio espaço.

Por exemplo, para o psicoterapeuta é importante quando se fala dessa dimensão da santidade a questão da estética, da beleza. É uma beleza interior que significa a ordem de harmonia com teu Em Si e essa tem que se manifestar primeiro no ambiente do psicoterapeuta, na sua intimidade e onde ele exerce a psicoterapia. Então, precisa ser um ambiente que favoreça o que é o designer do seu Em Si ôntico sempre proporcionado as condições que ele tem no momento. Como diria o professor Meneghetti, pode ser até um catre, uma mesinha rústica e uma vela, mas que tenha uma ordem. Uma ordem proporcional naquele contexto e o ambiente implica os outros também. Não só o cliente, os assistentes, a secretária onde ele interage, onde ele vai, onde ele almoça, onde ele faz a dialética. Ele tem que entender a ordem ou a desordem para não assimilar aquela desordem dentro de si. Depois a transparência para fazer a leitura do outro não é mais possível. [P2]

A ordem moral implica a gestão do próprio comportamento privado, afetivo e sexual. O universo de relações do ontoterapeuta não pode ser caótico. Nisto entra toda a atenção que se deve ter nas relações diádicas, a fim de não estabelecer vínculos afetivos redutivos e infantilizantes. Talvez se pudesse dizer ou pensar que, de uma parte, tem-se a vida profissional; de outra, a própria privacidade. Sim, este é um fato externo e verificável. Entretanto, compreendendo a personalidade como principal instrumento para o psicoterapeuta e crescendo-se a miríade de informações inconscientes transacionadas por meio dos campos semânticos, pode-se facilmente constatar que essa seria uma compreensão e uma atitude bastante superficial e não adapta à responsabilidade inerente ao fazer ontoterapêutico. O ser, na sua inseidade, informa tudo aquilo que é. Informa ordem, se ordem é; e desordem, se assim o é. E a manutenção de todo este aspecto de ordem moral – como ademais as outras ordens – gira em torno e é conservado por meio do próprio estilo de vida.

A autonomia ordenada em campo da própria economia – ordem econômica. O ontoterapeuta deve estar sempre à altura de poder pagar os normais prazeres da sua vida: a sua casa, seu carro, a simplicidade das suas roupas (MENEGETTI, 2016b). Compreensível que no início do próprio processo formativo, um jovem psicoterapeuta, por vezes, tenha de administrar tantos limites e dificuldades. São todos esses desafios que formam sua grandeza no futuro. Fundamental é que tenha consigo essa orientação de gradualmente prover os próprios meios sem viver em empréstimo (afetivo e econômico). Do contrário, também o possível limite econômico, pode transformar-se em álibi ao próprio processo de autenticação. Projetar no estado, ou no sistema a resposta às próprias necessidades, por vezes, é fazer a manutenção de aspectos da primeira díade com o adulto-mãe. Como indica Vidor (2013), o sujeito passa do útero materno ao útero societário, sem jamais romper com a própria dinâmica de dependência

infantil. Autonomia significa a capacidade de estabelecer as próprias regras de conduta na vida em conformidade com a própria identidade¹¹⁵.

Um profissional, que quer ser um técnico da perseguição funcional, precisa individuar e acolher em si essas questões e, no próprio processo de psicoterapia individual, realizar a mudança (metanoia). O autoescurtínio, segundo a experiência de vida e de formação deste pesquisador, revela que os limites de desenvolvimento desta “santidade” não estão nos grandes desafios da vida, mas nas pequenas coisas do cotidiano. A rigidez de personalidade, as ideologias da infância, as verdades sem correspondência de funcionalidade na vida radicam-se nos pequenos hábitos e teimosias que depois impedem o advento do gênio da inteligência do sujeito.

Essa longa digressão acerca dos fatores que constituem o ontoterapeuta, segundo a escola ontopsicológica e o destaque para as três ordens constitutivas de uma *forma mentis* fundamental ao ontoterapeuta, justificam-se, pois, estes aspectos estão presentes como pano de fundo dos relatos dos participantes deste estudo.

Tais relatos indicam a importância do estilo de vida para o ontoterapeuta e assinalam aspectos deste estilo. A simplicidade e a capacidade de desfrutar a própria vida figuram como elementos significativos. É uma pessoa que possui um viver simples, no simples da vida. O termo vida do latim *vis*, significa força, ou o lugar da força. Essa força tem sua ordem que está escrita quer seja nas plantas, quer no DNA, quer na atividade psíquica. O cuidado com o próprio corpo, com a alimentação, com a estética, com os relacionamentos deve ocorrer em correspondência com essa ordem, cuja expressão primeira no ser humano é o Em Si ôntico. Nossos instintos, como destacado em um dos relatos, são expressão dessa ordem de vida. Um instinto vital frustrado, reprimido pode desencadear a angústia e a projeção desta em infindáveis modos não acretivos ao sujeito. Mesmo a estrutura complexual, segundo a escola ontopsicológica, assume as suas modalidades pulsionais também devido à repressão de um instinto biológico. Uma vez que são ordens de vida, os instintos como palavras do Em Si ôntico são vias para a realização e desenvolvimento do sujeito. Assim, a arte de realizá-los ou mesmo sublimá-los faz parte do estilo de vida e carece ser aprendido.

A Psicologia Ambiental oferece entendimentos que auxiliam a compreensão da relevância do estilo de vida para a formação do ontoterapeuta, na medida em que se dedica a estudar as “inter-relações pessoa-ambiente físico, tanto o construído pelo ser humano (casas, estradas, pontes, cidades, etc.) quanto o natural” (BASSANI, 2012, p. 125). Tais inter-relações

¹¹⁵ Autonomia, termo do grego antigo é a junção de “*αὐτο*” (autós), sim mesmo e “*νόμος*” (nomos), regras, leis.

são evidenciadas em falas como “*Porque você é aquilo que come, é aquilo que olha, aquilo que ama. Então o ambiente e o estilo de vida são fundamentais para você se tornar aquilo que você pretende se tornar*”. Outros relatos também evidenciam o fato de se estar sempre metabolizando tudo o que rodeia e da importância de saber observar e escolher os contextos em que se subjetiva, uma vez que se parte da consideração de “a pessoa atua e modifica o ambiente e que o ambiente atua e modifica a pessoa, no sentido de relações mútuas” (BASSANI, 2012, p. 125).

Outro elemento presente nos relatos e associado ao estilo de vida é o estudo continuado e uma visão de formação do tipo “*life long learnig*”, ou formação continuada. Esse aspecto se coaduna ao segundo fator indicado como fundamental na formação do ontoterapeuta por Meneghetti (2010; 2013a; 2016b): estudo e cultura ampla e em evolução, com preparação e atualização contínua da técnica. Assim, contínua formação e aprimoramento da própria técnica é fator determinante nesta atividade. Em relação a tal aspecto, já amplamente discutido neste estudo, podemos nos valer, como elemento exemplificativo, de um relato de participantes, apresentado anteriormente, no qual este sublinhava que, na medida em que a pessoa amadurece, o entendimento de um mesmo texto adquire novos contornos.

Na perspectiva em discussão, a formação adquire um olhar e um fazer ampliados. Rompe com uma concepção, por vezes estereotipada, de estudo em um tradicional formato escolar. Nessa visão, a participação em “grupos de estudo” vivida pelos ontoterapeutas, por exemplo, implicava também um formar-se em múltiplos aspectos que vão desde aprender a limpar e decorar um ambiente, cortar grama e podar árvores, cozinhar, servir como garçom, organizar um evento, vestir-se adequadamente para tratar com autoridades, ser mestre de cerimônias em eventos, traduzir e elaborar uma publicação, lidar com a burocracia, dentre tantos aspectos – ocasiões formativas as quais também este pesquisador pôde vivenciar e hoje evidenciar o quanto foram fundamentais para forjar um modo de impactar com simplicidade o outro, a fim de ser função de cuidado e serviço. Na busca de caracterizar o percurso formativo em ontoterapia e evidenciar caminhos de formação para novas gerações, este aspecto é muito relevante, pois enuncia um modo de fazer a ser conservado.

Um respaldo teórico que sustenta essa concepção é o conceito de consanguinidade naturística já abordado neste estudo e apresentado por Meneghetti em obras como o “Residence Ontopsicológico”, “Cozinha Viva” e “Ontopsicologia e Attività Psichica”. O conceito está relacionado à importância e à capacidade de interação do homem com a lógica da natureza. Confere grande relevância ao convívio e à interação com a natureza e com as simplicidades dos elementos cotidianos como ocasiões de regeneração e contato consigo. Não como *hobby* ou

distração, mas como garantia de reentrada no íntimo da vida. Essa lógica reflete o entendimento de uma interrelação segundo a qual enquanto você faz as coisas, as coisas fazem você.

A questão da inter-relação com os ambientes construídos e naturais emerge com força nos relatos.

Seguramente, o ambiente influencia e o estilo de vida também. Isto é, o estilo de vida é importante porque, atuando como psicoterapeuta com um estilo de vida satisfatório, adequado, gratificante, não perde de vista a beleza da vida, porque quando o cliente vem, vem com um problema e nós devemos ajudar a resolver o problema, concorda? Mas se eu não sou o primeiro a viver no aspecto positivo da vida, perco a capacidade de ler a letra que o Em Si escreveu dentro do outro que eu tenho de frente. Porque está aqui, o que quer, como ele veio? Porém aquilo que é importante é a manutenção desse contato com a inseidade. [P9]

Um profissional que quer adquirir essa competência, deve ter também uma grande sensibilidade ambiental, deve ter a capacidade de perceber a natureza e a sua interação com ela, deve ser capaz de nutrir-se de natureza. Deve ter um estilo de vida que compreende o gênio do lugar onde vive, capacidade de nutrir-se de maneira adequada, portanto a comida, saber escolhê-la, saber cozinhar, saber sentir a natureza na interação com o humano, portanto, conhecer como posicionar-se diante da natureza, como a usa-la melhor, a relação com os animais, isto é, não deve fazer distinção entre si e a natureza. [...] a natureza, são modos diversos da mesma vida. Eu não posso nem pensar que somos feitos da mesma substância química, que os seres humanos são modulados segundo um certo tipo de formas, nossa forma, mas somos projetados para compartilhar o mesmo espaço e, portanto, é absolutamente indispensável uma sensibilidade ambiental. Pode-se conhecer a pessoal pela maneira como organiza seu ambiente. [P8]

O professor Meneghetti privilegia e traz o conceito de genius loci, quando se fala de um instrumento de intervenção, como o residence. No residence é necessário esse ambiente de natureza sadia, harmônica para que se possa retomar a ordem dos nossos instintos e a relação com nosso Em Si ôntico e no ambiente onde nós convivemos porque o residence é um instrumento psicossocial. Genius loci é um núcleo de natureza que tem como o corpo uma um ambiente de natureza que fortalece o Em Si ôntico do ser humano. Esse conceito de Genius loci o professor Meneghetti usa como os antigos romanos usavam, mas não é exclusivo dos antigos romanos, os imperadores chineses, todos os grandes sábios da antiguidade intendiam esse conceito de Genius loci, inclusive Pitágoras. A natureza pode ser extremamente favorável e auxilia praticamente 70% de um processo de metanoia dentro de um residence. [P4]

Os relatos oferecem muitos estímulos à reflexão e à projeção de caminhos futuros. Particularmente, pode-se destacar a emergência do conceito de *genius loci*. Esse conceito pode ser entendido como o gênio ou espírito do lugar. Concepção presente desde a Antiguidade, foi particularmente explorada pelos antigos romanos. O *genius loci* é uma forma de “ponta ecológica”, como sugere Meneghetti (2016b). “Ponta” no sentido de que a abundância da positividade da natureza local elabora um contexto onde a atmosfera, os elementos químicos e botânicos, a luminosidade, as águas, as árvores fazem convergência, produzindo um ambiente

particularmente funcional ao organismo humano. Por todo o planeta, existem lugares considerados *genius loci*. Machu Picchu, no Peru, e Stonehenge, na Inglaterra, são exemplos. Os antigos gregos e romanos, quando tinham de escolher um local para fazer a casa, escolhiam arquitetos com a capacidade de identificar no local onde a inteligência humana poderia ser favorecida: a partir disso, definia-se a disposição da casa, os cômodos, o local da cama, dentre outros aspectos. O arquiteto e escritor romano, Vitruvio, que viveu no primeiro século antes de Cristo, dedicou-se a formalizar essa concepção e representa a principal referência de estudos¹¹⁶. A concepção de *genius loci* é fundamental na realização de um residence ecológico.

Meneghetti (2016b), abordando essa inter-relação pessoa-ambiente, sublinha a importância de que se aprenda a construir e cultivar o próprio *genius loci* individual. Um lugar que seja simbiótico e acretivo para a própria identidade. Um lugar que se faça de casa à própria interioridade. Deve personalizá-lo, cuidá-lo, amá-lo. Pode ser a própria casa, o local de trabalho, um espaço pelo qual se tem particular interesse. Muitas vezes, pela rigidez e acomodação, o profissional vive o próprio ambiente como um eterno provisório, do tipo “um dia arrumo, um dia ficará bom....”.

Como sublinhado nos relatos, o ambiente faz a pessoa e a pessoa faz o ambiente. Na organização da própria cotidianidade, está inserido o amplo espectro de vida da pessoa. Bassani (2012, p. 1) destaca que “Estudar estilo de vida é investigar como a pessoa organiza seu cotidiano – suas ações, valores e perspectivas de futuro – considerando o contexto em suas dimensões espaciais, temporais e culturais”.

A multidimensionalidade do estilo de vida, compreender, quer o espaço físico propriamente dito; a relação da noção de tempo com a duração de sua trajetória, na qual estão envolvidos o próprio muito do ciclo de vida, os projetos e experiências da pessoa e o seu *background* cultural, com todos os valores inerentes a ele (MOSER, 2002). Essa complexidade evidencia os desafios e a necessidade de que se preocupe com o estilo de vida no processo formativo.

A experiência profissional em psicoterapia ensina que um atendimento, por exemplo, muitas vezes, não se encerra no findar da hora de clínica. Se a clínica não se restringe a um *locus*, mas refere-se a uma atitude, a um “olhar”, pode-se dizer que se refere também ao sentir e ao *refletir* e esses são da ordem da inconstância, pouco regidos pela temporalidade cronológica. Saber criar um ambiente para a ausculta clínica, que é física e mental, também é

¹¹⁶ Na contemporaneidade Norberg-Schulz, retomou a concepção, propondo uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade. Sua abordagem parte da obra de Vitruvio.

arte psicoterapêutica para este pesquisador. Tal ambiente pouco se coaduna ao excesso de rumores – físicos e mentais. Tal aspecto é de grande relevância para a formação do terapeuta, pois, no fazer psicoterapêutico, teoria e técnica repousam em uma atitude, ou *forma mentis*.

Uma vez que os participantes sublinharam o ambiente e o estilo de vida como fundamentais para se tornar aquilo que se pretende, foi perguntado como poderia definir o seu estilo de vida como ontoterapeuta.

Solitário, totalmente solitário. Porque isso - eu diria que é uma coisa que se aprende também com a idade, pois pela lógica pode não ter muito sentido. Com a idade você aprende que sozinho você está em paz, está com você. A solidão não no sentido negativo, a solidão no sentido de você estar com você, de você saber como você é. É muito mais um aspecto subjetivo do que das relações externas, sociais. E aí entra a questão do estilo de vida. [P1]

Existe um longo processo de formação que demora anos e aí é uma decisão contínua de ser psicoterapeuta e nisto o estilo de vida é fundamental. O psicoterapeuta não pode ser como todos... Não são todos que depois de fato escolhem esse estilo de vida que é basicamente saber ser só. Mas não é ermitão. É uma capacidade interna, transcendência solitária ao utilitarismo funcional como sexto ponto lá da Psicologia do Líder. Sem a transcendência solitária ao utilitarismo funcional não existe a capacidade intuitiva e para um psicoterapeuta a intuição é fundamental. A capacidade de intuir o Em Si do outro; aonde estão as passagens que depois vão se configurar também nos sonhos, na informação de campo semântico, na linguagem cinésica, proxêmica, etc. [P4]

O psicoterapeuta, muitas vezes, precisa da solidão, tem que viver na solidão. Deve ter atenção aos afetos, as influências atrativas, eróticas ou agressivas que ele pode assimilar nos contextos onde vive, porque muitas vezes podem perturbar a lucidez da mente para poder esclarecer no momento em que precisa falar com as pessoas, esclarecê-las dos problemas que elas apresentam, ou das ambições que tem. [P6]

Pessoalmente tenho um estilo de vida completamente autônomo. Eu sou sozinho, vivo e trabalho em um apartamento, dividindo os espaços. Frequentemente vou a outros lugares onde tenho também espaço de atendimento. Meu estilo de vida é muito simples. Me agrada uma estética, diria, franciscana. Tenho meus quadros, meu espaço, tudo simples. Não tenho luxos, nada de mais. [P7]

Os participantes compartilham um aspecto importante e bastante particular sobre o próprio estilo de vida. A capacidade de ser só, sem dúvida, é um desafio. Solidão entendida aqui, ao menos assim pode-se apreender, como ocasião de encontro consigo em uma contemporaneidade na qual somos cada vez mais multidão. Este aspecto da solidão refere-se muito mais a uma atitude mental do que à esfera de relações sociais. Ou seja, ao indicar a solidão como importante elemento do estilo de vida, os ontoterapeutas entrevistados estavam tratando de um isolacionismo, até porque são profissionais em plena atividade, mas sim uma atitude de resguardo e escuta de si.

Um dos participantes introduz um elemento muito relevante quando refletimos sobre a formação do ontoterapeuta: a capacidade intuitiva humana. A escola ontopsicológica dedica bastante atenção à temática da intuição. O termo de origem latina é entendido como “Saber o íntimo da ação. Ver o fazer” (MENEGETTI, 2012a, p.148)¹¹⁷. No método bilógico, proposto pela Ontopsicologia, o técnico usa a intuição e o raciocínio indutivo-dedutivo, ou seja, une o conhecimento do campo semântico à lógica da razão (MENEGETTI, 2010). Para tanto, é fundamental que o ontoterapeuta recupere a capacidade de leitura dessa informação que é inerente à inteligência humana.

A intuição é informação do Em Si ôntico sem a interferência das estruturas dos estereótipos culturais e do complexo. É um *flash* de informação que dá a passagem funcional do momento. Infelizmente, o excesso de teorização linguística gradualmente limitou o processo perceptivo humano ao universo dos cinco sentidos ou, para melhor precisão, limitou a global capacidade perceptiva humano, quase tão somente ao aparato da visão. Os sonhos, por exemplo, são um modo de informação intuitiva. “*Sem a transcendência solitária ao utilitarismo funcional não existe a capacidade intuitiva e para um psicoterapeuta a intuição é fundamental*”, indica a entrevistada. Meneghetti (2008) assinala sete pontos a serem observado por aquele que desejar construir-se como líder protagonista no campo de atuação profissional escolhido: 1) Potencial natural que varia por especificação e por intensidade; 2) Evolução técnica racional em iso¹¹⁸ com o potencial natural; 3) A ambição; 4) Amor pelo próprio trabalho; 5) Conhecimento superior e específico sobre o seu setor; 6) Transcendência solitária ao utilitarismo funcional e 7) Racionalidade sobre a intuição. A transcendência solitária ao utilitarismo funcional, destacada pela participante, “significa estar em uma situação, sem morrer dentro dela” (MENEGETTI, 2008, p. 64). Ser capaz de ter uma mente livre e não condicionada por alguma situação externa, seja profissional, que afetivo-pessoal. Infelizmente, o excesso de teorização linguística acabou por substituir a intuição do organismo. A recuperação da capacidade de leitura dessa informação intuitiva é tirocínio. A intuição é comunicação direta do núcleo fundante da inteligência; é conhecimento imediato. É mais radical e diretivo do que em Psicanálise é denominado *insight*, uma vez que este último recurso envolve o elaborado lógico-racional (LEVY, 2015).

Na caracterização do processo formativo em Ontoterapia, sem dúvida, os aspectos relacionados ao estilo de vida são de grande relevância; e o aspecto da transcendência solitária, como propedêutica a racionalidade sobre a informação intuitiva, é ilustrativo.

¹¹⁷ Intuição, do latim “*intus actionis*”, significa: o dentro ou íntimo da ação.

¹¹⁸ “*Iso*”, palavra grega que significa “igual”.

O estilo de vida é muito importante para o exercício da profissão de ontoterapeuta e para a sua formação. Antes de tudo, esse profissional deve ter uma atitude de revisão constante dos próprios modos de ser e de pensar. Meneghetti falava da necessidade de manter “la mente in corsa”, ou seja, não permitir a mente de obssessionar a respeito de um aspecto, uma ideia, um fato ou de um modo de ser. O processo de autenticação é um processo contínuo. Acreditar que está concluído é um grande equívoco. A vida flui sempre e a psique deve fluir junto. [P3]

A participante faz uma interessante relação entre o estilo de vida e os modos mentais. Em Ontopsicologia, entende-se que a dinâmica psíquica é prioritária ao devir humano, ainda que sua causalidade permaneça invisível à consciência. Os fatos da vida fenomênica são vividos intensamente – e muitas vezes antecipadamente – na realidade mental, medos, dúvida acerca da melhor estrada a se tomar, dificuldade em construir a própria econômica, amor, ódio – fazem forte realidade externa, mas possuem consistentes raízes no mundo mental. Aquilo que, por vezes, se observa, e este pesquisador pode dar esse depoimento em primeira pessoa, é o fato de o sujeito permanecer fixado em uma ideia, ou crença por horas, as vezes dias, meses. Essa fixação tolhe a capacidade de consciência da imediatez da informação, reduzindo a capacidade de compreensão de si e, mais ainda, da realidade de outrem. Manter “*la mente in corsa*”, a mente em movimento, refere-se a não se deixar objetificar pelos próprios pensamentos. Educar-se a não parar nunca em demasiado sobre uma coisa, objeto, recordação. Retorna a relevância dada por esta escola às imagens. Um ontoterapeuta, em especial se está em processo formativo, preciso se sensibilizar para o fato de que as imagens constroem realidade. Não se está aqui tratando esse aspecto como alguns conhecimentos ou abordagens superficiais acerca do “poder da imagem”. Não! Efetivamente, a imagem “age em mim” como a própria palavra indica. Estrutura a realidade.

O ambiente terapêutico foi outro aspecto relevante nas falas. Ainda que essas não se distanciem do quanto já discutido neste estudo, evidenciam uma específica visão ampliada sobre a psicoterapia e seu *locus* e indica caminhos importantes para a formação. Especialmente o primeiro relato sensibilizou muito este pesquisador pela profundidade com que o tema é abordado. A participante faz um percurso lógico que parte de uma concepção ontológica, discute a inter-relação pessoa ambiente, contempla a questão da ordem e estética já discutida neste estudo, chegando a posicionar aspectos da formação do psicoterapeuta.

Para que a gente possa entender a importância do ambiente precisa entender a relação ser e existência cuja mediação é feita pelo Em Si ôntico. Tudo aquilo que você metaboliza... Nós somos seres metabólicos, nós vivemos uma relação diádica. Ou seja, já que somos desse planeta, nós somos constituídos pela terra e somos também Terra. Então nós precisamos o quê? Metabolizar o oxigênio, metabolizar a água, pois somos 70% água. Assim como o alimento; quando metabolizamos nós informamos aquele alimento e aquele alimento se torna igual a nós mesmos. Ele

constitui a nossas células, conforme a nossa identidade biológica. Psicologicamente ocorre o mesmo. Aquilo que nós olhamos, aquilo que os nossos cinco sentidos percebem e aquilo que nossos cinco sentidos também não percebem, que passa pela informação do campo semântico, nos constitui psicobiologicamente. Não existe uma cisão. A nossa consciência percebe uma cisão: eu e o outro; eu e as coisas, etc. Mas tudo me constitui e eu constituo as coisas. Assim, se no ambiente não existe uma ordem, uma estética, os odores, as flores, os quadros, os móveis (falando de ambientes construídos). Tudo o que está entorno nos constitui, nos é constitutivo. Não é simbólico! Se eu coloco um quadro ali, quando eu olho o quadro, eu metabolizo. Ele me constitui. Se eu coloco um quadro feito por um esquizofrênico, eu metabolizo a informação. Nós metabolizamos informações! Tudo é informação. Portanto o ambiente é fundamental! Fundamental, é aquilo que dá fundamento para mente. Para um psicoterapeuta o ambiente é fundamental. Tanto que o professor Meneghetti definiu alguns elementos para o ambiente psicoterapêutico. Se a pessoa vem para encontrar a si mesma, não é coerente que ela encontre um ambiente que faz dispersão. Precisa ser um ambiente que ajude ela a fazer a introspecção. Que as coisas que estão no ambiente fiquem a serviço dela, assim como o psicoterapeuta. Porque o psicoterapeuta é só um satélite, ele precisa aprender - inclusive essa é uma das premissas de ser psicoterapeutas – ele tem que saber anular o próprio eu, porque ele está simplesmente a serviço do Em Si ôntico do outro. Então, o ambiente é fundamental! [P4]

Meneghetti fez atenção ao setting terapêutico, dando indicações precisas. Deve ser um local sobretudo ordenado, limpo, de bom gosto e sem exageros. Desejável que possua algum objeto de OntoArte ou de arte sadia. Poltronas confortáveis e a uma distância que possibilite perceber a presença um do outro, mas não próximas a ponto de sentir-se invadido com a presença do outro. [P3]

Aprendemos isto na nossa formação: como organizar uma sala de entrevista de psicoterapia. Tem que ter as duas poltronas em uma distância determinada, que quando um estende o braço para frente os dedos podem se tocar; importante ter livros, ter uma planta, o cliente tem que ficar de frente para porta, os quadros devem ser harmoniosos. Enfim, tem que dar uma certa harmonia simples. Onde o cliente se sinta acolhido e ele possa se sentir na confiança de se expor. O ambiente também tem que ajudar. [P4]

A relevância é a simplicidade, as poltronas... A poltrona do cliente é qual segundo você? É aquela ali, porque o cliente porque ele deve ver a saída. Por que ele deve ver a saída? Porque o cliente não pode nunca ter a sensação de coação, jamais. Isto é importante, entende? Ele vem, porém frequentemente vem para fazer dialética, frequentemente vem por curiosidade cultural. Depois, até porque não se discute, entende? Ou seja, simplicidade. Iluminação bem-feita. Plantas sempre, geralmente com flores, quando dá. Aquele quadro do Professor Meneghetti que eu gosto, coloquei na minha frente. Isto é, o psicoterapeuta deve sempre ter um ponto externo de referência. Isso é importante. Quando puder, pelo menos uma vez a cada dois anos, mudar um pouco as coisas, porque se não a mente do psicoterapeuta se molda, é este o perigo. Compreendeu? É constante a gratificação diária nas pequenas coisas. [P9]

Meneghetti (2006a; 2010) dedica especial atenção à configuração do ambiente terapêutico. Este deve ser um ambiente que reflita o respeito pelo humano. Os relatos dos participantes evidenciam que o ambiente terapêutico é também uma extensão do próprio psicoterapeuta e consentem verificar o específico enquadre dado pela Ontopsicologia ao setting

terapêutico. A presença de plantas, quadros e obras de arte quando possível; o uso de poltronas colocadas frente a frente; a especificidade do local do cliente.

Também é feita referência sobre a escolha por constituir um ambiente que corresponda ao gosto do psicoterapeuta. Nas entrevistas, é feita referência à Ontoarte¹¹⁹; de todo modo, o fundamental é cultivar no ontoterapeuta a sensibilidade em identificar aquela arte que faz expansão de si e que sua identidade acolhe como uma informação saudável. Fundamentalmente, na medida em que, em Ontopsicologia, o universo das imagens é tomado com grande atenção, a escolha pelo ambiente e pela forma de organizá-lo e decorá-lo deve ser feita com o máximo zelo.

As contribuições dos participantes, como se pode ver na figura a seguir, contemplaram uma significativa diversidade de elementos relacionados ao estilo de vida e formação. Estes evidenciam que os caminhos para formação de novas gerações de ontoterapeutas deve dedicar atenção especial não apenas para questões da técnica e da teoria, mas também ao estilo de vida. Ou seja, na medida em que a subjetividade é o instrumento primeiro de conhecimento para o ontoterapeuta, o estilo de vida é justamente um modo de cuidado e desenvolvimento desta subjetividade.

¹¹⁹ O movimento Ontoarte nasce na década de 1970, após os primeiros anos de desenvolvimento da Ontopsicologia na Itália. Caracteriza-se como um “movimento de pensamento que identifica todas as manifestações artísticas que se motivam sempre da intencionalidade ontológica humanista” (MENEGETTI, 2010, p. 467). Atualmente, esse movimento artístico está presente em várias partes do mundo e reúne artistas, músicos, escultores, arquitetos, designers e fotógrafos. No Brasil, a OntoArte é representada pela Associação OntoArte (fundada em 2004) e na Itália, pela Associazione Scuola Internazionale di OntoArte (fundada em 1981).

Figura 10 – Estilo de Vida e Formação



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

6.4 Caracterização de uma identidade formativa em Ontoterapia

Na medida em que o presente estudo foi criando sua identidade, passou a provocar este pesquisador a avançar no sentido de tentar criar um modo de formalizar todo o processo de reflexão e construção aqui realizado. Como seria possível ensaiar uma identidade que caracterizasse o percurso formativo em Ontoterapia e que trouxesse em si também aberturas de sentido para novos caminhos a serem percorridos, num contexto muito desafiador, que é o de uma nova perspectiva de conhecimento do humano e para o humano, na qual o operador autêntico é fundamental e seu processo de autenticação se dá pela Ontoterapia.

Nesta via, este pesquisador ficou particularmente sensibilizado com um dos relatos, pois ele toca algumas das problemáticas de fundo deste estudo e auxiliam a avançar. O relato posiciona o quanto realizado por Meneghetti na formação de ontoterapeutas e indica desafios

que se tem adiante. Perguntado sobre o maior desafio na formação de um ontoterapeuta, respondeu:

Temos um desafio enorme. Eu não sei nem como responder... Até agora nós estávamos muito seguros, pois a gente tinha um orientador. Porque possivelmente começa uma outra tarefa, que nem foi treinada. Começa uma tarefa que ninguém sabe muito fazer... A gente treinou tantas coisas, mas isso. Até agora nós estávamos andando para nos formarmos e nos estabilizarmos na formação. É uma ciência muito nova! Agora nós temos que entrar nessa outra atitude de formar outros. Enquanto nós tínhamos o formador, era uma realidade. Agora não tendo.... Para formar alguém vai ter que se expor muito, vai ter que estar muito bem embasado dentro de si. Porque você não está mais na responsabilidade com um único indivíduo, você está dando passagens a tantos outros técnicos. Eu estava até lendo ontem uma passagem que o professor Meneghetti estava falando sobre um filme que abordava a relação entre uma cliente de Jung e de Freud¹²⁰. Quando ela foi para Rússia, o quanto ela depois destruiu lá e o quanto ela então assassinou a possibilidade de novas passagens de serviço aquela comunidade, a uma nação. Uma mulher que virtualmente tinha um potencial para ser uma grande técnica... Então, essa resposta eu não sei como te dizer, porque agora conversando contigo eu vejo o quanto é difícil, porque nós temos que nos ajudar a encontrar formas de colocar as bases. É uma nova atitude. [P5]

O estudo da trajetória de Meneghetti evidencia o percurso de um cientista à frente de uma obra em construção. Tiveram os primeiros anos de intensa atividade clínica, de formalização das bases da metodologia ontopsicológica, a formação intensa dos primeiros operadores na Itália, no Brasil e posteriormente na Rússia. Depois vieram ações institucionais, o diálogo científico em diferentes nações, a criação de centros de formação pelo mundo, no Brasil o fundamental nascimento na Antonio Meneghetti Faculdade, hoje protagonista na divulgação e no desenvolvimento da Ontopsicologia – uma longa trajetória.

A formação de pessoas caminhou sempre *pari passu* à formalização da Ontopsicologia. Este pesquisador é testemunha e fruto deste percurso, principalmente nas últimas duas décadas de sua vida – e isto pode ser verificado nas discussões já realizadas neste estudo – o interesse de Meneghetti voltou-se a múltiplos aspectos do humano e da própria Ontopsicologia: da Economia à Física, a Pedagogia, a Filosofia, a Arte, dentre outros. Aqueles que tinham uma

¹²⁰ O participante faz referência a análise do filme “Um método perigoso” (*A Dangerous Method*), presente no livro Cinelogia Vol. II (MENEGETTI, 2017). O filme narra a aproximação científica entre Jung e Freud. Inspirado no trabalho de Freud, Jung decide tentar com uma jovem paciente chamada Sabina Spielrein o tratamento experimental de Freud conhecido como Psicanálise ou “terapia pela palavra”. Sabina, é uma jovem russa de 18 anos, diagnosticada com uma grave forma de esquizofrenia. Gradualmente Jung e Sabina acabam por envolverem-se em uma relação romântica. Sabina, não obstante a doença, revela uma mente brilhante e demonstra interesse pela Psicanálise. A contestada relação acaba por determinar o afastamento entre Freud e Jung e Sabina, depois de uma melhora em seu estado retorna para Rússia. Meneghetti instrumentaliza esse filme – como ademais é uma das características da cinelogia – para evidenciar aspectos da relação terapêutica, o *transfert*, da resistência, a psicopatologia, a necessária atenção às diádes, da psicologia feminina, da psicologia masculina, da seleção temática do complexo, indica distinções entre a abordagem psicanalítica e a ontopsicológica. Enfim, analisa a dinâmica psíquica de fundo do triângulo: Freud; Jung e Spielrein e seus resultados no percurso de cada um dos personagens.

sensibilidade e interesse pela formação em psicoterapia e pela Ontopsicologia faziam esse percurso por meio de entrevistas, supervisões, *residences*, encontros de estudos coordenados diretamente por Meneghetti, ou por outro ontoterapeuta desta primeira geração. Este pesquisador vivenciou essa experiência. Tendo conhecido a Ontopsicologia ainda quando estudante de Psicologia, por meio da participação em um grupo de estudos coordenado por uma ontoterapeuta, mesmo em um primeiro momento mantendo a própria psicoterapia individual e depois a supervisão com essa profissional, inicia-se um percurso de formação diretamente com o professor Meneghetti. Porém, mesmo esses ontoterapeutas da primeira geração não levaram adiante uma formação de ontoterapeutas que pudesse hoje consolidar um percurso. Particularmente no Brasil, com o início das atividades Antonio Meneghetti Faculdade em 2018, o pensamento ontopsicológico consolida-se ainda mais. Com uma proposta de ensino voltada à excelência, em 2014, recebeu autorização do Ministério da Educação para a criação do Bacharelado em Ontopsicologia, o primeiro no mundo.

É nesse contexto que se insere o presente estudo e que faz esse pesquisador destacar este depoimento. A reflexão do participante e o modo da fala denotam o compromisso, o respeito e a responsabilidade com a própria Ontopsicologia e a consciência do desafio em formar novos terapeutas. É significativa a analogia feita com o filme, uma vez que ele também contempla os desafios da formação no campo da clínica.

O exercício da atividade docente formativa é bastante desafiador e implica novas competências. Algumas possivelmente distintas daquelas que se lança mão na condição de psicoterapeuta. Entretanto, existem muitos pontos de convergência entre essas atividades e um dos depoimentos já apresentado neste estudo assinala para isso. Perguntado sobre quais competências são essenciais a um psicoterapeuta, a resposta foi:

Duas coisas, a sensibilidade natural, portanto, uma atitude natural. Tem uma natural predisposição à humanidade do outro como ampliação da própria. Tem um tipo de vocação a ser útil ao próprio semelhante, sem assistencialismo, um tipo de natural sociabilidade. [...] essa uma vontade de ajudar, que pode ser como professor, como formador, porém tem uma paixão pelos teus semelhantes de qualquer modo. [...] sentir a comum humanidade como uma responsabilidade também tua. E depois uma grandíssima preparação técnica infinita. Aquela que se aperfeiçoa continuamente.
[P8]

Existe muito de docente no psicoterapeuta. Vidor (2013) sublinha de modo reiterado que a psicoterapia não deixa de ser um modo de pedagogia. Este pesquisador traz tais reflexões para dizer que a problemática da formação do ontoterapeuta, que este trabalho se empenha em caracterizar, ainda que seja um desafio em aberto, pode ter respostas nas bases teóricas, técnicas

e vivenciais legadas. Entretanto, conforme sublinhado, requer uma nova atitude. Atitude no sentido de se dedicar a pensar a si, também como formador, de identificar em si a existência, ou não do interesse em formar novos profissionais. Meneghetti (2010) sublinha que, para formar um psicoterapeuta, são necessários 12, 15 anos. Ou seja, trata-se de algo artesanal; algo feito paulatinamente com aqueles – geralmente poucos – que desejam fazer esse percurso.

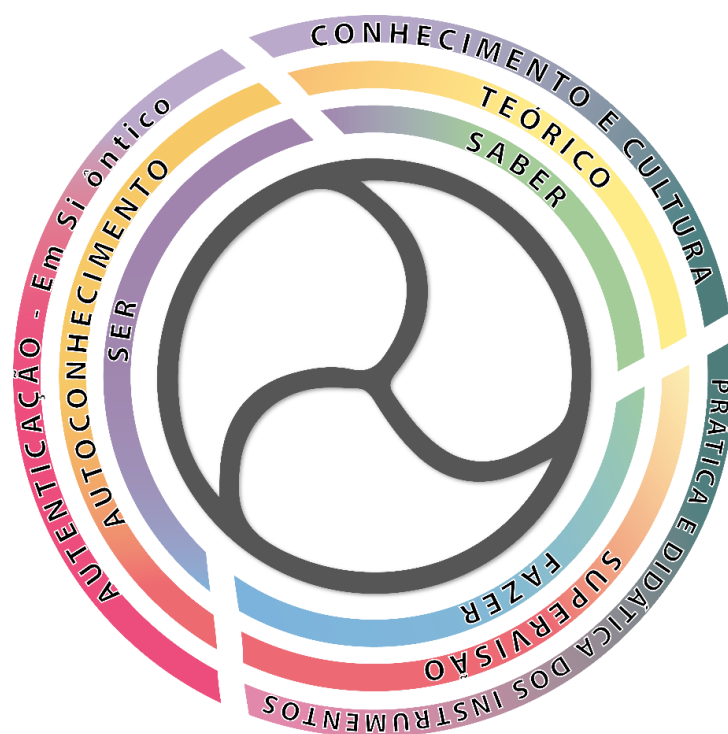
Contextualizada a reflexão, cabe retomar o interesse que a inaugurou. Ou seja, ensaiar um modo de formalizar todo o processo de reflexão e construção aqui realizado.

Pelo quanto evidenciado, a caracterização do percurso formativo em Ontoterapia, se comparado com as práticas consolidadas desde a proposta do tripé analítico em psicanálise, não inova tanto no aspecto da forma. Estão presentes o estudo teórico, o autoconhecimento por meio da psicoterapia de autenticação e a atuação profissional supervisionada. As discussões empreendidas até aqui puderam delinear elementos característicos também no modelo formativo, principalmente no que se refere às três descobertas da Ontopsicologia e ao estudo da imagem na psique humana. Mas permanece respeitado o tripé de formação.

Quanto ao conteúdo, a escola Ontopsicológica efetivamente assenta-se em um epistema próprio e que, embora dialogue com outras perspectivas, inaugura uma nova abordagem ao entendimento do ser humano. Destaca-se, nesse aspecto, o critério que enucleia toda a pesquisa. A Ontopsicologia fundamenta toda sua metodologia em um critério de natureza. Um princípio formal inteligente que é o projeto base do humano. O Em Si ôntico, a partir das suas quinze características ou fenomenologias, é critério de sanidade e desenvolvimento humano. A psicoterapia ontopsicológica ou ontoterapia tem por escopo autenticar a consciência. Restabelecer o nexos entre o Eu lógico-histórico e seu projeto metafísico ou Em Si ôntico. O Em si ôntico é fundamento do ser. A metodologia ontopsicológica, por meio de seus instrumentos de intervenção e análise, visa promover esse processo de autenticação.

Esses são elementos centrais na formação do ontoterapeuta, os quais se buscou expressar na imagem a seguir.

Figura 11 – Identidade formativa em Ontoterapia



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

A imagem se estrutura a partir do trinácrio. O símbolo do trinácrio, em suas diferentes variações, faz parte dos signos mais antigos da cultura humana sobre este planeta. Está presente em culturas antigas, como a do vale do Aconcágua na América do Sul, da Grécia Antiga, da Céltica. É o símbolo identificativo de quatro regiões europeias: Bretanha, Ilha de Man, Galícia e Sicília.

O trinácrio é o símbolo da cultura ontopsicológica e significa o três no uno e vice-versa. “Significa a síntese ordenada de ser, mundo e indivíduo, isto é, o homem cosmoteândrico. Em outros termos, representa a tríade do movimento realizante: Em Si ôntico, Eu lógico-histórico e sociedade” (MENEGETTI, 2012a, p. 200).

A visão ontopsicológica de desenvolvimento humano contempla sempre a perspectiva da integralidade. Dessa forma, o trinácrio também simboliza a integração do ser, do saber e do fazer.

Na síntese realizada, estão presentes as três dimensões da integralidade – o ser, o saber e o fazer – associadas ao tripé formativo. O ser está associado ao autoconhecimento, realizado pelo processo de autenticação, cujo escopo é fazer nexos entre projeto de natureza e consciência.

O saber associa-se ao elemento teórico, o qual, por sua vez, está relacionado com a construção e atualização do conhecimento e da própria cultura. O fazer é o exercício da técnica supervisionada. Esse exercício ocorre por meio da prática e da didática dos instrumentos de análise e de intervenção da metodologia ontopsicológica. Ser, saber e fazer voltados à formação integral do ontoterapeuta.

Essa síntese é um exercício racional. Os elementos ser, saber e fazer estão profundamente inter-relacionados. Os três estão em cada um e cada um está nos três. Retornam à visão do trinário.

Acredita-se que essa imagem-síntese, como uma proposta inicial, consente uma forma com capacidade de especificação e distinção. Ou seja, confere uma identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo são inscritas sob a seguinte impressão: o trabalho se encerra, mas não se finda; no sentido de que as aberturas de compreensão para este pesquisador acerca do tema “formação de ontoterapeutas” foi muito significativa e instigam a não parar.

O percurso do presente trabalho teve por objetivo caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia. Os elementos de apoio à essa investigação foram dois: a proposta de formação desenvolvida por Meneghetti junto aos primeiros profissionais formados por ele na Itália e no Brasil e o resgate do histórico de formação vivenciado pelos ontoterapeutas ora em atividade.

A relevância de estudos que se dediquem a discutir e refletir sobre a formação de psicoterapeuta na contemporaneidade encontra-se em vários aspectos. Particularmente, no que tange ao presente trabalho, essa relevância assenta-se principalmente no fato de que a Ontopsicologia representa uma na construção do pensamento humano. A inexistência de escolas para a formação de novos ontoterapeutas no mundo, hoje, ou de um percurso formativo institucionalmente delineado corrobora tal relevância. Essa formação sempre esteve muito associada ao fundador da Ontopsicologia, Antonio Meneghetti, que, por décadas, dedicou-se a formalizar e divulgar a metodologia, bem como a formar pessoas nos diferentes campos de atuação, portanto não apenas no campo da psicoterapia.

A finalidade da Ontopsicologia é “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização” (MENEGETTI, 2010, p. 135). É uma metodologia para autenticar e desenvolver o homem criativo a partir de seu princípio fundante: o Em Si ôntico. Nesse processo, a psicoterapia de autenticação é fundamental e, da mesma forma, o técnico ontoterapeuta. Assim, a formação do técnico é também central para a continuidade de próprio pensamento ontopsicológico. Também esse fator assevera a relevância do estudo e a responsabilidade deste pesquisador.

A proposta de realizar uma caracterização do processo formativo posiciona-se como um movimento inicial de ampliação do entendimento sobre como realizar efetivamente um percurso formativo dessa ordem. Este aspecto agora, depois do estudo realizado, fica claro para este pesquisador. Para realizar essa caracterização, definiu-se três objetivos específicos. Inicialmente, foi sistematizado como Meneghetti desenvolveu a formação de ontoterapeutas na Itália e no Brasil; posteriormente, foi realizado um levantamento histórico-biográfico da formação dos ontoterapeutas em atividade no Brasil; e, por fim, buscou-se evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas para o exercício da atividade no Brasil.

Foi realizado um estudo de abordagem qualitativa e interpretativa que contou com a participação de ontoterapeutas brasileiros e italianos. Quanto aos participantes, foi realizado levantamento dos ontoterapeutas em atuação no Brasil e no exterior. Participaram do estudo nove ontoterapeutas, dos quais seis brasileiros e três italianos. A investigação junto aos participantes foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada. Para cumprir os objetivos do estudo, foi realizada, também, uma pesquisa documental e bibliográfica relacionada às atividades empreendidas por Antonio Meneghetti, relativa à formação de ontoterapeutas

Organizando os resultados a partir dos objetivos específicos, pode-se evidenciar:

- A sistematização da formação realizada por Meneghetti no Brasil e na Itália, demonstrou um consistente percurso formativo estruturado e documentalmente registrado, que contempla a realização de estudos teóricos, psicoterapia individual e supervisão. Os resultados referentes à proposta formativa de Meneghetti foram organizados em: elementos históricos que formalizam uma clínica ontoterapêutica; elementos teóricos, técnicos e metodológicos da formação de ontoterapeutas. A análise dos elementos históricos permitiu a elaboração de um recorte temporal que compreende o período entre 1970 e 2013, respectivamente, o ano de ingresso de Meneghetti como docente na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma) e o ano de seu falecimento. Os resultados destacados em uma linha temporal contemplaram inúmeras ações voltadas à formação dos ontoterapeutas ao longo destes mais de 40 anos. A análise permitiu identificar seis ações formativas que Meneghetti conduz ao longo de seu trabalho e que podem ser identificadas na referida linha temporal elaborada. São elas: *residence* terapêutico, realização de cursos e congressos, supervisões, *residence* de formação, *Summer University Of Ontopsychology*.

Quanto aos elementos teóricos, técnicos e metodológicos da formação de ontoterapeutas, a análise realizada resultou no destaque de duas obras bibliográficas e três documentos com consistente relevância. A primeira destas obras são os “*Prolegomeni Storico-Culturali alla Scienza Ontopsicologica*”, publicados em dois volumes e editados em formato de livro, em 1990, pela *Scuola di Formazione Psicoterapica*. A publicação recolhe os textos que eram trabalhados na formação dos ontoterapeutas nas décadas de 1970 e 1980. A segunda obra bibliográfica de relevância apontada foi o livro “*Ontopsicologia Clínica: uma nova abordagem*”. Publicado pela primeira vez em 1978, no primeiro decênio de forte experimentação clínica de Meneghetti, o volume recolhe os conteúdos dos primeiros seis congressos internacionais realizados anualmente entre 1973 e 1978 e é essencial para este

estudo, pois traz em seu bojo as bases da psicoterapia ontopsicológica. Dentre os elementos técnicos e teóricos, o desenvolvimento da pesquisa permitiu localizar três materiais significativos que apresentam a proposta programática de cursos promovidos pelo Centro de Terapia Ontopsicológica: dois informativos com a proposta dos cursos de formação, sendo um do curso bienal e outro com a proposta de formação anual, bienal e trienal. O terceiro documento, de grande relevância, foi o currículo de um ontoterapeuta que realizou o percurso formativo sobre a orientação de Meneghetti. Neste documento, estão formalizados os conteúdos e respectivas carga-horárias. O documento evidencia que a formação respeitava uma lógica de tripé de formação com psicoterapia, supervisão e estudo teórico.

- A pesquisa propôs também realizar um levantamento histórico biográfico dos ontoterapeutas brasileiros em atividade. Os resultados foram organizados em três categorias: 1) o encontro e a formação inicial com Alécio Vidor. Essa categoria organizou-se a partir dos seguintes elementos: a faculdade de Psicologia; o início na universidade de Passo Fundo (UPF); a realização de grupos de estudo, psicoterapia e supervisão com Alécio. 2) encontro com o professor Meneghetti: início da supervisão e psicoterapia com professor Meneghetti; experiência e formação internacional, participação em *residences*, nas *Summer Session* e em congressos; 3) atuação institucional: os jovens psicólogos em formação passaram a desenvolver forte atuação institucional como a organização da Associação Brasileira de Ontopsicologia, organização de eventos de formação, tradução de publicações e criação de revista.

- A pesquisa permitiu, também, apresentar como resultado caminhos da formação de novos ontoterapeutas. Os resultados relativos a estes caminhos foram organizados em três grandes categorias: Princípios para Formação; Competências para o Ontoterapeuta; Estilo de Vida e Formação.

Os princípios para a formação são caracterizados pelos elementos teóricos e técnicos que deveriam estar presentes numa formação em ontoterapia. Os princípios destacados foram: instrumentos de análise e intervenção; supervisão grupal e individual; critério organísmico; diretividade; relação terapêutica, resistência e *transfert*; imagem e sonho; prolegômenos; inconsciente, superego e mecanismos de defesa; Husserl e a fenomenologia; psicanálise e psicologia humanista; 3 descobertas; humanismo e cultura clássica.

As competências para o ontoterapeuta, evidenciadas como relevantes na perspectiva de caminhos da formação de novos ontoterapeutas, foram: Preparação específica continuada, que se formaliza em três elementos: Intuito Natural, Estudo e Cultura, com preparação e atualização

da técnica e caráter amadurecido; Exatidão do Pesquisador, que está relacionada aos cinco critérios para a subjetividade; e Metanoia, que se amplia em autoconhecimento, psicoterapia, capacidade de mudança, protagonismo responsável frente ao próprio percurso, desenvolvimento pessoal alinhado com exercício profissional.

O Estilo de Vida e a Formação, por sua vez, correlaciona-se com o ambiente e a natureza, com ordem e estética e com formação continuada e amadurecimento do profissional.

- Ainda no âmbito de evidenciar caminhos da formação de novos ontoterapeutas, os resultados permitiram propor uma imagem síntese, como uma identidade formativa em ontoterapia. Por meio dessa imagem, correlacionam-se as três esferas da formação integral – ser, saber e fazer – com os elementos do clássico tripé de formação em psicoterapia, segundo o qual o ser relaciona-se com o autoconhecimento; o saber, com a formação teórica e o desenvolvimento e ampliação da própria cultura; e o fazer com o exercício da técnica supervisionada.

O conjunto dos resultados permite caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia e fornece subsídios e critérios para se avançar nesse campo. Seguramente, estes resultados não exaurem a temática em estudo, pelo contrário, são uma abertura de compreensão.

Os resultados permitiram caracterizar uma formação que exige muito empenho, dedicação e uma profunda escolha, pois como disse um dos participantes, “não é apenas profissão, é missão”. Uma formação que envolve significativas exigências de estudo e estilo de vida. Um percurso longo, de continua revisão de si mesmo e do próprio contexto circunstante. Conforme indica Meneghetti (2016b, p. 231) “quem decidir ser grande na arte da psicoterapia deve fazer uma drástica metanoia” – coragem, coerência, estudo e abertura na direção de si mesmo, para, a partir disso, ser serviço de valor ao desenvolvimento de outras inteligências.

Considerando o escopo deste estudo, cabe assinalar as particularidades e os desafios de uma formação profissional em uma abordagem ainda nova e em um contexto brasileiro, no qual por exemplo, verificam-se limitações de mercado para o tradicional posicionamento clínico. Nesse aspecto, a caracterização permitiu apresentar que a proposta ontoterapêutica, não se restringe ao consultório. É uma visão de clínica ampliada, de um específico olhar e atitude (MACEDO, 2018) que permite a atuação profissional segundo diversos campos de interesse.

A Ontopsicologia, como assinalado por um dos participantes, é uma ciência nova. Seu fundador faleceu apenas há seis anos, o que não é nada se pensarmos no arco temporal de construção do pensamento humano. Como toda nova proposta de conhecimento, também a

Ontopsicologia, no seu percurso, por vezes, vive resistências e questionamentos. Entretanto, acredita-se que um valor muito significativo deste trabalho é trazer à luz à voz e experiência daqueles que contribuíram e contribuem com a construção dessa proposta de ciência epistêmica. A humanidade, a coerência e o rigor presente nos relatos deixam clara a consistência da metodologia ontopsicológica e são estímulo a tantos outros que possam se interessar na compreensão deste pensamento ou na realização deste exigente percurso formativo.

Por fim, este pesquisador encerra tomado pelo estímulo de continuar os estudos neste campo da formação; compreender o mais profundamente possível seus limites e possibilidades, para que, por meio dessa compreensão, se possa promover autoconhecimento e contribuição social para o desenvolvimento de outros.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ACCORSI, Ângelo; BASSANI, Marlise A. Clínica ontopsicológica e a promoção da saúde. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, 11., 2016. **Anais [...]**. Lisboa: Escolar, 2016.
- ACCORSI, Ângelo; BASSANI, Marlise A.; LIMA, Ricardo. F. O. The concept of health in Ontopsychology in clinical care as an intervention to promote health. *In*: INTERNATIONAL ASSOCIATION PEOPLE-ENVIRONMENT STUDIES, 25., 2018. **Anais [...]**. Roma, 2018.
- ALVES, Maria Cherubina L. **Apropriação de espaço: vivências dos pacientes hospitalizados**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ANDREOLA, Maria Tereza. Quando il técnico di salute diventa alimento della patodinamica ecossistêmica del cliente. *In*: CONGRESSO MONDIALE, 1., 1998; INTERNAZIONALE DI ONTOPSICOLOGIA, 15., 1998. **Anais [...]**. Mosca: Psicologica Editrice, 1998.
- ANGELICVM PONTIFICIA UNIVERSITA'S TOMMASO D'AQUINO. Disponível em: <http://www.pust.it/index.php?lang=it>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- ANTONIO MENEGETTI. **Biografia Oficial**: Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Disponível em: <http://www.antoniomeneghetti.org.br/biografia/15/cientista/16/ano/0>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- ARTEMIDORO. **Sobre a interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (ABO). **ABO 30 anos**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.
- AZEVEDO, Erico. Raízes históricas e epistemológicas da Ontopsicologia. **Saber Humano**, v. 8, n. 13, p. 6-27, jul./dez. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASSANI, Marlise Aparecida. Espiritualidade e meio ambiente: apontamentos de uma psicóloga ambiental. *In*: LOPEZ, Marília Ancona; BASSANI, Marlise Aparecida. **O espaço sagrado: espiritualidade e meio ambiente**. São Paulo: ESETec, 2010. p. 83-102.
- BASSANI, Marlise Aparecida. **Estilo de vida sustentável: contribuições da psicologia ambiental para o bem-estar, qualidade de vida e saúde**. Projeto de Pesquisa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BERNABEI, Pamela; ZOPPOLATO, Andrea. Dossiê Antonio Meneghetti: uma viagem de sucesso. **Revista Nova Ontopsicologia - 35 anos**, Recanto Maestro, n. 2, ano 25, p. 3-6, mar. 2008.
- BONIME, Walter. **Uso Clinico dei Sogni**. Torino: Boringhieri, 1975.

BRASIL. **Lei Nº 4.119, de 27 de Agosto de 1962.** Brasília: Congresso Nacional, 1962. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4119-27-agosto-1962-353841-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

BRUOGNOLO, Marcello. Excursus histórico da ontopsicologia em aplicação à esquizofrenia. *In*: MENEGHETTI, Antônio. **Esquizofrenia na Ótica Ontopsicológica.** Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005. p. 25-30.

BUONANNO, Enrico. A fabricação da ontopsicologia. **Nova Ontopsicologia**, ano 25, n. 2-2007/1-2008, mar. 2008.

CARDOSO, Elenir R. G. **A formação profissional do psicoterapeuta.** São Paulo: Summus, 1985.

CAROTENUTO, Margherita. **A Paidéia ôntica.** Dos sumérios a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

CAROTENUTO, Margherita. **In sé ontico a confronto.** Terni: Ontopsicologia Editrice, 2014a.

CAROTENUTO, Margherita. **Campo semântico e semiótica.** Terni: Ontopsicologia Editrice, 2014b.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012.** Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução Nº 510, de 7 de Abril de 2016.** Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

COZZALIZA, José Antônio; MARTÍN, Rocio. Lifestyles, altitudes and environmental behaviors. **International Journal of Environmental Psychology**, Espanha, v. 1, p. 31-56, 2000.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa:** Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANDER, Brunhilde. O cérebro viscerotônico e a intuição. *In*: MENEGHETTI, Antonio. **Psicologia Empresarial.** São Paulo: FOIL, 2013. p. 119-121.

DE FILIPPO, Taiane Mara. Como alguém pode tornar-se psicanalista? **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 409-420, dez. 2008.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **Planejamento da pesquisa qualitativa:** teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DI CARLO, Oreta. La storia di una scienza che cammina nel mondo. **Nuova Ontopsicologia**, Roma, Psicologica Editrice, v. 3, n. 199. p. 5-23, 1991.

DI MUZIO, Annalisa. Il transfert nella psicoterapia ontopsicologica. *In*: CONGRESSO MONDIALE, 1., 1998; INTERNAZIONALE DI ONTOPSCOLOGIA, 15., 1998. **Anais [...]**. Mosca: Psicologica Editrice, 1998.

DOMEZI, Maria Cecilia. **O Concílio Vaticano II e os pobres**. São Paulo: Paulus, 2014.

DUTRA, Elza. Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 205-211, dez. 2013.

EZZY, Douglas. **Qualitative Analysis**: practice and innovation. New York: Routledge, 2003.
FARIAS, Carine M. **O estilo de vida de praticantes de Yoga**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

FARIAS, Carine M. de; PARANHOS, Marina; BASSANI, Marlise Aparecida. Yoga como delineador de um estilo de vida voltado para a sustentabilidade. *In*: BASSANI, Marlise Aparecida. **Vida urbana**: estudos em Psicologia Ambiental. Santo André: ESETec, 2011. p. 164-176.

FERRAZ, Flávio Carvalho. Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 47, n. 86, p. 87-102, jun. 2014.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. **Revisitando as Psicologias**: da Epistemologia à Ética nas Práticas e Discursos Psicológicos. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1996.

FINOTTI, Marcelo Abib. **Estilo de vida**: uma contribuição ao estudo da segmentação de mercado. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade de São Paulo, 2004.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 301-409.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GAGEIRO, Ana Maria; TOROSSIAN, Sandra D. A História da Psicanálise em Porto Alegre. **Analytica**, São João del Rei, v. 3, n. 4, p. 117-144, jan. 2014.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São. Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUTHEIL, Emil A. **Manuale per l'analisi del sogno**. Roma: Astrolabio, 1972.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALL, Calvin. S; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John. B. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HEGENBERG, Leônidas. **Doença**: um estudo filosófico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia e humanismo**: reflexões necessárias. Curitiba: Juruá, 2014.

HUSSERL, Edmund. **La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale**. Milão: Il Saggiatore, 1961.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

JUNG, Carl G. **A Prática da psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KRYLOV, Albert. L'integrazione del sapere scientifico e l'Ontopsicologia. **Nuova Ontopsicologia**, n. 1, p. 26-31, 2001.

KVALE, Steinar; BRINKMANN, Svend. **InterViews**: Learning the craft of qualitative research interviewing. Sage: Los Angeles, 2009.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. São Paulo: Atlas, 1998.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LOBATO, Abelardo. A semente da Ontopsicologia. **Revista Nova Ontopsicologia - 35 anos**, Recanto Maestro, n. 2, ano 25, p. 3-6, mar. 2008.

LOPES, José Leite. **A estrutura quântica da matéria**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini. Psicologia Clínica: uma conceitualização. **Jornal do Psicólogo**, p. 3, jul./ago. 2004.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini. Reflexões sobre o conceito de psicologia clínica na contemporaneidade e métodos de pesquisa. In: MACEDO, Rosa Maria Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida; OCAMPO MORÉ, Carmen Leotina. **Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade**: experiências, desafios e reflexões. Curitiba: CRV, 2018. p. 15-24.

MACIEL, Josemar de Campos. Franz Clemens Brentano e a Psicologia. In: BRUNS, Maria Alves de T.; HOLANDA, Adriano Furtado (Orgs.). **Psicologia e Fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003. p. 27-40.

MASLOW, Abraham H. **Introdução a psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

MASLOW, Abraham H. Psicologia Existencial: o que há nela para nós? In: MAY, Rollo (org.). **Psicologia Existencial**. 4 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1986. p. 57-66.

MENEGHETTI, Antonio. **Io odio il transfert**. Roma: Ontopsicologica Editrice, 1982.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicoterapia e Società**: immagini e scritti di um pensiero. Roma: Psicologica Editrice, 1989.

MENEGHETTI, Antonio. **Lições de Leningrado**: uma introdução à Ontopsicologia. Porto Alegre: ABO, 1993.

MENEGHETTI, Antonio. Monocultura diádica e pluricultura panista. **Revista Semestral de Ontopsicologia**, Porto Alegre, n. 8, abr. 1994.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia e Attività Psichica**. Roma: Psicologica Editrice, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicológica**. 5. ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. **Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. **Esquizofrenia na Ótica Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005a.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**: uma nova abordagem. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005b.

MENEGHETTI, Antonio. **O monitor de deflexão na psique humana**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2005c.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence em Moscou**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005d.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicossomática na ótica ontopsiológica**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005e.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Melolística**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005f.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit**: Introdução à Ontopsicologia para jovens. Vol. I. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006a.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit**: Introdução à psicoterapia Ontopsicológica, instrumentos e aplicações. Vol. II. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006b.

MENEGHETTI, Antonio. **A Cozinha Viva**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006c.

MENEGHETTI, Antonio. **A psicologia do líder**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.

MENEGHETTI, Antonio. **Imagem e Inconsciente**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.

MENEGHETTI, Antonio. **Prontuário Onírico**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012c.

MENEGHETTI, Antonio. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014a.

MENEGHETTI, Antonio. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014b.

MENEGHETTI, Antonio. Uma pedagogia para o homem líder. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (ABO). **Cultura e Educação**: uma nova pedagogia para a sociedade futura. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a. p. 97-102.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence Ontopsicológico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015c.

MENEGHETTI, Antonio. **Imagem Alfabeta da Energia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016a.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence Ontopsicológico**. 4. ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016b.

MENEGHETTI, Antonio. **Cinelogia**. Vol II. Terni: Ontopsicologia Editrice, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **Isomaster como empresário do ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2018.

MENEGHETTI, Antonio *et al.* **Ontopsicologia e memetica**. Roma: Psicologica Editrice, 2003.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec: 2006.

MINAYO, Maria Cecília S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012.** Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 17 dez. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução Nº 540, de 7 de abril de 2016.** Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2018.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. [Palestra proferida na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, em 27 de agosto de 1997]. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1997.

MOSER, Gabriel. La psicología ambiental: del análisis a la intervención dentro de la perspectiva del desarrollo sustentable. In: MARTINEZ, Javier Guevara; DOMENECH, Serafin Mercado. (coords.). **Temas selectos de psicología ambiental**. Greco: Fundación UNILIBRE, 2002. p. 235-262.

NAZZARO, Rosa. Esatezza clinica dopo l'abreazione dello stereotipo socio-familistico. In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI ONTOPSICOLOGIA, 15., 1998. **Anais [...]**. Mosca: Psicologica Editrice, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Uma proposta de sistematização. **Revista da Enfermagem**, UERJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, out./dez. 2008.

PERIN, Nathalia. **A Psicoterapia Ontopsicológica: um mapeamento bibliográfico do período de 2007 a 2018.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

PETRY, Ana M. **Prospecto histórico-científico do acadêmico Prof. Antonio Meneghetti.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

QUAYLE, Julieta. Reflexões sobre a formação do psicólogo em psicoterapia: estado da arte e desafios. **Psicologia, Ensino e Formação**, v. 1, n. 1, p. 99-110, 2010.

RODEGHERI, Vera Lúcia. **A psicoterapia em 23 periódicos nacionais: uma contribuição à história da psicologia no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROOK, Patrizia Adami; CIOFI, Rolando; GIANNINI, Marco. Note per una storia della psicoterapia Italiana. In: FREEDHEIM, Donald K. (Org.). **Storia della Psicoterapia: un secolo di cambiamenti**. Roma: Ma. Gi, 1998. p. 1029-1062.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STONE, Michael H. História da psicoterapia. *In*: EIZIRIK, Cláudio Lacks; AGUIAR, Rogério W.; SCHESTASKY, Sidnei S. (orgs.). **Psicoterapia de orientação analítica**: fundamentos teóricos e clínicos. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 22-43.

UENO, Mami *et al.* **Antonio Meneghetti**: Ontopsicologia e OntoArte no Brasil. Porto Alegre: ABO, 1996.

VIDOR, Alécio. **Rogers e a Educação Não-Diretiva**. Passo Fundo: Berthier, 1974.

VIDOR, Alécio. **Relação entre pais e filhos e a origem dos problemas**. Passo Fundo: Berthier, 1978.

VIDOR, Alécio. **Fenomenologia e Ontopsicologia**: de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIDOR, Alécio. **Opinião ou ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, Alécio. [Depoimento em vídeo]. *In*: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA (ABO). **Antonio Meneghetti**: um maestro pela cultura humanista brasileira. Recanto Maestro: ABO, 2015.

VIDOR, Alécio. Pesquisa em Ontopsicologia. **Saber Humano**, Recanto Maestro, v. 7, n. 10, p. 5-13, jul./dez. 2017.

VIDOR, Alécio. **O Fundamento da Ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2018.

WAZLAWICK, Patricia. Quando se toma o todo pela parte: porque Ontopsicologia não é Psicologia. *In*: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGETTI (Org.). **Ontopsicologia**: ciência interdisciplinar. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2015. p. 103-133.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. *In*: HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 8-39.

ZILLES, Urbano. **Panorama das filosofias do século XX**. Porto Alegre: Paulus, 2016.

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

I - Caracterização do Participante

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Formação acadêmica:

Tempo de atuação como Ontoterapeuta:

Cidade onde trabalha:

II - Questões Norteadoras

- 1) Qual sua formação acadêmica?
- 2) Quanto tempo você tem de exercício profissional como ontoterapeuta?
- 3) Narre como foi seu percurso formativo como ontoterapeuta e compare sua formação com as demandas de sua atuação hoje como ontoterapeuta.
- 4) Qual área de atuação você privilegia no seu exercício profissional como ontoterapeuta? Por quê?
- 5) Como você percebe a relação entre seu processo de desenvolvimento pessoal e seu exercício profissional?
- 6) O que você considera imprescindível na formação de um ontoterapeuta?
- 7) Quais elementos teóricos que você considera imprescindíveis na formação do ontoterapeuta?
- 8) Quais elementos da prática psicoterápica que você considera imprescindíveis na formação do ontoterapeuta?
- 9) Quais competências você entende essenciais para um ontoterapeuta?
- 10) Qual(is) o(s) principal(is) desafio(s) na formação de um ontoterapeuta?
- 11) Quais os pré-requisitos de formação acadêmica para uma pessoa fazer formação em ontoterapia?
- 12) Você entende necessário um processo seletivo para ingressantes numa formação em ontoterapia? Se sim, como entende que deveria ser?
- 13) Existem aspectos relacionados ao ambiente e estilo de vida que você considera relevantes na sua atividade profissional como ontoterapeuta e no percurso formativo deste profissional?

- 14) Qual a relevância você confere ao ambiente terapêutico e como você construiu o seu?
- 15) Deseja acrescentar alguma informação ou consideração que considera relevante que não tenha sido abordada?

APÊNDICE B - CORRESPONDÊNCIA ELETRÔNICA DE CONVITE - E-MAIL

Prezado(a),

Sou Ângelo Accorsi Moreira, estou realizando uma pesquisa de doutorado sobre a atuação de ontoterapeutas, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.

Venho por meio deste e-mail lhe convidar a participar da pesquisa. Sua participação, caso aceite, consistirá em uma entrevista e registro fotográfico de seu ambiente de trabalho.

Caso tenha interesse, darei maiores informações.

Agradeço a atenção e fico na expectativa de seu retorno.

Att.,

Ângelo Accorsi.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Ângelo Accorsi Moreira, psicólogo, aluno do Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “Formação de Ontoterapeutas: desafios e possibilidade”, orientado pela Profa. Dra. Marlise Aparecida Bassani. Quero convidá-lo(a) a participar da pesquisa, cujo objetivo é propor um percurso formativo em Ontoterapia a partir da análise do processo histórico formativo de ontoterapeutas e da proposta de formação de Meneghetti.

Sua participação consiste em uma entrevista semiestruturada, abordando questões relacionadas ao objetivo da pesquisa, bem como a realização de registro fotográfico de seu ambiente de trabalho.

É importante ressaltar que o procedimento é de baixo risco. No entanto, estaremos atentos para eventuais desconfortos e, por tratar-se de uma pesquisa com psicoterapeutas, qualquer dado, nomes ou fatos relativos a você e aos seus clientes/pacientes serão mantidos em absoluto sigilo, excetuando os registros fotográficos do ambiente de trabalho que farão parte da tese.

Os participantes não receberão nenhuma compensação financeira ou benefício direto por participarem do estudo. Entretanto, benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que compartilhem circunstâncias semelhantes.

O sigilo em torno da identidade e da privacidade dos participantes fica garantido por esse Termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo ao participante. Ao participar, autoriza a publicação em meios acadêmico-científicos.

O pesquisador se coloca à disposição, a partir da defesa da Tese em 2019, para informar os resultados obtidos. Os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Central Nadir Gouvêa Kfoury da PUC-SP e poderão ser divulgados para fins acadêmicos.

O presente consentimento foi emitido em duas vias, sendo que uma ficará em poder do pesquisador e a outra com o participante. Quaisquer dúvidas referentes às questões éticas envolvidas na pesquisa poderão ser sanadas com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, situado à Rua Ministro Godói, 969, no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, Perdizes – São Paulo/SP, CEP: 05015-001. Telefone: (11)3670-8466, *e-mail*: cometica@pucsp.br. Ou ainda com o pesquisador: Ângelo Accorsi Moreira, RG 7055848357, Rua Recantinho, 03, São João do Polêsine, RS, CEP: 93020-000. Telefone: (55) 996426868.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO – PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____, portador(a) do RG: _____ declaro:

- Haver compreendido os objetivos da pesquisa “Formação de ontoterapeutas: desafios e possibilidades”;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio da entrevista, com o compromisso do pesquisador de que os arquivos permanecerão guardados por cinco (5) anos, com garantia de sigilo quanto à minha identidade e imagens;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade, dados e fatos relativos à minha pessoa e aos meus clientes/pacientes;
- Haver recebido, lido e assinado, as duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo permanecido em meu poder uma delas.

Participante:
E-mail:

Pesquisador: Ângelo Accorsi Moreira
RG:7055848357
E-mail: angeloaccorsi@terra.com.br Fone: (55) 996426868

São Paulo, _____ de _____ de 2017.

ANEXO A - CENTRO DE TERAPIA ONTOPSICOLÓGICA: PROGRAMA DO CURSO BIENAL DE PSICOTERAPIA

CENTRO DI TERAPIA ONTOPSICOLOGICA - ROMA



Corso biennale di psicoterapia

La scuola ontopsicologica intende distinguersi dalle psicoterapie più diffuse oggi nel mondo con presupposti e metodo che di fatto garantiscono la comprensione antropologica e relativa psicoterapia.

L'ontoterapia interviene radicalmente: 1) nell'interpretazione dell'esistenza individuale (problematica d'orientamento nella vita); 2) nell'autenticazione contro le forme di nevrosi collettive (problematica familiare e d'ambiente); 3) nel coscientizzare un coraggio nella sofferenza; 4) nella terapia della nevrosi noogenica (collisione di valori etici, conflitti di coscienza, alienazione della propria autenticità); 5) nella terapia di nevrosi in genere; 6) nella terapia psichiatrica in forma complementare. Lo scopo dell'ontoterapia consiste nel potenziare tutto l'uomo nella sua interiore posizione di scelta e di autenticità personale ottenendo di conseguenza un ristabilimento psichico fortemente integrato.

Il corso è aperto a tutti i laureati e laureandi, ed intende formare negli interessati la specializzazione di ontoterapeuti con immediato inserimento nel lavoro della consultazione psicoterapeutica.

PROGRAMMA

ANNO I	ANNO II
Psicologia del dialogo Psichiatria generale Terapia psicoanalitica Psicoterapia di C. Rogers Psicoterapia di A. Maslow Logoterapia di V. Frankl	Teoria della personalità Fisiognomia Cinesica Prossemica Ontopsicologia dell'uomo Ontoterapia del singolo e di gruppo

Le iscrizioni si ricevono presso la segreteria del Centro in Viale Marco Polo 104, int. 2, Roma, ogni lunedì dalle ore 16.00 alle ore 20.00.

Le lezioni avranno luogo ogni mercoledì dalle ore 15.30
alle ore 18.30 ed iniziano il 15 novembre 1972

Segreteria telefonica quotidiana 5807511 - 5771902. ore 16.00 - 20.00

**ANEXO B - CENTRO DE TERAPIA ONTOPSICOLÓGICA: PROGRAMA DE
CURSOS DE PSICOTERAPIA - ANUAL, BIENAL E TRIENAL**

CENTRO DI TERAPIA ONTOPSICOLOGICA - ROMA



Corsi di psicoterapia

Corso annuale
Per chi desidera un orientamento pratico e personale in psicologia.

Corso biennale
Per quanti desiderano una conoscenza specializzata in campo psicoterapico e psicologico.

Corso triennale
Per coloro che intendono inserirsi nel lavoro professionale di consultazione psicoterapica.

ANNO I	ANNO II	ANNO III
Psicologia del dialogo	Psicoterapia di A. Maslow	Psicosomatica
Terapia psicoanalitica (S. Freud, C. Jung, A. Adler)	Logoterapia di V. Frankl	Prosemica
Psicoterapia di C. Rogers	Fisionomia	Ontoterapia
Psicoterapia di gruppo	Cinesica	Pratica psicoterapica
Ontopsicologia	Ontopsicologia della persona	

Le iscrizioni si ricevono presso la segreteria del Centro in Viale Marco Polo 104, int. 2, Roma, telefono 5771903, 5807511.

Le lezioni avranno luogo ogni lunedì dalle ore 16.00
alle ore 19.00 ed iniziano il 5 novembre 1973.